

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

ALINE DINIZ WARKEN

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL-SEXUAL
PARA EMANCIPAÇÃO DO SER:
PRESSUPOSTOS E PROPOSTAS**

**FLORIANÓPOLIS
2023**

ALINE DINIZ WARKEN

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL-SEXUAL PARA EMANCIPAÇÃO DO SER:
PRESSUPOSTOS E PROPOSTAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, Ensino e Formação

Orientadora: Profa. Dra. Alba Regina Battisti de Souza

Coorientadora: Profa. Dra. Sonia Maria Martins de Melo

FLORIANÓPOLIS

2023

Aline Diniz Warken

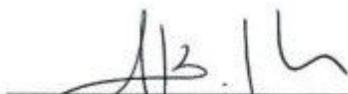
Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser: pressupostos e propostas

Tese julgada adequada para obtenção do Título de doutora em Educação junto ao Curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

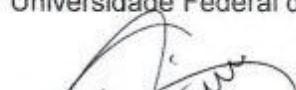
Florianópolis, 24 de julho de 2023.

Banca Examinadora:

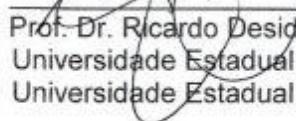
Presidente/a:


Prof. Dr. Alba Regina Battisti de Souza
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Documento assinado digitalmente

Membro:


Prof. Dr. Adriana Regina Sanceverino
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

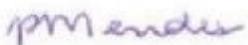
Membro:


Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

Membro:


Prof. Dr. Lourival José Martins Filho
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro:


Prof. Dr. Patricia de Oliveira e Silva Pereira Mendes
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Universitária Udesc,
com os dados fornecidos pela autora**

Warken, Aline Diniz
Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser :
pressupostos e propostas / Aline Diniz Warken. -- 2023.
315 p.

Orientadora: Alba Regina Battisti de Souza
Coorientadora: Sonia Maria Martins de Melo
Tese (doutorado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis,
2023.

1. Meio Ambiente e Sexualidade. 2. Educação Ambiental .
3. Educação Sexual . 4. Redes sociais. 5. Materiais
pedagógicos. I. Regina Battisti de Souza , Alba . II. Maria
Martins de Melo, Sonia . III. Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

AGRADECIMENTOS

Por toda minha trajetória no Curso e na Tese de Doutorado em Educação – e todos os aprendizados da Totalidade da Vida - sinto que devo, primeiramente, gratidão a mim mesma, por não desistir da minha pesquisa, por me acolher, recolher e me “plantar” e também por me pôr no casulo e depois voar! E assim me permitindo também voar fui entendendo os tempos diversos da Pesquisadora, da Paciente Oncológica, da Doutoranda, da Bolsista PROMOP e CAPES, da Cigana, da Bruxa, da Borboleta... da INTEIREZA de Ser Aline! Por isso que um dos meus símbolos nesta Tese, em tempos tão assustadores vivenciados durante todo o Doutorado, - desde âmbito global com a Pandemia do Covid-19, em abrangência nacional com as questões ultraconservadoras políticas- sociais e com vivências pessoais com acidente de minha Mãe e meu câncer de mama e intensos tratamentos – é a frase que criei e me fortaleceu/fortalece: **Resiliência para Transformar: Borboleando em Inteireza durante a Vida-Pesquisa.**

Expresso minha Gratidão, em honra e conexão com Universo e minhas/meus guias que sinto que iluminaram minha pesquisa e minhas escritas, como Frida Kahlo e Paulo Freire.

Sempre vou agradecer à minha Família que expandem em Laços de Amor Eterno, Além Desta Vida: à minha Mãe Bere e à minha Mana Dani que são minhas maiores apoiadoras que com orgulho me incentivam a viver o que sou e todos os propósitos da pesquisa e da EASES. Também ao anjo que há 18 anos é meu Pai Carlos (*in memoriam*) que me instigou a viver o sonho que era dele como pedagogo e advogado - defensor dos direitos humanos - e há muito tempo também é meu: ser Doutor(a) em Educação! Ele deixou escrito em uma folha de caderno: “*eu sou aquilo que sobreviver de mim, apesar do meu desaparecimento*”. Então eu digo: esta Tese é sua, Pai, é nossa, é do mundo!

Deixo aqui registrado meu imenso Agradecimento e Afeto:

À minha cachorrinha Amora que chegou no último dia de dezembro de 2021 para ensinar sobre adoção consciente e para remeter a companhia canina de Fido e Nala (*ambos in memoriam*) nos meus trabalhos e pesquisas;

Às minhas grandes Famílias Diniz & Warken: avós, tias e tios, primas e primos que sempre prestigiam as minhas palestras, os meus vídeos e as minhas redes sociais;

Às pessoas que acompanham as redes sociais *online* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, interagem com os conteúdos e me fizeram/fazem pensar tanto sobre a pesquisa científica em Educação intencional, comprometida e transformadora de mundo;

Às amizades imensamente fraternas que tanto me apoiam e incentivam, especialmente à Fran Rubi e à Bethise Adão;

À toda equipe médica, terapêutica e de enfermagem que cuidou/cuida de mim, me encorajando sempre a seguir em continuidade aos meus sonhos e planos, mesmo diante às grandes dificuldades nos tratamentos do câncer de mama, em especial à todas/os profissionais do CEOF (Centro Especializado de Oncologia de Florianópolis);

Às/aos colegas dos Grupos de Pesquisa NAPE e EDUSEX e do PPGE UDESC que auxiliaram nas reflexões sobre a pesquisa em diálogos críticos e agregadores, em especial à Marcinha Brys;

Às/aos profissionais da UDESC, FAED e PPGE desde guardas às/aos atendentes de cada setor, às/aos secretárias/os às/aos coordenadoras/es por tanta atenção, sorrisos e olhares sensíveis à formação integral na Pós-Graduação, em especial à secretaria do PPGE Scharlene Clasen;

Às agências de fomentos das bolsas PROMOP e CAPES/DS por tantos incentivos às experiências para uma produção de pesquisa científica de qualidade;

Às turmas de Pedagogia dos estágios docentes pelas acolhidas e diálogos, bem como as Professoras Supervisoras Juliana Lessa e Josa Irigoite em suas presenças éticas e respeitosas pelas vivências em campo;

Às/aos membras/os das bancas examinadoras da qualificação e da defesa de Tese que foram escolhidas intencionalmente com uma história especial com cada uma/um e que me fizeram crescer como profissional e como ser humano: Profa. Yalin, Profa. Adriana, Prof. Ricardo, Profa. Patrícia, Profa. Ana e Profa. Gabriela;

Às Professoras Alba e Sonia e ao Professor Lourival nos processos de orientação e por nunca “soltarem a minha mão” sendo cúmplices da caminhada acadêmica e da vida em sua totalidade!

Eu protejo a Terra, porque Eu Sou Ela!

WARKEN, Aline Diniz (2018, p.150).

RESUMO

Esta pesquisa exploratória e propositiva foi uma continuidade dos estudos da Doutoranda - sob um olhar pedagógico acerca das interconexões de Meio Ambiente e Sexualidade - vinculada aos Grupos, do PPGE UDESC, NAPE – Didática e Formação Docente e EDUSEX – Formação de Educadores e Educação Sexual. A investigação ancorou-se na problemática sobre uma Educação que voltada ao sistema capitalista expressa uma ótica sobre Meio Ambiente e Sexualidade repleta de tabus e falta da consciência do coletivo e de pertencimento próprio para com o Planeta Terra gerando alienação e violências com sequelas de destruição. Então teve-se como objetivo central a criação da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser - EASES visando a conscientização crítica-amorosa sobre as interfaces de Meio Ambiente e Sexualidade. Para tal foram delineadas as seguintes ações: o apontamento de aportes e pressupostos teóricos; o desenvolvimento e a socialização de propostas metodológicas e de materiais pedagógicos; a construção de uma comunidade virtual; a produção de conteúdos para as redes sociais *online*; a sistematização de uma base de dados e a democratização de conhecimento científico, também como contribuição à Educação Sexual Emancipatória preconizada pelo Grupo EDUSEX; e a proposição de um curso *online* para formação docente. Desta maneira, documentos e cúmplices teóricas/os foram revisitadas/os e as redes sociais *online* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade foram reformuladas tornando-se um campo investigativo acerca do espaço educativo virtual. Sob a pauta da análise de conteúdo de Bardin (1988) uma gama de materiais e recursos educativos foram pesquisados para os desenvolvimentos teóricos-metodológicos da EASES e as construções de conhecimentos sobre a formação do Ser em Inteireza, refletindo sobre um fazer científico holista em elo com materialismo histórico-dialético, pautando-se nas relações dialéticas Eu, Outro(s), Mundo. Dentre os resultados obtidos ficaram evidenciadas as possibilidades dos usos das redes sociais *online* como espaços formativos e a importância de *Ser voz ativa* nos diferentes ambientes virtuais para publicização de pesquisas científicas. A democratização de conhecimentos críticos-amorosos, sobretudo, por meio dos conteúdos e dos materiais pedagógicos desenvolvidos e disponibilizados nas redes da Pesquisadora tornaram-se expressão da urgência para aberturas de diálogos de sensibilização sobre as dimensões ambientais e sexuais, ainda mais quando refletimos sobre paradigmas emancipatórios.

Palavras-chave: Meio Ambiente e Sexualidade; Educação Ambiental; Educação Sexual; Redes Sociais; Materiais Pedagógicos.

ABSTRACT

This exploratory and purposeful research was a continuation of the PhD student's studies - from a pedagogical perspective on the interconnections of Environment and Sexuality - linked to the Groups, of PPGE UDESC, NAPE – Didactics and Teacher Training and EDUSEX – Educator Training and Sexual Education. The investigation was anchored in the issue of an Education that focuses on the capitalist system and expresses a perspective on the Environment and Sexuality full of taboos and a lack of collective awareness and personal belonging to Planet Earth, generating alienation and violence with consequences of destruction. So, the central objective was the creation of Environmental-Sexual Education for the Emancipation of the Being - EASES aiming at critical-loving awareness of the interfaces of Environment and Sexuality. To this end, the following actions were outlined: highlighting theoretical contributions and assumptions; the development and socialization of methodological proposals and teaching materials; the construction of a virtual community; the production of content for online social networks; the systematization of a database and the democratization of scientific knowledge, also as a contribution to Emancipatory Sexual Education recommended by the EDUSEX Group; and the proposal of an online course for teacher training. In this way, documents and theoretical accomplices were revisited and the online social networks of the Environment and Sexuality Researcher were reformulated, becoming an investigative field about the virtual educational space. Under the content analysis of Bardin (1988), a range of educational materials and resources were researched for the theoretical-methodological developments of EASES and the construction of knowledge about the formation of the Being in Wholeness, reflecting on a holistic scientific practice in with historical-dialectical materialism, based on the dialectical relationships of Self, Other(s), World. Among the results obtained, the possibilities of using online social networks as training spaces and the importance of being an active voice in different virtual environments for publishing scientific research were highlighted. The democratization of critical-loving knowledge, above all, through content and pedagogical materials developed and made available on the Researcher's networks, became an expression of the urgency to open awareness-raising dialogues about environmental and sexual dimensions, even more so when we reflect on paradigms emancipatory.

Keywords: Environment and Sexuality; Environmental Education; Sex Education; Social Networks; Pedagogical Materials.

RESUMEN

Esta investigación exploratoria y propositiva fue continuación de los estudios de la doctoranda - desde una perspectiva pedagógica sobre las interconexiones entre Ambiente y Sexualidad - vinculada a los Grupos del PPGE UDESC, NAPE – Didáctica y Formación de Profesores y EDUSEX – Formación de Educadores y Educación Sexual. La investigación se ancló en el tema de una Educación que se centra en el sistema capitalista y expresa una perspectiva sobre el Medio Ambiente y la Sexualidad llena de tabúes y falta de conciencia colectiva y pertenencia personal al Planeta Tierra, generando alienación y violencia con consecuencias de destrucción. Así, el objetivo central fue la creación de la Educación Ambiental-Sexual para la Emancipación del Ser - EASES, que tiene como objetivo la toma de conciencia crítico-amorosa de las interfaces entre Ambiente y Sexualidad. Para ello, se delinearon las siguientes acciones: resaltar contribuciones teóricas y supuestos; el desarrollo y socialización de propuestas metodológicas y materiales didácticos; la construcción de una comunidad virtual; la producción de contenidos para redes sociales en línea; la sistematización de una base de datos y la democratización del conocimiento científico, también como aporte a la Educación Sexual Emancipadora recomendada por el Grupo EDUSEX; y la propuesta de un curso en línea para la formación docente. De esta manera, se revisaron documentos y cómplices teóricos y se reformularon las redes sociales en línea de la Investigadora de Ambiente y Sexualidad, convirtiéndose en un campo de investigación sobre el espacio educativo virtual. Bajo el análisis de contenido de Bardin (1988), se investigó una gama de materiales y recursos educativos para los desarrollos teórico-metodológicos de las EASES y la construcción de conocimiento sobre la formación del Ser en Totalidad, reflexionando sobre una práctica científica holística en consonancia histórica. -materialismo dialéctico, basado en las relaciones dialécticas del Yo, Otro(s), Mundo. Entre los resultados obtenidos se destacaron las posibilidades de utilizar las redes sociales en línea como espacios de formación y la importancia de ser una voz activa en diferentes entornos virtuales para la publicación de investigaciones científicas. La democratización del conocimiento amoroso crítico, sobre todo, a través de contenidos y materiales pedagógicos desarrollados y puestos a disposición en las redes de los Investigadores, se convirtió en expresión de la urgencia de abrir diálogos de sensibilización sobre las dimensiones ambiental y sexual, más aún cuando reflexionamos sobre paradigmas emancipadores.

Palabras Clave: Ambiente y Sexualidad; Educación Ambiental; Educación Sexual; Redes Sociales; Materiales Pedagógicos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Categorias e Indicadores da EASES	50
Figura 2 -	Imagen de perfil das redes Meio Ambiente e Sexualidade (2016) editada por WARKEN, Aline Diniz	149
Figura 3 -	Logotipo da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade criado por WARKEN, Daniele Diniz (2020)	150
Figura 4 -	Criação da Mascote EASES por WARKEN, Aline Diniz (2021)	153
Figura 5 -	A Mascote EASES: Borboleta Inteireza por WARKEN, Aline Diniz e WARKEN, Daniele Diniz (2022)	154
Figura 6 -	Dados da interação na publicação no <i>feed</i> “40 séries que abordam (intencionalmente) a Sexualidade” no Instagram® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade	155
Figura 7 -	Dados da interação no <i>reels</i> “Por que Meio Ambiente e Sexualidade em interconexão?” no Instagram® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade	156
Figura 8 -	Pasta do Google Drive® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade	160
Figura 9 -	Site organizador de <i>links</i> Linktr.ee® com dados sobre visualizações e cliques da @alinediwa	161
Figura 10 -	Página do Blogger® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade	162
Figura 11 -	Perfis do YouTube®, Facebook® e Instagram® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade	163-164
Figura 12 -	Dados sobre conteúdos no canal da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no YouTube®	166
Figura 13 -	Dados sobre público no canal da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no YouTube®	167
Figura 14 -	Características do público da página Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Facebook®	168
Figura 15 -	Engajamentos e visualizações da página Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Facebook®	169
Figura 16 -	Interações na postagem no <i>feed</i> celebração Dia da/o Pedagoga/o no Instagram® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade	170
Figura 17 -	Alcance das postagens no <i>feed</i> e nos <i>stories</i> da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Instagram®	171
Figura 18 -	Número de visualizações dos <i>reels</i> da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Instagram®	173
Figura 19 -	Dados sobre o público da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Instagram®	174

Figura 20 - Comparativo entre dados de interação em postagens no <i>feed</i> que abordam Sexualidade e Meio Ambiente da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Instagram®	176
Figura 21 – Pasta do Google Drive® do Grupo EDUSEX UDESC com a organização de dados	186
Figura 22 - Pasta do Google Drive® do Grupo EDUSEX UDESC da pasta Midiateca	186
Figura 23 - Pasta Google Drive® do Grupo EDUSEX UDESC da pasta YouTube® com arquivos das Ações da Administradora Aline	187
Figura 24 – Página do Linktr.ee® do @grupoedusexudesc com os <i>links</i> das redes sociais e materiais disponibilizados ao público	188
Figura 25 - Site organizador de <i>links</i> Linktr.ee® com dados sobre visualizações e cliques do @grupoedusexudesc em Agosto/2022	189
Figura 26 - Site organizador de <i>links</i> Linktr.ee® com dados sobre visualizações e cliques do @grupoedusexudesc em Maio/2023	190
Figura 27 - Dados 1 sobre canal no YouTube® do Grupo EDUSEX UDESC	192
Figura 28 - Dados 2 sobre canal no YouTube® do Grupo EDUSEX UDESC	193
Figura 29 - Canal no YouTube® do Grupo EDUSEX UDESC	194
Figura 30 - Página do Facebook® e do perfil no Instagram® do Grupo EDUSEX UDESC em Agosto/2022	195
Figura 31 - Página do Facebook® e do perfil no Instagram® do Grupo EDUSEX UDESC em Maio/2023	196
Figura 32 - Dados no Instagram® do Grupo EDUSEX UDESC de Fevereiro a Maio/2023	198
Figura 33 - Mandala Raízes da EASES	238
Figura 34 - Mandala Caule da EASES	239
Figura 35 - Mandala Flores e Frutos da EASES	240

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Cúmplices teóricas/os, a priori, das categorias da Tese	52-61
Quadro 2 -	Linha do tempo dos principais marcos históricos e legais sobre Meio Ambiente e Sexualidade	80-88
Quadro 3 -	Bases conceituais metodológicas da Tese de Doutorado	142
Quadro 4 -	<i>Links</i> das redes sociais <i>online</i> da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade	152
Quadro 5 -	Análises dos conteúdos das <i>hashtags</i> (#) sobre Educação, Meio Ambiente e Sexualidade do Instagram®	177-178
Quadro 6 -	<i>Links</i> das redes sociais <i>online</i> do Grupo EDUSEX UDESC	199
Quadro 7 -	Análises de materiais para uso pedagógico	201-212
Quadro 8 -	Categorias resultado das análises de conteúdos dos materiais pedagógicos	213
Quadro 9 -	Análises dos currículos de cursos de Pedagogia sobre disciplinas acerca Meio Ambiente e Sexualidade de Universidades públicas da região da Grande Florianópolis – SC	220
Quadro 10 -	Categorias I: Resultado das análises dos currículos das disciplinas de Pedagogia	225
Quadro 11 -	Análises dos conteúdos programáticos de cursos livres <i>online</i> gratuitos sobre Educação Ambiental e Educação Sexual	225-226
Quadro 12 -	Categorias II: Resultado das análises dos cursos livres <i>online</i> sobre Educação Ambiental e Educação Sexual	228

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

ACT	Admissão em Caráter Temporário
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EA	Educação Ambiental
EaD	Ensino a Distância
EASES	Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ECG	Educação para a Cidadania Global
EPIs	Equipamentos de Proteção Individual
ES	Educação Sexual
FAED	Centro de Ciências Humanas e da Educação
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
IFSC	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE + Educação	Programa de Desenvolvimento Educacional Mais Educação
PEF	Políticas Educacionais, Ensino e Formação
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USJ	Centro Universitário Municipal de São José
PL	Projeto de Lei
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PROMOP	Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação

SUMÁRIO

1	VIVA A PESQUISA-VIDA: INTRODUÇÃO.....	18
1.1.	SER, PLANTA, TERRA; EU, OUTRO(S), MUNDO: A VIDA ENTRELAÇADA ÀS VIDAS É A PRÓPRIA PESQUISA.....	19
1.2.	EU, INTEIREZA, NO MUNDO, TOTALIDADE: AQUELA QUE SE COLOCA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DA PESQUISA, CIENTISTA DE SI E DO/COM/PARA O MUNDO.....	21
1.3.	OS 3 ELEMENTOS: (RE)CONHECENDO O FOGO (PROBLEMA), O AR (JUSTIFICATIVA) E A ÁGUA (OBJETIVOS) DA PESQUISA.....	37
1.4.	TATEANDO A TERRA, PREPARANDO O SOLO E BUSCANDO AS MELHORES SEMENTES: OS PROCESSOS INTENSOS DAS BUSCAS POR MEIO DE PALAVRAS-CHAVE PARA ACHADOS DE ESTUDOS E CÚMPLICES.....	41
1.4.1.	Pelas manobras em buscas sistemáticas para selecionar as sementes mais férteis.....	42
1.4.2.	As sementes selecionadas na busca narrativa: a valorização do solo sob a experiência da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.....	46
2	NA ESCUTA DAS RAÍZES: REFERENCIAIS & CÚMPLICES TEÓRICAS/OS.....	63
2.1.	CASA-PLANETA E CASA-CORPO: MEIO AMBIENTE E SEXUALIDADE COMO DIMENSÕES, DIREITOS, INTEIREZAS DE SER DIVERSIDADES E VIDA EM TOTALIDADES.....	63
2.2.	A POTÊNCIA DA VOZ EMANCIPADORA: AS INTERFACES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO SEXUAL PARA TRANSFORMAÇÃO, SENSIBILIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO.....	91
2.3.	O GRITO DO PLANETA TERRA: PANDEMIA COMO EXPRESSÃO DA URGÊNCIA POR UMA FORMAÇÃO DOCENTE SENSIBILIZADORA EM AFINIDADE COM UMA EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO.....	112
2.4.	TUDO ESTÁ EM INTERCONEXÕES: REDES SOCIAIS <i>ONLINE</i> COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS E PARTILHAS PEDAGÓGICAS.....	128
3	OLHARES EM MOVIMENTOS: DAS CONDIÇÕES FAVORÁVEIS PARA OS PLANTIOS ÀS COLHEITAS.....	140
3.1.	EM UMA DIVERSIDADE DE ÓTICAS DESCORTINO O UNIVERSO METODOLÓGICO APRESENTANDO AS CONDIÇÕES DE MEU PLANTIO.....	141
3.2.	EM OLHAR ATENTO PARA AS INTENSAS E MÚLTIPLAS REALIDADES MODIFICADAS COM OS TEMPOS DE PANDEMIA E ESPAÇOS EDUCACIONAIS <i>ONLINE</i> : (RE)FORMULANDO O CENÁRIO DA PESQUISA E CONSTRUINDO UM CANTEIRO PARA O PLANTIO.....	147
3.2.1.	O canteiro de (des)construções das redes da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.....	147

3.2.2. Observando todas as interações nos canteiros: quais são os recursos dentro das redes sociais <i>online</i> como espaços educacionais virtuais?.....	154
3.3. AS OBSERVAÇÕES DO BROTOPAR DAS SEMENTES, OS DESENVOLVIMENTOS DE FRUTOS E FLORES E (RE) OLHARES SOBRE OS TEMPOS DE COLHEITAS.....	158
3.3.1. Das óticas sobre os espaços virtuais educativos como ambientes da investigação.....	158
3.3.2. As redes sociais <i>online</i> e os conteúdos da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.....	165
3.3.3. As redes sociais <i>online</i> e os conteúdos do Grupo EDUSEX UDESC.....	182
3.3.4. Os materiais pedagógicos da EASES.....	200
3.3.5. O curso <i>online</i> de formação docente da EASES.....	219
3.3.6. Os pressupostos teóricos e propostas metodológicas da EASES.....	233
4 RESPIRANDO POR NOVOS TEMPOS: CONSIDERAÇÕES COMO SINAIS DE ESPERANÇAR COM A EASES.....	243
REFERÊNCIAS.....	253
APÊNDICES.....	260
APÊNDICE 1: ARTES DE CONTEÚDOS CRIADOS PARA AS REDES SOCIAIS DA PESQUISADORA DE MEIO AMBIENTE E SEXUALIDADE	261
APÊNDICE 2: “CARDÁPIO” DOS PODCASTS DO PROGRAMA DE RÁDIO EDUCAÇÃO SEXUAL EM DEBATE 2007 A 2020.....	271
APÊNDICE 3: ARTES DE CONTEÚDOS CRIADOS PARA AS REDES SOCIAIS DO GRUPO EDUSEX UDESC.....	284
APÊNDICE 4: MATERIAIS PEDAGÓGICOS DA EASES.....	285



Frida Kahlo, **As Duas Fridas**, 1939.

1. VIVA A PESQUISA-VIDA: INTRODUÇÃO

Foi na Dissertação de Mestrado¹ (WARKEN, 2018) que cunhei o termo EASES – Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser - como a *Educação pela, para e com a Vida* que conecta e unifica Meio Ambiente e Sexualidade pensando na construção dos conhecimentos para formação do ser humano que abarque a inteireza e as relações dialéticas, em perspectiva de totalidade, de base conceitual paulofreireana: a interconexão Eu, Outro(s), Mundo.

Nesta Tese de Doutorado intencionei criar os pressupostos e as propostas da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES) visando a conscientização crítica-amorosa sobre as interfaces de Meio Ambiente e Sexualidade.

Com esta “lente investigativa” questionei a seguinte tese: Por meio da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES), de âmbito formal e não-formal, é possível realizar um processo formativo sobre Meio Ambiente e Sexualidade visando a emancipação através da sensibilização, dos processos de conscientização e do diálogo crítico-amoroso?

Indico, desde já, minha compreensão por pressupostos como aqueles voltados às questões teóricas que dão embasamentos às categorias e às reflexões sobre as ações. Já as propostas se caracterizam pelo viés metodológico dando conta do “como fazer”. Logo os **pressupostos estão ligados às teorias e as propostas se conectam às práticas.**

Neste sentido que a teoria e a prática em sua **dimensão pedagógica** estão atreladas à Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser, em seus pressupostos e em suas propostas, pois tem uma **intencionalidade**, seja na produção de conteúdos para as redes sociais *online* ou de materiais, seja nas indicações dos aportes teóricos-metodológicos ou das proposições de atividades que contemplam a EASES.

Sob o entendimento que a Tese perpassa a Vida entrelaço minha pesquisa com as minhas vivências, principalmente desde o ingresso no Doutorado, refletindo sobre a base conceitual Eu, Outro(s), Mundo, e aponto estas compreensões nas páginas a seguir.

¹ Curso realizado no PPGE UDESC sob orientação da Professora Doutora Sonia Maria Martins de Melo na linha Educação, Comunicação e Tecnologia (ECT).

1.1. SER, PLANTA, TERRA; EU, OUTRO(S), MUNDO: A VIDA ENTRELAÇADA ÀS VIDAS É A PRÓPRIA PESQUISA

Minha perspectiva atenta às temáticas Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces perpassam o entendimento destas como dimensão inseparável do existir humano, sob a **base conceitual dialética das relações Eu, Outro(s), Mundo**. Assim comprehendo:

- Neste momento que vivencio, desde maio de 2020, o câncer de mama e diversos tratamentos, entendo-me também como uma auto pesquisadora, aquela que investiga a si mesma, compreendendo as minhas relações com meu corpo e minha identidade - vejo isso como a expressão no cuidado do **Eu**.
- No ano de 2019, ano de ingresso no curso de Doutorado, minha Mãe sofreu um acidente de trânsito com risco alto de morte e passou/passa um extenso processo de reabilitação de sequelas do qual acompanhei/acompanho integralmente - considero essa a expressão do cuidado com o **Outro**.
- E com a Pandemia do Covid-19 e o período de quarentena e isolamento social, desde março de 2020, sob todos os protocolos de segurança e higiene, o voltar-se ao próprio lar e as ressignificações nas maneiras de relacionar-se, ensinar, aprender, bem como as diversas problematizações sobre as questões ambientais, como a produção, em massa, de novos resíduos sólidos, que se caracterizam as máscaras e luvas, por exemplo, visualizo nisto a expressão da atenção no cuidado para com os **Outros e o Mundo**.

Neste sentido, organizei esta Tese com o primeiro capítulo introdutório - além destes apontamentos iniciais - apresentando um memorial trazendo meu caminhar acadêmico até a chegada deste estudo, onde indico as questões norteadoras com o problema, a justificativa e os objetivos, apontando também os resultados das buscas por meio das palavras-chave e como tracei minhas/meus cúmplices teóricas/os. No segundo capítulo realizei diálogos com as/os cúmplices teóricas/os e paralelos com documentos que agregam aos aportes da EASES. Já no terceiro capítulo eu trouxe os movimentos e caminhares metodológicos, bem como as análises e os resultados desta pesquisa. O último capítulo pontuei as considerações e como percebi que concluí meu Curso e minha Tese de Doutorado. Segui finalizando com as referências e apêndices.

Partindo da máxima “Eu protejo a Terra porque Eu Sou Ela” (WARKEN, 2018, p.150) cada título e subtítulo desta Tese faz menção ao Ser-Planta-Pesquisa(dora)-

Vida em seus movimentos, processos e sentidos. Porque assim também me entendo e me sinto na Aline criança que sonhava em ser professora das coisas da Natureza, com infância no sítio e práticas de jardinagem, a Aline adolescente que se entendia como estudante da Vida, em sua meta em cursar Ciências Biológicas, e na Aline Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade que desde o curso técnico em Meio Ambiente, em 2007, à Pedagogia, às Especializações, ao Mestrado e no Doutorado, é aquela que **semeia teorias e práticas para transformações no mundo** por meio de uma Educação para a Emancipação.

Uma Educação que tem como base o princípio de que a reconexão ao pertencimento com o Planeta Terra - a casa coletiva comum - perpassa a consciência de nós como seres únicos, sexuados e coletivos, ambientais. Logo, esta Tese de Doutorado é sobre a Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser - EASES, os seus pressupostos teóricos e as suas propostas metodológicas.

Importante aqui já sinalizar que minha escrita se opõe a qualquer linguagem sexista que usa o gênero masculino como regra geral, assim dou visibilidade a inclusão do gênero feminino anterior ao masculino e fiz/faço usos dos dois artigos: a/o. Exemplos: professora/or, professoras/es. Ressalto também que me coloco como sujeito/agente da história, logo escrevi/escrevo, muitas vezes, na primeira pessoa.

Explico que cada abertura de capítulo há uma obra de Frida Kahlo², pois eu a tenho como uma guia sobre o processo de criação ancorado na história da própria Vida. Frida representa a interconexão de Meio Ambiente e Sexualidade em suas artes e em seu viver, pois era uma transgressora em seu modo de vestir, de amar e de expressar suas ideias e também era muito conectada à Natureza e suas diferentes formas de Vida retratados, sobretudo, em sua relação com os animais e as plantas, bem como com seu país, México. Esta homenagem acontece também porque tenho em minha casa uma obra com a imagem de Frida Kahlo e sempre que eu pausava as escritas ou precisava de inspiração eu olhava para o quadro e nos “olhos da arte”. Sentia que Frida me amparava e me fortalecia a continuar com **esta Tese que é meu propósito de bem viver, minha marca e minha contribuição ao mundo.**

A obra “As Duas Fridas” (1939) que abre este primeiro capítulo expressa a Pesquisa e a Pesquisadora.

² Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (1907-1954), nasceu e faleceu no México, ficou mundialmente conhecida por suas pinturas com cores vibrantes de inspiração surrealista e seus autorretratos expressando reflexões sobre sua Vida. Por suas concepções de defesa da liberdade e da igualdade entre mulheres e homens se tornou um símbolo para o movimento feminista.

1.2. EU, INTEIREZA, NO MUNDO, TOTALIDADE: AQUELA QUE SE COLOCA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DA PESQUISA, CIENTISTA DE SI E DO/COM/PARA O MUNDO

No intenso processo que é a produção de uma Tese, comprehendo como essencial o exercício de olhar-se como sujeito da história, além da sua própria história, para expressão do “colocar-se no mundo” como produtora/or de conhecimento acerca da Educação. Assim, verso neste memorial - que abre as trilhas deste estudo - que **me coloco como ponto de partida da Tese** com as reflexões do sonho em ser a professora das “coisas da Natureza” à pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.

Nesta ótica de investigar a minha própria história de vida para compreender as afinidades com os temas de pesquisa, voltei-me a problemática desta Tese que comprehendo que foi/é uma das minhas motivações e “instiga na caminhada” – que há mais de 10 anos são pesquisando intencionalmente Meio Ambiente e Sexualidade - em curiosidade epistemológica³, como nos indica Paulo Freire.

Assim observei, com a escrita do meu memorial, que o problema de minha pesquisa – acerca dos paradigmas fragmentários ao longo do tempo da História da Humanidade sobre Meio Ambiente e Sexualidade - se interconecta com minha própria trajetória de vida escolar e acadêmica com a fragmentação dos saberes e dos conteúdos curriculares que sempre me incomodavam e me faziam questionar o posto e imposto. Percebi que minhas temáticas de pesquisa à luz do paradigma do materialismo histórico-dialético fizeram-me enxergar que **uma Educação, voltada ao sistema capitalista, reducionista e conteudista, expressa uma ótica sobre Meio Ambiente e Sexualidade repleta de tabus e falta da consciência do coletivo e de pertencimento próprio para com o Planeta Terra gerando alienação e violências com sequelas de destruição ambiental e eminente suicídio da sociedade global.**

Mas então como fazer diferente? Como eu poderia com minhas pesquisas e trabalhos, unindo o viés holista à Educação, valorizando o Ser em Inteireza e sua conexão com a Terra, vista em totalidade, eu poderia contribuir com a Ciência por meio de uma teoria embasada e uma prática transformadora da(s) realidade(s)?

Hoje entendo que a EASES foi brotando em mim desde criança.

³ (...) criticizando-se, aproximando de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2013, p.26).

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2013.

Sempre me recordo que já na minha infância dizia que queria ser professora das “coisas da Natureza”. Me encantava pelas aulas e atividades de Ciências, onde o carinho é tanto que ainda guardo meus livros usados na época do meu Ensino Fundamental. Neste período, um episódio que me foi marcante foi um momento de diálogo com minha irmã - 5 anos mais nova que eu - sobre “de onde vêm os bebês”. Com o incentivo de meus pais, utilizei meus livros didáticos e falei sobre a propagação das espécies animais (humanos) e plantas.

Também me vem à lembrança um desenho animado chamado “Capitão Planeta” que sempre assistia pelas manhãs antes de ir à escola. A partir deste desenho brincava muito com minhas primas e meus primos e também amigas/os do colégio, sobre **ser uma protetora do Planeta Terra**. O Capitão surgia, no desenho, sempre que os cinco poderes, as cinco pessoas, se reuniam: terra, fogo, água, vento e coração⁴. Vejo agora que ali já apontava **a dimensão amorosa e holista sobre minha perspectiva de cuidado com a Terra**.

A aquisição de um sítio pela minha família em 1997, aos meus 12 anos de idade, incentivou a minha curiosidade pelos seres vivos e inanimados. Fui buscando nas jardinagens e contemplações a ampliação dos meus conhecimentos sobre as minhas interações com toda a Natureza que me rodeava. E isto não cessava nos finais de semana em meio ao mato e com a família. Lembro que comecei a refletir sobre as interações na cidade e as maneiras que cuidávamos da terra, do ar, da água, do lixo produzido e na aquisição de novas roupas e brinquedos. Percebo, hoje, que foram nestes momentos que iniciaram a formação da Aline que **entende o Ser por inteiro, em todas as suas dimensões (inclusive sexual) e interações com o Meio Ambiente**.

Em meio a estas reflexões e busca pela ampliação dos meus conhecimentos vindos das minhas curiosidades e inquietações, comprehendo agora que o meu contato com as aulas de Biologia no Ensino Médio (conteudistas e focadas em laboratório) e os ensinamentos advindos de uma família de professoras/es me fizeram pensar, principalmente, sobre as mudanças que gostaria de fazer e Ser ao ensinar Ciências às/aos minhas/meus futuras/os educandas/os. Nesta época já pensava sobre as minhas possibilidades de **Ser mudança ativa e positiva na Educação** e desejava partilhar meus conhecimentos e experiências, bem como evoluir em diálogos, almejando trocas de aprendizados. Esta inspiração vem de uma marca na minha

⁴ **Abertura Capitão Planeta.** Vídeo. Canal do YouTube “Fábrica de Lembranças”. Publicado em 8 de abril de 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/putM63GONDk>>. Acesso em 26 abr 22.

história que foi aos 16 anos (2º ano do Ensino Médio) ter participado da Feira de Ciências, incentivada pela professora da disciplina de Língua Portuguesa a dialogar sobre gravidez na adolescência, aborto, infecções sexualmente transmissíveis (IST's⁵ - na época denominadas doenças sexualmente transmissíveis DST's) e meios de contracepção, produzindo materiais diversos (cartazes, vídeo, cartilha, encenação) para o debate com todas/os as/os colegas e professoras/es do colégio.

Após a conclusão do Ensino Médio realizei sete vestibulares para Ciências Biológicas, entretanto não consegui a aprovação. Deste modo, fui buscando por caminhos de conhecimentos sobre o ser humano e encontrei em trabalhos e cursos na área de Moda relações múltiplas entre Sexualidade, Comportamento Humano, Cultura e Meio Ambiente nos processos de produção e criação de uma vestimenta, por exemplo.

Para agregar às buscas pela profissão voltada à Educação e ao vivido até então com a Moda, ingressei no curso Técnico em Meio Ambiente (IFSC – ingresso em 2007 e conclusão em 2011) que tinha dois enfoques: Educação Ambiental e Análise Ambiental. Elaborei, juntamente com grupos de colegas, os trabalhos “Fauna Brasileira: Conhecer para Proteger” e “Estudo sobre Lixo Marinho na Praia do Matadeiro, Ilha de Santa Catarina – SC”. Estes dois estudos foram essenciais para eu pensar sobre a **importância das ações locais com alcances globais**, tendo uma perspectiva que para obter resultados no macro deve-se pensar nas atitudes no micro. Neste sentido este curso foi uma experiência ímpar, também, porque os trabalhos finais eram apresentados a uma banca e a uma plateia composta por pessoas da comunidade e interessadas/os / envolvidas/os nos estudos e assim dialogarmos sobre as descobertas, **aproximando a academia da sociedade**.

Movida pelo interesse de continuar sendo uma pesquisadora em Educação e ser professora (sendo uma **ponte entre o mundo acadêmico e as escolas, universidades e comunidade/sociedade**) foi que ingressei na graduação em Pedagogia (USJ – ingresso em 2008 e conclusão em 2013). Minhas experiências nos estágios curriculares (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos) tiveram linhas de pesquisa que valorizam o processo de ensino-aprendizagem, as múltiplas linguagens, a identidade e história de vida, as trocas de conhecimentos por meio da experiência e do coletivo. Durante a graduação fui

⁵ Em 2016 a terminologia correta passou a ser IST esclarecendo que uma pessoa pode ter ou transmitir uma Infecção Sexualmente Transmissível e não ter sinais ou sintomas da mesma, pois a denominação DST indicava que uma Doença Sexualmente Transmissível tinha sinais e sintomas visíveis no organismo.

observando as dificuldades, os tabus e o raro diálogo intencional às/-aos profissionais da Educação e às/aos futuras/os pedagogas/os nas temáticas acerca do Meio Ambiente, da Sexualidade e da formação do Ser integral, que seria assim uma perspectiva de inteireza. Sempre nos era indicado que para fazer a diferença positiva no mundo devíamos começar pelas crianças. E eu via a nítida problemática “**afinal, mas quem educa a/o educadora/or?**⁶”nas temáticas tão sensíveis e importantes para a formação. Assim, realizei meu trabalho de conclusão de curso voltado à formação de professoras/es refletindo sobre Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces sob viés da transdisciplinaridade.

Vale aqui ressaltar dois momentos que foram essenciais para a evolução de ideias do processo de escrita e pesquisa do TCC. Foi durante a graduação em Pedagogia que conheci Paulo Freire ao ler “Pedagogia do Oprimido” para a disciplina de Filosofia da Educação e fui ao Instituto Paulo Freire⁷, em uma saída de campo a São Paulo. A partir desta época fui encontrando em Freire um cúmplice teórico que me fortalece nas interfaces entre Meio Ambiente e Sexualidade, pensando principalmente a Educação e os direitos humanos. Também neste período tomei conhecimento dos “Parâmetros Curriculares Nacionais” (PCNs, 1997)⁸ na disciplina de Didática e que foi e é um documento base para meus escritos e pesquisas já que é por meio dele que consegui/consigo “as portas abertas” das escolas e posso estabelecer diálogos, além da transversalidade proposta nos PCNs⁹, entre Meio Ambiente e Sexualidade.

⁶ É uma indagação que vejo comumente realizada nos cursos de Pedagogia. Procurei a autoria e o achado, em pesquisa na internet, do uso do termo “pela primeira vez” foi no título do livro “**Sexualidade: quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores**” de Nelson Vitiello.

VITIELLO, N. **Sexualidade: quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores**. São Paulo, Editora Iglu, 1997. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/105309291/Sexualidade-Quem-Educa-o-Educador>>. Acesso em 10 fev 23.

⁷ O Instituto surgiu a partir da ideia do próprio Paulo Freire, em abril de 1991, e o desejo de reunir pessoas que acreditam e lutam por uma educação humanizadora e transformadora. Atualmente o Instituto Paulo Freire constitui-se como uma rede internacional com membros/os em mais de 90 países que objetivam continuar e reinventar o legado de Paulo Freire por meio do educar para transformar. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org>>. Acesso em 08 jul 23.

⁸ Os PCNs são conjuntos de textos, “cada um sobre uma área de ensino, que serve para nortear a elaboração dos currículos escolares em todo o país. Os PCNs não constituem uma imposição de conteúdos a serem ministrados nas escolas, mas são propostas nas quais as Secretarias e as unidades escolares podem se basear para elaborar seus próprios planos de ensino” (MENEZES, 2001, p.*online*).

MENEZES, E. T. Verbete PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/pcns-parametros-curriculares-nacionais>>. Acesso em 07 ago 22.

⁹ Nesta Tese utilizo a sigla sempre com ‘s’ para remeter aos Temas Transversais que Meio Ambiente e Sexualidade compõem no documento. Todavia pontuo que algumas/os teóricas/os utilizam a sigla como ‘PCN’, sem o ‘s’, e outras/os com o ‘s’.

Quando estava no último ano da graduação em Pedagogia, iniciando o processo de escrita do TCC, prestei mais um vestibular e realizei o sonho antigo: cursar a graduação em Ciências Biológicas (UFSC, 2011-2012). Voltada somente à licenciatura, o novo curso ainda possuía perspectiva muito focada para o bacharel e a pesquisa laboratorial e também não apresentava um diálogo intencional em sua grade curricular sobre Meio Ambiente (ou Educação Ambiental) e Sexualidade (ou Educação Sexual). Neste período estudei uma disciplina optativa Direito Ambiental que me foi valiosa para retomar os diálogos sobre as ações locais e globais, as intervenções humanas, pensando na proteção ambiental. Saí dessa vivência de um ano com um olhar ainda mais atento à formação de professoras/es “voltando” os estudos sobre Meio Ambiente e Sexualidade e repleta de ideias para concluir a graduação em Pedagogia.

E assim retomei o curso e em junho de 2013 defendi, para a graduação em Pedagogia¹⁰, o trabalho “Análise sobre Meio Ambiente e Sexualidade sob viés Transdisciplinar na Formação de Educadores”¹¹ onde apresentei, primeiramente, Meio Ambiente e Sexualidade separados explicitando a divisão dos mesmos como oriundos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Temas Transversais¹² e das produções acerca das temáticas também vistas como distintas. Em seguida apontei a Transdisciplinaridade¹³ como um caminho de interfaces de Meio Ambiente e Sexualidade e, no terceiro momento, apresentei as vivências e diálogos advindos das oficinas com grupo de acadêmicas/os de Pedagogia e com grupos de 4º e 5º ano

¹⁰ As habilitações deste Curso foram Educação Infantil, Anos Iniciais e Educação de Jovens e Adultos.

¹¹ WARKEN, A. D. **Análises sobre Meio Ambiente e Sexualidade sob viés Transdisciplinar na Formação de Educadores**. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. Centro Universitário Municipal de São José - USJ. São José, 2013.

¹² “(...) expressam conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania e obedecem a questões importantes e urgentes para a sociedade contemporânea. A ética, o meio ambiente, a saúde, o trabalho e o consumo, a orientação sexual e a pluralidade cultural não são disciplinas autônomas, mas temas que permeiam todas as áreas do conhecimento, e estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. Os Temas Transversais caracterizam-se por um conjunto de assuntos que aparecem transversalizados em áreas determinadas do currículo, que se constituem na necessidade de um trabalho mais significativo e expressivo de temáticas sociais na escola” (HAMZE, s/año, p.*online*). HAMZE, A. **OS TEMAS TRANSVERSAIS NA ESCOLA BÁSICA**. Disponível em: <<https://educador.brasilescola.uol.com.br/gestao-educacional/os-temas-transversais-na-escola-basica.htm>>. Acesso em 07 ago 22.

¹³ Vejo, como pedagoga, a suma importância de aqui pontuar sobre a produção de conhecimento e conceituo: a educação **disciplinar** é organizada pela divisão de temas por meio das disciplinas. Já a educação **multidisciplinar ou pluridisciplinar** reflete um determinado assunto por meio de diversas disciplinas. A educação **interdisciplinar** integra os conhecimentos por meio dos diálogos das disciplinas originando novos conceitos e perspectivas. Uma educação **transversal** é aquela em que eixos temáticos que abordam questões da vida real são integrados às disciplinas. Já a educação **transdisciplinar**, basicamente, pensa os conteúdos entre, além e através de todas as disciplinas, em perspectiva de transcendência.

do Ensino Fundamental e suas professoras, de uma escola particular que tinha a transdisciplinaridade como viés pedagógico. Estas interações evidenciaram um raro olhar de interconexão das temáticas pesquisadas, desvelando desta maneira um currículo oculto, repleto de fragilidades sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces.

Relembrando sobre as minhas experiências na escola, registro que, além das vivências nos campos de estágios curriculares, trabalhei por quase dois semestres (2009/2-2010/1) no ensino de Língua Portuguesa no “PDE + Educação”¹⁴, com crianças de 7 a 14 anos, em uma escola pública municipal de São José/SC e também trabalhei por um semestre como ACT (Admissão em Caráter Temporário) na rede pública de São José como professora regente de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental.

Estas experiências me fortaleceram na necessidade urgente da produção de mais estudos acerca da formação do ser integral, sempre sexuado, na sociedade atual. Diversas vezes **notei as dificuldades das crianças em refletir e agir para com o cuidado com o Planeta Terra e o cuidado consigo mesmas** e isso me motivou ainda mais em pesquisar e escrever sobre a interligação dos temas Meio Ambiente e Sexualidade, na compreensão que somos humanos em simbiose com o Planeta Terra e com todos os outros seres vivos e também com os seres ditos inanimados. Também comprehendo como essencial ser uma pesquisadora da Educação que esteve no “chão” da Escola e reconhece as demandas necessárias para se praticar as Ciências da Educação e refletir sobre temáticas essenciais para mudanças efetivas nos espaços educativos.

Após a conclusão do curso de Pedagogia, iniciei a Especialização *lato sensu* em Mídias na Educação (IFSC/UAB 2013-2015) que me proporcionou refletir sobre as diferentes abordagens possíveis nesse mundo midiático nas temáticas Meio Ambiente e Sexualidade. No trabalho final “Trabalhando Meio Ambiente e Sexualidade por meio de Vídeos Educativos na Formação de Educadores”¹⁵ apresentei minhas/meus cúmplices teóricas/os nas conceituações dos temas voltados agora para Mídias,

¹⁴ Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)+ Educação foi uma estratégia do Ministério da Educação, regulamentado no Decreto 7.083/10, que passou por diversas atualizações ao longo dos anos, que objetiva melhorar a aprendizagem sobre as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental, com encontros no contra turno, visando a qualidade do tempo na Escola em mais do que um reforço escolar, mas pensando em atividades coletivas agregadoras para crianças e adolescentes.

¹⁵ WARKEN, A.D. **Trabalhando Meio Ambiente e Sexualidade por meio de Vídeos Educativos na Formação de Educadores**. Monografia do Curso de Especialização em Mídias na Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. São Jose, 2015.

somando também reflexões sobre o, até então, raro diálogo intencional sobre Meio Ambiente e Sexualidade na Formação de Educadoras/es. No estudo sugeri a produção de videoaulas como recurso pedagógico para interligação das temáticas, trabalhando em oficinas com acadêmicas/os de Pedagogia (6^a fase - público que em sua maioria já trabalhava em escolas, principalmente com Educação Infantil). Pude observar, novamente, a rara discussão, não intencional e o escasso conteúdo dos temas Meio Ambiente e Sexualidade na formação regular de professoras/es, bem como a grande dificuldade das/os educadoras/es no planejamento e na produção de seu próprio material - no caso em questão, o vídeo educativo.

Este estudo gerou um grupo no Facebook® e teve, posteriormente, seu conteúdo direcionado à uma página (antes com título “Meio Ambiente e Sexualidade para Formação do Ser Integral” e desde julho de 2020 renomeado “Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade”) na mesma rede social para uma abrangência maior do público de educadoras/es e também gerou um canal (a princípio nomeado “Meio Ambiente e Sexualidade na Formação de Educadores” e agora chamado “Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade”) no YouTube®, com postagem dos vídeos produzidos durante o estudo e com diversas *playlists*, organizadas por mim, sobre os assuntos propostos. Estes dois ambientes *online* atualizo até os dias atuais, - e utilizei como um espaço investigativo desta Tese - entendendo-os como importante recurso para aproximação da comunidade acadêmica e sociedade virtual - com perfis múltiplos - para publicização dos estudos e pesquisas acerca da Educação, principalmente no que concerne ao Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces.

Na busca por estar envolvida com a pós-graduação - pensando no curso de Mestrado - e por espaços de diálogos, principalmente, sobre Sexualidade que, em 2015, tive a vivência ímpar de ser aluna especial na disciplina “Tecnologia e Formação de Educadores: interfaces com a temática Educação Sexual” (PPGE/FAED/UDESC), ministrada pela Profa. Dra. Sonia Maria Martins de Melo, que me proporcionou ressignificar meus olhares para novos caminhos de pesquisas e também me fortaleceu nas certezas das articulações entre Meio Ambiente e Sexualidade, via Mídias e Tecnologias para Formação de Educadoras/es expressando isso nos meus planos de estudos para os processos seletivos para o Mestrado em Educação (que realizei na UDESC nos anos de 2014, 2015 e 2016).

Continuando pela busca de espaços com diálogos sobre Sexualidade que me possibilitassem as interfaces com Meio Ambiente, ainda no ano de 2015, ingressei no curso de Especialização *lato sensu* em Gênero e Diversidade na Escola (UFSC/UAB

2015-2016). Este curso me propiciou um olhar atento ao viés político da categoria teórica Gênero e me fez perceber como Mulher, Professora e Pesquisadora que luta em suas ações diárias pelo respeito e direito de igualdade e equidade à todas as pessoas em suas diversidades. E assim me assumi feminista com um olhar atento ao ecofeminismo¹⁶. Buscando desvelar com professoras/es as suas práticas pedagógicas sobre Gênero e Sexualidade, defendi o trabalho “Influências do Ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para Formação de Professoras/es”¹⁷, que me fez compreender melhor a relação das/os membros/os da sociedade atual em informarem-se e formarem-se, utilizando as redes sociais *online*, bem como os atos de ativismo virtual nos compartilhamentos e diálogos sobre as temáticas relacionadas a Gênero e Sexualidade.

Em julho de 2016 ingressei no Mestrado em Educação PPGE/UDESC, na linha Educação, Comunicação e Tecnologia, como membra do Grupo de Pesquisa EDUSEX Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UDESC¹⁸, com o plano de estudos que nomeei de “Coletor menstrual: engajamento ambiental e autoconhecimento do corpo”. Neste abordava como um produto utilizado pelas mulheres pode expressar seu empoderamento, conhecimento e cuidado com seu corpo, sendo que, ao mesmo tempo, diminui a produção de resíduo dos absorventes, representando desta maneira um cuidado para com o Planeta Terra. Todavia, ainda no semestre 2016/2, com os diálogos nos encontros com minha orientadora, Profa. Dra. Sonia, e avanços nos meus processos de pesquisa foi evidenciado o quão pouco era/é pesquisado sobre os fundamentos das temáticas Meio Ambiente e Sexualidade, principalmente em suas interfaces, base de minhas várias pesquisas anteriores.

¹⁶ O termo Ecofeminismo surgiu em 1974 na obra de Françoise d'Eaubonne, “Le Feminism ou la Mort” (Feminismo ou a Morte) definindo como “**a capacidade das mulheres, como impulsoras de uma revolução ecológica, de ocasionar e desenvolver uma nova estrutura relacional de gênero entre os sexos, bem como entre a humanidade e o meio ambiente**” (ALENCAR: PEDRO, 2016 e 2021, p.*online*, grifos meus).

ALENCAR, A. A.; PEDRO, A. F. P. **Ecofeminismo**. Ambiente Legal. Publicado em 2016, editado em 08/03/2021. Edição por Ana Alves Alencar. Disponível em: <<http://www.ambientelegal.com.br/ecoefeminismo>>. Acesso em 07 ago 22.

¹⁷ WARKEN, A. D. **Influências do Ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para a Formação de Professoras/es**. Monografia do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2016.

¹⁸ O Grupo EDUSEX possui mais de 35 anos de história vivenciando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, buscando ampliar cada vez mais a sensibilização sobre as possibilidades de as pessoas resgatarem sua capacidade de pensamento crítico em relação ao contexto em que vivem por meio da Educação Sexual Emancipatória pautando-se no materialismo histórico-dialético. O grupo tem como líder a professora Dra. Sonia Maria Martins de Melo e como vice-líder a professora Dra. Patrícia de Oliveira e Silva Pereira Mendes e tem como seu espaço a sala 322 no Laboratório Tecendo Saberes e Fazeres no Campo da Educação Sexual Emancipatória - LabTEIAS na FAED/UDESC Florianópolis.

Assim, decidi por um estudo base para **compreender melhor os paradigmas ao longo do tempo sobre estes temas, buscando desvelar o que trouxe ao nosso cotidiano essa fragmentação expressa pelo ser humano diante de si mesmo e do Planeta Terra.**

Inspirada e motivada pela proposta de produção de um artigo, na disciplina “Pensamento Educacional Contemporâneo”, do primeiro semestre do Mestrado, ministrada pelo Prof. Dr. Lourival José Martins Filho, elaborei um texto sobre a **contribuição do pensamento de Paulo Freire para os estudos de Sexualidade e Educação Sexual Emancipatória**, tendo como premissa o teórico como cúmplice e os raros estudos sobre Freire e a Educação Sexual.

Com os avanços nas pesquisas para o solicitado artigo que contribuísssem para o projeto de Dissertação, por inúmeros momentos emergiram categorias relacionadas ao pensamento paulofreireano e, assim, mais do que um cúmplice teórico sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, o grande autor se tornou minha base para a análise de dados.

Realizando um estudo exploratório em sete obras de Paulo Freire¹⁹ e convergindo-as aos direitos ambientais – utilizando o documento Carta da Terra - e sexuais - fazendo uso da Declaração dos Direitos Sexuais – defendi em agosto de 2018 a **Dissertação de Mestrado que expressa uma inovadora pesquisa que atrela o pensamento paulofreireano à Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces.**

Saliento que uma das experiências agregadoras do caminhar do Mestrado foi ter sido bolsista PROMOP²⁰ e realizado por duas vezes o estágio docente com turmas da 4^a fase de Pedagogia na disciplina “Sexualidade e Gênero”. Estes períodos foram valiosos, pois me fizeram reforçar sobre a **necessidade de pensar sobre uma formação de professoras/es que abarque a inteireza do Ser, entendendo as dimensões humanas e as diversidades de Ser no mundo como riqueza universal.**

¹⁹ As sete obras - e seu ano de publicação - de Paulo Freire utilizadas na Dissertação de Mestrado (WARKEN, 2018) foram: 1. Educação como prática de liberdade (1967); 2. Pedagogia do Oprimido (1970); 3. Educação e mudança (1979); 4. Conscientização: teoria e prática de libertação (1980); 5. A sombra desta mangueira (1995); 6. Pedagogia da autonomia (1996); 7. Pedagogia da indignação (2000).

²⁰ Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação – PROMOP tem por finalidade propiciar à/ao estudante de pós-graduação *stricto-sensu* o desenvolvimento de habilidades e incentivos em sua formação acadêmica, inerentes à docência e à pesquisa científica e tecnológica.

Assim, observando minha trajetória acadêmica, vejo que, em consonância com minhas vivências, busquei, principalmente desde 2015, estar presente em ambientes diversos, apresentando meus estudos – já aqui mencionados - em eventos acadêmicos com pesquisas sobre Educação que abarcam as questões relacionadas à Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces, Formação de Professoras/es, Mídias, Inteireza, Transdisciplinaridade e Pensamento paulofreireano.

Como Mestra em Educação, percebo que sempre busquei nos meus trabalhos, estudos e pesquisas a interligação dos temas Meio Ambiente (totalidade/coletivo/macro) e Sexualidade (inteireza/ indivíduo-subjetividade/micro), pois creio que tudo está em conexão. Noto assim que – na grande maioria das vezes - **o ser humano é educado a ver o mundo e a si mesmo de forma fragmentada e dicotomizada, e nos momentos do seu estudar, aprender e relacionar-se não consegue unir as partes relacionadas ao todo, bem como sentir-se pertencente ao Planeta Terra e a uma sociedade global.**

Desde a conclusão do Mestrado em Educação me dediquei a participar de eventos, ler e pesquisar sobre os temas base das minhas produções, bem como a produzir materiais para uso pessoal em palestras e oficinas e também para criação de conteúdos para meu *blog*, meu perfil no Instagram®, minhas páginas do Facebook® e meu canal do YouTube® - redes sociais *online* referentes aos meus trabalhos e que, relembro a você que lê, fiz uso destas redes como ambientes de investigação desta Tese.

Para agregar aos meus estudos e escritos decidi, no final do ano de 2018, inscrever-me para o curso livre de EaD Terapias Holísticas Avançadas (Instituto Terceira Visão). A escolha por este se deu para ampliação dos fundamentos sobre as categorias referentes ao holismo, na perspectiva de conexão do Ser em sua Inteireza com a Natureza e com o Planeta Terra em sua totalidade, podendo refletir também em como a **Saúde é um dos pilares de interfaces entre Meio Ambiente e Sexualidade.**

Em julho de 2019 ingressei no curso de Doutorado em Educação (PPGE/FAED/UDESC) com o projeto de Tese “Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser: a gênese de um Programa para Alfabetização à luz de pilares paulofreireanos” como uma continuidade dos meus estudos da Dissertação de Mestrado, agora focando na EASES e princípios teóricos-metodológicos, avançando as pesquisas acerca do termo e do conceito cunhados no estudo.

Nas conversas iniciais com meu, até então, orientador²¹, Prof. Dr. Lourival, refletimos sobre as questões necessárias e urgentes para as pesquisas na atualidade sobre Educação, muito motivados pelo apontamento da prova escrita de seleção do Doutorado que versava sobre uma educação sob o sistema capitalista, onde produzi um texto indicando os caminhos possíveis por meio de uma Educação para o Ser integral à luz do pensamento paulofreireano. E também por eu estar muito instigada a contribuir ativamente como membra do Grupo de Pesquisa NAPE Didática e Formação Docente²² com uma temática de reflexão sobre a docência na contemporaneidade iluminada por Paulo Freire.

Em 2019/2, vivi um momento ímpar na caminhada, pois realizei minha primeira palestra ministrada sobre minha Dissertação de Mestrado na Semana da Pedagogia, na minha casa de graduação, o USJ, para um público com mais de 150 pessoas composto por acadêmicas/os e professoras/es das disciplinas da graduação em Pedagogia – dos quais muitas/os foram minhas/meus professoras/es. No mesmo semestre, ministrei uma oficina no XII Colóquio dos Grupos de Pesquisa de Formação de Educadores e Educação Sexual - promovido pelo Grupo EDUSEX UDESC, do qual continuei no Doutorado fazendo parte como membra - sobre materiais pedagógicos para uma Educação Sexual Emancipatória. Estas duas experiências me forneceram ainda mais subsídios para seguir nas pesquisas acerca da docência na contemporaneidade e da necessidade de um diálogo intencional sobre a formação de professoras/es no que concerne, principalmente, a formação inicial.

Assim, por quase dois semestres, realizei pesquisas sobre a docência sob viés paulofreireano e a epistemologia de Paulo Freire, que geraram dois artigos publicados em 2021/2, em coautoria de meu, até então, orientador Prof.Dr.Lourival e minha coorientadora Profa. Dra. Sonia: “Alfabetização e Docência: contribuições para

²¹ Escrevo “até então”, pois no início de junho de 2023 houve a troca consensual de orientação para o Prof. Dr. Lourival assumir com tranquilidade o cargo em Brasília de diretor de Formação Docente e Valorização dos Profissionais da Educação da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação - SEB/MEC e a Profa. Dra. Alba – conhecida de meu trabalho por ter composto a banca de qualificação - trazer contribuições, principalmente, sobre a formação docente à Tese e dar todo o suporte diário na reta final da pesquisa para defesa.

²² “O Grupo NAPE foi fundado em 1988 se constitui em um Núcleo e “um espaço de produção e socialização de estudos e pesquisas em Educação, considerando as relações entre formação de professores/as, docência, alfabetização, práticas curriculares e políticas educacionais para o trabalho educativo com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos”. Sob a tríplice Ensino, Pesquisa e Extensão também é um espaço de articulação do Fórum Catarinense de Alfabetização e da Associação Brasileira de Alfabetização – ABALf. O grupo é coordenado pela professora Dra. Alba Regina Battisti de Souza e pelo professor Dr. Lourival José Martins Filho e tem como seu espaço a sala 315 no Laboratório Didática e Formação Docente na FAED/UDESC Florianópolis”. **GRUPO NAPE UDESC.** Disponível em: <<https://www.udesc.br/faed/nape>>. Acesso em 07 ago 22.

formação de professoras/es por meio da Alfabetização Ambiental-Sexual à luz do pensamento de Paulo Freire”²³ e “A epistemologia de Paulo Freire sobre a docência: interconexões entre diálogos teóricos da pós-graduação em educação e a obra Pedagogia da Autonomia”²⁴.

Como minhas inquietações científicas sobre a docência versavam sobre as interfaces de Meio Ambiente e Sexualidade ampliando a cumplicidade com outras/os teóricas/os, além de Paulo Freire, que decidi, em 2020, sob orientação do Prof. Dr. Lourival, a **retomar as pesquisas sobre Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces tendo como base as considerações finais apontadas na Dissertação de Mestrado.**

A EASES foi cunhada em minha Dissertação sob a pauta da *Educação pela, para e com a Vida* e conceituada como

Uma Educação que tem como princípios a totalidade do Meio Ambiente e a inteireza do ser humano e seus processos dialéticos de inter-relações (*eu, outro(s), no e com o mundo*). Sob a compreensão que não existe separação, pois o que se faz ao Planeta Terra se faz em nós, seres humanos! (WARKEN, 2018, p.150).

Sendo assim a EASES é sustentada pelos princípios teóricos:

(...) integração dos temas **Meio Ambiente e Sexualidade**, compreendendo interconexões das relações *eu, outro(s) no e com o mundo*, sob o entendimento da **totalidade** do Planeta Terra e de **inteireza** do ser humano, atrelada à vivência plena dos **direitos humanos** para um mundo fraterno, justo e amoroso, permeada pela cumplicidade do **pensamento paulofreireano** (WARKEN, 2018, p.150 – grifos da autora).

Sob estas premissas é que avancei, nesta Tese de Doutorado, minhas pesquisas sobre a Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser - EASES em criação dos pressupostos e das propostas do termo e do conceito cunhados na Dissertação.

Também na conclusão do mencionado estudo sugeri pôr em prática a EASES “com grupos de diferentes níveis educacionais, inspirada na metodologia paulofreireana de círculos de cultura, pautando-me na vivência da missão de proteção global por uma sociedade mais humana, integrada, plena e justa” (WARKEN, 2018, p.150). Pensando como prioridade a formação docente foi esboçado um programa de formação de professoras/es sobre EASES no - já mencionado - artigo “Alfabetização

²³ WARKEN, A. D.; MARTINS FILHO, L. J.; MELO, S. M. M. de. **ALFABETIZAÇÃO E DOCÊNCIA: contribuições para formação de professoras/es por meio da Alfabetização Ambiental-Sexual à luz do pensamento de Paulo Freire.** V Congresso Brasileiro de Alfabetização. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/prs/schedConf/presentations>. Editora UDESC, Florianópolis, 2021.

²⁴ WARKEN, A. D.; MARTINS FILHO, L. J.; MELO, S. M. M. DE. **A epistemologia de Paulo Freire sobre a docência.** Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/issue/view/2191>>. Revista de Educação Popular, p. 65-83, 2021.

e Docência: contribuições para formação de professoras/es por meio da Alfabetização Ambiental-Sexual à luz do pensamento de Paulo Freire". Assim vi a necessidade de iniciar as pesquisas desta Tese de Doutorado com as palavras-chaves da Dissertação de Mestrado - **Meio Ambiente e Sexualidade; Totalidade; Inteireza; Pensamento paulofreireano; Direitos humanos** - para analisar possíveis avanços ou retrocessos em estudos.

A Pandemia no semestre 2020/1 me fortaleceu a pensar a urgência dos diálogos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces, por todas as dinâmicas e relações que esta realidade global revelou - distanciamento social, uso de equipamentos de segurança individual, produção em massa de resíduos de EPIs, diversos protocolos de higiene, surgimento de novas regras sociais, necessidade de ampliação sobre as maneiras de relacionar-se, estudar, trabalhar e pesquisar, além dos urgentes cuidados com o Planeta Terra e com nós mesmos - seres humanos - pensando a **saúde em caráter individual e coletivo, por meio de ações locais de interferências globais**.

Com a minha experiência nas aulas *online* durante a Pandemia, cursando duas disciplinas e cumprindo o estágio docente (como requisito da bolsa PROMOP e uma das exigências do curso de Doutorado em Educação PPGE-UDESC-FAED) as reflexões sobre as necessidades de diferentes formas de se relacionar, de trabalhar e de estudar fizeram reverberar interconexões entre a Pandemia, a formação docente, Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces.

Para as disciplinas “Seminário de Pesquisa em PEF” e “Formação Docente e Práticas Pedagógicas na Contemporaneidade” foram produzidos dois artigos - que não foram publicados em revistas científicas e escolhi resignificá-los em capítulos desta Tese de Doutorado - estimulando a atrelar minha pesquisa de Tese às categorias Pandemia e formação docente sob a linha Políticas Educacionais, Ensino e Formação.

Na mesma consonância o estágio de docência²⁵ em uma turma de Pedagogia, na disciplina de Organização e Gestão da Educação Infantil, Anos Iniciais e Educação

²⁵ Registro que realizei mais dois estágios de docência durante o curso de Doutorado em Educação. Todavia estes dois foram especialmente para cumprir as normas estabelecidas para bolsistas CAPES/DS. Os dois estágios também aconteceram com turmas de Pedagogia da FAED/UDESC na disciplina de Produção Textual. No semestre de 2022/2 o, então, orientador Prof. Lourival foi o docente da disciplina e, então, supervisor do estágio. Já em 2023/1 a docente da disciplina e supervisora de estágio foi a Profa. Dra. Josa Irigoite. Ambas experiências reforçaram para a urgência de refletir sobre uma formação docente inicial pautada em uma Educação Crítica e que considere o Ser em sua Inteireza, sob viés emancipatório.

de Jovens e Adultos²⁶, foi possível expor as indicações sobre Meio Ambiente e Sexualidade em documentos oficiais, com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB²⁷, e o histórico de diálogo das mesmas em escritos educacionais brasileiros, como os PCNs e o Plano Nacional de Educação - PNE²⁸. Assim, agreguei às pesquisas da Tese as palavras-chave: **pandemia, formação docente, políticas públicas sobre Meio Ambiente e Sexualidade.**

A investigação científica sobre Educação ficou ainda mais solitária com a Pandemia e todas as possibilidades de pesquisas e metodologias participantes que previam uma interação presencial tiveram que ser repensadas para o *online*. Foi neste viés que **me fortaleci ainda mais em meus trabalhos anteriores sobre videoaulas e produção de materiais pedagógicos e nas comunicações que eu mantinha nas redes sociais online sobre minhas pesquisas acadêmicas.**

Assim, associei a real necessidade do caráter *online*, em tempos de Pandemia, à minha experiência com a produção de conteúdos para as redes sociais e às reflexões acerca dos materiais educativos - que realizei ativamente desde 2015, principalmente junto ao Grupo de Pesquisa EDUSEX UDESC, com oficinas e palestras sobre os possíveis usos de materiais pedagógicos para Educação Sexual Emancipatória - e **decidi por fazer de campo investigativo as interações com o público online sobre os conteúdos nas redes sociais da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade e sobre materiais pedagógicos à luz da EASES.**

²⁶ Nesta disciplina a docente foi a Profa. Dra. Juliana Schumacker Lessa, logo a supervisora deste estágio de docência.

²⁷ "Os primeiros indícios sobre a discussão de uma lei de diretrizes e bases brasileiras ocorreu ainda durante a República Populista, em 1946. Tais debates culminaram na elaboração de um projeto de lei apresentado à Câmara dos Deputados, em 1948. (...) em 1961, no governo João Goulart, foi sancionada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que entrou em vigor apenas em 1962. Esta primeira LDB tratava da educação de grau primário, médio e técnico, da formação do magistério para o ensino primário e médio e da educação de grau superior. (...) Em 1971, durante o governo do Presidente Médici, foi aprovada a 2.^a LDB (Lei n.^o 5.692/1971), que trouxe o ensino de 1.^º e 2.^º graus com formação profissional, o ensino supletivo, bem como os requisitos para professores e especialistas. (...) uma nova proposta de LDB entrou em discussão, e depois de 8 anos de tramitação e intensas discussões e controvérsias, foi aprovada a versão trabalhada pelo Senador Darcy Ribeiro. Após os ajustes finais, a nova LDB foi aprovada no dia 20 de dezembro de 1996. (...) a função da LBD é definir e organizar a educação no Brasil, do ensino infantil até o superior. Seu objetivo é assegurar o direito social à educação a todos os estudantes brasileiros" (s/autor, 2022, p.*online*).

O que significa LDB: saiba mais sobre a lei mais importante para a educação. Blog UNICEP.EDU. Disponível em: <<https://blog.unicep.edu.br/o-que-significa-lbd>>. Acesso em 07 ago 22.

²⁸ O PNE foi criado em 1962 pelo Conselho Federal de Educação, atendendo às disposições da Constituição Federal de 1946 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 (ALVES, 2010, p.*online*).

ALVEZ, J. R. M. **O Plano Nacional da Educação e o papel da sociedade no processo de sua construção coletiva.** Disponível em <http://www.ipae.com.br/pub/pt/cme/cme_124>. Acesso em 07 ago 22.

Em outubro de 2020 a Profa. Dra. Sonia se tornou minha coorientadora – para contribuições, principalmente, acerca da Sexualidade e da Educação Sexual Emancipatória - e me fez refletir sobre as **urgências na publicização dos materiais** produzidos pelo Grupo de Pesquisa EDUSEX UDESC em seus mais de 35 anos de história. Desta maneira, agregando às análises destas interações com o público *online* sobre os conteúdos nas redes sociais da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, que, desde fevereiro de 2021, assumi a responsabilidade sobre os perfis do Grupo EDUSEX UDESC (YouTube®, Facebook® e Instagram®) com a **finalidade de ampliar a gama de análise, ser voz em um perfil de um grupo de pesquisa e produzir e publicizar conteúdos** que já são conhecidos do público, como os *podcasts*²⁹ do programa de rádio Educação Sexual em Debate. Neste sentido, ampliei minhas pesquisas para esta Tese com palavras-chave: **redes sociais online, produção de conteúdos e materiais pedagógicos.**

Fui fortalecida também neste período de Pandemia de aulas e encontros virtuais, de 2020/1 a 2021/2 - além das minhas produções ativas de vídeos, postagens, imagens para meus perfis da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no YouTube®, Instagram® e Facebook® - pelos convites de abordar em duas *lives* no Instagram® e três encontros *online* pelo GoogleMeet® - com profissionais da Educação da Grande Florianópolis -, bem como em participar, apresentando trabalhos, em três eventos acadêmicos *online*, acerca dos materiais pedagógicos para uma Educação para Emancipação e sobre meus alvos de pesquisa - **Meio Ambiente e Sexualidade em interfaces - evidenciando como estas temáticas precisam de mais conteúdos formativos e informativos em um viés crítico-amoroso por meio da sensibilização.**

Observei que na Dissertação de Mestrado e nos trabalhos anteriores eu pesquisei e conceituei sobre os temas Meio Ambiente e Sexualidade e agora na Tese de Doutorado como indico os pressupostos e propostas da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES), se fez fundamental eu abordar as vertentes de Educação Ambiental e de Educação Sexual, bem como o que comprehendo sobre uma Educação para Emancipação do Ser. Diante disso, agreguei

²⁹ Os programas de 2007 a 2020 estão publicados no canal do YouTube® do GRUPO EDUSEX UDESC com mais de 140 podcasts, disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCMv_uLQkW9AQawAwg7r-nIA/playlists>. Com os períodos de isolamento e vacinação da pandemia do Covid-19 os programas foram reprisados. O programa ao vivo foi retomado em abril de 2022 e passou a ser publicado na plataforma do Spotify®, disponível em <<https://open.spotify.com/show/2AOM9p9nsx9dZtA4VPXed3?si=ee65a74dfa014220&nd=1>>.

às buscas, deste estudo, as palavras-chave: **educação ambiental, educação sexual, educação crítica e emancipação.**

Registro que este memorial foi (re)escrito em uma manhã chuvosa, de outubro de 2021, olhando para o gramado de minha casa e acompanhando um casal de bente-vis colhendo na grama elementos para construírem seu ninho na nossa grumixameira. Motivada por este cenário sinto exposto neste memorial o quanto não quero me fragmentar e como enxergo a Vida de maneira holista, assim vi/vejo esta minha Tese de Doutorado: um caminhar coerente e comprometido, expondo a quem lê até minhas vulnerabilidades como cientista, doutoranda, acadêmica e pesquisadora que viveu/vive, além das dores da Pandemia do Covid-19 - atenção aos cuidados com os Outros e com o Mundo -, os processos delicados de cuidado com o Outro, com o grave acidente e a reabilitação de minha mãe, em 2019, e no cuidado do Eu, com meu diagnóstico de câncer de mama, durante os primeiros meses de isolamento social no Brasil, em maio de 2020. E, assim, adicionei mais uma palavra-chave às buscas deste estudo: **cuidado**.

Neste tempo se reforçou ainda mais a necessidade de alimentar o meu “Diário da Doutoranda”³⁰ e como a pesquisa está inserida junto à pesquisadora em uma realidade de Pandemia, de reabilitação da mãe e do diagnóstico e tratamentos do câncer de mama.

Os meus processos e tempos de escrita - nestas condições vulneráveis e intensas da vida pessoal que se entrelaça com a acadêmica - tiveram que acontecer em lógicas diferentes: recorri a gravar minha voz quando não conseguia teclar ou escrever; ou quando não pude falar ou escrever digitava no bloco de notas do celular algumas palavras-chave e ideias que surgiam entre momentos de mais lucidez; ou quando as insôrias traziam os mal-estares me apegava à caneta e ao papel e tentava “brincar” comigo mesma, desafiando-me em uma escrita compulsiva a fim de esquecer as dores, enjoos e tristezas.

Dentre os momentos de confusões mentais e esquecimentos, fortes dores do corpo se adaptando as medicações, das cirurgias de colocação de cateter, retirada da

³⁰ Tenho o hábito desde a graduação em Pedagogia em ter uma agenda, um caderno e um documento virtual em que vou escrevendo datas e seus acontecimentos importantes durante meus cursos, fazendo paralelos dentre estes recursos. As formações, as aulas, os eventos e as pesquisas por termos e conceitos que me fizeram ter curiosidade de ir além. No Doutorado realizei este diário sob estas minhas lógicas de organização e escrita e foi um material valioso de registro, principalmente durante os fortes sintomas de confusão mental e falta de memória no tratamento do meu câncer de mama. Vejo neste diário como um símbolo da minha “curiosidade epistemológica” – aqui já definida – que Paulo Freire tanto versou, especialmente na obra “Pedagogia da Autonomia”.

mama doente e redução da mama saudável e da pele queimada pelas radioterapias... o Doutorado aconteceu e a Tese nunca ficou parada! **Orgulho-me disso porque respiro a vida acadêmica e desde minha conclusão do Ensino Médio, nunca parei de estudar, ler, pesquisar, escrever.**

As pausas e pousos da Borboleta - como me identifico nos intensos processos das transformações - são em tempos muito diferentes das lógicas de produtividade capitalista e também da produtividade acadêmica. Sob as dores motoras, os lapsos de memórias e minhas conexões com tudo que é dito “fora da caixa”, **meu Ser em Inteireza grita por uma pesquisa que agregue ao Mundo**, por isso grifo novamente o que me move/moveu nesta Tese: **Resiliência para Transformar: Borboleando em Inteireza durante a Vida-Pesquisa.**

Um dos meus maiores objetivos com esta Tese de Doutorado foi/é em ser ponte entre o meio acadêmico/científico e a sociedade, estabelecida, sobretudo, nas redes sociais *online* com os grupos que acessam os espaços virtuais da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, e também do Grupo EDUSEX UDESC.

Pelo exposto até aqui, sinto-me em comunhão com o sentimento de Paulo Freire quando diz – em Pedagogia da Indignação (2000) - que “**devo aproveitar toda oportunidade para testemunhar o meu compromisso com a realização de um mundo melhor, mais justo, menos feio, mais substantivamente democrático**” (FREIRE, 2000, p.33-34 – grifos meus), neste sentido - e sentir – que me propus investigar, trabalhar, compreender, analisar e produzir para o mundo “EDUCAÇÃO AMBIENTAL-SEXUAL PARA EMANCIPAÇÃO DO SER: PRESSUPOSTOS E PROPOSTAS” agregando aos estudos e às pesquisas sobre Ciências da Educação para as Políticas Públicas, Ensino e Formação.

1.3. OS 3 ELEMENTOS: (RE)CONHECENDO O FOGO (PROBLEMA), O AR (JUSTIFICATIVA) E A ÁGUA (OBJETIVOS) DA PESQUISA

Diante, sobretudo, do apresentado no memorial da Vida que se entrelaça à Pesquisa que o **problema da Tese** (o meu “fogo motivador”) se revelou: **os paradigmas fragmentários**, ao longo do tempo da História da Humanidade - principalmente na Idade Contemporânea em uma sociedade global predominantemente capitalista - **engendram perspectivas sobre Meio Ambiente e**

Sexualidade que perpassam tabus e falta da consciência do coletivo e de pertencimento próprio para com o Meio Ambiente gerando alienação, violências e beiram o colapso terrestre. Logo, uma **Educação fragmentadora que serve ao capitalismo³¹** estabelece sequelas de destruição ambiental e eminente suicídio global visto as desconexões de Ser(es) Humano(s) para com o Planeta Terra.

Sob este panorama, **justifica-se** (o meu “ar fundamental e fundante”) **este estudo pela urgência e essencialidade de uma Educação que vise mais do que a proteção e conhecimento sobre si e a Terra, também a busca da regeneração do Planeta, por meio de uma consciência crítica-amorosa frente aos processos de alienação e destruição.**

Esta razão fica ainda mais evidenciada com notícias no primeiro semestre de 2022, por exemplo, sobre a existência de microplástico na corrente sanguínea humana³² e de que a humanidade tem somente três anos para impedir uma catástrofe climática³³.

Precisamos pensar em **processos de emancipação que gerem conscientização sobre a urgência do cuidado para com a casa individual (Corpo e Sexualidade) e para com a casa coletiva (Planeta Terra e Meio Ambiente)**. Com a humanidade imersa em um modo de produção que violenta e destrói o Mundo e todos os seres (inclusive a si mesmos - seres humanos), precisamos revisitar – sob a perspectiva emancipatória – os sistemas educacionais e espaços educativos, já que somos todos seres ambientais-sexuais e educadores, em permanente processo de Educação.

Ressoando com o exposto, teve-se nesta Tese o objetivo geral (a água - em seus diferentes estados no ambiente e de que somos compostos - e a essencialidade para fluidez):

Criar os pressupostos e as propostas da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES) visando a conscientização crítica-amorosa sobre as interfaces de Meio Ambiente e Sexualidade.

³¹ Sistema econômico e social objetivando o lucro e a acumulação de capital baseado na propriedade privada dos meios de produção.

³² **Cientistas encontram microplásticos na corrente sanguínea humana.** G1 GLOBO (site de notícias). Disponível em:<<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/03/24/cientistas-encontram-microplasticos-na-corrente-sanguinea-humana.ghtml>>. Acesso em 25 mar 22.

³³ **Mundo tem apenas três anos para impedir catástrofe climática, diz IPCC.** Correio Braziliense (site de notícias). Disponível em: <<https://www.correobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2022/04/4998213-mundo-tem-apenas-tres-anos-para-impedir-catastrofe-climatica-diz-ipcc.html>>. Acesso em 01 maio 22.

Sob esta base foram delineados como objetivos específicos:

- Apontar os aportes e os pressupostos teóricos da EASES;
- Desenvolver e socializar as propostas metodológicas e os materiais pedagógicos da EASES;
- Construir uma comunidade *online* de diálogos sobre EASES, por meio das redes sociais *online* da Pesquisadora, para democratizar o conhecimento científico pelo estabelecimento da relação entre o meio acadêmico e científico com a sociedade virtual;
- Produzir conteúdos para as redes sociais *online* sobre EASES para usos, em viés transversal e transdisciplinar, na Educação formal e não-formal;
- Sistematizar uma base de dados com conteúdos e materiais pedagógicos da EASES e com biblioteca virtual da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade;
- Democratizar o acesso às produções científicas e aos materiais sobre Educação Sexual Emancipatória do Grupo EDUSEX UDESC;
- Propor um curso *online* sobre EASES para formação de professoras/es.

Na Dissertação de Mestrado (WARKEN, 2018), pesquisei as bases teóricas e as interfaces de Meio Ambiente e Sexualidade iluminadas por sete obras de Paulo Freire em convergências com os documentos Carta da Terra (A CARTA DA TERRA INTERNACIONAL, 2000) e Declaração dos Direitos Sexuais (WAS, 2014). Por meio de movimentos teóricos e de categorias encontrei os pilares e a base teórica da EASES, cunhando o termo e o conceito e propondo avançar nos estudos pensando a prática da EASES em encontros formativos.

Relembro que a base teórica, fundante, da EASES são as relações **Eu, Outro(s), Mundo** – relações dialéticas traçadas por Paulo Freire em suas obras. Já os pilares são os indicadores de categorias que brotaram das convergências teóricas crítico-reflexivas: **Respeito, Cuidado, Democracia, Sustentabilidade, Equidade e Educação para Vida** (WARKEN, 2018).

Agora, na Tese de Doutorado, segui com a **criação³⁴ da EASES com enfoque nas perspectivas emancipatórias da Educação Ambiental e da Educação Sexual, produzindo conteúdos para as redes sociais online, construindo materiais pedagógicos nesta abordagem e propondo um programa de formação docente, balizada pelos meus trabalhos e pesquisas sobre docência, principalmente na formação inicial em Pedagogia.**

Uma das minhas motivações foi/é o, ainda, raro diálogo intencional sobre os temas transversais Meio Ambiente e Sexualidade, interligados, refletindo na extrema necessidade e urgência dos currículos de formação inicial – principalmente - docente expressarem-se em diálogos para a construção de propostas e ações de mudanças que prevejam o cuidado, a proteção e a conscientização sobre as correlações Eu, Outro(s), Mundo.

A Pandemia do Covid-19 se coloca, assim, como importante dimensão para produzir coletivos que reflitam sobre as necessárias transformações educacionais, políticas e sociais que afetem as bases críticas-amorosas nas dimensões humanas, ambientais e sexuais.

³⁴ O verbo criar como objetivo de pesquisa foi temática extensa de reflexão como pesquisadora, de diálogos nas orientações e também de pontuações da banca examinadora na defesa de Tese. Me volto ao Dicionário de Filosofia, quando Abbagnano (2007) aponta que Criação “em todas as línguas, essa palavra tem sentido muito genérico, indicando qualquer forma de causalidade produtiva: do artífice, do artista ou de Deus. Seu significado específico, porém, como forma particular de causação, é caracterizado: 1º pela ausência de necessidade do efeito em relação à causa que o produz; 2º pela ausência de realidade pressuposta no efeito criado, além da realidade da causa criadora (e nesse sentido diz-se que a Criação é “do nada”); 3º pelo menor valor do efeito em relação à causa; e eventualmente 4º pela possibilidade de que um dos termos da relação, ou ambos, estejam fora do tempo” (p.220).

Criação está assim muito voltada às concepções teístas e deístas de mundo – como fosse possível criar a partir do vazio. No campo científico, criar remete ao “fato” ou “à aparição”. E quando se fala na criação como atividade humana, seja ela artística, literária ou científica, criar volta-se à novidade e à imprevisibilidade do resultado de um processo, qualificando produtos de atividades humanas ou mesmo aos processos naturais (ABBAGNANO, 2007).

Compreendo que criar no campo científico, sob um paradigma não fragmentário aqui já proposto, contempla também a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A criação volta-se à investigação, à compreensão acerca do objeto de pesquisa e também sobre as análises, assim nunca “parte do vazio”, pois fazer Ciência – ainda mais Ciências Humanas e da Educação - é um extenso e intenso diálogo entre teorias e metodologias, entre inspirações e visões de mundo em movimentos dialéticos.

Paulo Freire também me auxilia na reflexão sobre o “criar” já que pontuava a necessidade de sempre recriar sua metodologia e suas teorias. Quando refletiu que as próprias obras e criações paulofreireanas são pautadas em muitas leituras inspiradoras de diversas vertentes, mas muito de ideias progressistas, encontro o fortalecimento acerca da ação do “criar” que nunca “parte do vazio” e sim por meio de muitas referências para propor a transformação e um novo caminho.

Entendo também que uma Tese de Doutorado que prevê um ineditismo – uma originalidade - pode-se ancorar no verbo criar como ação de pesquisa para os desenvolvimentos, as interconexões e as produções que esta requer.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Martins Fontes Editora, 5ª edição revisitada e ampliada, São Paulo, 2007.

Neste sentido questionei a seguinte tese: Por meio da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES), de âmbito formal e não-formal, é possível realizar um processo formativo sobre Meio Ambiente e Sexualidade visando a emancipação através da sensibilização, dos processos de conscientização e do diálogo crítico-amoroso?

Diante os expostos até aqui são apresentados a seguir os movimentos das buscas e achados/reencontros das/os cúmplices e delineares metodológicos que frente às diversas tentativas em coerência científica, sob o compromisso e a ética, ancorou-se na busca narrativa como premissa para os pressupostos e propostas da EASES.

1.4. TATEANDO A TERRA, PREPARANDO O SOLO E BUSCANDO AS MELHORES SEMENTES: OS PROCESSOS INTENSOS DAS BUSCAS POR MEIO DE PALAVRAS-CHAVE PARA ACHADOS DE ESTUDOS E CÚMPLICES

Na escrita que aqui me propus, o elemento terra expressa a própria pesquisa, a Tese, em múltiplas possibilidades e interações com outros elementos, sementes, a Ser-Planta-Pesquisa(dora)-Vida.

Explorando meu tato e meu sentir da terra da pesquisa, visando à preparação do solo da Tese em intensas buscas pelas melhores sementes por meio de palavras-chave, em movimentos reforçadores das categorias deste estudo, que apontando o conhecimento do universo da Tese de Doutorado, como ponto de partida, procurei por *Meio Ambiente e Sexualidade, Totalidade, Inteireza, Pensamento paulofreireano* - sobre Meio Ambiente e Sexualidade - e *Direitos humanos* - as 5 palavras-chave da minha Dissertação de Mestrado - para verificar significativas atualizações dos dados.

Também busquei pelas palavras-chave *Pandemia, Formação docente, Políticas públicas* - sobre Meio Ambiente e Sexualidade -, *Redes sociais online, Produção de conteúdos, Materiais pedagógicos, Educação Ambiental, Educação Sexual, Educação Crítica, Emancipação e Cuidado* que brotaram de experiências durante os processos de pesquisas e escritas - além do próprio projeto de tese para qualificação - para apresentações em eventos científicos, produção de artigos, aulas e de conteúdos, dos períodos de 2019/2 a 2022/1.

Para corroborar com a linha de pesquisa e verificar achados significativos, somou-se ao universo de buscas as palavras-chave *Políticas Educacionais* sobre Meio Ambiente e Sexualidade, *Ensino* sobre Meio Ambiente e Sexualidade, Formação sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

Todos estes processos são descritos nas páginas a seguir.

1.4.1. Pelas manobras em buscas sistemáticas para selecionar as sementes mais férteis

No período de 2019 e 2020³⁵ realizei – o que eu caracterizo como uma primeira fase deste estudo - pesquisas nos principais bancos de dados *Scielo*³⁶, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT³⁷, TEDE UDESC, Google Acadêmico³⁸ e Centro de Referências Paulo Freire para a verificação da atualização de dados com as pesquisas das palavras-chave da minha Dissertação de Mestrado WARKEN (2018):

1. Meio Ambiente e Sexualidade;
2. Totalidade;
3. Inteireza;
4. Pensamento paulofreireano (sobre Meio Ambiente e Sexualidade);
5. Direitos humanos.

Alguns entraves nestas buscas foram experienciados:

- Não foi observado significativa ampliação no número de pesquisas sobre as palavras-chave isoladas ou em convergência - tendo a Dissertação de Mestrado como base de pesquisa - assim não possibilitando agregar nas quantificações de estudos e em novas/os cúmplices teóricas/os.
- Em 2019 e principalmente em 2020 a grande maioria dos bancos de dados, principalmente com a Pandemia do Covid-19, passaram por atualizações de sistemas (onde muitos *sites* ficaram fora do ar por um período); os bancos de dados travavam, muitos nos processos de buscas; alguns *sites* não foram mais

³⁵ Com testagens e movimentações em três momentos: agosto a novembro de 2019, fevereiro a abril de 2020 e setembro a novembro de 2020.

³⁶ <<https://scielo.org/pt>> Acesso em 05 abr 22.

³⁷ <<http://bdtd.ibict.br/vufind>> Acesso em 05 abr 22.

³⁸ <<https://scholar.google.com.br>> Acesso em 05 abr 22.

alimentados e atualizados por mão-de-obra especializada³⁹ e algumas modificações gráficas tornaram a experiência menos facilitada e de difícil manipulação.

- Ainda nesta verificação da atualização das buscas pelas palavras-chave da Dissertação, registro as mudanças maiores: nos bancos de dados do TEDE UDESC que agora se realiza a busca pelo site da BU UDESC e no Centro Referência Paulo Freire, que modificou o *sítio* direcionando ao Acervo Educador Paulo Freire. Dentre as maiores mudanças nestes dois bancos de dados esteve a impossibilidade de realizar convergências entre as palavras, dificultando a seleção de artigos.

Agregando às buscas, no mesmo período – caracterizando como uma segunda fase do meu processo de pesquisa - organizei materiais para a construção do aporte teórico me pautando em documentos nacionais oficiais da Educação (como a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (2013), o Plano Nacional da Educação (2014-2024) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), legislações que versam sobre Meio Ambiente e Sexualidade, bem como livros e artigos em diálogo com cumplices teóricas/os preferenciais que fortalecem os fundamentos das temáticas de pesquisa e da EASES. Por esta ação algumas palavras-chave a mais foram aparecendo e realizei testagens pela curiosidade investigativa - fora dos períodos indicados - para encontro, principalmente de materiais para conteúdos nas redes sociais *online* e também para estudos e planejamentos de aulas para estágio de docência.

Sob esta perspectiva, vale aqui já ressaltar a importância das pesquisas pelas *hashtags* (#) nas redes sociais Instagram® e Facebook® que apresentam uma gama de conteúdos (perfis, vídeos, textos, imagens) que abordam as temáticas desta Tese.

Pensando na atualização de dados de artigos sobre o período de Pandemia e agregando palavras-chave que reverberaram das minhas inquietações para esta Tese de Doutorado, de minhas experiências nos estudos anteriores e das minhas vivências, nos períodos de 2019/2 à 2022/2 nas escritas de artigos, no planejamento de aulas, na preparação de apresentações e nas produções de conteúdos e materiais para as

³⁹ Compreendo que isto tem consonância com a falta de incentivo à Ciência e à Educação e o não interesse, do governo brasileiro de 2019-2022, na manutenção de dados científicos atualizados e não tendenciosos.

redes sociais, organizei diversas palavras - o que para mim se caracterizou por uma terceira fase nos movimentos da pesquisa - para novas buscas:

6. Pandemia;
7. Formação docente;
8. Políticas públicas sobre Meio Ambiente e Sexualidade;
9. Redes sociais *online*;
10. Produção de conteúdos;
11. Materiais pedagógicos;
12. Educação ambiental;
13. Educação sexual;
14. Educação crítica;
15. Emancipação e
16. Cuidado.

Durante estas buscas me atentei à curiosidade e à investigação pelas palavras-chave sobre a linha de pesquisa que faço parte e assim verificar as conexões com as temáticas estudadas:

17. Políticas Educacionais sobre Meio Ambiente e Sexualidade;
18. Ensino sobre Meio Ambiente e Sexualidade;
19. Formação sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

Decidi dar prosseguimento às buscas nos seguintes bancos de dados:

- Scielo,
- BDTD do IBICT,
- Periódicos CAPES⁴⁰,
- Google Acadêmico e
- Anais de Reuniões Científicas Nacionais da ANPEd⁴¹, dos anos de 2018 a 2021.

As movimentações por todas as 19 palavras-chave foram realizadas em março a junho de 2021 e fevereiro a abril de 2022.

Registro que até 2020 era possível realizar uma filtragem inserindo aspas nas palavras compostas, facilitando os movimentos de correlações (exemplo: “Meio

⁴⁰ <<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br>> Acesso 05 abr 22.

⁴¹ <<https://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>> Acesso 05 abr 22.

Ambiente"). Agora não é mais possível realizar esta ação nos bancos de dados - pelo menos até a fase de movimento de busca em julho de 2022 - e muitas vezes só foi achado menções das palavras no documento, como quando se procurou por "Meio Ambiente e Sexualidade" e apareceram resultados contabilizando somente a palavra 'meio', prejudicando a busca e tornando a pesquisa maçante.

Tentando obter melhores resultados realizei a filtragem por algum item como "resumo", por exemplo, e inseri cada palavra em uma aba de busca (geralmente chamada de busca avançada) fazendo a convergência das palavras. Todavia isso diminuiu drasticamente os achados ou até zerando e não considerei valioso seguir com o trabalho de quantificação das palavras-chave nos bancos de dados e as suas convergências, bem como de análise dos achados, pois se tornou um trabalho frustrante e cansativo.

Entendi assim que o universo de pesquisa sob as 19 palavras-chave não foi contemplado nas buscas em correlações e convergências para as temáticas Meio Ambiente e Sexualidade em interfaces. **As interconexões que proponho/propus necessitam de uma análise crítica e atenciosa às ideias de cúmplices teóricas/os que refletem em uma Educação crítica, problematizadora, dialógica e amorosa** – que, com certeza, vão além da quantificação de pesquisas, comum no processo de busca sistemática. Assim, resolvi prosseguir com Paulo Freire como autor que fortalece os princípios da EASES e passei a considerar os achados de teorias e práticas, ampliando os locais de investigação, que agregam à Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser em seus pressupostos e em suas propostas.

Como na grande maioria das vezes os achados pontuais de cada palavra-chave e inserindo filtragens para melhores buscas **não contemplaram a EASES**, escolhi dar continuidade ao encontro das sementes férteis e tornando o terreno de pesquisa mais produtivo, claro e fecundo - para sinais de esperança e ações transformadoras sobre as interconexões de uma Educação Emancipatória sobre Meio Ambiente e Sexualidade - **decidindo seguir com uma busca narrativa e não mais sistemática.**

Ressalto que os cinco bancos de dados pontuados por último se tornaram recursos investigativos quando questionei alguma temática e precisei encontrar perspectivas atuais em reflexões para minhas escritas, principalmente com as novas produções sobre o período da Pandemia, como trouxe, principalmente, os Anais de Reuniões Científicas Nacionais da ANPEd.

1.4.2. As sementes selecionadas na busca narrativa: a valorização do solo sob a experiência da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

Em junho de 2022, decidi caminhar por entre os achados, do então projeto de tese para qualificação, por uma busca narrativa - e não mais sistemática - partindo das experiências nas testagens e movimentações indicadas em todos os períodos - salvando em arquivo o que poderia ser engrandecedor para reflexões - e valendo das minhas experiências como pedagoga, especialista em Mídias e Gênero e Diversidade, Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, fazedora de Ciência, doutoranda crítica-amorosa.

Registra-se então que a busca narrativa

Não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos (FCA UNESP, 2015, p.2).

Este tipo de busca permite “estabelecer relações com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes, apontando novas perspectivas e consolidando uma área de conhecimento” (FCA UNESP, 2015, p.3).

Neste sentido, tendo a Pandemia do Covid-19 como “pano de fundo” da minha pesquisa e compreendendo que a relação da sociedade global modificou e continua a mudar com a internet, se fez/faz primordial ter olhares científicos voltados para a internet e as redes sociais *online* sob o panorama das necessidades da Pandemia – após o período de isolamento social - e de, neste viés, construir uma nova Educação, bem como uma **nova maneira de pesquisar e fazer Ciência**.

Os critérios de busca narrativa brotaram das minhas experiências e indagações de curiosidade epistemológica. Assim fiz os seguintes movimentos de pesquisa:

- COM QUAIS REFERÊNCIAS CONTINUAREI A CAMINHAR? RESGATE DE CÚMPLICES E ATUALIZAÇÃO: Revisa os referenciais dos meus trabalhos anteriores em observação de possíveis obras e artigos mais atuais/atualizados sob a ótica das premissas de uma Educação Ambiental e uma Educação Sexual em vertente crítica, como, por exemplo: quais foram os artigos publicados recentemente de grupos de pesquisa - como o EDUSEX UDESC - que versam sobre Educação Sexual Emancipatória e Educação Ambiental Crítica que venho caminhando nos últimos anos de pesquisa?

- QUAIS ÓTICAS TRAZEM POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES TRANSDISCIPLINARES: A seleção – por meio do resumo - e leitura crítica de artigos que apontaram às palavras-chave pesquisadas anteriormente na busca sistemática, mas não traziam menções diretas ou agregadoras possíveis convergências sobre Meio Ambiente e Sexualidade como, por exemplo, a pesquisa por “materiais pedagógicos” e “redes sociais *online*”,
- O QUE OS DOCUMENTOS NOS DIZEM? ANCORAGEM⁴² NOS PRESCRITOS: A (re)leitura de documentos, sobretudo, brasileiros sobre Educação expressando políticas educacionais e políticas públicas cotejando com as bases da EASES pontuadas da Dissertação de Mestrado de WARKEN (2018), como, por exemplo, quais paralelos posso indicar da BNCC com Meio Ambiente e Sexualidade?
- O QUE ESTÁ SENDO NOTICIADO HOJE? ATUALIDADE DAS REDES SOCIAIS *ONLINE*: A pesquisa das *hashtags* (#) - principalmente na rede social Instagram® - para obter dados sobre as temáticas das pesquisas mais atualizadas e a partir disso avançando em buscas por *sites* e artigos, por exemplo: usando a #meioambiente encontrei uma notícia – que me fez refletir sobre atitudes práticas diárias em caráter individual para ação sustentável em perspectiva coletiva - sobre cápsulas de café usadas como fios para impressoras 3D, li a postagem⁴³ e acessei o *link* indicado⁴⁴ na referência de fonte⁴⁵. Também ressalto a *hashtag* (#) como importante recurso de busca de palavras-chave em outra língua para conhecer notícias e documentos atuais de outros países, como por exemplo: #educacionsexual e o encontro da divulgação⁴⁶ dos livros “iSe llama vulva!” e “iSe llama pene!” que esclarecem a importância do autoconhecimento do próprio corpo e de nomear as partes íntimas para as crianças se caracterizando como um primeiro livro de Educação Sexual e que pelas imagens acessadas trazem ilustrações didáticas e

⁴² Durante a Tese quando faço uso das palavras “ancoragem/ns”/ “ancorar”/ “ancorada/o” é sempre no sentido de “sustentação” e “fundamentação”.

⁴³ <<https://www.instagram.com/p/Cr1Gvw1rCbb/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>> Acesso em 05 mai 23.

⁴⁴ <<https://u-shar.com.br/transformando-capsulas-de-cafe-usadas-em-fios-para-impressoras-3d-uma-solucao-sustentavel-e-social/>?swcfpc=1> Acesso em 05 mai 23.

⁴⁵ <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/04/30/pesquisadores-da-unicamp-e-ufscar-transformam-capsulas-de-cafe-usadas-em-fios-para-impressao-3d-lixo-em-valor-agregado.ghtml>> Acesso em 05 mai 23.

⁴⁶ <<https://www.instagram.com/p/CqxLPVDNyaB/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>> Acesso em 05 mai 23.

explicações ricas sobre nossos corpos sexuados me fazendo pensar ainda mais sobre os materiais pedagógicos da EASES.

Sob estes critérios, selecionando as sementes férteis, adicionando à busca narrativa as pesquisas nas próprias redes sociais *online*, onde as *hashtags* (#) me forneceram – reforço - um panorama ‘mega’ atualizado sobre as temáticas de minha investigação nesta Tese de Doutorado, haja visto que o tempo virtual acontece sempre de maneira rápida e múltipla. Assim, lancei a ótica da pesquisadora em uma leitura crítica para seleções agregadoras ao campo da pesquisa em Educação Emancipatória sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

Se faz preciso também observar que é por meio das redes sociais *online* que muitas pessoas se informam sobre os diferentes assuntos. Logo, para me aproximar do meu público e formar a comunidade virtual da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade – como um dos objetivos específicos - e ampliar os diálogos nos perfis do Grupo EDUSEX UDESC, precisei usar as redes sociais *online* como campo de investigação das palavras-chave base desta pesquisa.

Pensando na agilidade - que muitas vezes os bancos de dados científicos não possuem - o espaço investigativo que fiz/ uso diário e constante é/foi o Google Acadêmico. No próprio Google® realizei buscas permanentes por materiais para pensar as postagens e os conteúdos tanto nas redes sociais quanto para a produção dos materiais pedagógicos da EASES – contribuindo para a feitura e vivência de mais um objetivo específico em sua totalidade.

Neste sentido, registro que foi imensamente agregador a pesquisa das 19 palavras-chave - mencionadas no item anterior sobre os processos de busca sistemática - seguidas de palavras como *pdf*, *material*, *imprimir*, *infográfico*, *mapa*, *apostila*, *atividade*, *download*, *dinâmica*, *linha do tempo*, por exemplo: Sexualidade dinâmica; atividade Meio Ambiente; Educação Ambiental download; Educação Sexual apostila; linha do tempo Direitos Humanos.

Lançando-me no percurso de minha autonomia científica para criar os pressupostos teóricos e as propostas metodológicas e pedagógicas da EASES – em que me permiti, sobretudo, no percurso da busca narrativa - me debrucei no pensamento de Paulo Freire para me fortalecer em uma metodologia de pesquisa para pós-graduação motivada pela curiosidade epistemológica como máxima.

Paulo Freire tinha suas/seus cúmplices teóricas/os, mas não as/os pontuava em seus escritos e nem indicava obras em suas referências bibliográficas. Conforme suas vivências e leituras reflexivas ia se movimentando em seus paradigmas e perspectivas de Educação Crítica, pois

(...) Paulo Freire era um homem do seu tempo que desafiava as próprias certezas. Assim, há vários Freires conectados e observados em três grandes fases: 1^a fase - contexto brasileiro nordestino; 2^a fase - exílio; 3^a fase - volta ao Brasil, em que pauta suas teorias e seu movimento de teses acerca da sociedade, da educação e do ser humano, com influência dos ideais do catolicismo progressista e do nacionalismo-desenvolvimentista, do progressismo marxista e do pós-modernismo progressista (WARKEN; MARTINS FILHO; MELO, 2021b, p.70).

Como exemplo disso, um fato que me chama muito atenção e revelando este ‘movimento dialético de Ser’ de Paulo Freire foi na obra “Pedagogia da Esperança” ter se desculpado com as Mulheres por em “Pedagogia do Oprimido” escrever somente no masculino e ter escrito “homens/homem” em sinônimo de humano/humanidade/pessoa, não considerando as questões culturais, sociais e até de semântica sobre Gênero. Isso também me fortaleceu/fortalece em meu posicionamento de escrita de priorizar o feminino, não contribuindo para posicionamentos generalistas que só exaltam o masculino e a sociedade patriarcal.

Isso me remete a permanente desconstrução que precisamos viver como pesquisadoras/es e cientistas. Assim, entendo que para fazer uma nova Educação, uma nova Ciência e uma nova maneira de pesquisar - principalmente após termos vivido uma realidade pandêmica de isolamentos, mortes, adoecimentos e intensas incertezas - faz-se fundamental pensarmos sobre as amarras científicas e os vieses fragmentários - educacionais, sociais, culturais, afinal tudo está conectado e é preciso pensar as incompletudes, as múltiplas realidades, macro a micro, e as perspectivas em totalidade e inteireza.

Inspirada no pensamento paulofreireano vivi, nesta Tese de Doutorado, **uma metodologia de pesquisa que exalta: as perguntas, as problematizações, as curiosidades, as interconexões investigativas embasadas pelo compromisso científico e os diálogos com cúmplices em perspectiva transdisciplinar.**

Assim, encontro no ciclo gnosiológico de Paulo Freire uma metodologia para a pesquisa na pós-graduação, entendendo que:

Ensinar, aprender e pesquisar lidam com dois momentos do ciclo gnosiológico: o **em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente** (...) Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me edoco. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. **Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à**

curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando “curiosidade epistemológica”. A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrígido, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito (FREIRE, 2013, p.23 - grifos meus).

Compreendendo este ciclo gnosiológico que me coloquei/coloço como sujeito/objeto da/de pesquisa, me entendendo como cientista de mim mesma, do/com/para o(s) Outro (s) e do/com/para o Mundo, compreendendo que esta é a maneira de investigar para Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES) que traz/trará transformações individuais e coletivas, de conscientização para o pertencimento e interconexões por meio da sensibilização, sobretudo do Cuidado.

Compreendo que o ciclo gnosiológico também possibilita o fortalecimento da ética de refletir acerca de uma “pesquisa tão fora da caixa” e auxilia na fuga das amarras científicas que fragmentam e enquadram.

Neste sentido que trago na Tese paralelos com minhas pesquisas anteriores - principalmente na Dissertação de Mestrado onde a EASES foi cunhada e conceituada - aprendendo também por meio de mim mesma, dos meus estudos e dos meus movimentos paradigmáticos, analisando a todo momento ‘minhas’ relações dialéticas Eu, Outro(s), Mundo.

Assim indico que foi se conduzindo o delineamento das categorias da Tese pautando-me também na figura das categorias e indicadores da EASES expressadas na Dissertação de Mestrado.

Figura 1 - Categorias e Indicadores da EASES



Fonte: WARKEN (2018, p.143).

A figura tem no centro a base fundante da EASES, inspirada no pensamento paulofreireano, que são as relações dialéticas *Eu, Outro(s), Mundo* (em azul). Este fundamento permite realizar as interfaces de macro a micro e enxergar a diversidade das inter-relações entre Meio Ambiente e Sexualidade. As categorias (em laranja)⁴⁷ *sociedade, ser humano, educação e direitos humanos* são os pilares teóricos da filosofia de Paulo Freire que me fortaleceram/fortalecem a pensar a Inteireza e Totalidade da consciência individual e coletiva para um Mundo mais justo e fraterno. Já os indicadores (em verde) *respeito, cuidado, democracia, equidade, sustentabilidade e educação para vida* são resultado das convergências das obras paulofreireanas com direitos ambientais e sexuais e formam a fundamentação de Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento de Paulo Freire sob uma perspectiva de transversalidade/transdisciplinaridade aos conhecimentos e à Vida (WARKEN, 2018). Estes indicadores se tornaram pilares da EASES fortalecendo as análises de conteúdo – a partir de Bardin (1988) - e as criações objetivando os pressupostos e as propostas da EASES.

Diante as diversas testagens e movimentações em buscas, integrando experiências e vivências como pesquisadora, pensando em agregar às bases conceituais por meio dos pressupostos e propostas e entendendo que a figura 1 é uma das expressões iniciais da EASES, defini – sob as bases da busca narrativa e nas experiências das fases das buscas sistemáticas descritas anteriormente - as seguintes categorias para a criação da EASES em seus pressupostos e suas propostas: *Meio Ambiente e Sexualidade, Educação, Educação Ambiental e Educação Sexual, Emancipação, Redes Sociais Online e Materiais Pedagógicos*.

Compreendo os ritos acadêmicos e em um sentimento de gratidão e orgulho dos encontros pelas trilhas metodológicas - sempre aberta às novas expansões -, trago no quadro a seguir algumas/alguns cúmplices teóricas/os - além de Paulo Freire – que foram delineadas/os como ponto de partida na fase de projeto de qualificação da tese, em agosto de 2022, e as contribuições visualizadas com cada categoria deste estudo expressadas nos excertos.

⁴⁷ Parto do entendimento:

- Ser humano: sempre incompleto e em constante produção da história e busca por conhecimento e trocas com outro (s) e mundo;
- Sociedade: coletivo de seres humanos, produtora de cultura, estabelecimento das relações dialéticas eu, outro (s), mundo;
- Educação: processo permanente, todos os seres se educam a todo momento, se faz necessário um processo dialógico crítico e conscientizador, “espaço” para/ de problematização;
- Direitos humanos: base da luta pela cidadania, movimento da *práxis* (WARKEN, 2018).

Quadro 1 - Cúmplices teóricas/os, a priori, das categorias da Tese

CATEGORIA	REFERÊNCIA	EXCERTO
Meio Ambiente e Sexualidade	BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 20a edição, 2014.	(...) o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente e irredutível à outra realidade anterior. É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada (BOFF, 2014, p.38). Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência (BOFF, 2014, p.227).
	BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução temas transversais: ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.	A vida cresceu e se desenvolveu na Terra como uma trama, uma grande rede de seres interligados, interdependentes. Essa rede entrelaça de modo intenso e envolve conjuntos de seres vivos e elementos físicos. Para cada ser vivo que habita o planeta existe um espaço ao seu redor com todos os outros elementos e seres vivos que com ele interagem, por meio de relações de troca de energia: esse conjunto de elementos, seres e relações constitui o seu meio ambiente. Explicado dessa forma, pode parecer que, ao se tratar de meio ambiente, se está falando somente de aspectos físicos e biológicos. Ao contrário, o ser humano faz parte do meio ambiente e as relações que são estabelecidas — relações sociais, econômicas e culturais — também fazem parte desse meio e, portanto, são objetos da área ambiental. Ao longo da história, o homem transformou-se pela modificação do meio ambiente, criou cultura, estabeleceu relações econômicas, modos de comunicação com a natureza e com os outros. Mas é preciso refletir sobre como devem ser essas relações socioeconômicas e ambientais, para se tomar decisões adequadas a cada passo, na direção das metas desejadas por todos: o crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental (BRASIL, 1997, p. 27).
	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.	A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim

		como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais. Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo (BRASIL, 1998, p.81).
	GADOTTI, M. Ecopedagogia, pedagogia da terra, pedagogia da sustentabilidade, educação ambiental e educação para a cidadania planetária : conceitos e expressões diferentes e interconectadas por um projeto comum. 2009. Versão digital disponível em: < http://www.paulofreire.org/Crfp/CrfpAcervo000137 >	A sobrevivência do planeta Terra, nossa morada, depende da consciência socioambiental e a formação da consciência depende da educação. A noção de cidadania planetária sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela se manifesta em diferentes expressões: "nossa comunidade comum", "nossa futuro comum", "nossa pátria comum". Cidadania planetária é uma expressão adotada para expressar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstra uma nova percepção da Terra. Trata-se de um ponto de referência ético indissociável da civilização planetária. (...) Assim como nós, este planeta, como organismo vivo, tem uma história. Nossa história faz parte dele. Nós não estamos no mundo; nós somos parte dele. Não viemos ao mundo; viemos do mundo. Terra somos nós e tudo o que nela vive em harmonia dinâmica, compartilhando o mesmo espaço. Temos um destino comum (GADOTTI, 2009, p.02).
	KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo . Companhia das Letras, 2019.	Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (KRENAK, 2019, p.9).
	KRENAK, A. O amanhã não está à venda . Companhia das Letras, 2020.	Com o avanço do capitalismo, foram criados os instrumentos de deixar viver e de fazer morrer (KRENAK, 2020, p.11). Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro (KRENAK, 2020, p.14).
	KRENAK, A. A vida não é inútil . Companhia das Letras, 2020b.	O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira

		<p>tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total. As informações que ela recebe de como se constituir como pessoa e atuar na sociedade já seguem um roteiro predefinido: vai ser engenheira, arquiteta, médica, um sujeito habilitado para operar no mundo, para fazer guerra; tudo já está configurado. Nesse mundo pronto e triste eu não tenho nenhum interesse, por mim ele já podia ter acabado há muito tempo, não faço questão de adiar seu fim. Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que as pessoas insistem em manter (KRENAK, 2020b, p.54-55).</p>
	<p>MELO, S. M. M. Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.</p>	<p>O avanço científico e tecnológico, de um lado, e, do outro, a “mercadorização” dos corpos e de sua sexualidade, também influíram poderosamente como determinados/determinantes em todas as dimensões do Ser humano, inclusive na sexualidade. O tema educação sexual já era até fartamente discutido e anunciado. Mas, na maioria das vezes, sem desvelar o fundamental: praticava-se uma educação, ou melhor, uma deseducação sexual dos Seres humanos. Era imperioso pensar profundamente sobre essa questão. (...) Educadores sexuais somos todos nós, Seres humanos! Então, a quem interessa cada tipo de educação sexual? A quem interessa negar os corpos dos educadores, reprimirlos e torná-los dóceis? Ou então expô-los como mercadorias? (MELO, 2004, p.16).</p> <p>Na materialidade do século XIX, com o surgimento do paradigma do materialismo histórico-dialético, o homem também começa a ser visto como consciência histórica inserida no corpo, constituído e constituinte na teia das relações sociais estabelecidas em seu modo de produzir vida (MELO, 2004, p.45).</p>
	<p>MELO, S. M. M.; et al. Educação e Sexualidade. (Caderno pedagógico 2.ed. rev.), Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.</p>	<p>(...) somos todos seres sexuados no mundo, em permanente processo de Educação, inclusive de educação sexual (MELO; et al, 2011, p.20).</p> <p>(...) todas as pessoas inserem-se no mundo mediante seus corpos sempre sexuados, mundo que é uma construção sociopolítica, histórica e cultural de seres humanos, dialeticamente vistos como seres únicos e parte da sociedade ao mesmo tempo, produtores e produzidos nas e pelas relações sociais, mesmo que a maioria aparentemente assim não se perceba (MELO; et al, 2011, p.46).</p> <p>Os seres humanos se educam na relação, mediatisados pelo mundo, como disse Paulo Freire. Portanto, toda relação humana, sempre</p>

		social, é sempre educativa. E sempre sexuada, já que a dimensão sexualidade é inseparável do existir humano, sempre sexual, portanto é também educação sexual: processo constante existente entre os seres humanos. Todos educam todos queiram ou não, saibam ou não (MELO; et al, 2011, p.62).
	NEVES, E.; TOSTES, A. Meio ambiente: a lei em suas mãos. Petrópolis, Vozes, 1992.	(...) tudo o que tem a ver com a vida de um ser ou de um grupo de seres vivos. Tudo o que tem a ver com a vida, sua manutenção e reprodução. Nesta definição estão: os elementos físicos (a terra, o ar, a água), o clima, os elementos vivos (as plantas, os animais, os homens), elementos culturais (os hábitos, os costumes, o saber, a história de cada grupo, de cada comunidade) e a maneira como estes elementos são tratados pela sociedade. Ou seja, como as atividades humanas interferem com estes elementos. Compõem também o meio ambiente as interações destes elementos entre si, e entre eles e as atividades humanas. Assim entendido, o meio ambiente não diz respeito apenas ao meio natural, mas também às vilas, cidades, todo o ambiente construído pelo homem (NEVES; TOSTES, 1992, p. 17).
	POZATTI, M. L. Educação para a Inteireza do Ser- Uma caminhada. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 143-159, jan./abr. 2012.	(...) desenvolvi na tese uma proposta de busca da inteireza do Ser através de ações de educação e saúde para o ser humano. Para isso foi necessário significar o ser humano como um ser integral, constituído de aspectos físicos, psíquicos, sociais, culturais, ambientais e espirituais, que se desenvolve de uma forma espiralática, tanto individual quanto coletivamente, passando por diferentes fases conscientiais. Em cada uma destas fases ele é inteiro e conectado com todas as dimensões da Totalidade, mesmo que não as perceba usualmente (POZATTI, 2012, p. 150).
Educação	BRANDÃO, C. R. O que é Educação. 1a edição de 1981. Versão online disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6875818/mod_resource/content/1/TEXTO%20O%20que%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20C%20arlos%20Rodrigues%20Brand%C3%A3o.pdf >.	A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (BRANDÃO, 1981, p.4).
	BROTTO, F. O. Pedagogia da Cooperação: Cultivando um mundo onde todos podem VenSer juntos. Projeto Cooperação, 2016. Disponível em: < https://www.corais.org/sites/default/files/4.4_pedagogia_da_cooperacao_para_pos_-_fabio_brotto_2016.pdf >.	Quando falamos em Pedagogia da Cooperação, estamos imaginando um caminho de Ensinação Compartilhada, onde cada pessoa é considerada um mestre-aprendiz com-vivendo a descoberta de si mesma e de sua comum-unidade com os outros. A Pedagogia da Cooperação pode ser percebida como um conjunto de sinais, indicadores, pistas e dicas, disponíveis para orientar a caminhada daqueles que se aventuram

		<p>pelas trilhas da Cooperação rumo ao centro de seu Core-Ação. É uma pedagogia viva, acontecendo em diferentes Momentos e em muitos Movimentos, sendo organicamente articulada com os passos e com-passos dados ao longo do caminhar. É uma jornada de realização exterior para promover a transformação interior da pessoa e do grupo (BROTTO, 2016, p.02).</p>
	<p>HOOKS, b. Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática. Elefante Editora, 2017.</p>	<p>A pedagogia engajada enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula. Esse processo ajuda a estabelecer a integridade do professor e, simultaneamente, incentiva os estudantes a trabalharem com integridade. O sentido na raiz da palavra “integridade” é inteireza. Assim, a pedagogia engajada cria uma sala de aula onde estar inteiro é bem-vindo, e os estudantes podem ser honestos, até mesmo radicalmente abertos. Podem nomear os medos, expor sua resistência a pensar, expressar-se e honrar os momentos em que tudo se conecta e o aprendizado coletivo acontece (HOOKS, 2017, p.47 – grifos meus).</p>
	<p>KENSKI, V. M. Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.</p>	<p>A escola da aprendizagem é muito diferente da escola do ensino. A escola da aprendizagem precisa de novos espaços, de outros tipos de temporalidades, de outra organização dos grupos de alunos e professores, de outras propostas pedagógicas, essencialmente novas e que se adaptem a diferentes formas e estilos de aprender de todos os participantes: professores e alunos. Estamos falando, portanto, de uma nova cultura educacional, de uma outra realidade, que não se alcança mudando o “nome” do grupo: de turma e classe para “comunidades”. A escola do aprender tem como principal compromisso garantir a aprendizagem dos alunos. E isso vai muito além de conhecer, compreender e analisar criticamente uma determinada informação ou realidade. A escola do aprender precisa estar em consonância com as múltiplas realidades sociais nas quais seus participantes se inserem e refletir sobre suas práticas formas de interagir com essas realidades e ir além (KENSKI, 2007, p.109).</p> <p>Para que as novas tecnologias não sejam vistas como apenas mais um modismo, mas com a relevância e o poder educacional transformador que possuem, é preciso que se reflita sobre o processo de ensino de maneira global. Para isso, é preciso, antes de tudo, que todos estejam conscientes e preparados para a definição de uma nova perspectiva filosófica, que conte com uma visão inovadora de escola, aproveitando-se das amplas possibilidades comunicativas e informativas das novas tecnologias para a concretização de um ensino crítico e</p>

		transformador de qualidade. (...) Grande reformulação curricular deve ser implementada. Criam-se novas disciplinas e atividades. Viabilizam-se projetos interdisciplinares e interinstitucionais. Formam-se equipes mistas: professores, técnicos e alunos integrados em projetos e atividades (KENSKI, 2007, p. 125 e 126).
Educação Ambiental e Educação Sexual	BATISTA, R. S.; RÔÇAS, G. Resenha da obra de: Capra F et al. Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA, nº 33 (1 Supl. 1): 123-125; 2009.	Toda educação é educação ambiental [...] com a qual por inclusão ou exclusão ensinamos aos jovens que somos parte integral ou separada do mundo natural (BATISTA; RÔÇAS, 2009, p. 124).
	CARVALHO, G. M. D.; et al. Educação sexual: interfaces curriculares. (Caderno pedagógico). Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2012.	(...) Educação Sexual é entendida como tema transversal sempre presente nos currículos de espaços educativos formais e não formais. Muitas vezes, não é possível perceber esse fato por ele estar velado no currículo oculto (CARVALHO; et al, 2012, p.18).
	GADOTTI, M. (org). 40 olhares sobre os 40 anos da pedagogia do oprimido — São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008 — (Instituto Paulo Freire. Série Cadernos de Formação; 1).	A Terra é nossa primeira grande educadora. Educar para um outro mundo possível é também educar para encontrar nosso lugar na história, no universo. É educar para a paz, para os direitos humanos, para a justiça social e para a diversidade cultural, contra o sexismo e o racismo. É educar para a consciência planetária. É educar para que cada um de nós encontre o seu lugar no mundo, educar para pertencer a uma comunidade humana planetária, para sentir profundamente o universo (GADOTTI, 2008, p.107-108).
	GOMES, A. R. C. A dialética da sexualidade e da educação sexual na formação de docentes. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2016.	Vislumbramos a transformação social por meio da educação sexual emancipatória das/dos educadoras/es, respaldadas pela ciência histórica. A efetivação de tal educação emancipatória é possível por meio de uma luta política e consciente, que supere os valores hegemônicos vigentes da sexualidade na sociedade brasileira e construa um currículo que conte de fato tal categoria de análise. Esta pesquisa no campo da sexualidade na formação das/dos professoras/es mostrou a urgência de um trabalho de formação inicial e continuada, numa perspectiva dialética, para professoras/es que formam professoras/es, visando fundamentar teórico-metodologicamente tais educadoras/es, no sentido de minimizar os preconceitos e as discriminações por gênero e orientação sexual e também desnaturalizar a heteronormatividade, o sexismo e o machismo instituídos (GOMES, 2016, p.176).
	LOUREIRO, C.F. B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e	A educação ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que

	<p>planetária. In: Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.</p>	<p>possibilitem o entendimento da realidade da vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais, individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, contribui para a implantação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautando uma nova ética da relação sociedade-natureza (LOUREIRO, 2005, p. 69).</p>
	<p>LOVATTO, P.B.; et al. ECOLOGIA PROFUNDA: O DESPERTAR PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMPLEXA. REDES, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 3, p. 122 – 137, set/dez 2011.</p>	<p>A educação ambiental consiste, portanto, em uma modalidade de ensino que necessariamente se vincula à dupla função da educação, qual seja a função moral de socialização humana e a função ideológica de reprodução das condições sociais. Assim, numa análise atenta aos problemas ambientais atuais, percebe-se, do ponto de vista da Ecologia Profunda, que sua ocorrência não se dá de forma isolada: possui um caráter sistêmico, estando a relação causa e efeito interligada e interdependente entre si e por outros fatores. A dimensão ambiental está atualmente condicionada às dimensões culturais, sociais, econômicas e políticas. A crise ambiental é, portanto, a consequência de um conjunto de ações danosas que o homem vem causando ao longo de sua existência em nome do progresso, compreendido sob um arsenal de valores que abrangem as estruturas ideológicas (LOVATTO; et al, 2011, p.125).</p>
	<p>MELO, S.M. M.; et al. Educação e Sexualidade. (Caderno pedagógico 2.ed. rev.), Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.</p>	<p>(...) é evidente que a educação sexual também sempre acontece plenamente em todos os grupos sociais, em todas as épocas, em todas as culturas, e se expressa em diferentes paradigmas que se refletem em todos os segmentos e organizações sociais, dentre elas, a escola. E, como sabemos, continua a ser tema controverso na maioria das sociedades contemporâneas (MELO; et al. 2011, p.39).</p>
	<p>NUNES, C.A. Desvendando a Sexualidade. 5.ed. Campinas: Papirus, 2003.</p>	<p>(...) educação sexual, no seu sentido mais profundo, não é uma mera questão técnica, mas sim uma questão social, estrutural, histórica. Todos nós enquanto sujeitos constituídos socialmente estamos submetidos a um processo de enquadramento sexual que é determinado, em última instância, com as estruturas sociais (NUNES, 2003, p.04).</p>
	<p>ORR, David W. Prólogo. In: CAPRA, Frijot; et al. Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix; 2006.</p>	<p>A Internet está abrindo novas possibilidades para que cidadãos do mundo possam cooperar, difundir ideias e cobrar a responsabilidade dos governantes. Eu continuo achando que H. G. Wells estava certo quando disse que estamos numa corrida entre a educação e a catástrofe. Essa disputa será decidida em todos os lugares, incluindo as salas de aula, que estimulam a imaginação ecológica, o pensamento crítico, a consciência das interligações, o pensamento independente e os bons sentimentos (ORR in CAPRA; et al, 2006, p.10).</p>

Emancipação	<p>DECKER, I.C.U. A categoria emancipação em Paulo Freire e suas contribuições para um processo de educação sexual emancipatória. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2010.</p>	<p>A busca para um ser emancipado é a busca do ser mais, é a busca para vivenciar a existência humana, é a busca para liberdade da sua condição de ser sexuado, por meio de uma prática educativa radical que é vivenciada por um diálogo radical através de uma palavra verdadeira. É essa educação dialógica que no processo de conscientização prepara o homem e a mulher como sujeitos para agir, comprometendo-se na luta pela transformação da realidade social, ou seja, ao fazerem-se e refazendo-se transformam o mundo e ao mesmo tempo são transformados pelo mundo. Respondendo minha própria pergunta inicial se todos falamos sobre a mesma emancipação, sobre uma práxis de educação sexual, um caminho pelo qual optei percorrer, bem como outros autores e autoras da área referenciadas, durante o trabalho, parece que falamos sim, de uma maneira abrangente, da mesma emancipação (DECKER, 2010, p.114).</p>
	<p>MOREIRA, C. E. Emancipação. In: STRECK D. R.; REDIN E.; ZITKOSKI, J.J. (Orgs.) Dicionário Paulo Freire. Autêntica, 2009.</p>	<p>A emancipação humana aparece, na obra de Paulo Freire, como uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta ininterrupta a favor da libertação das pessoas de suas vidas desumanizadas pela opressão e dominação social. As diferentes formas de opressão e de dominação existentes em um mundo apartado por políticas neoliberais e excludentes não retiram o direito e o dever de homens e mulheres mudarem o mundo, através da rigorosidade da análise da sociedade, com vivências de necessidades materiais e subjetivas que contemplem a festa, a celebração e a alegria de viver. O processo emancipatório freiriano decorre de uma intencionalidade política declarada e assumida por todos aqueles que são comprometidos com a transformação das condições e de situações de vida e existência dos oprimidos (...) o trabalho de formação da educação popular também deve exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo, a partir de um sonho ético-político da superação da realidade injusta. Tal intervenção se dá num fazer cotidiano e também histórico, atravessado de desafios, utopias, sonhos, resistências e possibilidades. O projeto de emancipação defendido por Paulo Freire também contempla o chamado multiculturalismo, no qual o direito de ser diferente numa sociedade dita democrática, enquanto uma liberdade conquistada de cada cultura, também deve proporcionar um diálogo crítico entre as diversas culturas, com o objetivo de ampliar e consolidar os processos de emancipação (MOREIRA In STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2009, p.293-294 - grifos meus).</p>

	HOOKS, b. TEORIA FEMINISTA: Da Margem ao Centro. Perspectiva, 2019.	E por viver como vivíamos – nas extremidades – desenvolvemos um modo particular de enxergar as coisas. Olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora. Focávamos nossa atenção no centro assim como na margem. Compreendímos ambos. Essa forma de ver nos lembra da existência de todo um universo, um corpo principal com sua margem e seu centro. Nossa sobrevivência depende de uma conscientização pública contínua da separação entre margem e centro e desse senso de inteireza , gravado em nossas consciências pela estrutura de nossas vidas cotidianas, haveria de nos prover de uma visão de mundo contestadora – um modo de ver desconhecido de nossos opressores – que nos sustentava, ajudando-nos em nossa luta para superar a pobreza e o desespero, fortalecendo nossa percepção de nós mesmas e nossa solidariedade (HOOKS, 2019, p.26-27 - grifos meus).
Redes Online	SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Sociedade e Estado. Vol.21. Nº1. Jan-Abr/2006. Brasília. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf >.	Nas sociedades globalizadas, multiculturais e complexas, as identidades tendem a ser cada vez mais plurais e as lutas pela cidadania incluem, frequentemente, múltiplas dimensões do self: de gênero, étnica, de classe, regional, mas também dimensões de afinidades ou de opções políticas e de valores: pela igualdade, pela liberdade, pela paz, pelo ecologicamente correto, pela sustentabilidade social e ambiental, pelo respeito à diversidade e às diferenças culturais, etc. As redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações –, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural (SCHERER-WARREN, 2006, p.115-116).
	SEIXAS, F. CIBERATIVISMO: UMA FORMA DE ATIVISMO NA WEB. Observatório de Redes sociais (blog). Disponível em: < http://observatorioderedesocialis.blogspot.com.br/2015/12/ciberativismo-uma-forma-de-ativismo-na.html >. Publicado em dez 15.	(...) pode-se dizer que a internet e redes sociais passaram a ter uma relação estreita com as pessoas conectadas do século XXI. Este é um meio livre e democrático, onde todos podem expressar sua opinião ou relacionar com grupos diferentes sem o julgamento ou preconceito de pessoas externas. Estas possibilidades de comunicação e sua importância fizeram com que surgissem, também, novas abordagens, disseminação de ideias, exposição de críticas e o compartilhamento da insatisfação pela sociedade em diferentes assuntos. O crescimento dos Movimentos Sociais, paralelo à evolução da internet e surgimento de novos meios de contato e redes sociais, fez com que o ativismo se unisse

		com a web para formar o que chamamos de "ciberativismo" (SEIXAS, 2015, p. online).
	SILVA, O. M. Os movimentos sociais nas tramas das redes sociais. Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio sociopolítico. Brasília, v.17, n.1, Jun, 2012. Disponível em: < http://docplayer.com.br/17217931-Os-movimentos-sociais-nas-tramas-das-redes-sociais.html >.	O computador e os processos tecnológicos, nas redes sociais, de certa forma proporcionam liberdade de comunicação e pode influenciar a luta de uma sociedade organizada, sobretudo, na organização de saberes e no planejamento de ação e de liderança. Atualmente identificam-se nos eventos, congressos e movimentos sociais, debates em torno das denominadas redes sociais especialmente relacionados ao campo da pedagogia do oprimido, educação popular e pedagogia social. As redes sociais na academia identificam como funcionalidade, variantes para a pesquisa de definições teóricas e na construção de conceitos proporcionando produções de diversidades culturais e históricas. (...) enfatizamos a atuação do educador social diante da luta de classes apropriando de uma nova ferramenta no enfrentamento dos desafios para construção de cidadania interconectada pela tecnologia informacional e comunicacional (SILVA, 2012, p. 99).
Materiais Pedagógicos	TESORI, S. P. Produção de Materiais Pedagógicos como estratégia de ensino de Biologia. Artigo (artigo) - Instituto Federal Catarinense, campus Abelardo Luz, Especialização em Educação: Educação e Prática de Ensino, Abelardo Luz, 2018.	Muitos estudos vêm destacando o uso de materiais pedagógicos como forma de facilitar e fortalecer o ensino de biologia. Nesse estudo ficou evidente que o uso e produção de materiais didáticos são bastante eficazes no que se refere ao ensino de biologia, proporcionam ao educando produzir conhecimento sobre o material de estudo e não somente receber do professor o saber pronto, impulsionando a apropriação de conhecimentos e facilitando a assimilação do conteúdo (TESORI, 2018, p.1).
	SILVA, A. S. O uso dos Materiais Pedagógicos nas Instituições de Educação Infantil. Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Curso de Pedagogia. Criciúma, 2010.	(...) verificar o uso dos materiais pedagógicos nas instituições infantis públicas da rede municipal de Criciúma, analisando de que maneira essa prática ocorre. Além deste objetivo, foi questionado se há um planejamento, se existe a mediação durante a prática pedagógica e no uso dos materiais pedagógicos, e se as professoras sentem falta de algum material em sua sala de aula, além de verificar se os materiais estão em bom estado, se ficam disponíveis para as crianças e quais estão presentes dentro da instituição (SILVA, 2010, p.7).

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2022).

No capítulo a seguir o diálogo entre referenciais, documentos, cúmplices, categorias e reflexões da Pesquisadora seguem em convergências traçando diálogos apontando, sobretudo, os aportes teóricos acerca da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser – EASES e contemplando, sobretudo, o objetivo geral desta Tese.



Frida Kahlo, **Raízes**, 1943.

2. NA ESCUTA DAS RAÍZES: REFERENCIAIS & CÚMPLICES TEÓRICAS/OS

A escuta das raízes tem a intenção de remeter ao sentido da audição, pois parto da compreensão de que quando lemos uma obra ou um artigo, até mesmo quando assistimos um vídeo com entrevista, por exemplo, estamos em uma espécie de diálogo único com aquela/e teórica/o/pensadora/or.

A obra “Raízes” (1943) de Frida Kahlo que abre este segundo capítulo expressa a base teórica que solidifica a criação da EASES, pois aqui as escritas versam sobre as teorias e as possíveis interconexões de ideias com documentos referenciais e as/os cúmplices teóricas/os expressando os aportes teóricos.

O processo de escrita aconteceu de maneira orgânica sistematizada por meio de pontuações em bloco de notas do celular, gravações de áudios, versos reflexivos em papel, por estar muito mobilizada e sensibilizada pelo momento pandêmico e de meus tratamentos do câncer de mama.

Assim os subcapítulos abarcam as categorias desta Tese - *Meio Ambiente e Sexualidade, Educação, Educação Ambiental, Educação Sexual, Emancipação, Redes Sociais Online e Materiais Pedagógicos* - sob o desenvolvimento dos diálogos propostos e pontuados no capítulo anterior refletindo nos pressupostos teóricos e nas propostas metodológicas da EASES.

2.1. CASA-PLANETA E CASA-CORPO: MEIO AMBIENTE E SEXUALIDADE COMO DIMENSÕES, DIREITOS, INTEIREZAS DE SER DIVERSIDADES E VIDA EM TOTALIDADES

Pelas minhas experiências indicadas e processos de buscas para reconhecer o universo da temática de pesquisa, comprehendi que para continuar a realizar os exercícios e movimentações próprios da Tese para criação dos aportes e pressupostos teóricos e das propostas metodológicas-pedagógicas da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser - EASES, eu deveria iniciar este primeiro subcapítulo registrando os conceitos que me fortaleço sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

Parto, então, do entendimento de Meio Ambiente como:

(...) tudo o que tem a ver com a vida de um ser ou de um grupo de seres vivos. Tudo o que tem a ver com a vida, sua manutenção e reprodução. Nesta definição estão: os elementos físicos (a terra, o ar, a água), o clima, os elementos vivos (as plantas, os animais, os homens), elementos culturais (os hábitos, os costumes, o saber, a história de cada grupo, de cada comunidade)

e a maneira como estes elementos são tratados pela sociedade. Ou seja, como as atividades humanas interferem com estes elementos. Compõem também o meio ambiente as interações destes elementos entre si, e entre eles e as atividades humanas. Assim entendido, o meio ambiente não diz respeito apenas ao meio natural, mas também às vilas, cidades, todo o ambiente construído pelo homem (NEVES; TOSTES, 1992, p. 17).

Estela Neves e André Tostes (1992) pontuaram este conceito há mais de 30 anos e em todo o meu percurso como Pesquisadora percebo-o como um dos mais completos, pois expressa Meio Ambiente como dimensão ambiental, espaço de reprodução e manutenção da Vida, onde as relações, ciclos, interações e intervenções se estabelecem. Complementando a conceituação, abordando a gama diversa de inter-relações, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) anunciam:

A vida cresceu e se desenvolveu na Terra como uma trama, uma grande rede de seres interligados, interdependentes. Essa rede entrelaça de modo intenso e envolve conjuntos de seres vivos e elementos físicos. Para cada ser vivo que habita o planeta existe um espaço ao seu redor com todos os outros elementos e seres vivos que com ele interagem, por meio de relações de troca de energia: esse conjunto de elementos, seres e relações constitui o seu meio ambiente. Explicado dessa forma, pode parecer que, ao se tratar de meio ambiente, se está falando somente de aspectos físicos e biológicos. Ao contrário, o ser humano faz parte do meio ambiente e as relações que são estabelecidas — relações sociais, econômicas e culturais — também fazem parte desse meio e, portanto, são objetos da área ambiental. Ao longo da história, o homem transformou-se pela modificação do meio ambiente, criou cultura, estabeleceu relações econômicas, modos de comunicação com a natureza e com os outros. Mas é preciso refletir sobre como devem ser essas relações socioeconômicas e ambientais, para se tomar decisões adequadas a cada passo, na direção das metas desejadas por todos: o crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental (BRASIL, 1997, p. 27).

Estas interconexões com a vida humana em âmbito social, econômico e cultural nos indicam como a temática Meio Ambiente tem múltiplas pautas extremamente relacionadas ao modo de produção capitalista – como modo predominante no Planeta Terra e com impactos ambientais à toda comunidade global e à todas as formas de Vida – mas que somos ensinadas/os e instruídas/os pela sobrevivência alienante e fragmentadora em uma imposição de “colocar em caixas” os saberes, os sentimentos, os pensamentos, as formas de expressar e de viver “extirpando” o Ser de sua Humanidade.

Um exemplo didático - que trago em minhas aulas e palestras - sobre a total interligação de Meio Ambiente e Sexualidade – para gerar conscientização e sensibilização sobre o pertencimento - é a perspectiva de que: **o Meio Ambiente, em viés de totalidade, é a nossa casa comum, o Planeta Terra, e Sexualidade, em perspectiva de inteireza, é a casa individual de cada ser humano sexuado.**

Então sob esta lógica, parto da compreensão da Sexualidade em Inteireza de Ser me pautando na perspectiva totalitária sobre Sexualidade e sua transversalidade

expressas no documento dos PCNs, principalmente, quando diz:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais. Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo (BRASIL, 1998, p.81).

Complementando este conceito **vejo a Sexualidade como dimensão do(s) ser(es) humano(s), indissociável da existência humana** - como explica Sonia Melo e outras autoras (2011) - **e comprehendo-a em Inteireza do Ser - individualmente e integralmente** - somando assim a dimensão ambiental do Ser coletivo/Planetário.

Ressalto então que inspirada pela transversalidade dos temas Meio Ambiente e Sexualidade, propostos pelos PCNs, e pelos meus estudos e minhas pesquisas sob viés da transdisciplinaridade - desde 2012 com meu trabalho de conclusão do curso de graduação em Pedagogia – e as/os cúmplices apontadas/os até aqui que **interligo as dimensões humanas: ambiental e sexual**.

Sob a categoria Inteireza me fortaleço nos estudos de Mauro Pozatti (2012) quando explica que

(...) desenvolvi na tese uma proposta de busca da inteireza do Ser através de ações de educação e saúde para o ser humano. Para isso foi necessário **significar o ser humano como um ser integral, constituído de aspectos físicos, psíquicos, sociais, culturais, ambientais e espirituais, que se desenvolve de uma forma espiralática, tanto individual quanto coletivamente**, passando por diferentes fases conscientiais. Em cada uma destas fases ele é **inteiro e conectado com todas as dimensões da Totalidade, mesmo que não as perceba usualmente** (POZATTI, 2012, p. 150 – grifos meus).

Muitas/os pesquisadoras/es conceituam o **ser integral** sob a compreensão do ser humano em toda sua **integralidade e em todos os aspectos** que se constituem a sua vida, definindo até como a integração da tríplice corpo, mente e alma.

Mas com o meu câncer de mama e com a minha mastectomia passei a viver uma realidade em que pelo senso comum - de uma sociedade capitalista e patriarcal - ouço que não sou mais uma “mulher inteira”. E muitas vezes não me senti mais inteira mesmo. Grifo uma reflexão: então **o que é um “ser inteiro”, uma “mulher**

inteira”, uma “criança inteira”, um “homem inteiro” ou uma “pessoa com deficiência inteira”?

Nestes anos como Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade percebi que a “Inteireza de Ser” transcende porque vê além do “ser inteiro” ou “ser integral” e considera todas as nossas dimensões e interconexões, nossas unicidades, inclusive nossa realidade material.

Agregando ao exposto Izabel Andrade (2011) indica que temos que pensar na nossa **humanização**, logo, nos aspectos humanos que compõem a inteireza: “interioridade, subjetividade, consciência corporal e espiritual, autoconceito, sensibilidade, amorosidade, articulados num todo *complexus* de vivências e de experiências” (ANDRADE, 2011, p.28).

Ser um “ser complexo” é expressado por Paulo Freire (1995) quando contribui sobre a categoria inteireza ao dizer:

Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também (FREIRE, 1995, p.18).

Essa máxima paulofreireana me fortalece a grifar que a Inteireza do Ser implica autoconhecimento, um processo que nos foi fragmentado pelas lógicas do capitalismo e do patriarcado⁴⁸. E só é incentivado quando buscamos por perspectivas literalmente mais humanas – que não nos enxergam como objetos ou máquinas de produção – em um viés crítico-amoroso que reflita em consciência sobre a própria existência e pertencimento.

Desta forma, precisamos pensar que o Eu e o(s) Outro(s) somos sujeitos de experiências, de vivências e de percepções em interligações com o Mundo. Por isso, **uma das propostas da EASES é a fuga das barreiras epistemológicas conteudistas e fragmentadoras e de paradigmas limitadores de Ser, da Humanidade, da(s) Vida(s), da Educação, da Ciência e do Planeta Terra.**

Pensando sobre perspectivas que integram e que expandam, o holismo me fortalece como viés

(...) que pretende transcender a mutilação do conhecimento e de compartmentalização da ação humana pela abordagem da transdisciplinaridade (...) acreditando num retorno evolutivo à visão orgânica da Vida, bem como da renovação dos valores humanos fundamentais (WARKEN, 2018, p.52).

⁴⁸ Sistema social que fortalece os homens - sobretudo brancos - subordinando as mulheres, em relações de poder, autoridades e privilégios nas estruturas culturais, econômicas, educacionais e científicas.

Compreendo, deste modo, que o holismo como paradigma científico, educacional, humano, ambiental e sexual, abarca as categorias inteireza e totalidade que perpassam a EASES. **O holismo em consonância com o materialismo histórico-dialético – que trago em minhas pesquisas e em meus trabalhos – permite construir possibilidades transformadoras calcando-se na realidade material de cada indivíduo e de cada comunidade, pensando de micro (local) a macro (global) para mudanças efetivas que refletam em um mundo realmente mais humano em todas as dimensões e estruturas.**

Ancoro a EASES na perspectiva de Inteireza do Ser e de totalidade do Planeta Terra **compreendendo o ser humano não mais como dominador de um sistema, mas como parte de um ciclo de vida sustentável e holístico, em um viés de sociedade cidadã planetária.**

Emídio de Souza e Moacir Gadotti (2011) explicam que

A noção de cidadania planetária sustenta-se nessa visão unificadora do planeta. Trata-se de um anseio ancestral: a criação de uma comunidade de iguais, pacífica, produtiva, sustentável e socialmente justa. Cidadania planetária é uma expressão adotada para designar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos fundados numa nova percepção da Terra. Ampliamos o nosso ponto de vista: de uma visão antropocêntrica para uma consciência planetária e para uma nova referência ética e social, a civilização planetária (SOUZA; GADOTTI, 2011, p.11).

Entendendo nossa dimensão ambiental e sexual, sob esta base de cidadania planetária, vejo que o cúmplice teórico Paulo Freire (1995) nos inspira a viver um Meio Ambiente em equilíbrio entre a Natureza e os espaços modificados/criados pelos seres humanos quando afirma:

A Terra da gente é sua geografia, sua ecologia, sua topografia e biologia; mas é também o que mulheres e homens fazemos dela. Ela é como organizamos sua produção, fazemos sua História, sua educação, sua cultura, sua comida e ao gosto dela nos fixamos. A Terra da gente envolve luta por sonhos diferentes, às vezes antagônicos, como os de suas classes sociais. Minha Terra não é, afinal uma abstração (FREIRE, 1995, p.28).

Esta reflexão reforça que ambos, Meio Ambiente e Sexualidade, são permeados por questões históricas, sociais, culturais, e também pelas nossas maneiras únicas e pessoais de ler o mundo, sendo assim são temas que abarcam a riqueza da Diversidade de Ser e estar na Vida em movimento permanente de Inteireza e Totalidade.

Conceituo que a Sexualidade é expressa na casa-corpo de cada ser humano sexuado e o Ser em sua Inteireza. Nossa Sexualidade é a nossa dimensão, é o nosso direito. Nossa Sexualidade é a nossa forma de nos expressar, de nos vestir, de falar, de amar. Nossa Sexualidade é corpo, é movimento, é história, é cultura, é

ancestralidade. Nossa Sexualidade é criatividade, é prazer, é realidade material. Sexualidade é Riqueza Humana em Diversidade que nos une como Coletivo justamente pela Unicidade de cada Ser! Somos então “unidade na diversidade” como diz Paulo Freire em grande parte de suas obras.

Defino Meio Ambiente, em viés de totalidade, como nossa casa comum, o Planeta Terra. Compõe o Meio Ambiente não só a Natureza, ou parte dela, mas todos os espaços modificados pelos seres humanos.

Sob esta ótica reforço meu entendimento de que **Meio Ambiente e Sexualidade são dimensões humanas, afinal só existem porque nós seres humanos existimos. O Meio Ambiente sem a intervenção humana é “somente” a Natureza. A Sexualidade sem os seres humanos perpassa outras lógicas do reino Animal em que pertencemos, por exemplo, que elevam instinto, perpetuação da espécie e sobrevivência.** Assim, **as dimensões humanas ambiental e sexual não existem uma sem a outra.**

Compreendo, também, que o local está inserido no global, logo ações locais possuem proporções globais. A sociedade não consegue ver interligações entre a dimensão ambiental (sobrevivência do Planeta – macro sobrevivência) e sexual (sobrevivência da espécie humana – micro sobrevivência), e tal ato reflete no risco à Vida na falta de responsabilidade com a humanidade e com o Planeta (WARKEN, 2013 e 2018). Tal dificuldade de visualizar interligações entre as dimensões e temáticas de um modo geral, se dá pela Educação voltada para conteúdos repletos de tabus, receios, fragmentações, *fake news*⁴⁹, bem como formatações de pensamentos e informações.

Ressalto que entendo a importância das ações individuais e locais em prol da proteção global em proporções positivas – ainda mais quando refletimos sobre a necessária conscientização acerca da Vida, dos processos e dos sistemas. Todavia exalto que ações isoladas pouco revertem ações intensas das indústrias e seus impactos diários. Assim necessitamos pensar juntas/os sobre os modos de produção, as formas de consumos (dos alimentos, das roupas, das tecnologias, como da água e da eletricidade) e os descartes (lixos e contaminações), pois todos nós seres humanos impactamos o Planeta Terra desde o nosso nascimento até depois da nossa morte.

⁴⁹ O termo significa “informação falsa” e foi disseminada principalmente nos debates e vivências políticas mundiais e brasileiras desde 2018.

Nossos impactos ao Meio Ambiente acontecem, principalmente, por meio do nosso modo de viver que se pauta em consumir diversos materiais que poluem o solo, as águas e o ar, dos quais somos totalmente dependentes. A urbanização, sobretudo, é um grande fator que gera, por exemplo, alta produção de lixo, esgoto a céu aberto, construções irregulares e assoreamento de manguezais.

Precisamos ter ciência de mesmo depois de nossas mortes - além dos impactos ao solo em cemitérios com o chorume que polui lençóis de água - o lixo que produzimos em nossas vidas, como fraldas e absorventes descartáveis ou embalagens plásticas de alimentos ficam no Planeta Terra por mais de 350 anos.

Grande parte das/os cientistas - onde me incluo - concordam que **o modo de produção capitalista e suas lógicas de consumo é o grande responsável pela destruição do Planeta Terra e seus recursos naturais.**

Assim, reforço que precisamos problematizar sobre os processos das múltiplas indústrias - que geram diversos resíduos e poluentes no ar, nos solos e nas águas – por meio do nosso consumo. As ações industriais massivas causam diariamente impactos como alteração no clima, desmatamentos, queimadas, extinção de animais e perda da diversidade da flora e da fauna. Então, registro algumas reflexões-“provocações”: o que estamos consumindo? Como estamos consumindo? Qual a “durabilidade das coisas”? Como as descartamos? Será que há um “verdadeiro descarte” sendo que tudo – ou grande parte⁵⁰ - está dentro do nosso Planeta Terra?

Pensando sobre a influência mundial do capitalismo e dos processos de consumo e impacto ambiental, podemos pensar sobre a utilização dos 8R's⁵¹ da Sustentabilidade (Refletir, Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Respeitar, Reparar, Responsabilizar-se e Repassar) em nossas ações individuais e locais diárias visando o cuidado coletivo e a proteção global.

Quando se fala em sustentabilidade concordo com Moacir Gadotti (2008) quando a entende como “sonho de bem viver. Sustentabilidade é equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente, é harmonia entre os diferentes” (GADOTTI, 2008, p.75). Este conceito abraça a relação da Humanidade e Planeta Terra sob os movimentos dialéticos Eu, Outro(s), Mundo proposta e base teórica da EASES.

⁵⁰ Aqui quero considerar que há também o lixo espacial que está “fora” da Terra, mas fomos nós humanos que “descartamos” lá.

⁵¹ Os R's da Sustentabilidade é uma metodologia ambiental e são ampliados a cada expansão das pesquisas científicas e das trocas coletivas em encontros sobre Meio Ambiente. Os primeiros 3R's – Reduzir, Reciclar e Reutilizar - surgiram durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO 92, para promover consciência sobre a preservação ambiental pensando no ciclo do consumo.

Neste sentido, corrobora ainda com o teórico quando diz que

A sustentabilidade é maior do que o desenvolvimento sustentável. Enquanto o modelo de desenvolvimento dominante hoje no planeta aponta para a insustentabilidade planetária, o conceito de desenvolvimento sustentável aponta para a sustentabilidade planetária. Aqui se encontra a força mobilizadora desse conceito. O desafio é mudar de rota e caminhar em direção à sustentabilidade por uma outra globalização, por uma alterglobalização (GADOTTI, 2008, p.76).

A proposta por uma globalização alternativa nos permite avançar sobre a mentalidade de **urgência da criação de novas possibilidades de construções de Mundo e de Ser humano**. Entendo, por isso, que a criação dos pressupostos e propostas da EASES, ancorada, sobretudo, na perspectiva científica de uma **Educação Crítica para Emancipação, contempla as alternativas sustentáveis no sonho de bem viver**.

Vejo paralelos entre Meio Ambiente e Sexualidade quando reflito, ainda mais, acerca dos postulados sobre sustentabilidade indicados por Moacir Gadotti (2008) em que podemos traçar dois eixos - um relativo à Natureza e outro à Sociedade - :

- 1) sustentabilidade ecológica, ambiental e demográfica (recursos naturais e ecossistemas), que se refere à base física do processo de desenvolvimento e com a capacidade da natureza suportar a ação humana, com vistas à sua reprodução e aos limites das taxas de crescimento populacional;
- 2) sustentabilidade cultural, social e política, que se refere à manutenção da diversidade e das identidades, diretamente relacionada com a qualidade de vida das pessoas, da justiça distributiva e ao processo de construção da cidadania e da participação das pessoas no processo de desenvolvimento (GADOTTI, 2008, p.76).

Tendo em mente que a sustentabilidade é equilíbrio dinâmico entre Eu, Outro(s), Mundo, podemos compreender a sustentabilidade em seus movimentos dialéticos, onde se faz necessário pensar criticamente: **quando este equilíbrio foi perdido? Em que momento histórico passamos a nos colocar individualmente, coletivamente e o Planeta Terra em risco frequente - de adoecimentos, de mortes e até de possível extinção? Quando os seres humanos se fragmentaram de si e do sentimento de pertencimento com a Terra e de tudo que é Vida?**

Registro a importância de nos movermos em conscientização sobre o **pertencimento de ser(es) humano(s) ao Planeta Terra**, logo penso

(...) sobre a falta de responsabilidade social da humanidade sobre a qualidade presente e futura do ambiente e da própria vida humana, enfim sobre o futuro do planeta e das gerações. Essa reflexão nos conduz a uma emergente forma de se encontrar uma saída dessa crise, de consolidar outro modelo de desenvolvimento sustentável com valores éticos integrais (...) (WARKEN, 2013, p.10).

Neste sentido que a proposta da EASES versa sobre a consciência sobre o pertencimento e as interconexões dos seres humanos -sempre sexuados - com o Meio Ambiente, pois a sociedade não se sente parte do processo, não se sente responsável e conectada ao Planeta, pois não foi/é educada para este pertencimento – e sim negando esta inter-relação, tanto pelo sistema patriarcal, como pelo sistema capitalista. Tal ação global, nos alerta para os perigos à Vida humana e à Vida do Planeta Terra e todas as formas de Vida, sendo assim apresenta-se a importância da interconexão das dimensões para a sobrevivência da diversidade biológica, cultural e social (WARKEN, 2013 e 2018).

Isso me remete aos paradigmas ao longo da História da Humanidade sobre Meio Ambiente e Sexualidade onde em minha Dissertação de Mestrado apresentei uma linha do tempo pontuando esta interconexão e na sequência trouxe os aportes teóricos. Aqui registro – sem generalizações, mas por marcos históricos que afetaram as lógicas sociais à nível global - estes paradigmas ao longo do tempo e assim traçarmos mais paralelos sobre a(s) relação(ões) de seres humanos, sempre sexuados, e Planeta Terra:

- Na Pré-História (10.000 a.C. – 4.000 a.C.) a Natureza era vista como fonte de alimento e o trabalho se constituía como um controle dos recursos naturais. Já a Sexualidade era centrada na exaltação da fertilidade feminina em um viés matriarcal de sociedade.
- Na Idade Antiga (4.000 a.C.- século 5 d.C.) o corpo da mulher é controlado, visto como propriedade, dando início ao modelo patriarcal de sociedade. O ambiente começa a ser mais analisado/estudado e a Natureza é relacionada ao Universo e ao Cosmos.
- Já na Idade Média (século 5 d.C. – século 15 d.C.) a Natureza passou a ser vista como uma criação de Deus e um olhar sobre Ela como obra divina. Com este paradigma religioso também sobre os corpos a repressão sexual ficou evidenciada nas normas sociais, onde o sexo era voltado para a procriação da espécie humana.
- A Idade Moderna (século 15 d.C. – século 18 d.C.) é marcada pela evidência do antropocentrismo⁵² e a Natureza passa a ser vista como mercadoria. Nessa época a repressão sexual também é imposta pela

⁵² Quando falamos em História do Planeta Terra, o Antropoceno é a época geológica caracterizada pelos impactos das intensas atividades de nós seres humanos que colocamos a nossa própria sobrevivência em risco.

Medicina com indicações de poupar energia sexual para melhores rendimentos no trabalho.

- Na Idade Contemporânea (século 18 d.C. – dias atuais) o ser humano é o dominador da Natureza e interventor em todo o Meio Ambiente. Com isso vieses sobre o cuidado ambiental e menos impacto, em perspectiva de sustentabilidade, ganham evidência frente às pesquisas científicas e aos movimentos sociais. O corpo é marcado por estereótipos e a Sexualidade também entendida como mercadoria em um prazer mecanizado e a hipersexualização são como “vitrines” para as mídias e redes sociais. Diálogos sobre Diversidades de Ser e direitos humanos ganham cenário, principalmente, pelos estudos acadêmicos e movimentos sociais, sobretudo Feminista e LGBT+⁵³ (LIMA; CALILI, 2015; NUNES, 2003; WARKEN, 2018).

A partir destas pontuações exalto que a transição do feudalismo para o capitalismo ficou notável, sobretudo no final da Idade Média, com o renascimento comercial e mercantilismo⁵⁴, as expansões marítimas e as substituições pelas produções industriais no lugar das produções manuais. Os recursos naturais foram/são intensamente explorados e a Natureza é vista como mercadoria, cada vez mais nas “mãos” de poucas pessoas e famílias gerando impactantes desigualdades que reverberam até a atualidade. A época é marcada pela intensa repressão dos corpos, seja pelas igrejas ou seja pelas perspectivas da Medicina.

É preciso grifar também que o período da Idade Média foi de perseguições às Mulheres – que tinham saberes sobre a Natureza, sobre a saúde e o funcionamento do corpo humano, que faziam remédios com plantas, por exemplo - entendido como “caça às bruxas”.

Exalto que já na Idade Antiga quando o homem começou a explorar a terra e vê-la como posse, assim passou a ver também a mulher. Terra e Mulher são propriedades do homem em uma sociedade patriarcal - que vem antes do modo de produção capitalista - e sob esta perspectiva que Terra/terra e Mulher(es) são

⁵³ Sigla relativa à “Comunidade arco-íris” (cores de sua bandeira) que não pertence à lógicas que seguem normas sociais acerca da Sexualidade, como a heteronormatividade (heterossexuais são aquelas pessoas que sentem prazer e afeto por alguém do sexo biológico oposto e a normatividade acerca disso vem das lógicas sociais sobre procriação, sobretudo). A sigla está constantemente se ampliando e cada letra aborda sobretudo a orientação sexual (por quem se sente prazer e/ou afeto), mas também abrange a identificação acerca gênero. Nesta Tese faço a escolha de citar a sigla como LGBT+, onde o sinal de + (mais) abraça às Diversidades da Comunidade.

⁵⁴ Práticas econômicas que visam enriquecimento do Estado por meio do acúmulo de riquezas.

oprimidas e violentadas que se ancora o Ecofeminismo – vertente do Feminismo que aliado ao Feminismo radical, como corrente que reflete acerca da raiz da opressão, eu me identifico.

Então, o movimento Ecofeminista “traz à tona a relação estreita existente entre a exploração e a submissão da natureza, das mulheres e dos povos estrangeiros, pelo poder patriarcal” (MIES; SHIVA, 1993, p. 24 e 25).

Vale ressaltar que como o Feminismo deve ser entendido no plural, pois há várias vertentes e defesas específicas de cada classe, o Ecofeminismo⁵⁵ também tem essa característica plural.

Assim, a luta maior por emancipação das Mulheres por meio/com/para a Terra e todas as formas de Vidas é a base do movimento Ecofeminista, onde posso citar os movimentos de mulheres camponesas que há - em várias realidades – coletivos no Brasil e no mundo, visto a diversidade das culturas e de distintos biomas.

O Ecofeminismo sob o entendimento das inter-relações dos seres humanos com o Planeta Terra muitas vezes considera a espiritualidade e os saberes ancestrais como premissas. Assim vejo como interessante grifar o **paradigma de corpo-território** das mulheres indígenas que têm como entendimento que “**somos terra, raízes, sementes e água, conectadas com nossa ancestralidade e atuando no tempo presente para a garantia da vida, não somente por nós, mas por todas e todos**” (BANIWA; KAIKGANG; MANDULÃO, 2023, p.5 – grifos meus). Nesta perspectiva de coletividade e integração ainda explicam:

Nós, mulheres indígenas, nascemos em um lugar que se constrói a partir de um ambiente, de um bioma. Então, quando falamos de corpo-território, estamos falando que nós carregamos heranças ancestrais, que carregamos heranças espirituais nos nossos corpos e, além das heranças, carregamos a sabedoria coletiva dos nossos povos. Quando falamos de corpo-território, dizemos que, embora possamos estar em um outro lugar que não é mais o nosso território dito tradicional, nosso bioma ou as nossas aldeias, carregamos no nosso corpo a marca da coletividade dos nossos povos, a sabedoria das nossas anciãs, a nossa ancestralidade e espiritualidade. Quando nascemos, já fazemos parte de um coletivo, nascemos numa comunidade e é a partir dali que vamos nos formando. Com a sabedoria e o ensinamento das mais velhas e dos mais velhos e fortalecendo a aprendizagem com as crianças, que também

⁵⁵ A advogada e Mestra em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, autora do livro “Guia ecofeminista: mulheres, direito, ecologia”, Vanessa Lemgruber foi uma das Mulheres que com seu perfil no Instagram® (@vanessa.lemgruber) e partilhas contribuíram com reflexões para esta Tese. Para Lemgruber (2021) o “Ecofeminismo é um modo de ver e se portar no mundo, tanto pessoal quanto coletivamente. (...)O patriarcado universalista masculinizante fez um pacto: dominar a Terra e as mulheres. Nós, com o ecofeminismo, fazemos um combinado: nem a Terra e nem as mulheres serão mais território de conquistas forçadas – e caminharemos lado a lado” (LEMGUBER, 2021, p. online).

LEMGUBER, V. **Meu nome é Vanessa**. Bambual Editora, 2021. Disponível em: <<https://bambualeditora.com.br/meu-nome-e-vanessa>>. Acesso em 08/07/23.

ensinam. Para os povos indígenas, todo esse contexto é de ensinar e aprender, de se construir a partir das nossas ervas medicinais, para sermos fortes, inteligentes, com habilidades para fazer artesanato, tudo em construção. Nos construímos nesse corpo-território desde que somos criança, desde o nosso nascimento. Então, quando pensamos **o corpo-território da mulher indígena, é com tudo que a compõe e, principalmente, a partir dessa coletividade, nossas experiências conjuntas que vão dando suporte uma para a outra** (BANIWA; KAINANG; MANDULÃO, 2023, p.7 – grifos meus).

Elevando a simbiose⁵⁶ com a Natureza e os paralelos com os conhecimentos ancestrais, vejo, também, retratados nos postulados do Sagrado Feminino acerca da importância do círculo de Mulheres, dos encontros desta classe sobre seus corpos, abordando os ciclos femininos, a menstruação, os processos durante a gravidez, o puerpério e a amamentação, por exemplo, fazendo paralelos com saberes ancestrais ligados à própria Natureza, como os ciclos da lua interconectados aos ciclos da Mulher.

Sob esta ótica, reflito o quanto o “tempo da Natureza” nos aproxima de nós mesmas/os e seguimos em uma lógica do “tempo do capital” em intensa produtividade. Envelhecendo, adoecendo e literalmente morrendo em nome do lucro para “alguém” e de nossa sobrevivência fazendo “a máquina do modo de produção girar”. O tempo das estações do ano ou o tempo de uma árvore crescer são perdidos. A observação das luas e marés para o plantio ou do canto resistente dos pássaros anunciando um novo dia em meio aos barulhos da cidade são desapercebidos. Será que só nos sentimos conectadas/os quando lemos uma notícia que se “cercar de verde” alivia o estresse? Será que só “paramos” para observar à nós mesmas/os e o Meio Ambiente quando nos beneficiamos da Natureza?

É interessante também ressaltar que o paradigma patriarcal domina tanto a nossa linguagem quanto nossas pesquisas científicas que em muitas buscas sobre os temas Meio Ambiente e Sexualidade encontrei produções que versam já no título: “relação homem e natureza”. O homem como sinônimo de humanidade é comum vermos nas escritas mais antigas, como já problematizado anteriormente nesta Tese. Precisamos refletir criticamente como expomos/exporemos esse “ser dominador”, os paralelos, as interconexões, as nomenclaturas e as conceituações neste período antropocênico de intensas produções de novas tecnologias da informação e comunicação para não virar uma forma “maquiada” de não nos sentirmos responsáveis e pertencentes ao Planeta Terra.

⁵⁶ Significa “viver juntos”, uma associação entre dois organismos onde há benefícios mútuos.

Compreendo que os paradigmas, os movimentos e as filosofias que problematizam o patriarcado-capitalista criam possibilidades de diálogos e de *práxis* que constroem uma sociedade que abraça o empoderamento, o autoconhecimento, a preservação, o pertencimento, a conscientização e, também, o cuidado consigo, com o(s) Outro(s) e com o Mundo.

Exaltando essa compreensão, reflito com o teólogo Leonardo Boff (2014) e sua abordagem sobre a **ética do cuidado na relação humana e para com o Planeta Terra**. O teórico me encoraja a afirmar que esta ética também nos foi/é alienada de nós mesmas/os pelo capitalismo e suas crises já que

(...) o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente e irredutível à outra realidade anterior. É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada (BOFF, 2014, p.38). Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência (BOFF, 2014, p.227).

Então, uma grande “pista” e sinal de esperança que o autor nos aponta é nos voltarmos à ética humana do cuidado. Para isso a conscientização e democratização de pesquisas e estudos sobre Meio Ambiente são urgentes, pois viemos, como sociedade global, de séculos “sugando” os recursos do Planeta Terra, não tendo um “sentimento” de pertencimento para com Ele e não notamos a nítida relação da ação humana e a degradação do Meio Ambiente, que acaba afetando o próprio Ser, como: a problemática da fome; a poluição das águas, ar e solos; o uso de diversos agrotóxicos em nossos alimentos; o desmatamento e extinção de espécies da fauna e flora; a alta produção de resíduos sólidos e as poucas soluções para o reuso dos materiais; as alterações climáticas e a destruição da camada de ozônio (WARKEN, 2018).

Precisamos assim problematizar sobre que modelo de humanidade ‘estamos sendo’ hoje e queremos construir para as próximas décadas. Falar em próximas gerações parece um futuro muito distante, pois a criança da dita próxima geração nasce a cada segundo no mundo. Somando à ética do cuidado de Boff (2014) trago a **urgência de conscientização e pertencimento por meio do vínculo à ancestralidade** de Ailton Krenak (2019), pois

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado

humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (KRENAK, 2019, p.9).

Sob esta perspectiva reforço que não só o futuro, mas o presente deve ser Feminista e Ancestral, pois sabemos que se continuarmos pelo viés contrário teremos a nossa breve extinção. Por isso venho entendendo e me fortalecendo, cada vez mais, que para cuidarmos individualmente e coletivamente do Planeta Terra se faz elementar nos conhecermos (nossa corpo, nossa história, nossa família, nossa ancestralidade) e nos cuidarmos (da tríade Eu, Outro(s), Mundo).

Afinal todos nós, seres humanos, temos duas coisas em comum: temos nossa “casa-corpo” (Sexualidade) e temos nossa “casa-Planeta” (Meio Ambiente). Somos seres ambientais-sexuais, devemos cuidar bem de nossas “duas casas” e vivenciar estas inter-relações com consciência crítica-amorosa, pois: “Eu protejo a Terra, porque Eu Sou Ela” (WARKEN, 2018, p.150 – grifo meu).

Assim como o Planeta Terra, nosso Corpo Humano é composto por 70% de água. Sob a reflexão que somos compostos por tudo que vem da Natureza, volto-me ao significado da palavra “humano”⁵⁷, do latim *humanus* relacionado à *homo*, homem, e *húmus*, terra. Como seres da terra temos a nossa composição do corpo humano em comum como o solo (terra) elementos como oxigênio, cálcio, carbono, hidrogênio, nitrogênio, fósforo, potássio, enxofre, cloro, sódio, magnésio, silício, ferro e zinco⁵⁸.

Vejo que Moacir Gadotti (2009) expressa esta interligação “terra” e “seres da terra” - logo também entre Meio Ambiente e Sexualidade - por meio do entendimento que a saúde da Terra é a saúde da Humanidade:

A sobrevivência do planeta Terra, nossa morada, depende da consciência socioambiental e a formação da consciência depende da educação. A noção de cidadania planetária sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela se manifesta em diferentes expressões: “nossa comunidade comum”, “nossa futuro comum”, “nossa pátria comum”. Cidadania planetária é uma expressão adotada para expressar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstra uma nova percepção da Terra. Trata-se de um ponto de referência ético indissociável da civilização planetária. (...) Assim como nós, este planeta, como organismo vivo, tem uma história. Nossa história faz parte dele. Nós não estamos no mundo; nós somos parte dele. Não viemos ao mundo; viemos do mundo. Terra somos nós e tudo o que nela vive em harmonia dinâmica, compartilhando o mesmo espaço. Temos um destino comum (GADOTTI, 2009, p.02).

⁵⁷ Origem palavra “humano”. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/humano>>. Acesso em 23 jun 23.

⁵⁸ SILVA, H.H.C.G. A química do solo e a origem da vida: numa abordagem prebiótica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Química, Recife, 2019.

Para pensarmos sobre o cuidado e a saúde integral precisamos falar de conscientização e emancipação. Desta forma, falar intencionalmente e de maneira emancipatória sobre Meio Ambiente e Sexualidade, em todos os níveis de ensino, se faz fundamental, pois como nos indica Sonia Melo (2001) toda relação humana educa e não há relação assexuada, pois somos seres sexuados no mundo em permanente processo de Educação. Logo, em perspectiva de interligação da dimensão ambiental e sexual comprehende-se que

(...) todas as pessoas **inserem-se no mundo mediante seus corpos sempre sexuados, mundo que é uma construção sociopolítica, histórica e cultural de seres humanos**, dialeticamente vistos como seres únicos e parte da sociedade ao mesmo tempo, **produtores e produzidos nas e pelas relações sociais**, mesmo que a maioria aparentemente assim não se perceba (MELO; et al, 2011, p.46 – grifos meus).

Grifo que os estudos sobre Sexualidade – pensando em seus vieses sociais, históricos, políticos, culturais, econômicos e educacionais – se fazem essencial em todas as formações, desde a infância à pós-graduação, pois além de abarcar a inteireza humana com reflexos em todos os âmbitos de nossas vidas, a história da humanidade e a atual sociedade das informações e comunicações apresenta-nos que os modelos de repressão e conservadorismo - impostos pelas igrejas, pelo capitalismo e pelo patriarcado - afetam sobremaneira os seres humanos e as relações Eu, Outro(s), Mundo, onde vivenciamos comumente o feminicídio, a misoginia, os inúmeros casos de violências sexuais e estupros contra crianças e mulheres, a violência e morte de pessoas LGBT's, o aumento do número de infecções sexualmente transmissíveis (IST's), as problemáticas da gravidez na adolescência e do aborto, a desigualdade entre mulheres e homens na sociedade em geral e ainda mais nos espaços de trabalho, bem como as desigualdades sociais e o racismo. Faz-se, desta maneira, fundamental e urgente, uma Educação Sexual – e aqui interliga com a Educação Ambiental - que abarque a Sexualidade como dimensão inerente a todos os seres humanos, sob uma perspectiva emancipatória, que possibilite o autoconhecimento e o respeito entre as diversas formas de ser humano (WARKEN, 2018).

Para abordar a complexidade de sermos seres sexuados em riqueza e diversidade de vivermos a nossa dimensão Sexualidade, desde nosso nascimento até nossa morte, podemos dialogar sobre conceitos elevados pelas pesquisas sobre gênero e muito reforçados e visibilizados, sobretudo, pelos Movimentos Sociais de Gênero (WARKEN, 2016), até mesmo nas redes sociais *online*: sexo biológico, identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero. Essas nomenclaturas

são ricas quando temos como ótica a ampliação nas possibilidades de conhecimento, reconhecimento e lutas pelas diversidades de Ser. Todavia, precisamos estar atentas/os às reduções, aos apagamentos e aos silenciamentos, bem como aos “enquadramentos em gavetas” sobre as vivências humanas (WARKEN, 2018).

O capitalismo e o patriarcado como sistemas de dominação e problemas sociais estruturais – como o racismo e a misoginia – cooptam pautas e demandas dos movimentos sociais, sobretudo Feministas e LGBT+, para ganho de “selos” de inclusão e diversidade – o mesmo acontecendo com a questão ambiental e a sustentabilidade. Nossa atenção se faz necessária pelas remodelagens da opressão em disfarçar a intenção maior de lucro e alienação por meio das violências com técnicas de “cortina de fumaça”⁵⁹ e para/por isso o **diálogo crítico-amoroso para sensibilização e emancipação é a proposta da EASES.**

A problematização é a premissa desse diálogo que perpassa refletirmos sobre termos cooptados visivelmente pelas redes sociais *online* e que se tornam piadas às lutas sérias, são encharcados de más compreensões ou manipulações de conceitos e geram mais exclusões entre os coletivos, como por exemplo: “ecossexual”⁶⁰, “gênero-estrela”⁶¹, “demissexual”⁶² e “ecoemoção”⁶³ (“ecoansiedade”, “ecoraiva”, “ecodepressão”).

Traçando mais paralelos sobre a História da Humanidade, os sistemas de dominação e os tabus acerca de Meio Ambiente e Sexualidade, bem como a importância das lutas dos movimentos sociais e refletirmos estes temas como dimensões e direitos humanos, exalto que Meio Ambiente e Sexualidade interligam-se via direitos ambientais e sexuais, pois visam benefícios ao Planeta Terra e à Humanidade em qualidade de Vida para todas as pessoas. Assim, é preciso grifar que sobre Meio Ambiente aponta-se no artigo 225 da Constituição da República Federativa do Brasil:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988, p. *online*).

⁵⁹ É uma estratégia de atrair atenção da sociedade para assuntos irrelevantes - ou até mesmo falsos - para tirar o foco de temas centrais e positivos para a população. A *fake news* nas eleições e nos debates políticos é um exemplo desta técnica.

⁶⁰ ‘Pessoa que sente atração sexual ou afeto por quem tem consciência ambiental’.

⁶¹ ‘Uma identidade de gênero para quem acha que não se encaixa em nenhum rótulo sobre gênero’.

⁶² ‘Pessoa que só sente atração sexual ou afeto com quem tem uma conexão emocional’.

⁶³ Emoções que afetam a saúde mental humana pela preocupação com o futuro do Planeta Terra, por exemplo, a pessoa ter crises de ansiedade ao assistir noticiários sobre o desmatamento na Amazônia.

Em interfaces com nossa casa comum que é o Planeta Terra e expandindo o entendimento de qualidade de vida devemos pensar na casa individual que é o corpo humano compreendendo também que a Sexualidade é construída a partir da interação do indivíduo *no e com* o mundo, nas relações sociais, o desenvolvimento pleno e o bem-estar desta devem ser assegurados, por isso:

Os direitos sexuais são direitos humanos universais baseados na liberdade inerente, dignidade e igualdade para todos os seres humanos. Saúde sexual é um direito fundamental, então saúde sexual deve ser um direito humano básico. Para assegurar que os seres humanos e a sociedade desenvolvam uma sexualidade saudável, os direitos sexuais devem ser reconhecidos, promovidos, respeitados, defendidos por todas as sociedades de todas as maneiras. Saúde sexual é o resultado de um ambiente que reconhece, respeita e exerce os direitos sexuais (BRASIL, 2006, p.7).

Destacando o desenvolvimento pleno e bem-estar da Sexualidade, vale registrar que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, o sexo é um dos quatro pilares para a qualidade de vida dos indivíduos, ao lado do trabalho, lazer e vida em família (MULLER, 2014).

Percebo que nesta perspectiva podemos ancorar os direitos sexuais na Constituição da República Federativa do Brasil quando se fala no artigo 3, item 4, que se objetiva a promoção “o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988, p. *online*) e no artigo 227 quando diz que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, p.*online*).

No mesmo sentido o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) versa sobre a dignidade sexual de crianças e adolescentes e também pontua sobre o direito à não discriminação acerca do

(...) nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem (BRASIL, 1990, p.*online*).

Analizando o exposto afirmo a suma importância de Meio Ambiente e Sexualidade como dimensões humanas e que caracterizam a vivência plena destes como direitos. Para tal reforço, novamente, os diálogos críticos-amorosos sobre conscientização, pertencimento, sensibilização e autoconhecimento. Compreendo que estes diálogos devem ser estabelecidos intencionalmente nas Escolas e nas Instituições de Ensino, principalmente em refletirmos sobre os currículos da formação

docente acerca das temáticas.

Antes de avançarmos mais ainda neste sentido, pensando sobre os principais marcos históricos e legais sobre Meio Ambiente⁶⁴ e sobre Sexualidade⁶⁵ entendi a importância de traçar paralelos sobre estes acontecimentos por meio de um quadro com uma espécie de linha do tempo que apresento a seguir.

Quadro 2 – Linha do tempo dos principais marcos históricos e legais sobre Meio Ambiente e Sexualidade

1827	1832	1864	1869	1879
No Brasil, as Meninas são liberadas para frequentarem as Escolas.	No Brasil, Nísia Floresta publica o livro “ Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens ”.	Lançamento do livro “ O Homem e a Natureza ” de George Marsh que de forma embrionária aborda a Educação Ambiental .	O termo “ Ecologia ” é proposto por Ernst Haeckel definindo o estudo sobre as relações entre as espécies e o seu ambiente.	No Brasil, as Mulheres conquistam o acesso às Universidades.

⁶⁴ ARAÚJO, T.C.A. **Principais marcos históricos mundiais da educação ambiental**. Disponível em:<<https://noticias.ambientebrasil.com.br/artigos/2007/09/11/33350-principais-marcos-historicos-mundiais-da-educacao-ambiental.html>>. Acesso em 18 jun 23.

ARNOSTI JUNIOR, S. **5 leis ambientais consideradas marcos históricos**. Disponível em:<<https://ambientalmente.eco.br/leis-ambientais-marcos-historicos>>. Acesso em 18 jun 23.

AYELLO, M.B. **Dia Mundial do Meio Ambiente**: Principais Marcos ao Meio Ambiente nas Últimas Décadas. Disponível em: < <https://noticias.ambientebrasil.com.br/redacao/2019/06/05/152314-dia-mundial-do-meio-ambiente-principais-marcos-ao-meio-ambiente-nas-ultimas-decadas.html>>. Acesso em 18 jun 23.

KOHL, P.R. **Lei dos crimes ambientais (9.605/98)**: o que é, tipos de crimes e penalidades. Disponível em: <<https://www.aurum.com.br/blog/lei-dos-crimes-ambientais>>. Acesso em 18 jun 23.

ONU. **Marcos ambientais**. Disponíveis em: <<https://www.unep.org/pt-br/news-and-stories/story/environmental-moments-un75-timeline>>. Acesso em 18 jun 23.

⁶⁵ CASSIAVILLANI, T; ALBRECHT, M.P.S. **Educação Sexual**: uma análise sobre legislação e documentos oficiais brasileiros em diferentes contextos políticos. Disponível em:<<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4001/version/4228>>. Acesso em 18 jun 23.

RIBEIRO, M. **Educação em Sexualidade**. Conteúdos, Metodologias, Entraves. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2020.

SAFERNET. **Educação sexual é um Direito Humano**. Disponível em:<<https://new.safernet.org.br/content/educa%C3%A7%C3%A3o-sexual-%C3%A9-um-direito-humano>>. Acesso em 18 jun 23.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Gênero e Diversidade Sexual - Marcos Legais**. Disponível em:<<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=553>>. Acesso em 18 jun 23.

SESC RIO. **Março Delas**: Conheça a Trajetória das Lutas pelos Direitos das Mulheres no Brasil. Disponível em:<<https://www.sescrio.org.br/noticias/assistencia/marco-delas-conheca-a-trajetoria-das-lutas-pelos-direitos-das-mulheres-no-brasil>>. Acesso em 18 jun 23.

1932	1948	1949	1951	1954
No Brasil, as Mulheres conquistam direito ao voto.	Ocorreu a Conferência Internacional de Fontainbleau , na França, com apoio da UNESCO, e foi criada a União Internacional para a Conservação da Natureza – UICN (que mais tarde se tornou o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA). Lançamento da Declaração dos Direitos Humanos , em Nova York. No Brasil é criado o Estatuto da Mulher Casada .	Simone de Beauvoir lança o livro “O Segundo Sexo” um marco para a história do Feminismo e reflexão sobre a Mulher na sociedade.	Publicado o “ Estudo da Proteção da Natureza no Mundo ” pela UICN.	No Brasil, o Serviço de Saúde Pública do Departamento de Assistência ao Escolar do Estado de São Paulo oferece até 1970 aulas de orientação sexual às meninas da 4ª série primária .
1962	1965	1968	1969	1971
Lançado o livro “A Primavera Silenciosa” de Rachel Carson que é considerado o marco histórico inicial sobre Meio Ambiente, pois trouxe à tona a discussão sobre o uso agrícola de pesticidas químicos sintéticos e a importância de preservar a saúde humana e do Meio Ambiente, bem como a conservação dos ecossistemas.	Na Conferência de Educação da Universidade de Keele , na Grã-Bretanha, se utiliza pela primeira vez o termo “Educação Ambiental” ao abordar a necessidade de educar para a cidadania sobre a questão ambiental e foi utilizado como reflexão um acidente de 1952 na Inglaterra com uma indústria que matou milhares de pessoas devido a poluição do ar.	Fundando o Clube de Roma , uma ONG formada por empresários, cientistas, diplomatas e educadores para tratar de assuntos relacionados ao uso dos recursos naturais, desenvolvimento político e econômico e proteção ambiental. A UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, realizou um estudo sobre Educação Ambiental , a compreendendo como um tema complexo e interdisciplinar.	Primeiro registro da Terra vista do espaço sensibilizando a Humanidade sobre nossa casa comum	No Brasil, a Lei nº 5.692/71 altera as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB e torna obrigatória a inclusão de Programas de Saúde no currículo escolar , o que favoreceu a abordagem sobre sexualidade humana nas escolas.

		<p>No Brasil, a deputada Julia Steimbruck apresentou o projeto de lei propondo introdução obrigatória da Educação Sexual em todas as escolas do país (com a repressão o projeto foi “engavetado”).</p>		
1972	1975	1977	1980	1981
<p>Realizada a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano pela ONU, em Estocolmo na Suécia, em junho de 1972, marcando o diálogo sobre consciência ambiental e criando uma agenda ambiental em nível internacional.</p> <p>Durante a Conferência de Estocolmo foi criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e também estabelecido o Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de junho).</p> <p>Na conferência também foi recomendada a criação do Programa Internacional de Educação Ambiental, conhecida como “Recomendação 96” que incentiva a promoção da Educação Ambiental como estratégia contra a crise ambiental.</p>	<p>Lançada a Carta de Belgrado que propõe uma ética global para o desenvolvimento que refletia sobre a proteção ambiental.</p> <p>A UNESCO e o PNUMA criaram o Programa Internacional de Educação Ambiental, em atenção à Recomendação 96.</p>	<p>Ocorre em Tbilisi, na antiga URSS, a primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental.</p> <p>Esta conferência gerou a Declaração de Tbilisi que reforça que a Educação Ambiental é compatível às diferentes disciplinas e traça objetivos da EA, sobretudo, para conscientização.</p> <p>No Brasil, é aprovada a Lei do Divórcio.</p>	<p>O PNUMA, a União Internacional para a Conservação da Natureza e o Fundo Mundial para a Natureza publicam a Estratégia de Conservação Mundial que é um documento que define o conceito de desenvolvimento sustentável e também traça a agenda global de desenvolvimento sustentável.</p>	<p>No Brasil é estabelecida a Política Nacional do Meio Ambiente na Lei nº 6938, de 31 de agosto de 1981, sob o objetivo de tornar um direito de todas as pessoas o ambiente ecologicamente equilibrado e cria o Sistema Nacional do Meio Ambiente como conjunto de órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios como responsáveis pela proteção e melhoria da qualidade ambiental. Também instrumentaliza o licenciamento ambiental e o zoneamento ambiental.</p>

Neste ano foi lançado pela ONG Clube de Roma o relatório “Os limites do crescimento” abordando, sobretudo, o crescimento populacional e os usos dos recursos naturais.				
1982	1983	1985	1987	1988
O PNUMA adota o primeiro Programa de Montevidéu pontuando prioridades para a legislação ambiental global levando acordos importantes como as convenções de Basileia, Estocolmo e Roterdã e o Protocolo de Montreal.	Criada a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento para realizar audiências ao redor do mundo e produzir relatórios sobre o tema.	No Brasil é criada a primeira Delegacia da Mulher .	Todos os 197 Estados-Membros das Nações Unidas adotam o Protocolo de Montreal sobre substâncias que destroem a camada de ozônio . O documento regula a produção e o consumo de cerca de cem produtos químicos e é até hoje o único tratado das Nações Unidas a ser ratificado por todos os países do Planeta. Lançamento do Relatório “Nosso Futuro Comum” , conhecido como “Relatório Brundtland”, que fortalece a terminologia “desenvolvimento sustentável”.	O PNUMA e a Organização Meteorológica Mundial lançam o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas , intencionando o fornecimento de informações científicas para desenvolvimento de políticas climáticas. No Brasil é promulgada a Constituição Federal .
1989	1990	1991	1992	1996
A Convenção da Basileia é adotada por 183 países e regulamenta o movimento e o descarte de resíduos perigosos .	Realizada a Conferência Mundial sobre Educação para Todos : Satisfação das Necessidades Básicas de	Criado o Fundo para o Meio Ambiente (Global Environment Facility - GEF) pelos Estados-Membros das Nações Unidas.	Em março foi realizada a Convenção da Água e em junho aconteceu no Rio de Janeiro a ECO92 - Conferência das	Entrou em vigor a Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação . No Brasil é promulgado o

	<p>Aprendizagem”, na Tailândia.</p> <p>Esta Conferência aprovou a Declaração Mundial sobre Educação para Todos que menciona o analfabetismo ambiental.</p> <p>A ONU declara o ano de 1990 como “Ano Internacional do Meio Ambiente”.</p> <p>No Brasil é instaurada a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).</p> <p>Também no Brasil é instaurada a Portaria Interministerial nº 796, de 1992, para o enfrentamento da epidemia da AIDS, propondo um projeto educativo de prevenção da doença nas escolas.</p>		<p>Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Cúpula da Terra, onde vários acordos foram estabelecidos como a Agenda 21, a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima e a Convenção sobre Diversidade Biológica.</p>	<p>Decreto nº 1.973, de 1º de agosto de 1996, sobre a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher.</p> <p>Também no Brasil é instituída a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.</p>
1997	1998	1999	2000	2001
<p>Aconteceu a Earth Summit +5 ou Cúpula da Terra +5, com objetivo de acelerar a implementação da Agenda 21 em parceria global sobre o desenvolvimento sustentável.</p> <p>Realizada a Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade:</p>	<p>No Brasil, em 12 de fevereiro de 1998, foi promulgada a Lei nº 9605, a Lei de Crimes Ambientais protegendo juridicamente o Meio Ambiente, principalmente, sobre os crimes contra flora, contra fauna, crimes de poluição, crimes contra ordenamento</p>	<p>Lançada a Declaração dos Direitos Sexuais pela WAS com 11 itens.</p> <p>No Brasil é instituída a Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999, a Política Nacional de Educação Ambiental.</p>	<p>Assinado por 197 países, o Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança garantindo o manuseio, transporte e uso seguro de organismos que foram modificados por biotecnologia moderna.</p> <p>Lançada a Declaração do Milênio que descreve os</p>	<p>Adoção da Convenção de Estocolmo pelos Estados-Membros das Nações Unidas visando a proteção à saúde humana e ao Meio Ambiente dos impactos dos produtos químicos.</p>

<p>Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, na Grécia, organizada pela UNESCO e pelo Governo da Grécia.</p> <p>Esta Conferência gerou a Declaração de Thessaloniki que fala dos compromissos dos governos com a questão ambiental e o desenvolvimento sustentável pontuando a importância da Educação Ambiental objetivando um futuro sustentável.</p> <p>No Brasil é criada a Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997, como a Política Nacional de Recursos Hídricos, conhecida como Lei das Águas, que regulamenta a gestão dos recursos hídricos de domínio federal e cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos.</p> <p>Também no Brasil são lançados os Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).</p>	<p>urbano e patrimônio cultural e crimes contra administração ambiental.</p>		<p>Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.</p> <p>Criada a Carta da Terra Internacional.</p> <p>No Brasil é criado o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza.</p>	
2002	2003	2004	2006	2007
<p>Realizada a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, em Joanesburgo, na África do Sul, ou também conhecida como Rio+10,</p>	<p>No Brasil é criado o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das</p>	<p>No Brasil é lançado o Programa Brasil Sem Homofobia.</p>	<p>No Brasil é criada a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Maria da Penha, que instaura mecanismos para coibir a violência</p>	<p>O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas recebe o Prêmio Nobel da Paz por disseminar conhecimentos sobre as mudanças climáticas causadas</p>

<p>debatendo temas prioritários sobre Meio Ambiente.</p> <p>No Brasil “a falta da virgindade” deixa de ser crime.</p>	<p>Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana.</p>		<p>doméstica e familiar contra a mulher.</p>	<p>pelo ser humano, bem como indicar medidas neutralizadoras dos impactos ao clima.</p>
			<p>No Brasil é criada a Política Nacional de Saneamento Básico, de 5 de janeiro de 2007, Lei nº 11.445, regulando o setor do saneamento.</p> <p>Lançado os Princípios de Yogyakarta que versa sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero.</p>	
2009	2010	2011	2012	2013
<p>Realizada a Conferência sobre Mudança do Clima de Copenhague, em Nova York, versando sobre política de mudança climática, onde 115 países assinaram o Acordo de Copenhague que inclui a meta de limitar o aumento da temperatura média global máxima a não mais do que 2 graus Celsius acima dos níveis pré-industriais.</p> <p>No Brasil a Lei nº 11.988, de 27 de julho de 2009, cria a Semana de Educação para a Vida, nas escolas públicas de ensino fundamental e médio de todo o País.</p>	<p>Criada, no Brasil, a Política Nacional de Resíduos Sólidos, de 2 de agosto de 2010, Lei nº 12.305, que iniciou a elaboração em 2004, mas foi somente promulgada 6 anos depois.</p> <p>Também no Brasil é promulgada a Lei nº 12.334/10 que estabelece a Política Nacional de Segurança de Barragens.</p>	<p>No Brasil é reconhecida a união estável para relações homoafetivas.</p>	<p>Realizada a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a conhecida Rio+20, realizada no Rio de Janeiro, que fortalece uma nova era de governança ambiental global e reflete sobre formuladores de políticas públicas ambientais com informações confiáveis na divulgação de um documento oficial acordado entre 188 delegações internacionais.</p> <p>No Brasil o Código Florestal passa por revisão.</p>	<p>No Brasil ocorre o lançamento das novas DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais, da Educação Básica.</p>

			Dieckmann que versa sobre a tipificação criminal de delitos informáticos.	
2014	2015	2017	2018	2019
<p>Realizada a primeira Assembleia das Nações Unidas para o Meio Ambiente dialogando sobre as evidências de melhora da camada de ozônio da proposta do Protocolo de Montreal.</p> <p>Lançada a Declaração dos Direitos Sexuais pela WAS com 16 direitos.</p> <p>Aconteceu a Cúpula do Clima, na Sede da ONU em Nova York, para dialogar sobre a baixa emissão de carbono.</p> <p>No Brasil, é instaurada a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, o Marco Civil da Internet que versa sobre o uso da internet, com importância, principalmente, sobre o artigo 21 e conteúdos de nudez e sexo não autorizados.</p> <p>Também no Brasil é lançado junto com a UNESC o documento “Orientações Técnicas em Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro - Tópicos e Objetivos de aprendizagem”.</p>	<p>Lançados os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável como parte da agenda global sobre desenvolvimento sustentável.</p> <p>Realizada a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em Paris, onde 195 países assinaram o primeiro acordo climático global universal e juridicamente vinculante.</p> <p>No Brasil a Lei nº 13.104, de 9 março de 2015, altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.</p>	<p>Lançamento da Campanha Mares Limpos pelo PNUMA engajando governos e comunidades contra o lixo marinho.</p> <p>No Brasil é homologada a BNCC - Base Nacional Comum Curricular.</p>	<p>No Brasil a importunação sexual passou a ser considerada crime.</p>	<p>A Assembleia das Nações Unidas declara a Década das Nações Unidas da Restauração de Ecossistemas (2021 - 2030) pensando na restauração de ecossistemas degradados e medidas de combate à perda da biodiversidade.</p> <p>Aconteceu nova Cúpula de Ação Climática objetivando impulsionar as metas traçadas na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climática de 2015.</p>

Também é lançado no Brasil o Plano Nacional da Educação - PNE com propostas educacionais até 2024.				
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2023).

O enfoque de meu olhar investigativo foi sobre os principais marcos históricos e legais encontrados sobre Meio Ambiente e Sexualidade e que abordam, sobretudo, importantes fatos para Educação e para o Brasil. Elevo que sobre a linha do tempo observa-se que os direitos para as Mulheres, em nosso país, têm menos de 200 anos de conquistas o que fortalece a EASES para a luta urgente pela equidade e igualdade.

Sob estas expressões teóricas, históricas e legais, **me fortaleço para EASES nos documentos Carta da Terra (A CARTA DA TERRA INTERNACIONAL, 2000) e a Declaração dos Direitos Sexuais (WAS, 2014) como expressões máximas dos direitos ambientais e dos direitos sexuais – sobretudo via minha Dissertação de Mestrado - dos quais estabeleço interfaces pelos seus princípios éticos na defesa da Vida, do respeito à Diversidade, no objetivo da construção de uma sociedade mais justa e em equidade crítica-amorosa e onde ambos abordam sobre a Educação como direito humano básico para os processos de conscientização e formação integral do Ser em espaços de valorização das individualidades e das trocas no coletivo para transformação social visando o bem-estar, a sustentabilidade e a qualidade de vida (WARKEN, 2018).**

Assim, identifico no documento Carta da Terra (2000) paralelos entre os direitos humanos ambientais e direitos humanos sexuais quando versa sobre: o respeito a Terra e a vida em toda sua diversidade (item 1); o cuidado à comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor (item 2); a construção de sociedades democráticas justas, participativas, sustentáveis e pacíficas (item 3); a garantia às dádivas e à beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações (item 4); a adoção de padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário (item 7); a afirmação à igualdade e à equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas (item 11) e a integração na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável (item 14) (A CARTA DA TERRA INTERNACIONAL, 2000).

Nesta consonância percebo interligações na Declaração dos Direitos Sexuais (2014) à luz dos direitos humanos ambientais quando grifa: o direito à igualdade (item 1), o direito à vida (item 2), o direito à autonomia e integridade corporal (item 3), o direito à alto padrão de saúde, incluindo saúde sexual (item 7), o direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora (item 10) e o direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13) (WAS, 2014).

Agregando as possíveis interconexões sobre Meio Ambiente e Sexualidade via direitos humanos e políticas públicas, exalto que a Organização das Nações Unidas (ONU) formulou, em 2000 e 2015, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) que demonstram a importância e urgência do diálogo intencional sobre Meio Ambiente e Sexualidade na Educação, para as diferentes formações. Estes objetivos abarcam a necessidade de respeito ao Meio Ambiente, de assegurar uma vida sustentável, da valorização da Mulher, da igualdade entre sexos, da educação básica para todas as pessoas, de deter e reverter a degradação da terra, bem como de deter a perda de biodiversidade, de promover sociedades pacíficas e inclusivas e o acesso à justiça para todas as pessoas (ONU, 2000, 2015).

Preciso aqui pontuar a complexa relação de tratados, parcerias e trocas de recursos entre o Sul e o Norte Global⁶⁶ - que interferem as pautas sobre Meio Ambiente e Sexualidade sobretudo com a globalização⁶⁷ e advento das novas tecnologias de informação e comunicação - modificando as interações sociais, políticas e econômicas entre os países (GIRAUD, 2007). Assim, **reforço a necessária atenção e olhar crítico** para as organizações internacionais e as agendas globais,

⁶⁶ Sob a ótica do desenvolvimento econômico, chama-se de Sul Global os países em desenvolvimento que foram ex-colônias e iniciaram seu processo de industrialização mais tarde que comparado ao Norte Global composto por países desenvolvidos e industrializados no século XIX (CAIXETA, 2014).

CAIXETA, M.B. **O Sul global na política e academia.** Observatório Brasil e o Sul, 2014. Disponível em: <<https://www.obs.org.br/cooperacao/662-o-sul-global-na-politica-e-academia>>. Acesso em 18 jun 23.

Sob o olhar crítico sobre os modos de produção econômicos e as organizações políticas entende-se que Sul Global e Norte Global são conceitos relacionados ao processo de colonização e descrevem sistemas de dominação, onde o Sul são, por exemplo, as comunidades indígenas, as populações mais vulneráveis e vítimas dos impactos do capitalismo e o Norte são as corporações, elites e agronegócios, por exemplo (ARVOREAGUA.ORG, 2022).

ÁRVOREÁGUA.ORG. **Norte Global, Sul Global.** 2022. Disponível em: <<https://arvoreagua.org/crise-climatica/glossario/norte-global-sul-global>>. Acesso em 18 jun 23.

⁶⁷ "fenômeno de integração do espaço mundial mediante os avanços técnicos nos setores da comunicação e dos transportes. Esse processo se intensificou com o advento da Terceira Revolução Industrial, em que se observou um aumento nos fluxos internacionais de capitais, mercadorias, pessoas e informações" (GUITARRARA, s/ano, p.*online*).

GUITARRARA P. **Globalização:** o que é, causas, características, efeitos. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/geografia/globalizacao.htm>>. Acesso em 18 jun 23.

pois podem cooptar “bandeiras” e pautas sobre Meio Ambiente e Sexualidade “maquiando” realidades e generalizando vivências sociais não resolvendo os problemas estruturais em sua raiz – justamente por não ser interesse do capitalismo e nem do patriarcado, pois é como movem os mecanismos opressores.

Se visamos a transformação social por meio dos paradigmas emancipatórios precisamos “implodir” o sistema por dentro ou como Paulo Freire marca em suas obras: para mudar uma realidade é preciso estar nela. Então **compreendo que necessitamos refletir sobre as relações em seus movimentos dialéticos⁶⁸** percebendo sobretudo os benefícios e aberturas de diálogos que os documentos sobre direitos humanos - ambientais e sexuais - e políticas públicas oportunizam. Os objetivos propostos pela ONU se alinham às pautas e às demandas feministas, por exemplo, quando no item 5⁶⁹ dos ODS fala sobre igualdade de gênero intencionando eliminar as violências contra todas as mulheres e meninas como tráfico e exploração sexual, mutilações genitais e casamentos prematuros, assegurando acesso universal à saúde sexual e reprodutiva, bem como à educação e a participação efetiva em decisões sobre a vida política, econômica e pública.⁷⁰

Sob a ótica dos direitos humanos e de uma Educação para todas/os precisamos nos mover para a transformação dos cenários educacionais e as políticas públicas. Assim, **os sistemas educativos e escolares necessitam de intensa revisita histórica com paralelos culturais e econômicos, ainda mais em realidades múltiplas de um país que é o Brasil repleto de miscigenações e diversidades ambientais-sexuais.**

Então qual prática educativa/escolar que contempla Meio Ambiente e Sexualidade como dimensões pode ser vivenciada em pleno movimento dos direitos ambientais-sexuais?

Na sequência traço diálogos sobre uma Educação que abrange tais princípios.

⁶⁸ Aqui quero expressar que os movimentos dialéticos permitem pensarmos sobre os processos de consciência por meio Eu, Outro(s), Mundo base teórica da EASES que tem inspiração no pensamento paulofreireano e na dialética de Hegel se traduz na “tríade: tese (ideia de si), antítese (ideia forade-sí) e síntese (ideia em-sí e para-sí). A compreensão desta tríade é a relevância para se entender as três partes fundamentais de seu sistema: filosofia do espírito, filosofia da natureza e lógica” (SANTOS, 2017, p.34).

SANTOS, V. L. C. **O processo de produção do conhecimento dialético em Hegel.** SABERES, Natal - RN, v. 1, n. 17, 2017, p. 33-45.

⁶⁹ OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL N°5: IGUALDADE DE GÊNERO. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>>. Acesso em 18 jun 23.

⁷⁰ Registro que sobre esta temática em especial tive diálogos valorosos com a Mestranda em História (UFSC) Manoela Veras. As partilhas de seu perfil no Instagram® @manoelaveras me trouxeram agregadoras reflexões para esta Tese.

2.2. A POTÊNCIA DA VOZ EMANCIPADORA: AS INTERFACES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO SEXUAL PARA TRANSFORMAÇÃO, SENSIBILIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

Para o processo de escrita para este subcapítulo me movi pelas reflexões: Como é uma Educação sobre Meio Ambiente e Sexualidade em interfaces? Já que nesta Tese propus a criação de uma Educação que interconecta Meio Ambiente e Sexualidade com pressupostos teóricos e propostas metodológicas, o que, afinal, comprehendo por Educação? Quais vieses e quais vertentes de Educação são alvos de meu olhar atento e investigativo? Quais são as premissas para Educação que considera o(s) ser(es) humano(s) em suas dimensões ambiental e sexual?

Registro que comprehendo que devemos buscar por obras e artigos mais recentes possíveis na feitura de um trabalho científico em consonância com a realidade mais atual. Todavia percebo que não precisamos “inventar a roda” e nem aceitar conceitos atuais sem sentido amplo e agregador a qual o estudo merece. Em uma sociedade que banalizou o “descarte” e o uso rápido da informação vejo como um movimento crítico e de resistência voltar-se às reflexões primorosas. Então, em honra aos grandes conceitos das décadas passadas de intelectuais da sociedade e da Educação brasileira, partilho em reverência - e concordância - ao entendimento de Educação de Carlos Brandão, em 1981, quando disse que

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (BRANDÃO, 1981, p.4).

Esta conceituação sobre Educação remete à compreensão de que somos todos seres humanos educadores, pois a Educação acontece a todo momento, em todos os lugares, em todos os grupos e coletivos, como indica Paulo Freire em suas obras e que Sonia Melo e outras autoras (2011) grifam em seus estudos sobre Educação Sexual Emancipatória. A Educação pode ser, então, de dois tipos: escolar (também chamada de formal) ou não escolar (também nomeada de não formal). Carlos Brandão (1981) indica uma Educação que pode libertar ou controlar, assim a Educação é um modo de controle, sobretudo do capitalismo.

O modo de produzir vida (social, econômica, cultural, educacional, política) da maior parte da sociedade global atual – o capitalismo – compactua, há centenas de anos, com a fragmentação humana e do seu conhecimento, com a alienação da

realidade, com as múltiplas formas de violências às Diversidades de Ser e sobre o Planeta Terra - em uma intensa exploração dos recursos naturais para manutenção da riqueza monetária para pouquíssimas pessoas gerando mais violências, discriminações e exclusões.

Então, qual viés de Educação contempla a superação e a transformação deste modelo? E não mais a sua manutenção ou simplesmente a sua reforma?

Para refletirmos sobre modificação de modelos tradicionais e conservadores voltados, sobretudo, ao conteudismo e fragmentação dos saberes e do próprio ser humano, precisamos pensar na educação escolar suas teorias e tendências, já que há séculos, intelectuais de todo o mundo pensam sobre as formas de educar, ensinar, aprender e se expressar.

Compreendendo a Pedagogia – da qual sou graduada – como a Ciência da Educação, trago as tendências pedagógicas para refletirmos sobre os vieses que libertam o Ser ou que perpetuam a sua limitação e a sua alienação – e assim pautar a EASES. As principais tendências pedagógicas são: progressistas e liberais.

A pedagogia progressista caracteriza-se como uma tendência de análise crítica da realidade fazendo paralelos da Educação com a sociedade, a política, a cultura, enfim, todos os vieses e todas as dimensões. Compõem esta tendência três vertentes: a Libertadora⁷¹, a Libertária⁷² e a Crítico-social dos conteúdos⁷³ (LIBÂNEO, 1990).

Nas tendências pedagógicas liberais há a adaptação do indivíduo aos valores e às reformas impostas por cada dinâmica social com suas especificidades de acordo com tempo, local e classes. Compõem a tendência liberal: a Tradicional⁷⁴, a Renovada Progressista⁷⁵, a Renovada Não Diretiva⁷⁶ e a Tecnicista⁷⁷ (LIBÂNEO, 1990).

Sob estes entendimentos sobre a Educação em seu viés pedagógico temos que agregar a vertente curricular para compreender como a educação escolar acontece em seus programas e conteúdos.

⁷¹ A/o professora/or atua junto com criança ou estudante que precisa ter consciência de sua realidade e opressão.

⁷² Professora/or é conselheira/o e criança ou estudante aprende pelo vivenciado, fazendo sempre relação da teoria por meio da prática.

⁷³ A/o professora/or prepara criança ou estudante para o mundo confrontando a realidade social por meio dos conteúdos visando uma participação ativa, principalmente futura, na democratização da sociedade.

⁷⁴ Professora/or é o centro e aluna/o é receptora/or em um ensino de relação verticalizada onde o esforço da/o aluna/o é muito valorizado.

⁷⁵ A/o professora é facilitadora/or e aluna/o é o centro para aprender a assumir seu lugar futuro na sociedade.

⁷⁶ Professora/or é o centro e o enfoque no ensino é no psicológico adequando aluna/o às solicitações do ambiente.

⁷⁷ A/o aluna/o é “depósito” para conhecimento e informação visando seu aperfeiçoamento constante.

As teorias de currículo são: tradicionais, críticas e pós-críticas. As teorias tradicionais são voltadas ao mercado de trabalho e à adaptação do indivíduo, há padronizações nos processos de moldar-se ao aprendizado imposto em uma perspectiva conteudista. Já as teorias críticas – advindas dos movimentos sociais – incentivam a problematização e o questionamento, valorização as experiências e as realidades dos sujeitos e fazem relações com o sistema e o modo de produção capitalista. E a teoria pós-crítica analisa as relações de poder agregando conceitos de identidade cultural e social e rejeitando uma consciência centrada e unitária, pois considera a subjetividade individual e coletiva (MALTA, 2013).

Balizada por estes conceitos expostos, pelas minhas vivências como acadêmica e por minhas próprias práticas pedagógicas há mais de 15 anos na área da Educação me fortaleço em uma Pedagogia Libertadora, inspirada no pensamento paulofreireano, sob entendimento de um currículo crítico transdisciplinar como aquele que contempla a EASES.

Sendo assim, grifo que uma Educação Ambiental e uma Educação Sexual interconectadas refletindo sobre pertencimento, conscientização, sensibilização e diálogo crítico-amoroso precisam ter uma vertente Emancipatória.

Como a EASES surgiu, sobretudo, pelas convergências dos documentos que expressam os direitos ambientais e direitos sexuais às obras de Paulo Freire durante a minha Dissertação de Mestrado, fui resgatar a compreensão de Emancipação para o pensamento paulofreireano. Segundo Carlos Moreira, no Dicionário Paulo Freire,

A emancipação humana aparece, na obra de Paulo Freire, como uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta ininterrupta a favor da libertação das pessoas de suas vidas desumanizadas pela opressão e dominação social. As diferentes formas de opressão e de dominação existentes em um mundo apartado por políticas neoliberais e excluentes não retiram o direito e o dever de homens e mulheres mudarem o mundo, através da rigorosidade da análise da sociedade, com vivências de necessidades materiais e subjetivas que contemplem a festa, a celebração e a alegria de viver. O processo emancipatório freiriano decorre de uma intencionalidade política declarada e assumida por todos aqueles que são comprometidos com a transformação das condições e de situações de vida e existência dos oprimidos (...) o trabalho de formação da educação popular também deve exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo, a partir de um sonho ético-político da superação da realidade injusta. Tal intervenção se dá num fazer cotidiano e também histórico, atravessado de desafios, utopias, sonhos, resistências e possibilidades. O projeto de emancipação defendido por Paulo Freire também contempla o chamado multiculturalismo, no qual o direito de ser diferente numa sociedade dita democrática, enquanto uma liberdade conquistada de cada cultura, também deve proporcionar um diálogo crítico entre as diversas culturas, com o objetivo de ampliar e consolidar os processos de emancipação (MOREIRA, 2009, p.293-294 -

grifos meus).

A emancipação é a teoria e prática em movimento dialético e permanente processo de humanização, democratização e libertação sob todas as dimensões e pautas, balizada pelo Ser Político em constante intervenção no Mundo, logo nada se conserva ou se reforma, tudo se transforma. Me fortaleço também na categoria Emancipação e o pensamento paulofreireano sob a reflexão de Isabel Decker (2010), principalmente quando diz que

A busca para um ser emancipado é a busca do ser mais, é a busca para vivenciar a existência humana, é a busca para liberdade da sua condição de ser sexuado, por meio de uma prática educativa radical que é vivenciada por um diálogo radical através de uma palavra verdadeira. É essa educação dialógica que no processo de conscientização prepara o homem e a mulher como sujeitos para agir, comprometendo-se na luta pela transformação da realidade social, ou seja, ao fazerem-se e refazendo-se transformam o mundo e ao mesmo tempo são transformados pelo mundo. Respondendo minha própria pergunta inicial se todos falamos sobre a mesma emancipação, sobre uma práxis de educação sexual, um caminho pelo qual optei percorrer, bem como outros autores e autoras da área referenciadas, durante o trabalho, parece que falamos sim, de uma maneira abrangente, da mesma emancipação (DECKER, 2010, p.114).

A teórica em sua Dissertação de Mestrado - que integra as pesquisas do Grupo EDUSEX UDESC – estudou a categoria Emancipação nas obras de Paulo Freire e compreendeu que a Educação Sexual Emancipatória dialoga com os princípios do pensamento paulofreireano, onde o ser sexuado emancipado é comprometido com a luta pela transformação da realidade por meio de **uma práxis educativa radical em uma Educação dialógica**. Ou seja, uma Educação que tenha por base a reflexão, a problematização e a criticidade de temas que contemplem questões estruturais e primordiais da vida humana, como indivíduo e como coletivo, fortalecendo teorias e práticas transformadoras.

Amplio essa perspectiva com Adriana Losso (2009) quando conceitua Intersubjetividade, no Dicionário Paulo Freire, ressaltando que

(...) assenta a compreensão da intersubjetividade pelo princípio potencializador do diálogo mediador da comunicação, como **perspectiva prática de emancipação humana nas relações dos homens entre si e com a natureza** – uma práxis revolucionária, uma postura frente ao mundo (LOSSO, 2009, p. 465, grifos meus).

Ao falar em intersubjetividade estamos dialogando sobre a natureza do próprio Ser (Eu) que se constitui pelo reconhecimento do(s) Outro(s) mediados pelo Mundo. Os movimentos dialéticos destas relações – Eu, Outro(s), Mundo – é o que permite a(s) transformação(ões) em um princípio de colaboração, por isso **não há como falar no sujeito/indivíduo sem falar do coletivo**.

Essa consciência individual e coletiva que a Emancipação preconiza me remete a reflexão de bell hooks (2019) sobre Feminismo:

E por viver como vivíamos – nas extremidades – desenvolvemos um modo particular de enxergar as coisas. Olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora. Focávamos nossa atenção no centro assim como na margem. Compreendíamos ambos. Essa forma de ver nos lembra da existência de todo um universo, um corpo principal com sua margem e seu centro. **Nossa sobrevivência depende de uma conscientização pública contínua da separação entre margem e centro e desse senso de inteireza, gravado em nossas consciências pela estrutura de nossas vidas cotidianas, haveria de nos prover de uma visão de mundo contestadora – um modo de ver desconhecido de nossos oressores** – que nos sustentava, ajudando-nos em nossa luta para superar a pobreza e o desespero, fortalecendo nossa percepção de nós mesmas e nossa solidariedade (HOOKS, 2019, p.26-27 - grifos meus).

O movimento dialético de análise de micro a macro – indicado pela teórica pelas categorias da margem ao centro - das realidades para superação e fortalecimento da luta em conscientização e **práxis contestadora, logo emancipadora**, é fundamental para compreender efetivamente os cenários e todos os sujeitos e traçar mudanças efetivas de alcances locais a globais.

Neste sentido, compreendendo a urgência sobre a superação e transformação do patriarcado-capitalismo, afirmo que o Feminismo⁷⁸ é o movimento político-social que visa a Emancipação - e muito mais do que empoderamento ou igualdade - objetiva a libertação por meio da criticidade em uma *práxis* comprometida com a contestação ética. Para isso temos que, sobretudo, incentivar as protagonistas deste movimento, que vivem séculos de opressões, “a usar sua voz”: nós Mulheres.

A Emancipação por meio do Feminismo luta por esta “Voz” – sem invisibilidades e apagamentos - e precisamos falar sem medo, intimidações ou violências sobre nossas realidades⁷⁹, afinal é nosso direito. Só assim as estruturas opressoras patriarcais podem realmente serem transformadas – sem reformas que mais “maquiam” os contextos e lucram com nossas histórias e dores.

⁷⁸ Encontrei/encontro no perfil do Instagram® da Ecofeminista e Mestra em Ciências Sociais Marina Colerato (@marinacolerato) diversas reflexões acerca das interconexões de Meio Ambiente e Sexualidade que me foram/são importantes para pensar sobre o sistema patriarcal-capitalista, como quando Colerato (2023) conceituou, em 8 de março, o Feminismo como “a luta da classe sexual feminina para se libertar da dominação milenar imposta aos corpos e existência das mulheres pela classe sexual masculina” (COLERATO, 2023, p.*online*).

⁷⁹ Reem Alsalem, especialista da ONU, vem apoiando a Voz das Mulheres e os diálogos, sobretudo, acerca da Sexualidade e Gênero: “Las mujeres y las niñas tienen derecho a debatir sobre cualquier tema sin intimidaciones ni amenazas de violencia. (...) Sostener y expresar opiniones sobre el alcance de los derechos en la sociedad basados en el sexo y la identidad de género no debe ser deslegitimado, trivializado o desestimado” (p.*online*). NEWS UN ORG. **Las mujeres han de poder hablar sobre sexo e identidad de género sin intimidaciones ni miedo.** Disponível em: <<https://news.un.org/es/story/2023/05/1521282>>. Acesso em 22 jun 23.

Podemos encarar como utopia ou até descrença, mas as transições dos “modelos impostos” ficam exacerbadas em movimentos de crise – como por exemplo a Pandemia do Covid -19 – e se tornam ao mesmo tempo “sinais de Esperança” para construir novas e efetivas perspectivas diante as informações e as pesquisas acerca do Meio Ambiente e da Sexualidade.

O modelo econômico-social capitalista nos apresenta uma certeza - que já vemos acontecer: a morte e extinção de tudo que é Vida, logo nós seres humanos também. **Pensar em modelos alternativos é emancipar pelo direito que temos de bem viver⁸⁰** com qualidade e em um Meio Ambiente equilibrado e harmônico para nós hoje e para o nosso futuro. Neste sentido que ações locais sustentáveis se tornam potentes, como por exemplo: reflorestamentos com sementes nativas, redução do consumo de plásticos em embalagens, incentivo às produções de alimentos nas comunidades e também aos trabalhos artesanais.

Assim se faz fundamental uma Educação que pense sobre a Sustentabilidade de maneira dialógica, crítica e amorosa, logo Emancipatória, pois

Educar para sustentabilidade é, essencialmente, educar para uma vida sustentável, que significa, entre outras coisas, educar para a simplicidade voluntária e para a quietude. Nossas vidas precisam ser guiada por novos valores: simplicidade, austeridade, paz, serenidade, saber escutar, saber viver juntos, compartir, descobrir e fazer juntos (GADOTTI, 2008, p.76).

Sob estes princípios então como seria uma prática de Educação, escolar e não escolar, para Emancipação?

Em paralelo com os conceitos e as categorias já dialogadas até aqui encontrei também em bell hooks (2017) - mas agora na obra “Ensino pensamento crítico: Sabedoria prática” - que

A **pedagogia engajada** enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula. Esse processo ajuda a estabelecer a integridade do professor e, simultaneamente, incentiva os estudantes a trabalharem com integridade. O sentido na raiz da palavra “integridade” é **inteireza**. Assim, a **pedagogia engajada cria uma sala de aula onde estar inteiro é bem-vindo, e os estudantes podem ser honestos, até mesmo radicalmente abertos. Podem nomear os medos, expor sua resistência a pensar, expressar-se e honrar os momentos em que tudo se conecta e o aprendizado coletivo acontece** (HOOKS, 2017, p.47 – grifos meus).

⁸⁰ Há filosofias e movimentos alternativos com projetos acontecendo ao redor do mundo que pensam em modelos sustentáveis dentro do sistema capitalista. Aqui cito o Bem Viver: “Será possível escaparmos do fantasma do desenvolvimento? A grande tarefa, sem dúvida, é construir não apenas novas utopias, mas também a possibilidade e imaginá-las, tendo o pós-capitalismo – e não apenas o pós-neoliberalismo – como o horizonte” (ACOSTA, 2011, p.64-65).

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução Tadeu Breda. Editora Elefante, 2011.

Assim, também encontrei na teórica a conceituação sobre uma Educação para Emancipação, pois ela reflete sobre uma *práxis* radical em conscientização individual e coletiva em uma Pedagogia Crítica, engajada e para, com e sobre seres inteiros considerando suas dimensões ambientais-sexuais. Logo, uma Educação Emancipatória é uma Educação para Inteireza de Ser.

Essa Educação para Emancipação de consciência crítica-amorosa da tríade Eu, Outro(s), Mundo precisa ser então preconizada por mais um princípio para a transformação de realidades: a cooperação.

Quando falamos em Pedagogia da Cooperação, estamos imaginando um caminho de Ensinação Compartilhada, onde cada pessoa é considerada um mestre-aprendiz com-vivendo a descoberta de si mesma e de sua comum-unidade com os outros. A Pedagogia da Cooperação pode ser percebida como um conjunto de sinais, indicadores, pistas e dicas, disponíveis para orientar a caminhada daqueles que se aventuram pelas trilhas da Cooperação rumo ao centro de seu Core-Ação. É uma pedagogia viva, acontecendo em diferentes Momentos e em muitos Movimentos, sendo organicamente articulada com os passos e com-passos dados ao longo do caminhar. É uma jornada de realização exterior para promover a transformação interior da pessoa e do grupo (BROTTO, 2016, p.02 – grifos meus).

Sob uma pedagogia da cooperação todas as pessoas envolvidas no processo educacional – na Escola e também além dela - são importantes para o todo e as teorias e as práticas pela diversidade de interações e vivências agregam às transformações individuais e coletivas.

Neste sentido que Paulo Freire me auxilia a sintetizar: uma Educação Emancipatória é libertadora, “dialógica, problematizadora, crítica e voltada para a relação reflexão e ação, ou seja, para a *práxis*(reflexão-teoria-prática)” (WARKEN, MELO, 2019, p.39).

A educação que emancipa considera que somos seres políticos e que nada é neutro, então prevê refletirmos sobre os sistemas de dominação e sobre a superação, sobretudo, da alienação, para efeito processo de organização da luta intencional em ações individuais e coletivas de mudanças.

Uma Educação que interconecta Meio Ambiente e Sexualidade é uma Educação para Emancipação que tem como princípios a transformação, a sensibilização e a conscientização em *práxis* radical, contestadora e cooperativa, logo isso é EASES.

Para desenvolvimento dos pressupostos e propostas da EASES considero primordial – além dos conceitos já expostos sobre Meio Ambiente, Sexualidade, Educação e Emancipação – de registrar em diálogos com minhas/meus cúmplices também sobre os conceitos de Educação Ambiental e sobre Educação Sexual.

Corroborando com a perspectiva de totalidade sobre o Planeta Terra e o Meio Ambiente como dimensão humana, Moacir Gadotti (2008) fala que

A Terra é nossa primeira grande educadora. Educar para um outro mundo possível é também educar para encontrar nosso lugar na história, no universo. É educar para a paz, para os direitos humanos, para a justiça social e para a diversidade cultural, contra o sexismo e o racismo. É educar para a consciência planetária. É educar para que cada um de nós encontre o seu lugar no mundo, educar para pertencer a uma comunidade humana planetária, para sentir profundamente o universo (GADOTTI, 2008, p.107-108).

O teórico pensa sobre uma Ecopedagogia e revela a Terra como um paradigma que reorienta a prática pedagógica, onde o Planeta deve ser um tema gerador obrigatório no século XXI, pois somos seres cidadãos da Terra (GADOTTI, 2000).

Moacir Gadotti (2000) comprehende o **Planeta Terra como organismo vivo e em evolução e associa a emancipação humana com a luta por um planeta saudável**. O autor se pauta desde Lovelock e a “hipótese de Gaia” como um superorganismo vivo, completo e em evolução percebida como uma só unidade, principalmente pelos conhecimentos científicos e as pesquisas acerca das viagens de astronautas. A partir da Terra pensamos sobre nós mesmos, seres humanos, onde Leonardo Boff chama de “única comunidade” e Fritjof Capra de “sistema vivo” (GADOTTI, 2000).

A visão sobre a Humanidade interfere nossa consciência e os paradigmas que nos orientam. Assim **sob uma consciência planetária nasceu o exercício de uma cidadania planetária** onde Edgar Morin afirma que o Planeta Terra é uma totalidade complexa biológica/física/antropológica, logo a Humanidade é uma entidade planetária e biosférica e a consciência disso nos faz entender a Terra como uma pátria comum (GADOTTI, 2000).

Tal perspectiva abrilhanta a compreensão e a conscientização de que somos seres ambientais-sexuais em constante processo de Educação, pois

Os seres humanos se educam na relação, mediatizados pelo mundo, como disse Paulo Freire. Portanto, toda relação humana, sempre social, é sempre educativa. E sempre sexuada, já que a dimensão sexualidade é inseparável do existir humano, sempre sexual, portanto é também educação sexual: processo constante existente entre os seres humanos. Todos educam todos queiram ou não, saibam ou não (MELO; et al, 2011, p.62).

Assim, reforço que somos seres educadores ambientais-sexuais, logo sob esta lógica “toda educação é educação ambiental [...] com a qual por inclusão ou exclusão ensinamos aos jovens que somos parte integral ou separada do mundo natural” (BATISTA; RÔÇAS, 2009, p. 124).

Neste mesmo sentido toda Educação é também Educação Sexual. Assim uma Educação Ambiental-Sexual, como prevê a interligação proposta desta Tese,

(...) sempre acontece plenamente em todos os grupos sociais, em todas as épocas, em todas as culturas, e se expressa em diferentes paradigmas que se refletem em todos os segmentos e organizações sociais, dentre elas, a escola. E, como sabemos, continua a ser tema controverso na maioria das sociedades contemporâneas (MELO; et al. 2011, p.39).

Mas afinal o que é Educação Ambiental? Me apoio em Carlos Loureiro (2005) ao conceituar a Educação Ambiental como uma

(...) práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade da vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais, individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, **contribui para a implantação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautando uma nova ética da relação sociedade-natureza** (LOUREIRO, 2005, p. 69 – grifos meus).

Em mente que a Educação Ambiental nos faz refletir sobre nossa relação sociedade e Meio Ambiente, a Educação Sexual contribui também sobremaneira para nosso entendimento do Eu, Outro(s), Mundo, já que

(...) educação sexual, no seu sentido mais profundo, não é uma mera questão técnica, mas sim uma questão social, estrutural, histórica. Todos nós enquanto sujeitos constituídos socialmente estamos submetidos a um processo de enquadramento sexual que é determinado, em última instância, com as estruturas sociais (NUNES, 2003, p.04).

Então como podemos conceituar a Educação Sexual? Compreendendo que a Educação Sexual, tal qual a Educação Ambiental, é uma *práxis* educativa e social – que acontece a todo momento e em todos os espaços - precisamos refleti-la sob o modo de produção capitalista, onde as temáticas ainda são encharcadas de tabus e preconceitos.

Por meio destas óticas que **grifo que a Educação Sexual e a Educação Ambiental começam na gravidez, logo desde que estamos sendo geradas/os.** Somos seres sexuados e ambientais e estamos em processo constante de Educação – em trocas de conhecimentos – assim somos seres educadores ambientais-sexuais. Alguns exemplos da interconexão de Meio Ambiente e Sexualidade desde a gravidez, pontuo: eventos de revelação de sexo, preparativos de enxoval e interações diretas com o meio que a grávida vivencia e que a relação do Covid-19 facilita esta reflexão.

Desta forma, a Educação Sexual e a Educação Ambiental estão acontecendo a todo momento, de forma intencional ou não intencional, estejamos cientes disso ou não. Essa Educação Sexual e essa Educação Ambiental podem libertar – fazendo refletir e agir de forma amorosa e de bem-estar – ou oprimir – trazendo dor e mal-estar e ações de omissões e violências. **O convite por meio da EASES é nos**

apropriarmos com intencionalidade dos processos educacionais que nos emancipam e o caminho proposto principal é o diálogo crítico-amoroso.

Sob este viés que precisamos nos fortalecer nas transformações paradigmáticas sociais, políticas e educacionais. Moacir Gadotti (2000) contribui neste sentido, pois pensa a Terra como um paradigma e nos diz que ao entendê-la em totalidade também nos conscientizamos como Humanidade. Ampliando esta perspectiva Sonia Melo (2004) esclarece em sua Tese que

Na materialidade do século XIX, com o surgimento do paradigma do materialismo histórico-dialético, o homem também começa a ser visto como consciência histórica inserida no corpo, constituído e constituinte na teia das relações sociais estabelecidas em seu modo de produzir vida (MELO, 2004, p.45).

Assim me fortaleço ainda mais no paralelo de que a **Educação Ambiental-Sexual tem como contribuição a consciência crítica como seres, educadores, ambientais-sexuais sobre a realidade histórica para sua transformação.**

A transformação é *práxis* radical de uma Educação para Emancipação, pois o modo de produção capitalista estabeleceu o Planeta Terra e os seres humanos como mercadorias. A consciência crítica sobre a história se faz primordial para entendermos que

O avanço científico e tecnológico, de um lado, e, do outro, a “mercadorização” dos corpos e de sua sexualidade, também influíram poderosamente como determinados/determinantes em todas as dimensões do Ser humano, inclusive na sexualidade. O tema educação sexual já era até fartamente discutido e anunciado. Mas, na maioria das vezes, sem desvelar o fundamental: praticava-se uma educação, ou melhor, uma deseducação sexual dos Seres humanos. Era imperioso pensar profundamente sobre essa questão. (...) Educadores sexuais somos todos nós, Seres humanos! Então, a quem interessa cada tipo de educação sexual? A quem interessa negar os corpos dos educadores, reprimirlos e torná-los dóceis? Ou então expô-los como mercadorias? (MELO, 2004, p.16).

O poder sobre os corpos em processos alienadores é uma das premissas do capital que o faz, sobretudo, por meio da educação escolar. A visão dos seres humanos como “mão de obra” e a Terra como recurso monetário é o que faz a “máquina do capitalismo girar todos os dias” e com isso oprimir e violentar mulheres, crianças, homens e o nosso Planeta. Agregando este diálogo, Ailton Krenak (2020b) reflete que

O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total. As informações que ela recebe de como se constituir como pessoa e atuar na sociedade já seguem um roteiro predefinido: vai ser engenheira, arquiteta, médica, um sujeito habilitado para operar no mundo, para fazer guerra; tudo já está configurado. Nesse mundo pronto e triste eu não tenho nenhum interesse, por mim ele já podia ter acabado há muito tempo, não faço questão de adiar seu fim. Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema

desigual e injusto. O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que as pessoas insistem em manter (KRENAK, 2020b, p.54-55).

Por isso comprehendo que uma transformação social precisa acontecer e isso se faz por meio de uma mudança paradigmática, sobretudo, na Educação, pois **uma Educação conteudista e fragmentária – serve ao capitalismo -, como ainda é posto e imposto, nos leva – também - ao nosso próprio extermínio.**

A minha/nossa utopia, como seres críticos, é pela transformação do modo de produção de vida já que vemos as marcas na História, em nós mesmos – seres humanos – e em nosso Planeta Terra, pois “com o avanço do capitalismo, foram criados os instrumentos de deixar viver e de fazer morrer” (KRENAK, 2020, p.11).

Reverberam com isso, Michèle Sato (2003) nos diz que um trabalho e uma pesquisa sobre Educação Ambiental – e aqui vejo também a interligação com a Educação Sexual:

Uma pesquisa em EA pode ter tradição, mas também pode revirar pelo avesso toda a estrutura íntima de seus planos, pois no trabalho coletivo, encontramos possibilidades infinitas de versatilidade, dentro e fora de uma conjuntura analógica da vida. Senão vira modismo, explica-se como última fase da intelectualidade “fashion” e morre ali, como um herói de puro sangue bem sucedido. Torna-se estética em assuntos dinâmicos. É fundamental, portanto, que uma pesquisa em EA seja apaixonadamente subversiva. **Livre, mas legítima.** A liberdade não é a expressão antagônica de determinações sociais, mas a realização das opções que estas nos permitem realizar. Pesquisar, portanto, é ainda um grande desafio. Pesquisar em grupo é, ainda mais, desafiador. (...) Uma pesquisa em EA pode ser considerada e aceita como um valor em si mesma, se a considerarmos poderosamente como ela nos solicita. É nossa tarefa torná-la melhor. Podemos dar imagens de uma maneira muito mais intensa dessa realidade, criando novas expressões e pensamentos. **É preciso ser um@ verdadeir@ libertador@ por exceléncia, para que nosso mundo de sonhos não seja facilmente desmanchado, onde a racionalidade possa encontrar-se com a poesia, no fundo do oceano, sob a raiz de uma mangueira ou sob a luz do luar. Uma luz que não cegue, mas que brilhe para permitir as múltiplas manifestações da vida.** Uma pesquisa em EA deve ter ecos, além mares, ares, terras e fogos. Tem que ser intensa em seus contrastes de formas, representações, volumes e composições. Só assim poderemos encontrar um plano dinâmico sob uma nova essência do conhecimento. Um **conhecimento enraizado em sonhos, que permaneça no impulso criativo e crítico das diversas formas de existência e que, sobremaneira, consiga novas formas de ultrapassagens às violências vivenciadas pela nossa era.** A busca deste desejo nos revela que não somos somente testemunhas da civilização e barbárie. A EA deve ter o compromisso de permitir sermos protagonistas para alcançar a utopia - apaixonadamente e sempre! (SATO, 2003, p.*online*).

Pensando na subversão, na liberdade e na legitimidade que a EASES foi/é criada (e está sempre em movimento de criação, permitindo recriações). De forma apaixonada e muitas vezes poética encaro a dura realidade por momentos em meio ao cansaço, mas sempre acreditando nas possibilidades de transformações por

meio/pela/com a Educação.

Cúmplices teóricas/os – como estas/es que trago nesta Tese - nos indicam que para transformar um sistema dominante – como é caso do capitalismo com o patriarcado e a supremacia racial – precisamos colocá-lo em crise hegemônica⁸¹ e isso acontece por meio da Educação.

A mudança se faz ainda mais urgente depois de vivermos a Pandemia do Covid-19 onde, também, o filósofo indígena Ailton Krenak (2020) provoca a nossa reflexão: “Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro” (KRENAK, 2020, p.14). Concordo com o teórico e por isso aqui me fortaleci na intenção maior sobre a criação da EASES em seus pressupostos e propostas.

Entendo que uma maneira de nos encorajarmos em transformação é por meio da nossa organização coletiva e isso nos mostra a história dos movimentos sociais sobre os temas Meio Ambiente e Sexualidade, pois fica evidenciado que as vivências e as conquistas de tais movimentos expressam a luta e a *práxis* pelos direitos humanos e emancipação dos seres por meio da conscientização crítica.

Durante meus estudos sempre resgato em que momento da História da Humanidade Meio Ambiente e Sexualidade se tornaram temas importantes de diálogos intencionais nos espaços educativos. Compreendo que o **ponto histórico em comum de Meio Ambiente e Sexualidade - com o crescimento e a evolução de pesquisas e discussões na sociedade – é a ascensão das lutas dos movimentos sociais**, registrando assim como um “começo” da Educação Ambiental e da Educação Sexual, principalmente nos espaços escolares, acadêmicos e científicos.

A preocupação com o diálogo sobre Meio Ambiente na Educação inicia-se com os estudos e pesquisas sobre os problemas ambientais advindos da ação humana, sendo ponto de discussão em eventos envolvendo as/os chefes de governo de boa parte dos países e bandeira dos movimentos sociais ambientalistas/ecológicos, sobretudo na década de 60.

Os movimentos sociais da década de 60 também interferem sobre a abordagem da Sexualidade na Educação que com o Feminismo e estudos sobre métodos contraceptivos, os casos recorrentes de gravidez e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência levaram os assuntos em discurso médico-biológico

⁸¹ Hegemonia é preponderância de uma coisa sobre a outra. Um exemplo de crise hegemônica é a classe opressora perder o domínio das classes oprimidas.

para estudantes entre os 12 aos 18 anos de idade.

Importante refletirmos que a Educação Ambiental e a Educação Sexual - na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e Educação de Jovens e Adultos – foram/ são abordadas no Brasil por meio - em sua grande maioria - de projetos pontuais. Os temas não possuem uma obrigatoriedade na demanda curricular, todavia, comprehende-se que uma significativa “porta de entrada” para os diálogos de Meio Ambiente e Sexualidade nos diversos espaços de formação são os PCNs (BRASIL, 1997 e 1998), documento brasileiro que sugere um trabalho pedagógico transversal destes temas nas disciplinas base, como Língua Portuguesa e Matemática, sob o entendimento que são conceitos fundamentais para formação da/o cidadã/ão. As conceituações dos temas neste documento têm perspectiva de totalidade, entretanto não apresentam interfaces.

Vale ressaltar que os PCNs orientam com sugestões para a ação pedagógica, assim não são obrigados a serem praticados. E atualmente com a vigência dos documentos Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN, 2013), da Educação Básica, e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), os PCNs se tornam documentos históricos e de referencial teórico.

Todavia reforço a suma relevância dos conhecimentos apontados e conceitos apresentados nos PCNs, em perspectiva de totalidade, bem como entendimento de inteireza e das relações de pertencimento Ser Humano e Planeta Terra para a orientação de um trabalho intencional sobre Meio Ambiente e Sexualidade, principalmente no que versa sobre o aporte teórico das práticas pedagógicas nos diferentes níveis de Educação (me refiro à Educação Infantil, ao Ensino Fundamental, ao Ensino Médio e à Educação de Jovens e Adultos, como também nas graduações e nas pós-graduações).

É importante grifar que os documentos que norteiam atualmente a Educação Básica no Brasil são a LDB (1996), as DCN (2013) e o PNE (2014). Também respaldam as políticas públicas educacionais a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Já o respaldo acerca do currículo educacional brasileiro, desde a homologação em 2017, é pelo documento da BNCC.

O que os documentos educacionais brasileiros vigentes falam sobre Sexualidade e Meio Ambiente?

Motivada por esta reflexão partiho que busquei no documento das DCN (2013) pelas palavras-chave temas desta Tese: “Meio Ambiente” aparece 125 vezes

(aumentando para 778 vezes quando na busca por “ambient”) e “Sexualidade” é encontrada por 6 vezes (aumentando para 59 vezes quando buscado por “sex”). Nas DCN (2013) da Educação Básica há um capítulo voltado às **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental** e também capítulos com diretrizes específicas que abraçam a Sexualidade ao abordar a **Diversidade Humana e os Direitos Humanos**. As DCN apontam pressupostos sobre Meio Ambiente e Sexualidade por meio do: respeito às diversidades; da educação como direito humano; do respeito às diferentes realidades e contra a discriminação independente de idade, raça, sexo, cor, orientação sexual, religião, deficiência e localidade geográfica; da cidadania planetária; do pluralismo de ideias e da transversalidade dos direitos humanos (BRASIL, 2013).

Já no documento da BNCC (2017) a palavra-chave “Meio Ambiente” é encontrada por 5 vezes (aumentando para 206 vezes quando na busca por “ambient”) e “Sexualidade” aparece 3 vezes (aumentando para 11 vezes quando buscado por “sex”). A BNCC reconhece que a

Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva (BRASIL, 2017, p. 14).

Percebo que sob esta perspectiva acerca da Educação o documento está alinhado com a EASES, principalmente por abordar o desenvolvimento humano integral e a dimensão do afeto para o processo educativo.

Dentre as Competências Gerais da Educação Básica, a BNCC pontua para a Educação Infantil que seis direitos devem ser assegurados às crianças: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Para isso cinco campos de experiências são indicados: O eu, o outro e nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BRASIL, 2017). As indicações abarcam a EASES em sua proposta de diálogo intencional e interconectando Meio Ambiente e Sexualidade, principalmente quando eleva o Eu, Outro(s), Corpo, Espaços, Relações, Transformações ao campo da experiência, da investigação e da interação.

Para o Ensino Fundamental a BNCC (2017) traz a divisão em Anos Iniciais e Anos Finais e a organização dos componentes curriculares em unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. Meio Ambiente e Sexualidade são evidenciados nos componentes curriculares de Geografia, de Ensino Religioso e de Ciências abordando Cidadania, Ancestralidade e Tradição, Mecanismos Reprodutivos

e Dimensões da Sexualidade Humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (BRASIL, 2017).

Já para o Ensino Médio aborda as competências específicas da área e habilidades, exaltando a Língua Portuguesa e a Matemática. Dentre as propostas sobre Meio Ambiente e Sexualidade para o Ensino Médio encontrei no documento diálogo sobre a relação ser humano e Meio Ambiente (BRASIL, 2017).

Grifo que a LDB (1996) aponta, em seus princípios, pressupostos sobre Meio Ambiente e Sexualidade por meio: da igualdade para o acesso e permanência na Escola; da **liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar** a cultura, o pensamento e o saber; da consideração à diversidade étnico-racial; da valorização da experiência extraescolar; do respeito à liberdade e à tolerância; ao pluralismo de práticas e concepções pedagógicas e o **respeito à diversidade humana**, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva (BRASIL, 1996).

A LDB cita a Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999) que é o documento que versa sobre os preceitos da Educação sobre Meio Ambiente em perspectiva transdisciplinar e fortaleceu o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA)⁸² em 5 edições e atuação com as Secretarias do Ministério do Meio Ambiente, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA e a Agência Nacional de Águas – ANA. Houve uma descontinuidade do Programa em 2018 e alterações na PNEA, instituindo a Campanha Junho Verde⁸³, em 2022. Encaro todas as modificações como expressão da descontinuidade política e dos interesses de lideranças partidárias, afetando sobremaneira a Educação sobre Meio Ambiente e também sobre Sexualidade – como nesta Tese proponho a interconexão.

O PNE versa sobre um plano para 10 anos para a nação brasileira definido por 10 diretrizes que devem guiar a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios prezando pela não descontinuidade das políticas públicas nas mudanças dos cargos de lideranças, bem como partidárias. Registra em suas diretrizes, em abertura dos diálogos sobre Meio Ambiente e Sexualidade: **a promoção dos princípios de**

⁸² BRASIL - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Programa Nacional de Educação**. Disponível em: <<https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental/programa-nacional-de-educacao-ambiental.html>>. Acesso em 10 de jun 23.

⁸³ BRASIL. **Alteração PNEA instituindo Campanha Junho Verde**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14393.htm#art2>. Acesso em 10 jun 23.

respeito aos direitos humanos, à diversidade e sustentabilidade socioambiental; a superação das desigualdades educacionais; a formação para a cidadania; a erradicação de todas as formas de discriminação e a promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País (BRASIL, 2014).

Importante registrar que na aprovação do PNE 2014-2024 foi criada uma disputa com relação ao uso da expressão gênero, apontada pelas/os senadoras/es e deputadas/os como “ideologia de gênero”. Uma gama de materiais foi produzida e disponibilizada, sobretudo, nas redes sociais *online*, informando a sociedade acerca dos supostos perigos de uma educação que problematizasse as questões de gênero. Segundo as/os políticas/os a “ideologia de gênero” representaria uma ameaça, sobretudo, à família brasileira. O conservadorismo expresso em controles e em determinações anulam e silenciam as conquistas dos direitos humanos, sobretudo, no campo educacional e assim não oportunizam o debate, principalmente com profissionais da Educação. A não aprovação da inclusão dos marcadores sociais sobre gênero no PNE 2014/2024 deve ser vista em um diálogo sobre os campos de disputas políticas, exacerbadas no Brasil com a extrema direita. As/os professoras/es precisam – por conhecerem seus contextos e a necessidade de uma educação que conte com as diversidades de Ser – reconhecer a importância de um trabalho pedagógico intencional que aborde e problematize questões acerca da Sexualidade versados integralmente em documentos educacionais oficiais (MENDES, 2016).

É extremamente negativo os termos sobre Meio Ambiente e Sexualidade não serem contemplados nos documentos oficiais, sobretudo, sobre Educação, pois reforçam perspectivas dicotômicas; de fragmentação do Ser e conteúdos; da lógica do capital e do não pertencimento; do fortalecimento de processos de dominação e da violência simbólica; de limitações e generalizações; de disputas de interesses entre os grupos políticos reforçando relações de poder, opressões e exclusões; de perpetuação de estruturas sociais desiguais; de reforço de condutas dos corpos; de reprodução dos mecanismos homogeneizantes (heteronormativos, patriarcais, ‘embranquecimentos’) gerando invisibilidades, estigmas e desigualdades.

Por isso ressalto a suma relevância de deixar aqui grifado que pela nossa História da Humanidade e pelos sistemas de dominações é de pleno conhecimento que a Sexualidade – principalmente - ainda é uma temática repleta de tabus e quando pensamos sobre a Educação sabemos o grande receio da abordagem do tema para as/os professoras/es. Em meus estudos anteriores, as/os colegas pedagogas/os

relataram que consideram Meio Ambiente mais fácil de pesquisar materiais de leitura ou atividades, porém sobre Sexualidade não, descrevendo a imensa vergonha e dúvidas, principalmente ao como falar de Sexualidade com crianças (WARKEN, 2013, 2015 e 2016). Ampliando esta reflexão para ações de mudanças que Leni Nachard (2011) analisa o papel da/o professora/or e como a rara discussão sobre Sexualidade em sua formação pode estar sendo prejudicial há várias gerações:

O papel da Escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre a sexualidade possa se expressar. O trabalho de orientação sexual compreende a ação da Escola como complementar à educação dada pela família. **O professor, mesmo sem perceber, transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, inclusive na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos.** Afirma-se, portanto, a real necessidade do educador ter acesso à **formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema** (NACHARD, 2011 p.*online* – grifos meus).

Sendo assim, afirmo a real urgência e necessidade de falar intencionalmente sobre Meio Ambiente e Sexualidade nos diversos ambientes educativos, escolares ou não, incluindo os espaços *online*, de maneira interligada, visto a importância destas temáticas para a formação do Ser Integral. Para tanto reforço que precisamos repensar os modelos pedagógicos trabalhados e vivenciados na atual geração para assim esta sentir-se conectada com o Planeta e consigo mesma.

A palavra intencionalidade precisa ser grifada – mais uma vez -, pois tanto a Educação Ambiental, como a

(...) Educação Sexual é entendida como tema transversal sempre presente nos currículos de espaços educativos formais e não formais. Muitas vezes, não é possível perceber esse fato por ele estar velado no currículo oculto (CARVALHO; et al, 2012, p.18).

Segundo Tomaz Silva (2005) o “currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, 2005, p. 78). Assim, entendo que Meio Ambiente e Sexualidade ainda seguem uma perspectiva dicotomizada na sociedade atual e que os temas transversais compõem o currículo oculto escolar – em todos os níveis da escolaridade.

Contribuindo com a reflexão sobre currículo oculto e infância encontrei em Carlos Ferraço (2017) algumas indagações das crianças frente ao questionamento “que perguntas você gostaria de saber a resposta?” realizado pelo pesquisador problematizando em sua pesquisa como o currículo da Educação Infantil contempla estas curiosidades:

“Por que o filho não sai do homem só sai da mulher se ele tem o esperma dentro dele?”; “Por que ele não engravidou?”; “Por que temos filhos quando

não queremos?"; "Por que os homens querem botar moral nas mulheres?"; "Por que só as meninas brancas são escolhidas para rainha da primavera?"; "Por que só o homem sente tesão quando transa?"; "Que tamanho tem que ter o pênis para engravidar a mulher?", "É verdade que pênis pequeno não engravidia? Então por que no Japão tem tanta gente?"; "Por que os sexos dos homens e das mulheres são separados e dos travestis é tudo junto?"; "De onde vêm as cores do mundo?", "Por que os homens não enxugam o pênis depois de mijar?"; "Por que os sentimentos das mulheres são diferentes dos sentimentos dos homens?"; "Por que algumas pessoas nascem inteligentes e outras nascem burras?", "Meu pai, depois de ter me largado, será que ainda gosta de mim?"; "Por que cabelo liso é bom e enrolado e ruim e cabelo de preto demora a crescer?"; "Por que nós temos cabelos em partes indecentes do nosso corpo?" (FERRAÇO, 2017, p.89-90).

O autor aponta a urgência de pensarmos sobre a pluralidade de sentidos atribuídos pelas crianças às situações vividas em seus cotidianos dando visibilidade às vozes das diversidades das infâncias, principalmente quando as deixamos livres para questionar. Antes de perguntar sobre o gostaria que fosse respondido, Carlos Ferraço indagou: Por que chove? Por que a chuva cai em gotas? Por que o céu é azul? Por que as pessoas têm peles de cores diferentes? Por que as unhas crescem? As respostas dadas pelas crianças foram criativas e diretas. Tais perguntas contemplam um currículo que aborda questões sobre nosso ambiente e nossa identidade. Mas o que o teórico nos fortalece é que **precisamos de uma proposta curricular que envolva as próprias crianças** (FERRAÇO, 2017).

Pensando sobre a construção desse currículo crítico-amoroso que contempla os sujeitos em seu processo de Educação, pauto-me na reflexão de Lourival Martins Filho (2011) quando concorda com Sônia Kramer (2003) ao afirmar que currículo é caminho e não lugar, pois tem história que nasce de uma realidade e que como caminho **precisa ser construído por todas/os envolvidas/os no processo educacional escolar**. O currículo precisa ser entendido por meio das condições materiais que possibilitam seu desenvolvimento interligando às práticas políticas e administrativas que expressam as condições estruturais, organizacionais, etc (MARTINS FILHO, 2011).

Neste viés que o currículo escolar é construção da identidade das/os educandas/os e espaço de conflito dos interesses da sociedade – e aqui precisamos pensar nos interesses do sistema capitalista e das estruturas patriarcas e de desigualdades.

Lourival Martins Filho (2011) em diálogo com Sacristán (2002) evidencia a necessidade das propostas curriculares conectadas às realidades sociais em atenção para a diversidade dos processos culturais. Faz-se elementar desvendar os significados da diferença e da diversidade para cada realidade e seus sujeitos

integrais, alinhando tais significados às práticas e aos objetivos para vivenciar, em consciência e reflexão, processos de mudanças da educação escolar por meio do currículo (MARTINS FILHO, 2011). **Sob esta ótica de valorização das diversidades de Ser em Inteireza que ancoro a EASES nas premissas sobre os currículos escolares e também de formação de professoras/es.**

Como Lourival Martins Filho (2011) reflete sobre o Ensino Religioso na educação escolar transponho para a Educação Ambiental-Sexual que “não basta uma simples aproximação entre disciplinas, há de se criar um canal propositivo afigurando certa centralidade ao ensino interdisciplinar” (MARTINS FILHO, 2011, p.153) e aqui adiciono o ensino transdisciplinar. **Precisamos ir além, pois somos seres sociais inteiros e excluir o diálogo intencional sobre Meio Ambiente e Sexualidade por meio dos currículos escolares é dar seguimento à uma lógica que nos fragmenta e nos aliena.**

Ciente que uma proposta curricular organizada em prol de sujeitos participativos e autônomos exige mais da/o docente em seus planejamentos, em discussões com outras/os professoras e profissionais da Educação, bem como por meio de uma formação continuada/permanente de qualidade (MARTINS FILHO, 2011). Por isso que **grifo sobre uma práxis docente reflexiva, problematizadora, colaboradora para a coletividade, crítica-amorosa e comprometida com a intencionalidade do diálogo e a emancipação de si e suas/seus educandas/os.**

Precisamos, deste modo, do comprometimento pedagógico para com a transformação, assim volto-me – mais uma vez - aos paralelos entre paradigmas sobre Meio Ambiente e Sexualidade ao longo da História da Humanidade e a importância histórica dos avanços de pesquisas científicas e dos movimentos sociais para a Educação Ambiental e Educação Sexual registrando que há vertentes pedagógicas sobre ambas.

O teórico César Nunes (1996) indicou quatro vertentes da Educação Sexual:

- A médico-biologista é a vertente que tem como foco a reprodução e a perpetuação da espécie humana exaltando os conteúdos sobre higiene sexual, IST's e gravidez na adolescência utilizando, principalmente, o atlas do corpo humano para abordar tais temáticas.
- A vertente normativo-institucional expressa a rigorosidade moral de repressão institucional misturando mecanismos de ordem científica e conceitos morais religiosos. Incentiva os papéis sexuais tradicionais do modelo ocidental cristão, a família padrão e o casamento patriarcal e

monogâmico. É facilmente identificado nas propagandas televisivas com a ‘família margarina’ (pai, mãe, filho e filha sempre pessoas brancas, geralmente de olhos claros e loiras).

- A terapêutico-descompressiva é uma vertente que tem como base concepções generalizadas do campo da Psicologia e pode ser compreendida nas ‘receitas’ de como viver a Sexualidade e nas propostas de autoajuda que foram símbolos de consultórios televisivos ou revistas com questionário de pontuações.
- A vertente emancipatória é expressa pela busca constante de um despertar da consciência crítica auxiliando as pessoas em suas diversidades se desvencilharem dos tabus, dos preconceitos e das amarras impostas pelas dinâmicas e relações sociais. Um exemplo de recurso pedagógico da Educação Sexual Emancipatória são as/os bonecas/os sexuadas/os simbolizando a expressão do corpo humano sem ocultar as partes íntimas, inclusive nomeando-as refletindo em um processo de autoconhecimento e autoproteção.

Sob estes postulados sinalizo que a EASES se ancora na vertente emancipatória de Educação Sexual⁸⁴ tendo nos estudos e pesquisas científicas do Grupo EDUSEX UDESC a cumplicidade teórica.

Já na Educação Ambiental as/os teóricas/os concordam que há uma gama diversa de vertentes, conceitos, e metodologias, mas que é, basicamente, sintetizada em três macrotendências:

- A conservacionista tem por objetivo a sensibilização, principalmente de crianças, para que cuidem e amem o Meio Ambiente.
- A pragmática versa sobre a mudança em alguns setores da sociedade, não indicando uma modificação estrutural.
- A crítica objetiva por transformação, inclusive do modelo capitalismo, sempre refletindo em mudanças paradigmáticas sociais, econômicas, culturais e educacionais (SANTOS; TOSCHI, 2015).

⁸⁴ Algumas/ns teóricas/os fazem uso de “Educação para a Sexualidade” ou “Educação em Sexualidade”. Também encontra-se “Educação Transformadora de Gênero”, “Educação para Equidade”, “Educação para Diversidade”, “Educação para Pluralidade” e “Educação Corporal”. Até o próprio documento dos PCNs utilizou “Orientação Sexual” – termo que hoje é amplamente conceituado como “por quem se sente prazer e/ou afeto”. Podemos problematizar que as nomeações diferentes para ES podem acontecer por esta ainda ser cercada de muitos tabus e conservadorismos.

As referências sobre Educação Ambiental versam sobre uma dificuldade de enquadramentos teórico-metodológicos na área por ser uma temática multidisciplinar e indicam que para ser traçado bases científicas sobre paradigmas e modelos pedagógicos em Educação Ambiental precisa-se sempre considerar este viés multifacetado da gama de profissionais que abordam e vivenciam suas realidades e óticas variadas sobre Meio Ambiente (PEDRINI; SAITO, 2014).

Diante o exposto indico a ancoragem teórica da EASES na vertente crítica de Educação Ambiental encontrando em teóricos como Moacir Gadotti e Carlos Loureiro a cumplicidade na caminhada da pesquisa.

Exalto que os pressupostos sobre paradigmas sobre Meio Ambiente e Sexualidade e as vertentes de Educação Ambiental e Educação Sexual expressam uma **urgência e necessidade de teorias e práticas voltadas para a dimensão ambiental-sexual e compreensão do Ser em sua Inteireza e em conexão com o Planeta Terra em sua totalidade.**

Neste sentido que me fortaleço a afirmar: **Sexualidade é uma temática tão linda e complexa que eu a interconecto com Meio Ambiente porque a vejo em Inteireza. Meio Ambiente é um tema tão incrível e sistêmico que eu o interconecto com Sexualidade porque eu o vejo em Totalidade. Assim, criou-se a Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser em seus pressupostos teóricos e suas propostas metodológicas.**

Aproveito para explicar que a **escolha por nomear “Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser” e não “Educação Ambiental-Sexual Emancipatória”** aconteceu para grifar a **Emancipação como ação humana de transformação da Educação** e não meramente – como fui percebendo ao longo do tempo como Pesquisadora que havia/há muita confusão teórica – um vínculo de “Emancipatória” como fosse somente um modo de educar sobre Meio Ambiente e Sexualidade. Também intencionei **usar o hífen em “Ambiental-Sexual” para dar noção de interligação**. E primeiramente vir o “**Ambiental**” e na sequência o “**Sexual**” para dar sentido de “macro” a “micro”, de “global” a “local”, de “coletivo” a “individuo”.

No subcapítulo a seguir reflito sobre uma formação docente sensibilizadora em paralelo com os tempos de Pandemia do Covid-19 exaltando uma Educação para o cuidado com interconexões sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

2.3. O GRITO DO PLANETA TERRA: PANDEMIA COMO EXPRESSÃO DA URGÊNCIA POR UMA FORMAÇÃO DOCENTE SENSIBILIZADORA EM AFINIDADE COM UMA EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO

O segundo semestre do meu Curso de Doutorado foi marcado pela Pandemia do Covid-19. Além das intensas adaptações com as aulas e estágio docente, diversas alterações nesta Tese aconteceram. A principal foi modificar o objetivo da construção de um curso de formação docente sobre EASES com encontros presenciais em oficinas pedagógicas e passar a ter um olhar investigativo sobre minhas redes sociais *online* - que já utilizava para informar sobre os temas Meio Ambiente e Sexualidade-, construir e propor conteúdos materiais pedagógicos e ser uma ponte entre as pesquisas científicas e acadêmicas com a comunidade virtual refletindo sobre as novas relações que se estabeleceram frente a realidade de isolamento, pesquisa, trabalho e aulas a distância, bem como os protocolos de cuidado consigo, com o Outro e com o Planeta.

Pensando sobre o panorama a nível macro, vejo que a complexidade do século XXI segue permeada pela globalização e as rápidas criações e atualizações das tecnologias. Por mais que novos modos de ser e viver são legitimados pelos sistemas diversos de comunicar-se e informar-se, as intolerâncias e ações desumanas com o(s) outro(s) e o Mundo são evidenciadas. **Vidas prezando pelos conceitos e valores ditos tradicionais e conservadores se mesclam com as “vidas pós-modernas”.** **Em um novo sistema de guerra mundial, o que vem à tona é o grito do Planeta Terra.** O evidente pedido de socorro parece passar inaudível aos seres humanos que buscam vida em outros planetas, apesar das pesquisas científicas, bandeiras de movimentos sociais e modos de viver indicando a urgência da sustentabilidade.

Em meio a esta realidade surgiu um novo vírus de disseminação em larga escala, levando a um processo de Pandemia onde a maioria dos países estabeleceram isolamento social e quarentena, principalmente, a partir de março de 2020. A Covid-19 apresentou os primeiros casos na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, com provável origem da doença pelo contato humano com animais à venda no mercado público da localidade⁸⁵. O vírus que causa, geralmente, febre,

⁸⁵ **Coronavírus na China:** perguntas e respostas sobre a doença. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/01/22/coronavirus-na-china-perguntas-e-respostas-sobre-a-doenca-que-matou-6.htm>>. Acesso em 27 set 20.

Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem.

tosse, falta de ar e dificuldade respiratória, teve mais de 6 milhões de mortes no mundo⁸⁶.

Sob este panorama, medidas sanitárias e ações de educação de higiene pessoal e coletiva foram implantadas como: uso de máscaras (preservando a região do nariz e da boca), higiene das mãos com água e sabão, limpeza das mãos e de superfícies com álcool 70%, controle da temperatura corporal, distanciamento social, ensino remoto, trabalho em casa, fechamento e/ou horário reduzido de comércios.

A Pandemia do Covid-19 nos fez/faz⁸⁷ voltarmos a nós mesmos como seres que, em pleno século XXI, com tantas informações à disposição, insistindo em mecanismos de morte do Planeta Terra e de si próprios, por meio de sistemas de dominação e opressão.

Diante o exposto, **a Pandemia nos remete, ainda mais, a essencial mudança paradigmática para o viés do cuidado, gerando processos de conscientização e Educação Crítica que permeiam o autocuidado, cuidado para com o(s) outro(s) e para com o Planeta Terra.** Neste sentido que os estudos de Meio Ambiente e Sexualidade em interligação, preconizados nesta Tese, são elevados como dimensão humana e de base educacional, prevendo princípios de sustentabilidade por meio da conscientização crítica e de uma Educação para o cuidado e inteireza na relação Eu, Outro(s), Mundo (WARKEN, 2018).

Há muito as/os teóricas/os versam sobre uma crise mundial que perpassa uma crise humana, logo uma crise educacional. Os processos de crise são pontuados, por vezes, como fundamentais para traçar ações de mudança e prevê por transformações paradigmáticas. Refletindo nestes processos de crise humana, vale ressaltar, que interferem em âmbitos sociais, culturais, econômicos, educacionais e científicos, ou seja, no ser humano de forma integral. E pensando sobre a necessidade

Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>>. Acesso em 06 ago 22.

OMS sugere que o coronavírus passou de morcegos para humanos por meio de outro animal. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2021-03-29/oms-sugere-que-o-coronavirus-passou-de-morcegos-para-humanos-por-meio-de-outro-animal.html>>. Acesso em 06 ago 22.

⁸⁶ **Panorama Global Covid-19.** Disponível em: <<https://www.worldometers.info/coronavirus>>. Acesso em 27 jun 23.

⁸⁷ Em 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde - OMS anunciou que a Covid-19 passa a não ser mais uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), mas o status de Pandemia se mantém pela disseminação global, pela transmissão sustentada e pelos relevantes números de mortes e hospitalizações.

G1. **Covid:** por que o fim da emergência global não significa o fim da pandemia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2023/05/05/covid-por-que-o-fim-da-emergencia-global-nao-significa-o-fim-da-pandemia.ghtml>>. Acesso em 22 de jun 23.

de mudança paradigmática, me pauto nas concepções de Thomas Kuhn (1997) que avalia que a estrutura da revolução científica se dá em cinco fases: fase pré-paradigmática, ciência normal, crise/revolução, nova ciência normal, nova crise/revolução.

Assim, compreendendo que a crise atravessa todas as dimensões do/de ser humano, pontuo o quanto este processo interfere, principalmente nas últimas décadas, os estudos sobre Meio Ambiente e Sexualidade no que concerne sobre os princípios de conscientização e de cuidado. Neste sentido, apoio-me em André Trigueiro (2004) quando afirma que esta crise humana é consequência de uma falta de cuidado, pois

Quando se fala em crise ambiental, culpa-se com frequência os atuais meios de produção e consumo pela destruição sem precedentes dos recursos naturais do planeta. O diagnóstico é correto, mas incompleto. Há uma crise de percepção, um olhar estreito sobre a realidade que nos cerca e que legitima toda a nossa indiferença – ou como diria o teólogo e escritor Leonardo Boff, **nossa falta de cuidado** – para com as leis do universo, que regem a vida e tudo o que há. Nossa **visão fragmentada da realidade nos precipita na direção do abismo existencial, onde as coisas carecem de sentido, a soma das partes não explica o todo, e a ciência não cumpre a promessa de resolver os grandes problemas da humanidade** (TRIGUEIRO, 2004, p. online – grifos meus).

Pensando sobre esta fragmentação do Planeta Terra e da vida humana, como da Ciência e da Educação, entende-se que a grande realidade – reforço mais uma vez - é que não fomos educadas/os para uma perspectiva de totalidade da Vida e das interações e relações. Desta maneira, esta visão de mundo fragmentada, potencializada pelos sistemas capitalista e patriarcal, se torna um desafio educacional, ainda nos tempos atuais, onde me pauto em Paulo Freire (1995) quando diz que

A prática político-pedagógica dos educadores progressistas ocorre numa sociedade desafiada pela globalização da economia, pela fome, pela pobreza, pela tradicionalidade, pela modernidade e até pós-modernidade, pelo autoritarismo, pela democracia, pela violência, pela impunidade, pelo cinismo, pela apatia, pela desesperança, mas também pela esperança (FREIRE, 1995, p.59).

Este ato de esperançar – e não esperar – é um dos vieses do pensamento paulofreireano para a atual pedagogia. É também sob esta ação que foi cunhada e preconizada a EASES (WARKEN, 2018).

Paulo Freire nos indica a **necessidade de uma práxis que colabore com a transformação das criações antrópicas, aquelas que são injustas e agredem todas as formas de Vida**. Este sentir-pensar, este teorizar-agir são preconizados pela EASES. Se faz fundamental assim pensar em uma Educação para a sociedade atual já que

A Internet está abrindo novas possibilidades para que cidadãos do mundo possam cooperar, difundir ideias e cobrar a responsabilidade dos governantes. Eu continuo achando que H. G. Wells estava certo quando disse que **estamos numa corrida entre a educação e a catástrofe**. Essa disputa será decidida em todos os lugares, incluindo as salas de aula, que **estimulam a imaginação ecológica, o pensamento crítico, a consciência das interligações, o pensamento independente e os bons sentimentos** (ORR in CAPRA; et al, 2006, p.10 – grifos meus).

Sob estes preceitos, de interconexões entre saberes, formação integral do Ser e consciência crítica, acredito ser essencial pensar e agir adequadamente sobre a Educação para a sociedade do século XXI e as possibilidades de mudanças paradigmáticas visando uma sociedade global mais humana, sustentável, pacífica e igualitária – principalmente no que concerne os direitos humanos, dos quais os direitos ambientais e sexuais fazem parte – refletindo sobre uma Educação para o cuidado, bem como uma formação docente sensibilizadora.

Assim, pensando sobre o processo de mudança de paradigmas e de que a proposta maior de Paulo Freire foi ir contra o paradigma educacional e social dicotômico - da qual concordo e me baseio na EASES - **percebo que uma mudança civilizatória perpassa processos de transformações educacionais. O pensamento paulofreireano nos permite esperançar que a atual crise da humanidade, na expressão da Pandemia do Covid-19, é/foi momento de movimento dialético para transformação de uma sociedade mais atenta, justa, pacífica e amorosa, para consigo e para com o Meio Ambiente.**

Ressalto a compreensão que, mais do que um momento de crise humana (analisando o cenário político brasileiro nos últimos cinco anos), há um **verdadeiro projeto intencional social e educacional em curso**, alavancado pela extrema direita, com bases conservadoras e tradicionais que almeja manter as desigualdades, os tabus, os medos, o patriarcado, a vigência de leis e preceitos religiosos, impondo uma educação técnica, militarizada e também uma educação domiciliar. Sob as ideias de uma escola sem partido, o pensamento paulofreireano, por exemplo, é condenado e taxado como doutrinador comunista. Todavia, vejo – e quero esperançar - este momento como uma oportunidade de **fortalecer nossas concepções e perspectivas educacionais emancipatórias e reconhecer nossos pares na luta por uma Educação que eleva a formação do ser integral**.

Neste sentido é fundamental produzirmos pesquisas que tem como campo o espaço da Escola e as instituições de graduação e pós-graduação, fazendo uma ponte entre conhecimentos, oportunizando aproximações e **sensibilizando por meio da produção científica coerente e humana**, valorizando os conhecimentos e saberes

populares com o poder de (re)formular modos de vida mais sensibilizadores, justos, igualitários e de bem estar integral.

Para tal vivência, abarcando também os estudos sobre Sexualidade, apoio-me em Guacira Louro (1997) quando indica que a Escola é atravessada pelos gêneros – assim como toda a sociedade e espaços -, logo não é possível pensar sobre as instituições e espaços educacionais sem refletir sobre as construções sociais e culturais de feminino e masculino. Ainda se nota o desejo da sociedade atual de tornar o ambiente escolar (em todas as áreas da Educação) fragmentado e assexuado.

Guacira Louro (1997) nos diz ainda que as Sexualidades (múltiplas formas de expressar a Sexualidade) não são algo do qual possa-se despir antes de entrar na Escola. E há muito tempo a Escola – como toda a sociedade - se atenta a vigiar, disciplinar, controlar os corpos e Sexualidades de educandas/os e educadoras/es.

Neste panorama que me fortaleço na concepção da Educação Ambiental-Sexual compreendida como processo constante entre os seres humanos construído sob bases sociais, culturais e históricas.

Precisamos pensar em uma Educação para consciência planetária, tendo a totalidade e a inteireza como categorias que abarcam a complexidade da Vida, exalto a transversalidade e a transdisciplinaridade como caminhos para diálogos que reverberam para formação do ser integral. Esta Educação, conectada ao paradigma do cuidado, mobiliza professoras/es e a formação docente a refletir sobre os conceitos estabelecidos na sociedade e este movimento dialético proposto por Paulo Freire, principalmente em “Pedagogia da Autonomia” (2013) quando fala das exigências para a docência-discência, ou seja, ser uma/um educadora/or- educanda/o.

Todavia, o que observo nos estudos de Meio Ambiente e Sexualidade que nos cursos de formação de professoras/es estes temas raramente são dialogados de maneira intencional e em uma perspectiva de interligação. **Sob um viés da Inteireza do Ser e da conexão com Outro(s) e com o Planeta Terra busca-se, então, problematizar a não vivência destas conexões na Educação, bem como do raro diálogo sobre os temas nos espaços de formação, principalmente de professoras/es.**

Assim, propõe-se na EASES que devemos pensar sobre os processos de formação de professoras/es para uma *práxis* (teoria e prática) dialógica e humanizadora. Formar integralmente sujeitos que aprendem e ensinam, vivenciando esta relação dialética entre educadora/or e educanda/o (e vice-versa), formulando

assim uma **linguagem política sobre o ato de ensinar-aprender**. Coloca-se como **imprescindível o compromisso docente de educar para a liberdade e emancipação**, logo também refletindo sobre processos que busquem a inovação e a fuga de padrões de fragmentação do Ser e do conhecimento.

Se faz necessário - além de uma reflexão sobre os currículos de formação inicial e continuada de professoras/es e a atualidade das temáticas debatidas na formação que constituem a formação do Ser Integral – dialogarmos de maneira crítica **como fomos e somos educadas/os ambientalmente e sexualmente**, e desta maneira contribuir para os diálogos com nossas/os educandas/os, já que “somos todas/os educadoras/es sexuais e também ambientais, saibamos ou não, queiramos ou não, afinal nossas relações educam e somos mediatizados pelo mundo” (WARKEN, 2018, p.149).

Nesta consonância, penso sobre a formação docente, inicial e continuada, sob a **necessária reflexão teórica-crítica** como base da formação das/os professoras/es e que fornece apoio para o exercício da docência.

Refletindo sobre a urgente formação continuada de docentes, principalmente sobre Sexualidade, Ricardo Desidério (2013) propõe

um grupo de estudos sobre estas temáticas possibilitariam a estes professores uma ampliação da compreensão sobre o assunto, o que lhes permitiria uma revisão de suas atitudes, crenças e valores, propiciando-lhes uma postura profissional consciente, tendo como ponto de partida e de chegada, suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e seus desejos. Sendo assim, consideramos que uma formação continuada possibilitará aos profissionais uma reflexão sobre a necessidade de compreendermos que a sexualidade é parte integrante do ser humano, participante ativo de uma linha político social, como ser sexuado e que esta Educação Sexual precisa ser compreendida como toda ação que envolve uma aprendizagem sobre sexualidade humana, que esteja inserida em um conjunto de representações, valores, vivências e regras, pertencentes a todos nós (DESIDÉRIO, 2013, p.958).

A proposta de um grupo de estudos para professoras/es organizadas pelas Escolas ou até em parceria com grupos de pesquisa de Universidades é uma das indicações que trago em minhas aulas e palestras, até como uma das possibilidades formativas acerca da EASES. Para isso se faz elementar superar o desafio do encontro de parcerias e a organização de coletivos comprometidos e éticos com o diálogo intencional sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

Pensando na Educação de modo geral, mas sobretudo acerca da formação inicial de docentes, **preocupa-me a formação fragmentada, instrumental e esvaziada de conteúdos teóricos e críticos, recorrente das exigências do sistema capitalista e de determinações políticas**, gerando visível perda na

qualidade do desenvolvimento intelectual das/os professoras/es e no processo de formação do próprio ser humano de maneira geral (MARTINS FILHO; MARTINS FILHO, 2011). Faz-se elementar pensar na mudança deste sistema civilizatório que preza por uma educação lógica e mercadológica, assim

(...) falar em transformação da sociedade é falar em organização dos sistemas educacionais, principalmente quando se vive em um país como o Brasil que se deixa influenciar muito rápido pelas políticas internacionais de exploração e/ou pelos modismos criados no campo da educação. Deste modo, acreditamos que a educação seja um dos canais para a mudança da sociedade, é a via para os sujeitos atuarem como cidadãos ativos na sociedade, capazes de dar direção à via para além dos estreitos limites do individualismo. (...) No caso da Educação de modo geral, o que vemos na realidade, é uma situação digna de sérias preocupações, principalmente, no que concerne às escolas e salas de aula, onde o reflexo do quadro econômico desumanizante, o descaso dos políticos e a desigualdade social do país são mais devastadores e esvaziados de sentido (MARTINS FILHO; MARTINS FILHO, 2011, p.128).

Para essa mudança social-educacional, um dos caminhos preconizados pela EASES é de que precisamos de uma Educação para a prática da liberdade, que vise o ‘Ser’ e não o ‘Ter’, que supere os conteúdos vazios e descontextualizados por meio de uma formação dialógica-problematizadora, que busque a transformação de realidades pensando na igualdade para todos os seres humanos, independente de raça, classe econômica, gênero ou idade.

Se estamos destruindo os recursos naturais, se a biodiversidade do Planeta Terra está ameaçada e se os impactos ambientais são diários e de âmbito global por que não estamos dialogando sobre isso nos currículos de Pedagogia?

Se os números de feminicídio só aumentam, se a violência tem como vítima pessoas de gênero, raça, cor e orientação sexual específicas e se dia-a-dia o Ser é fragmentado de sua Inteireza por que não temos intencionalmente um diálogo sobre isso na formação inicial na Pedagogia?

Sob este panorama, a formação de professoras/es exige uma ação maior de trabalho coletivo, um trabalho que não mais fragmente, mas que ouça as histórias de vida e experiências pessoais, logo que não seja verticalizado. Que a formação de professoras/es – na graduação e pós-graduação - não seja mais uma experiência de pessoas adultas com a educação bancária e dicotomizante.

Agregando a isto, devemos pensar em uma Educação atraente sendo aquela que valoriza o Ser por inteiro, suas experiências, vivências, sua voz. Que dialogue, problematize, considere as diferentes perspectivas. Que tenha um olhar amoroso e humano para conscientizar, que abarque o paradigma do cuidado. **Cabe a nós**

romper as estruturas do sistema educacional dicotômico, opressor e, porque não dizer, desumano. Afinal, não somos máquinas de aprendizado, nem compartimentos de conhecimentos e informações. Não somos somente um ser racional e em meio uma sociedade formatizante/formatadora, pois

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se com prometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 2001, p. 31).

Sob esta máxima paulofreireana, proponho uma *práxis* para que possamos vivenciar uma ‘Evolução’- no sentido de transformação consciente para avanço positivo da humanidade – por meio da ‘Revolução’ - no teor de ser resistência - aos preceitos conservadores e desumanos, visando a luta pelos direitos humanos para todas as pessoas, e aqui eleva-se a Educação para Emancipação, em uma maior atenção ao Meio Ambiente e Sexualidade, como dimensões inerentes ao ser humano, sob o paradigma do cuidado.

A Pandemia do Covid-19 tem total relação com a ação (des)humana sobre o Meio Ambiente ainda mais quando pesquisamos sobre a origem do vírus que é uma zoonose que virou doença humana com potencialidade letal e de rápida disseminação global[3]¹⁸⁸.

É inegável os efeitos e impactos sociais, econômicos, sociais, educacionais e também ambientais e sexuais do Covid-19 e sob este panorama que se precisa potencializar e fortalecer as pesquisas científicas no campo da Educação, principalmente, para traçar linhas teóricas e práticas condizentes com os aprendizados e vivências nos tempos pandêmicos para uma vida coerente e consciente nas “realidades pós-pandemia”.

Assim, o “fazer juntos”, princípio tão elevado por teóricas/os que versam sobre Educação, ganhou evidência nas construções de modelos de ensino em perspectiva remota, fugindo (ou na tentativa de fugir) da lógica da solidão que trouxe o período de isolamento social, onde emergiram ainda mais as múltiplas realidades, as criações e ressignificações metodológicas de educar e trabalhar, as diversidades de Ser e expressar-se, bem como as exclusões, as violências, a falta de recursos e acessos aos mesmos.

¹⁸⁸ **Coronavírus:** como a pandemia nasceu de uma zoonose. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-pandemia-zoonose>>. Acesso em 27 set 20.

Realizando uma interconexão do tempo pré-pandêmico, de pandemia e reflexões para pós (crise) pandêmica comprehende-se o quanto a sociedade nas últimas décadas - potencializada pela globalização, em advento das novas tecnologias de informação e comunicação e fortalecimentos dos movimentos sociais - exalta a importância e a urgência das transformações no campo político para, sobretudo, garantir direitos humanos à todas as pessoas, isto muito exemplificado pelos movimentos sociais. Assim – diante o exposto - se perpassa os campos diversos da vida humana e por isso que concordo com Paulo Freire da total relação entre Educação e Política, conceito base versado em todas as suas obras.

Para reflexões críticas sob este viés, volto-me à Zigmunt Bauman e Carlos Bordoni (2014) quando indicam na obra “Estado de crise” sobre a não neutralidade do Estado, servindo de agente de interesses por meio de lógicas de dominação e manutenção de um modelo de sociedade, em instâncias reguladoras de poder através da força e da ideologia. Logo, a serviço de grupos classistas e do modelo capitalista, o Estado **sempre vai favorecer a desigualdade** (BAUMAN; BORDONNI, 2014).

Os teóricos explicam que quando se fala em “crise do Estado” não se relaciona a um momento específico de crise, mas de um “Estado de crise”, pois faz parte do permanente modelo econômico. Esta base conceitual vai ao encontro das reconfigurações globais e do desenvolvimento precário do capitalismo, com as crueldades para com o Planeta Terra e com as camadas populares. Os efeitos perversos do sistema capitalista geram uma necropolítica⁸⁹ e uma naturalização da perda dos direitos humanos (BAUMAN; BORDONNI, 2014).

Assim, necessitamos ter sempre em mente a especificidade local e interconexão global, sob a teoria de **analisar o macro e agir no micro**, atentando-se à teia de relações contribuindo para a vivência da diversidade e pluralidade na comunidade global por meio, sobretudo, do direito à Educação - prevendo assim uma Educação para o cuidado - neste subcapítulo versada - refletindo a EASES.

Direito à Educação este que já se caracteriza como um desafio antes, durante e, com certeza, depois da Pandemia. Devemos garantir o direito à Educação, a todas as pessoas, transcendendo o direito à escolarização, indo ao encontro do direito de bem viver. Para tal, além da necessária pesquisa, luta e *práxis* coerente, podemos pensar em **pedagogias alternativas, em currículos transdisciplinares e nos**

⁸⁹ Uso do poder político e social em práticas que legitimam a morte de certos grupos e/ou certas pessoas.

espaços educativos como lugar dos encontros das igualdades e das diversidades.

A lógica de mercado aplica-se aos Estados pelo ideário da governança, assim governos se tornam empresas e todos os setores do dito desenvolvimento também. Deste modo, a Educação formal se torna cada vez mais uma empresa em suas lógicas capitalistas e vemos processos de desmonte e de “mcdonaldização”⁹⁰, incentivando a formação de um sujeito empresário de si mesmo, com uma força de trabalho que alimente o sistema de capital humano e, neste **modelo, a Educação é mercadoria**. A exemplo disso, vivemos os sistemas de ranqueamento e concorrência das Escolas sempre em uma lógica de homogeneidade e de seguir protocolos para conseguir orçamentos, investimentos e/ou financiamentos.

A mudança por meio da crise social, que se elevou com a Pandemia do Covid-19, prevê a **consciência crítica** de que fazemos parte de um sistema econômico de viés mercadológico e fragmentário do Ser, e de um modelo educacional que ainda se baseia na transmissão de conteúdos para a formação da força de trabalho qualificada.

Partindo do entendimento que a crise da Covid-19 é também uma crise pedagógica global, Marta Estelles e Gustavo Fischman (2020) refletem sobre os desafios para profissionais da Educação e para formuladoras/es de políticas públicas educacionais nos processos pós-pandemia - já que voltar ao dito ‘normal’ seria regredir e dar **continuidade a um ciclo de autodestruição humana** - como nos aponta também Ailton Krenak (2020) - de suas relações e destruição do Planeta Terra por meio de um modelo de desenvolvimento que eleva a economia e ignora as vidas, as sociedades, as diversas maneiras de Ser.

Marta Estelles e Gustavo Fischman (2020) indicam que “(...) **a pandemia da Covid-19 evidencia um fracasso coletivo dos sistemas de educação cívicos em promover empatia e incentivar formas criativas e democráticas** de engajamento e de colaboração entre cidadãos e governos de outras regiões do mundo” (ESTELLES, FISCHMAN, 2020, p.2 – grifos meus).

Neste sentido que a Educação para a Cidadania Global (ECG) se apresentará, ainda mais, como um movimento educacional redentor quando várias/os

⁹⁰ “Nome atribuído por Pablo Gentili ao processo de transferência dos princípios que regulam a lógica de funcionamento dos *fast foods* a espaços institucionais cada vez mais amplos na vida social do capitalismo contemporâneo. Traduz-se numa metáfora que representa a lógica das administrações neoliberais”.

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Francisco. **A mcdonaldização da escola.** Disponível em: <<http://saladeleituraencantada.blogspot.com/2015/05/a-mcdonaldizacao-da-escola-gentili.html>>. Postado em 31 maio 2015.

pesquisadoras/es “no amplo campo da educação global começarem a exigir, em breve, mais ECG para solucionar as deficiências pedagógicas reveladas pela crise da Covid-19” (ESTELLES, FISCHMAN, 2020, p.4). Redentor no sentido de um movimento de Educação como ‘salvação de todos os problemas do mundo’, “como solução educacional localizada no âmbito nacional, capaz de abordar problemas globais não educacionais” (ESTELLES; FISCHMAN, 2020, p.3).

Marta Estelles e Gustavo Fischman (2020) criticam a tendência idealista romantizada e redentora nos discursos e propostas da ECG tradicional de ênfase no indivíduo e no protótipo da/o cidadã/ão global. Problematizam também a promoção do “eu empreendedora/or” que reforça uma perspectiva neoliberal que minimiza as obrigações dos governos para com as/os cidadãs/ões e abordam como a ECG tradicional ignora o aumento dos populismos nacionais, tão evidenciado na Pandemia com as perspectivas nacionalistas, levando a uma individualização do desafio cívico global.

Neste sentido que se faz urgente e necessária “uma governança global mais legítima e democrática, e esse processo de democratização exige necessariamente a reforma das organizações internacionais existentes e a criação de novas instituições” (ESTELLES, FISCHMAN, 2020, p.4). Todavia, a Pandemia da Covid-19 evidenciou “que os estados e seus cidadãos são os únicos que têm capacidade de salvar vidas, atender às emergências e às necessidades da população” (ESTELLES; FISCHMAN, 2020, p.9).

Este processo de individualização aplica-se à/ao professora/or que precisa correr contra um tempo imposto para planejar aulas *online*, realizando transposições didáticas em um sistema de “tapar buracos”, sem as ferramentas necessárias e sem viabilidade sobre as horas atividades, potencializando ainda mais a desqualificação da carreira docente, tão debatida antes da Pandemia.

Assim, a Pandemia está/esteve atrelada à “problemas cívicos globais anteriores, como o aprofundamento das desigualdades, a ascensão do populismo autoritário e a disseminação da vigilância digital entre outras dinâmicas complexas que se tornaram mais severas do que nunca” (ESTELLES; FISCHMAN, 2020, p.6 – grifos meus).

Complementando o exposto Pierre Dardot e Christian Laval (2020) dizem que “saúde, clima, economia, educação, cultura devem ser considerados bens comuns globais e instituídos politicamente como tais” (p.*online* – grifos meus) e para isto, se faz urgente e essencial “uma governança global mais legítima e

democrática” (p.*online* – grifos meus), **assim para haver uma formação global da/o cidadã/ão precisamos de políticas públicas para todos os campos e dimensões que refletem na construção deste mundo de paz, igualitário e justo.**

Sob esta ótica que está alocada a EASES, sob o paradigma do cuidado, fortalecendo-se por meio das pesquisas científicas realizando uma ponte dialógica entre o campo das Ciências da Educação e a sociedade para efetivas transformações de atitudes de âmbito micro (local) sob as problematizações de viés macro (global). Também através das ancoragens sobre os direitos ambientais e sexuais, entendendo a Educação, Meio Ambiente e Sexualidade como dimensões e direitos humanos.

Acredito, neste modo, que temos que ser **expressão de resistência**, com atenção aos movimentos de Educação global, onde com certeza em um “mundo pós Pandemia” vai-se afirmar as vendas de plataformas educativas digitais, a propagação do ideário da/o estudante como empreendedora/or de si e o estímulo a uma Educação cada vez mais virtual. **Como pesquisadoras/es e profissionais da Educação precisamos estar em vínculo com os movimentos sociais em sua pluralidade e atentas/os às manobras políticas.** Essencial, assim, pensar sobre os organismos e processos reguladores, as relações de poder e as intencionalidades para traçar teorias e práticas transformadoras para uma sociedade mais livre, justa, igualitária e pacífica. Para tal, um sinal de esperança que vislumbro com Inés Dussel e Marcelo Caruso (1999) é iniciarmos a **mudança por meio da aula** como esta relação direta entre professora/or e estudantes.

Compartilho da convicção de Lourival Martins Filho (2011) quando diz – em seu livro sobre sua Tese de Doutorado – sobre uma proposta de educação escolar integral

(...) já que a vida é algo que se experimenta por inteiro, sem divisões em âmbitos hierarquizados. Essa integralidade se constitui como essencial para a formação da identidade, da inteligência e da personalidade da criança. Neste sentido, temos chamado a atenção para a necessidade da revisão dos processos de ensino e aprendizagem, tendo em vista melhor adequá-los à realidade concreta de vida das crianças/alunos e aos seus diferentes ritmos de aprendizagem. Isso significa que para aprender matemática, português, história ou Ensino Religioso, ou seja, os diferentes conteúdos correspondentes à cada disciplina que citamos, é preciso que o professor consiga criar um sentido e um significado para os mesmos; caso contrário, tal aprendizagem não terá atingido seu objetivo e, provavelmente, não provocará a curiosidade das crianças (MARTINS FILHO, 2011, p.62).

Onde lê-se criança sugiro fazermos o exercício de incluirmos todos os outros grupos de educandas/os em diferentes níveis educacionais - como adolescentes, jovens e adultas/os – sob uma proposta de educação escolar que refletia o processo de educação integral também sob a ótica do sujeito integral, oportunizando espaços e tempos em um trabalho pedagógico que é reconhecido a voz destes sujeitos e como

pensam e exploram o mundo. Humanizando ainda mais este processo precisamos compreender a/o docente de forma integral e seus movimentos intencionais de ensinar-educar-aprender e sob esta ótica a Escola – e podemos pensar as universidades e instituições de ensino superior também - se resulta em um lugar privilegiado de viver

(...) onde os diferentes sujeitos possam falar, ouvir, ver, sentir, ensinar, aprender, pensar, resistir, concordar, discordar, escrever, ler, ou seja, onde podem tecer suas histórias, se perceberem como produtores de culturas e transformadores da sociedade (MARTINS FILHO, 2011, p.64).

A educação escolar se torna/tornará assim uma atividade por excelência “do processo de constituição de humanização do próprio sujeito” (MARTINS FILHO, 2011, p.64) em que precisamos refletir sobre as transformações necessárias para realidades e sujeitos integrais acerca da organização estrutural, bem como do trabalho pedagógico. Neste sentido que precisamos nos debruçar na *práxis* que considera a complexidade das relações sociais e educacionais dos sujeitos em suas diversidades de Ser. Assim,

Urge então reafirmar que a perspectiva de transformação social nas sociedades contemporâneas exige a crítica. Porém, somente a crítica não basta. A crítica transformadora é a crítica combatente, construída nas lutas concretas pela transformação. Que não permitamos que nos roubem o que pouco nos resta, ou seja, a condição de sujeitos capazes de criticar e lutar por uma transformação social digna para todos (MARTINS FILHO, 2011, p.71).

Logo coloca-se o desafio sobre a formação docente compreendendo a necessidade de uma educação escolar que é “formadora (de discernimento, de crítica e de liberdade), instrutora (de conteúdos, saberes) e estreitamente vinculada à produção de conhecimentos” (MARTINS FILHO, 2011, p.71). E neste panorama o desafio de uma formação de professoras/es para o desenvolvimento de um olhar investigativo fundamentado na teoria, exigindo assim o movimento de planejar, repensar e replanejar o seu fazer pedagógico por meio de leitura, análise e interpretação (MARTINS FILHO, 2011) contemplando um dos grandes pontos da criticidade: a problematização.

Tivemos (e estamos em processo) que assimilar em pouco tempo, com a Pandemia do Covid-19, um modelo possível para ensinar e aprender na educação escolar dos diferentes níveis, pensando nas diversas possibilidades de transmissão (via textos, vídeos, por exemplo) de informações e conteúdos por meio de um diálogo que aproxime e agregue à formação integral. Todavia, a falta de apoio dos governos e a limitação de estruturas exacerbam as exclusões nos acessos não só às aulas,

mas a todo arranjo do ambiente escolar (como alimentação, por exemplo) fazendo-nos refletir ainda mais sobre o papel da Escola e da aula em contextos múltiplos.

Sob este panorama, Inés Dussel e Marcelo Caruso (1999) indicam que algo que pode ser elevado ao longo da história sobre a Escola e a **aula** é que nesta última é **onde se estabelece mais diretamente a relação entre professora/or e estudante**: nas trocas de diálogos, nas interações dos conhecimentos ou mesmo nos estabelecimentos dos modelos mais repressores dos vínculos.

O modelo positivista de educação - bem como os modelos religiosos opressores - ainda ecoa na educação escolar atualmente em suas perspectivas repressoras, fragmentadoras do Ser e dos conhecimentos, gerando uma educação bancária, tão criticada e problematizada por Paulo Freire. Com as intervenções religiosas na educação escolar brasileira, apesar de um Estado laico, viemos nos últimos anos (e principalmente no governo bolsonorista no Brasil) sofrendo retrocessos na falta de uma formação para a diversidade de Ser, para a equidade e igualdade, expressando o **viés antidemocrático, mercadológico e unificador de corpos e mentes, gerando uma alienação em massa e uma negligência ao cuidado para consigo, com o(s) Outro(s) e para com o Planeta Terra**.

Neste sentido, a história da educação escolar é transversalizada pela história dos governos e aqui lembro mais uma vez Paulo Freire quando diz que a Educação e a Política não se separam, pois educar é um ato político. Por isso, **se faz tão fundamental pensar uma Escola, uma aula, uma sala de aula que sejam expressões de um modelo democrático de viver a sociedade**.

Caminho ainda com Inés Dussel e Marcelo Caruso (1999) ao pontuarem sobre os sistemas de dominação na sociedade exemplificando os processos históricos e culturais das “conquistas” de terras, das imposições do cristianismo e as intervenções nos sistemas econômicos, principalmente frente a urbanização com a industrialização, todos processos com consequências profundas à Pedagogia, à Educação (formal e não-formal) e a aula. Neste sistema exalta-se os rituais de controle para uma obediência coletiva de conduta exemplar gerando uma pedagogia da moralidade, onde se educa as consciências e os corpos, exaltada por um governo que administra e regula a liberdade (DUSSEL; CARUSO, 1999).

O fato é que tudo que construímos até agora nos traz a essa relação com Meio Ambiente, com a nossa Sexualidade e a Sexualidade do(s) Outro(s), bem como a falta de perspectiva sobre o cuidado, e muito desta responsabilidade

vem do modo de vida do sistema capitalista e seus excessos, seus tabus, suas opressões, suas dominações, suas violências e suas explorações.

A crise da/na sociedade e os colapsos advindos sobretudo com a Pandemia do Covid-19 remetem-nos a uma necessária solidariedade social e urgente reestruturação dos diferentes campos político-sociais. Neste sentido, faz-nos pensar o quanto o campo científico modificou-se/modifica-se com a Pandemia, mostrando o quanto é essencial às Ciências na vida da sociedade para novos posicionamentos, ampliação de setores em um trabalho de viés transdisciplinar e fortalecimento nas diferentes de linhas de pesquisas. Um grande exemplo disso foi de vivenciarmos uma “lógica de morte” das Escolas e Universidades, por meio dos fechamentos das instituições e isolamentos sociais prevendo novas maneiras de relacionar-se, estudar, ensinar, aprender e fazer Ciências.

Ir na contramão da realidade histórica global e negá-la não nos oportuniza as necessárias transformações tão evidenciadas já em período anterior à Pandemia. Refletir sobre as mudanças paradigmáticas e de *práxis*, sobretudo, na Educação é expressão que somos seres humanos que buscam a fuga das lógicas fragmentadoras, alienantes, dominadoras e opressoras, pois estas não contemplam a perspectiva de emancipação por meio de uma conscientização que protege as diversas formas de Vida e da nossa casa comum que é o Planeta Terra, em viés de sustentabilidade pensando não só nas futuras gerações, mas nas gerações de agora.

Para tal, exalto a produção científica no campo da Educação, analisando as múltiplas realidades, do macro ao micro, valorizando as subjetividades e individualidades, nas diversidades de Ser sujeito e do Ser coletivo, em perspectivas de “**fazer juntos**” sob a ótica da formação sensibilizadora integral e do paradigma do cuidado. E aqui elevo a **formação de professoras/es, inicial e continuada**, pois acredito que os reflexos em todos os campos educacionais para **transformações serão mais efetivos e significativos quando pensarmos um pouco menos sobre as próximas gerações e refletirmos mais sobre o agora**. Assim, é importante pontuar que a luta pelos **direitos humanos e por políticas públicas educacionais** é um dos caminhos e pilares para tais vivências.

A Pandemia do Covid-19 nos fez/faz pensar o essencial: o ter ou o ser? A resposta parece ser simples e imediata em uma escolha pela Vida e não pelo lucro. Todavia em meio a um sistema econômico-social que prevê a dominação e a opressão – grifo novamente - **remete-se à Educação como caminho coerente de diálogo, de**

conscientização, de criticidade e de justiça. Neste sentido entende-se a **Educação como um direito básico humano** que perpassa qualidade de vida e um modo de existir sob pilares como: a saúde, o bem-estar, a alimentação, a higiene, a sustentabilidade.

Nesta consonância os estudos de Meio Ambiente e Sexualidade sob o paradigma educacional do cuidado elevam-se nos processos de consciência crítica-amorosa das relações Eu, Outro(s), Mundo ainda mais nos/em tempos de Pandemia e para transformações de *práxis* em uma sociedade pós (crise) pandêmica que seja coerente com as experiências advindas com os isolamentos, as novas maneiras de relacionar-se e as diferentes perspectivas e metodologias de educar e trabalhar.

A Pandemia do Covid-19 também evidenciou a constituição necessária para ser humano, no século XXI, advinda pelo grito - ainda que aparentemente inaudível - do Planeta Terra em meio a atitudes intencionais de necropolítica, a ver, por exemplo, pelos desmatamentos e queimadas nos biomas brasileiros em 2020⁹¹.

Pensar em uma Educação para o cuidado com reflexões sobre conscientização, criticidade, inteireza, totalidade, direitos e dimensões humanas se apresenta como um forte e urgente caminho. Os descasos para com o Planeta Terra, com as diferentes formas de Vida e com as vidas humanas precisam urgentemente serem combatidos, por meio de uma revolução para conscientização na luta por políticas públicas para o bem comum social e do Meio Ambiente.

Frente às diversas possibilidades nas mudanças nas relações em tempos de isolamento está a **entrada da Escola em cada Lar**. Observo que isto leva a um processo de aproximação com as/os estudantes e suas famílias, de reconhecimento do papel docente e da educação escolar, bem como da valorização dos processos de ensino-aprendizagem produzidos *para e com* as/os estudantes.

Sendo assim, acredito que podemos pensar como um ponto inicial as transformações - refletindo uma Educação para o cuidado - pela aula - em um movimento de mudança no micro (local) tendo como panorama o macro (global) - desta **relação direta entre professora/or e estudantes** que se exaltou como fundamental neste período de isolamento social.

⁹¹ A onda de desmatamento nos biomas brasileiros em 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmídias/a-onda-de-desmatamento-nos-biomass-brasileiros-em-2020>>. Acesso em 29 set 20.

Outro caminho possível, evidenciado, principalmente, com a Pandemia do Covid-19 é **estabelecer relações e interações múltiplas por meio das redes sociais online**, traçando uma ponte entre a Universidade e a Comunidade, por exemplo. Seguindo esta máxima exalto os objetivos desta Tese do fortalecimento das redes sociais *online* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade como ferramenta investigativa e como espaço democrático para partilha de conhecimentos e que amplio os diálogos no subcapítulo da sequência.

2.4. TUDO ESTÁ EM INTERCONEXÕES: REDES SOCIAIS *ONLINE* COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS E PARTILHAS PEDAGÓGICAS

Para refletirmos sobre as interconexões que as redes sociais *online* proporcionam entendendo-as como espaços educativos, de partilhas pedagógicas, para a publicização de informações críticas e para a democratização de conhecimentos científicos, resgato os pressupostos de Jacques Delors e outros autores (1996) acerca dos quatro pilares da Educação compactuando com o processo de desenvolvimento individual e coletivo das/os educandas/os e também de professoras/es da Sociedade da Informação⁹², em que neste processo a Escola é responsável como construtora do conhecimento e das relações sociais. Os pilares **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser** corroboram com a ideia de Vani Kenski (2007) quando diz:

A escola da aprendizagem é muito diferente da escola do ensino. A escola da aprendizagem precisa de novos espaços, de outros tipos de temporalidades, de outra organização dos grupos de alunos e professores, de outras propostas pedagógicas, essencialmente novas e que se adaptem a diferentes formas e estilos de aprender de todos os participantes: professores e alunos. Estamos falando, portanto, de uma nova cultura educacional, de uma outra realidade, que não se alcança mudando o “nome” do grupo: de turma e classe para “comunidades”. A escola do aprender tem como principal compromisso garantir a aprendizagem dos alunos. E isso vai muito além de conhecer, compreender e analisar criticamente uma determinada informação ou realidade. **A escola do aprender precisa estar em consonância com as múltiplas realidades sociais nas quais seus participantes se inserem e refletir sobre suas práticas formas de interagir com essas realidades e ir além** (KENSKI, 2007, p.109 – grifos

⁹² Em 1966, Peter Drucker no livro The Age of Discontinuity fala numa sociedade pós-industrial em que o poder da economia estava assente num novo bem precioso: a informação. Autores como Castells (2002), Levy (1996) e Postman (1992) fundamentam o aparecimento de uma nova sociedade, a Sociedade da Informação, que é aquela inserida num processo de mudança constante, fruto dos avanços na ciência e na tecnologia. Revolucionando a maneira como aprendemos, o avanço das tecnologias da informação e comunicação tornou possível novas formas de acesso e distribuição do conhecimento (COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana, 2011, p.6).

meus).

Para este novo olhar e fazer pedagógico, pautados nos pilares e nestas novas formas de pensar, aprender, sentir e agir das/os educandas/os e também das/os professoras/es, faz-se necessário o investimento e atenção na formação docente, pois pedagogias e práticas ultrapassadas não dão mais conta, principalmente, dos interesses e aprendizagens desta(s) geração(ões). **É primordial nos cursos de formação, inicial e continuada, sempre traçar diálogos correlacionando temáticas acerca da Vida, trabalhar e produzir materiais pedagógicos inovadores, bem como pensar currículos embasados em temas atuais. E assim é, neste sentido, que desejo, sempre, contribuir com a sociedade por meio dos pressupostos e propostas da EASES.**

Vani Kenski em 2007 já nos indicou que as tecnologias sozinhas não educam ninguém, logo, não há como a/o professora/or “perder o papel de educar” para as tecnologias, porém a teórica abordou a importância da formação continuada, pois “a sensação é a de que quanto mais se aprende mais há para estudar, para se atualizar” (KENSKI, 2007, p.41).

Se faz necessário correlacionar teorias e práticas pedagógicas para buscar reflexões e ações significativas e, assim, solidificar mudanças positivas na Educação. Os meios de compartilhamentos de vivências, estudos e produções acadêmicas são múltiplos na atual Sociedade da Informação, porém, para publicizar e serem efetivadas na formação de professoras/es, inicial e continuada, bem como na Escola, ainda há poucos investimentos, viabilidades e real interesse. Temos que romper as lógicas que perpetuam fragmentações e alienações. Para isso o trabalho coletivo pautado nos quatro pilares se ancora como um desafio diário, mas também um sinal de esperança proposto há quase 30 anos.

A Pandemia do Covid-19 exacerbou diante tantas discrepâncias que a formação docente não pode ficar alheia à formação nos espaços *online* fornecendo subsídios teóricos e práticos. Precisamos analisar as possibilidades de interconexões dos espaços educativos virtuais e não virtuais tomadas/os pelas experiências da Pandemia atentas/os pelo que Vani Kenski já dizia há 15 anos atrás:

Para que as novas tecnologias não sejam vistas como apenas mais um modismo, mas com a relevância e o poder educacional transformador que possuem, **é preciso que se reflita sobre o processo de ensino de maneira global**. Para isso, é preciso, antes de tudo, que todos estejam **conscientes e preparados para a definição de uma nova perspectiva filosófica, que contemple uma visão inovadora de escola, aproveitando-se das amplas possibilidades comunicativas e informativas das novas tecnologias para a concretização de um ensino crítico e transformador de qualidade.** (...) Grande reformulação curricular deve ser implementada. Criam-se novas

disciplinas e atividades. Viabilizam-se projetos interdisciplinares e interinstitucionais. Formam-se equipes mistas: professores, técnicos e alunos integrados em projetos e atividades (KENSKI, 2007, p. 125 e 126 - grifos meus).

Pensando a reformulação curricular, em todos os níveis da Educação, em uma interligação de temáticas refletindo sempre na formação do Ser integral inserido no mundo tecnológico com criticidade, Neil Postman (1994) já idealizou:

(...) precisamos de estudantes que compreendam as relações entre nossas técnicas e nossos mundos social e psíquico, de modo que possam iniciar conversas informadas sobre aonde a tecnologia nos está levando e como. (...) estou propondo, como um começo, um currículo no qual todas as matérias sejam apresentadas como um estágio no desenvolvimento histórico da humanidade; no qual sejam ensinadas as filosofias das ciências, da história, da linguagem, da tecnologia e da religião; e no qual haja forte ênfase nas formas clássicas da expressão artística. Esse é **um currículo que “volta ao básico”**, mas não da maneira como os tecnocratas tencionam. E, com toda certeza, ele está em oposição ao espírito do tecnopólio. Não tenho ilusão de que tal programa educacional pode deter o impulso de uma noção de mundo tecnológico. Mas talvez ele ajude a começar e manter uma conversa séria, que nos permita distanciar dessa noção de mundo, para depois criticá-la e modificá-la (...) (POSTMAN, 1994, p.203 e 204).

Vejo que as teorias críticas apontadas nesta Tese sobre as necessárias transformações educacionais marcam mais de 30 anos grifando a importância de pensar um currículo que abarque uma Educação para Vida, que considere o Ser sexuado em sua Inteireza e as interconexões com o Meio Ambiente. Necessitamos assim pensar sobre nossa prática comprometida, ética, emancipadora, crítica e amorosa com a mudança paradigmática.

Pensando estas perspectivas para os currículos das formações, principalmente de docentes, vejo a convergência das propostas para a transdisciplinaridade que é um viés que valoriza as histórias de vidas, os diálogos, bem como a importância e as potencialidades dos trabalhos coletivos e individuais para efetiva construção do conhecimento e formação do Ser integral. A transdisciplinaridade é uma quebra de paradigma da Educação, pois exige-se o “ir além” das disciplinas, e o perceber-se **no mundo e com o mundo**, pois:

A transdisciplinaridade é uma nova abordagem científica e cultural, uma nova forma de ver e entender a natureza, a vida e a humanidade. Ela busca a unidade do conhecimento para encontrar um sentido para a existência do Universo, da vida e da espécie humana. Se a Ciência Moderna significou uma mudança radical no modo de pensar dos homens medievais, a transdisciplinaridade, hoje, sugere a superação da mentalidade fragmentária, incentivando conexões e criando uma visão contextualizada do conhecimento, da vida e do mundo (SANTOS, 2005, p.02).

Sendo assim, a transdisciplinaridade é um viés pedagógico que compactua com a interligação do Meio Ambiente e Sexualidade e a visão do Ser global/integral. Parece-me que sempre esteve posto já que a Vida é transversal, transdisciplinar,

transcendental. Todavia, reafirmo a importância de pensar o currículo da formação docente, por muitas vezes pouco valorizado e refletido. Como as/os professoras/es ensinarão algo que nunca aprenderam? Venho observando, cada vez mais, que:

Ainda há muitas dificuldades em abordar Meio Ambiente e Sexualidade nas Escolas, pois os professores não se sentem preparados na sua formação inicial, já que os assuntos são raramente abordados e discutidos. Como o professor trabalhará com estas temáticas se nem no seu ensino básico e nem em seu curso de formação ele estuda estes temas, de forma interdisciplinar ou transdisciplinar? A realidade é que os professores acabam, na maioria das vezes, reproduzindo o que vivenciaram: a educação tradicionalista. O tipo de aula voltada para a propagação de informação é mais fácil de ser praticado. A fragmentação e as inseguranças de discutir Meio Ambiente e Sexualidade vão se perpetuando com o passar do tempo. Logo, o problema não está com a gama de ferramentas e materiais, e sim como utilizá-los para realmente realizar uma aula para construção do conhecimento e formação do ser integral (WARKEN, 2015, p.45).

Em meu trabalho de 2015 pesquisei Meio Ambiente e Sexualidade na formação de educadoras/es⁹³ trabalhando, mais uma vez, com oficinas transdisciplinares, onde o diferencial nesta abordagem foi a produção de vídeos educativos interligando os temas em conjunto com acadêmicas/os de Pedagogia. Foi evidenciado, nesta vivência, a dificuldade da/o educadora/or como produtora/or de seu próprio material, seja pela falta de conhecimento de programas ou pela pesquisa na internet pouco aprofundada. As/os educandas/os estão encharcadas/os das ditas novas tecnologias, porém as/os educadoras/es, ainda que saibam do poder destas para o processo de ensino-aprendizagem, não possuem a estrutura de formação e acabam “ficando para trás” na evolução dos recursos tecnológicos (WARKEN, 2015).

Dentro das experiências com oficinas transdisciplinares para educadoras/es os resultados foram muito positivos devido a interação, pela troca de ideias, produções e reflexões em grupo, relatos de experiências, diálogos de assuntos com diversas interligações devido às histórias de vida. Nesta rica dinâmica o olhar é aguçado para o ouvir o outro, para a importância das múltiplas linguagens da pessoa adulta, tão esquecida, o **fazer juntas/os** no momento de produção, dialogar e refletir, bem como o voltar para si e para a sua história, seus receios, sua corporeidade, e o voltar-se para, e perceber, o outro, e como ser educadora/or. As principais indagações propostas: qual minha relação com Meio Ambiente (Mundo, Outros, Eu)? Qual minha relação com Sexualidade (Eu, Outro)? (WARKEN, 2015).

Entendo que precisamos pensar constantemente sobre a formação docente, treinar nosso olhar, nos educar, para as múltiplas percepções das necessidades,

⁹³ Aqui remeto à formação de profissionais da Educação, principalmente futuras/os pedagogas/os. Todavia reafirmo o entendimento que todos nós somos seres educadores, assim independente de raça, gênero ou idade somos educadoras/es.

interesses e formas diferenciadas das/os educandas/os do século XXI, e também das/os professoras/es. Assim necessitamos de uma consciência e sensibilidade ambiental e sexual, ‘um’ olhar múltiplo e diverso para sustentabilidade e para corporeidade, sabendo que devemos pensar o macro para agir no micro, entendendo, também que as ações locais têm proporções globais, principalmente quando têm como intencionalidade a Educação.

Quando analisamos as propostas e práticas pedagógicas eu encaro, como – mais - um sinal de esperança, que certos paradigmas educacionais já apontaram/apontam à uma perspectiva transdisciplinar, visto que o princípio de ensino global chegou no início do século passado com as visões pedagógicas de Jean-Ovide Decroly (centros de interesse), Célestin Freinet e Paulo Freire (temas geradores), John Dewey (cidadão e ser humano integral), William Kilpatrick (projetos) e Pier Blonsky e Nadja Krupskaya (temas globalizados) (WARKEN, 2013).

Sob esta pauta, proponho refletirmos sobre a formação de seres sociais inteiros, seres sempre ambientais-sexuais, remetendo a complexidade desta Educação, afinal também somos seres complexos e ilimitados, ainda mais quando consideramos a riqueza que é a diversidade humana. Isso me remete ao pensamento de Edgar Morin (1996) sobre complexidade superando as fragmentações dos conhecimentos e faço sempre paralelo com as fragmentações, as mutilações e as violências contra os seres humanos de sua Inteireza. **Negar a complexidade é negar a Vida, mas diante o modo de produção capitalista e sistema patriarcal que nos extirpou/extirpa de nosso próprio pertencimento (Eu) e interconexões (Outro(s), Mundo) é um desafio permanente pensar a Vida em totalidade e complexidade.**

A ambição da complexidade é prestar conta das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimentos. Isto é, tudo se entrecruza, se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém a unidade do ‘complexus’ não destrói a variedade e diversidade das complexidades que o teceram (MORIN, 1996, p.176).

Esse engessamento da educação escolar conteudista é uma fuga da complexidade humana e do próprio Planeta Terra. Há quem interessa essa fragmentação? Quem se beneficia sobre a perpetuação da alienação?

Volto-me, novamente, à ação de mudar o(s) sistema(s) por dentro do(s) mesmo(s). A organização coletiva é facilitada com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação e os adventos das redes sociais *online* em múltiplos materiais midiáticos.

Ludmila Andrade (2003) nos traz – o que considero – um sinal de esperança sobre o desafio da formação de professoras/es quando aponta a categoria

Alteridade⁹⁴ em paralelo com a autoria docente:

A autoria docente que decorrerá da escuta da voz dos professores não significa apenas deixá-los falar, nos processos de formação, dar-lhes espaço de desabafo, de catarse, de poderem expressar espontânea e livremente sua realidade escolar ou de vida. O que buscamos é uma *autoria docente* que somente pode se dar pela via da *alteridade*, assumindo-nos como alteridades de suma importância e responsabilidade, dos formadores universitários, junto com professores que por sua vez marcam-se também pela identidade de seus alunos (crianças da escola). Nessa constelação, o professor formador de leitores, formado por essa perspectiva, é aquele professor que aprende a ler o texto de seu aluno, situando-se como alteridade desse sujeito, considerando este aluno também como autor (ANDRADE, 2003, p.296 – grifos da autora).

A alteridade descrita pela autora prescreve a formação dialógica tão apontada no pensamento paulofreireano e que contempla a EASES sobre os princípios de ouvir as vozes de todos os sujeitos da Educação em suas diversidades e o “fazer juntos” tão proclamado em documentos como “Os quatro pilares da Educação”.

Encontrei em Socorro Calhaú (2017) diversos paralelos entre formação e alfabetização em como o sujeito não alfabetizado é excluído das ditas evoluções da humanidade e como as formas de compreender a sociedade sobre as fragmentações do Ser e do conhecimento tem completa correlação com o sistema capitalista na intenção de criar sujeitos que se sentem inapropriados e inadequados que os fazem literalmente fugir das Escolas. A autora considerada que

Estamos vivendo um momento bastante interessante histórica, cultural, política e socialmente falando, tendo em vista que vivemos sob a égide de um paradigma semioticista, que nada tem a ver com o mecanicismo, o cartesianismo e o cognitivismo, mas que não tem como se constituir sem levar em conta todas as produções, simbólicas e pedagógicas. Há que se repensar todas as concepções discutidas anteriormente, desde as marcas mais predominantes da Ciência Moderna até os conceitos que vêm sendo nomeados de Educação Planetária. Além da Modernidade não ter dado conta de cumprir suas promessas, nas duas últimas décadas o planeta foi tomado por um intenso ativismo ambiental, que muito avançou no que diz respeito não só ao conhecimento das condições de vida que temos, mas principalmente, na projeção do que nos reserva o futuro, caso não haja uma intervenção imediata. Investe-se bastante na manutenção de uma lógica perversa, em nome de uma suposta “qualidade” da educação, mas não se sabe se teremos planeta para viver daqui a 20 anos. Ocorre que entre essa militância, que poderíamos chamar de consciência cidadã, e a educação referente à questão ambiental houve pouco, ou nenhum intercâmbio (CALHAÚ, 2017, p.133).

A teórica indica que uma Educação e uma alfabetização que empoderam sujeitos precisam pensar no desenvolvimento sustentável e na cidadania ambiental, bem como sobre o uso das tecnologias, as relações sociais, as formas de escritas e as representações dos sujeitos. Desta forma reforça-se que a Educação precisa

⁹⁴ Interdependência social em que a relação se faz por meio da diferença, do contraste e da distinção. A existência do Eu só é possível por meio do Outro, assim por meio do Outro sou capaz de perceber a mim e meu grupo social.

acontecer por meio do diálogo e da amorosidade, pois

O que torna única a experiência de aprender é vive-la como uma troca amorosa, como uma transação de saberes, na qual a aliança, o confronto e a negociação de sentidos são a base da construção do “nós”, que em última instância é o que nos conduzirá a compartilhar a vida neste planeta no dia em que acordarmos para a realidade da deteriorização dos valores subjetivos e da destruição planetária (CALHAÚ, 2017, p.134).

Com suas colocações Socorro Calhaú (2017) me fez pensar ainda mais sobre o que é Ser Humano em pleno século XXI que - de modo geral - não se enxerga pertencente ao Planeta Terra e é fragmentado de suas formas de Ser. A autora fortalece a EASES, principalmente quando afirma que precisamos formar sujeitos da escrita além das questões metodológicas do processo de alfabetização, mas para/como um mundo que está vivendo transformações radicais, também em como a escrita é representada e apresentada, em que precisamos pensar esta formação para uma cidadania linguística, étnica, social, cultural e planetária (CALHAÚ, 2017).

A cidadania planetária abrange - mais do que as questões ambientais – a superação da desigualdade social e das diferenças econômicas, além de uma integração da diversidade cultural da humanidade, impregnando de sentidos as práticas cotidianas, pois precisamos reconhecer o óbvio: a Humanidade é uma só e ela é repleta de semelhanças e diferenças (CALHAÚ, 2017).

Socorro Calhaú (2017) reflete com Maturana (2022) sobre uma Educação que não destrói, nem explora ou abusa, muito menos domina outro Ser ou o Planeta Terra, e propõe que devemos olhar para sujeitos da escrita de maneira amorosa, inclusiva e emancipadora em uma conexão com a Educação planetária, pois por meio dos fundamentos

(...) da lógica do sentir, da percepção e do bem-estar é que poderá nos conduzir a uma relação harmônica com todos os seres do planeta e nos revelará a nossa real função enquanto seres humanos e o nosso verdadeiro papel em relação ao conjunto dos outros seres do cosmos (CALHAÚ, 2017, p.139).

Sob esta lógica humana, humanizadora e humanizante de educar, aprender, ensinar, formar e alfabetizar, que transcende, porque vê além, e que enxerga os seres em suas Inteirezas e interconexões com os outros humanos, os outros seres vivos e com o Planeta Terra em sua totalidade que me fortaleço com Socorro Calhaú (2017) que não precisamos de uma Educação – formal e não formal – que ensine verdades absolutas, fórmulas prontas, regras e imposições formatadas,

(...) precisamos trabalhar no sentido de produzir seres humanos felizes e criativos, capazes de traduzirem suas ideias em ações. Capazes de produzirem escritas de si, empoderados, livres. Um processo que viabilize o surgimento de múltiplas possibilidades de realidades, igualmente importantes, sem que nenhuma prevaleça sobre as outras, que seja um

processo que não admite a existência de verdades absolutas nem negue a subjetividade do ser humano, que considere a existência de uma Educação Planetária, voltada principalmente para a construção da Paz. Uma educação que, acima de tudo, seja capaz de compreender que ninguém transforma ninguém e que só há uma pessoa, neste mundo, que podemos transformar, não sem muito esforço: nós mesmos (CALHAÚ, 2017, p.140).

Essa sintonia de perspectiva com a autora, pesquisadora da alfabetização, me remeteu que por meio das partilhas científicas acerca da nossa *práxis* pedagógica estamos praticando a “arte do encontro”, nos fortalecendo para a conscientização em caráter de transformação em se faz fundamental esse **fazer juntas/os** e assim se dá/dará o desenvolvimento coletivo e individual em qualidade de vida para o Eu, Outro(s), Mundo.

Sob este olhar que precisamos pensar: como é a forma de se relacionar de crianças e adolescentes na atualidade? O que a Pandemia do Covid-19 nos mostrou sobre aprender, educar e se relacionar, principalmente por meio das tecnologias e redes de comunicação e informação?

Em sua Tese sobre Educação a Distância, Alba de Souza (2005) nos diz que

Um dos primeiros passos é o de refletir sobre as perspectivas contemporâneas para a educação, buscando aliar e confluir pesquisas e propostas para além da ideia convencional de que o processo ensino-aprendizagem tem que ser entre quatro paredes, todos ao mesmo tempo e no mesmo ritmo. Com a inserção de redes de satélites, correio eletrônico, Internet e criação de programas especialmente concebidos para Educação a Distância, **outras possibilidades pedagógicas foram sendo possíveis e consistiram num dos grandes desafios e possibilidades da atualidade: como aliar princípios didáticos às possibilidades tecnológicas atuais.** Na atualidade, a Educação a Distância passa pela necessidade de reestruturação não só pelas novas possibilidades tecnológicas, mas também pela necessidade de **inserção de um novo paradigma educacional** (SOUZA, 2005, p.47 – grifos meus).

Estes apontamentos representam a importância de pensarmos - principalmente após a vivência de ensino remoto na Pandemia do Covid-19 – sobre as perspectivas contemporâneas da Educação considerando mudanças paradigmáticas que abracem as possibilidades tecnológicas diversas e seus potenciais didáticos. Isso revela a proposta desta Tese: a investigação nos ambientes virtuais e o entendimento das redes sociais *online* como espaços educativos. Podemos pensar em uma Educomunicação⁹⁵, mas precisamos compreender cada vez mais que

O computador e os processos tecnológicos, nas redes sociais, de certa forma proporcionam liberdade de comunicação e pode influenciar a luta de uma sociedade organizada, sobretudo, na organização de saberes e no planejamento de ação e de liderança. Atualmente identificam-se nos eventos, congressos e movimentos sociais, debates em torno das denominadas redes sociais especialmente relacionados ao campo da pedagogia do oprimido, educação popular e pedagogia social. **As redes sociais na academia identificam como funcionalidade, variantes para a pesquisa de**

⁹⁵ Nova forma de ensino que adota técnicas dos meios de comunicação e tecnologias.

definições teóricas e na construção de conceitos proporcionando produções de diversidades culturais e históricas. (...) enfatizamos a atuação do educador social diante da luta de classes apropriando de uma **nova ferramenta no enfrentamento dos desafios para construção de cidadania interconectada pela tecnologia informacional e comunicacional** (SILVA, 2012, p. 99 – grifos meus).

Traço um paralelo entre a proposta de Alba de Souza (2005) e de Odair da Silva (2012): **devemos encarar as redes sociais online como potenciais espaços para uma Educação crítica-amorosa que objetiva a Emancipação por meio do incentivo à pesquisa, às produções de rica diversidade e aos diálogos múltiplos. E nisto pauto-me sobre a EASES.**

Também é importante problematizarmos que o ambiente acadêmico e as pesquisas científicas sobre Educação precisam se abrir para as mídias⁹⁶ e redes sociais *online*, pensando-as como espaços de criticidade para qualificar as presentes e futuras gerações acerca da conscientização e refletindo sobre os usos potenciais destes ambientes.

A de se pensar sobre a democratização do conhecimento científico, a publicização das Ciências agregando à comunicação de pesquisas por meio dos espaços virtuais e saindo das verdadeiras “bolhas” para nos abrirmos às novas lógicas de aprender, informar e relacionar. Assim novas abordagens transparecem, pois

(...) pode-se dizer que a internet e redes sociais passaram a ter uma relação estreita com as pessoas conectadas do século XXI. Este é um meio livre e democrático, onde todos podem expressar sua opinião ou relacionar com grupos diferentes sem o julgamento ou preconceito de pessoas externas. Estas possibilidades de comunicação e sua importância fizeram com que surgissem, também, novas abordagens, disseminação de ideias, exposição de críticas e o compartilhamento da insatisfação pela sociedade em diferentes assuntos (SEIXAS, 2015, p. online).

As oportunidades por ampliações de conceitos, como cidadania, por meio das inter-relações se evidenciam com as redes sociais *online*, haja visto que

Nas sociedades globalizadas, multiculturais e complexas, as identidades tendem a ser cada vez mais plurais e as lutas pela cidadania incluem, frequentemente, múltiplas dimensões do self: de gênero, étnica, de classe, regional, mas também dimensões de afinidades ou de opções políticas e de valores: pela igualdade, pela liberdade, pela paz, pelo ecologicamente correto, pela sustentabilidade social e ambiental, pelo respeito à diversidade e às diferenças culturais, etc. As redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações –, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores (SCHERER-WARREN, 2006, p.115-116).

Desta maneira, as redes sociais *online* significam a expressão sobre as possibilidades de Ser diverso e apontam múltiplas formas de organizar-se em

⁹⁶ Conjunto dos diversos meios de comunicações que têm como finalidade a transmissão de informações.

coletivos que abarcam a Sexualidade e o Meio Ambiente como temas primordiais.

Ainda mais quando estamos cientes - sobretudo com a Pandemia do Covid-19 - que a realidade da classe trabalhadora é conectada à internet e seus aplicativos. Se faz necessário nos atualizarmos como docentes e pesquisadoras/es para irmos – mais uma vez e sempre – além dos muros das Escolas e das Universidades “para estar aonde o povo está” (SILVA, 2023). Compreendo isto como grande valia para a relevância e impacto positivo de nossas pesquisas.

Obviamente que temos que dialogar acerca das contradições e desafios da presença nestes espaços virtuais servindo às grandes empresas de tecnologias (*Big Techs*⁹⁷) que cooptam os movimentos críticos e servem às lógicas de opressão. Também de produzirmos gratuitamente – na maioria das vezes – com conteúdos e informações de extrema qualidade para os espaços virtuais (SILVA, 2023). Todavia, precisamos acreditar também sobre a validade de experienciarmos em possibilidades sobre as novas formas de nos comunicarmos e nos informarmos, bem como acerca da democratização de materiais científicos acerca Meio Ambiente e Sexualidade, bem como de nos organizarmos em coletivos com pautas afins.

Com a Pandemia do Covid-19 ficou exacerbado também a necessidade sobre a criação de materiais pedagógicos pelas/os docentes (com por exemplo as videoaulas). Assim é preciso registrar que os **materiais pedagógicos se diferem dos materiais educativos**, pois os primeiros têm **intencionalidade** acerca do trabalho para aprendizagem. Parto do entendimento que **todo material educa, porque somos seres educadores, logo tudo que nos cerca é/pode ser educativo**.

Entendo que estes recursos pedagógicos – que se caracterizam a produção de materiais - se ampliam em possibilidades de ensino-aprendizagem com as redes sociais *online*, de maneira didática, abraçando interesses e realidades em multiplicidades de Ser, sobretudo da atual geração.

Para isso que precisamos refletir sobre as dificuldades na formação de professoras/es em versar sobre as produções próprias de materiais pedagógicos e assim exalto o papel docente em criticidade acerca das interconexões de temáticas, como Meio Ambiente e Sexualidade, pensando sobre a suma importância de retratar as realidades das/os educandas/os ainda mais quando consideramos os espaços *online* como espaços educativos.

⁹⁷ Grandes empresas que exercem domínio sobre as tecnologias como Google®, Amazon®, Apple® e Microsoft®.

É necessário grifar que a EASES se ancora em perspectivas críticas e emancipatórias de Educação e sob estes vieses a problematização acerca dos materiais pedagógicos se faz elemento base.

Sob este entendimento não há materiais neutros, todavia não podemos “demonizar” ou “endusar” os recursos pedagógicos e sempre devemos partir do posto e imposto, como por exemplo: por que quando pesquisamos jogos e brinquedos para meninas ainda vemos um “mundo cor de rosa e delicadeza” e quando procuramos por jogos e brinquedos para meninos se tem um “universo de cor azul e de aventuras”?

Por estes motivos se faz essencial dialogarmos sobre paradigmas e vertentes de Educação, Educação Sexual e Educação Ambiental, nos fortalecermos na organização de Coletivos e na ancoragem por meio de documentos educacionais, políticas públicas e direitos humanos ambientais e sexuais e estarmos em movimentos de pesquisas e diálogos críticos-amorosos e em pontes entre estudos científicos e a Comunidade. Compreendo que assim estabeleceremos uma relação que promova ações de transformações paradigmáticas sociais, políticas, educacionais, principalmente sobre Meio Ambiente e Sexualidade visto as fragmentações que nos levam à violências e destruições.

No capítulo a seguir apresento como caminhei metodologicamente alinhando todos os pontos já descritos e indico as análises e os resultados deste estudo.



Frida Kahlo, **O Abraço do Amor do Universo, da Terra (México), Eu, Diego e o Senhor Xólotl**, 1949.

3. OLHARES EM MOVIMENTOS: DAS CONDIÇÕES FAVORÁVEIS PARA OS PLANTIOS ÀS COLHEITAS

Este capítulo anuncia os movimentos e caminhares metodológicos escolhidos e vividos nas trilhas da Tese e leva este título para a menção ao sentido da Visão, pois comprehendo que as escolhas metodológicas precisam de um olhar atento da pesquisadora, em uma constante revisita para expressar a coerência, a rigorosidade e o comprometimento próprios da Ciência.

A obra de Frida Kahlo, “O Abraço do Amor do Universo, da Terra (México), Eu, Diego e o Senhor Xólotl” (1949), que abre este terceiro capítulo expressa as interconexões e as relações dialéticas Eu, Outro(s), Mundo. Esta arte muito me representa, pois me entendo como uma **cientista holista** que não permite a compreensão de mundo sob óticas reducionistas, assim considero as relações - da tríplice mencionada - em suas totalidades.

Tendo a categoria totalidade como premissa, me pauto no paradigma do materialismo histórico-dialético, pois ele é o que melhor me faz compreender o modo de produção capitalista em seus processos fragmentadores de **ser humano ambiental-sexual em processo constante de Educação, em pleno século XXI, que não se sente pertencente a si em Inteireza (Sexualidade) e nem ao seu Planeta Terra (Meio Ambiente) provocando atos de violência e destruição em um ecocídio, bem como a morte de si mesmo.**

Pautada nesta base paradigmática fui descrevendo como aconteceram as ações exploratórias e propositivas da Tese.

No primeiro subcapítulo apresento os movimentos iniciais da pesquisa, as ancoragens metodológicas da Tese e as linhas de ações traçadas para contemplar cada objetivo da pesquisa.

No subcapítulo seguinte abordo como o cenário investigativo foi se delineando para o espaço *online* durante a Pandemia do Covid-19 e minha doença com câncer de mama.

Concluo apresentando no terceiro subcapítulo como realizei as organizações, as análises e os resultados por meio dos objetivos traçados para a Tese.

3.1. EM UMA DIVERSIDADE DE ÓTICAS DESCORTINO O UNIVERSO METODOLÓGICO APRESENTANDO AS CONDIÇÕES DE MEU PLANTIO

Parto do princípio que para fazer Ciências na Educação, ainda mais nos dias atuais, deve-se sair das amarras de perspectivas que não valorizam a pesquisa, a/o pesquisadora/or e os sujeitos, bem como os objetos, em sua totalidade, tendo como máxima que **não há neutralidade nas Ciências** e como motivação os processos de conhecimento da natureza das coisas e do universo visando a contribuição e/ou transformação da(s) realidade(s).

Neste sentido é elementar **fazer Ciência(s) com consciência**, principalmente de pesquisar, estudar e produzir sobre temáticas significativas para mudanças positivas e efetivas na Educação visando colaborações de âmbito público para as redes educacionais e espaços educativos - e onde o espaço educativo *online/virtual* aqui é também considerado.

Assim, é importante registrar que Ciência (sob o significado de saber, conhecer) atenta-se em analisar princípios, conceitos, teorias e métodos verificando problemas científicos por meio de hipóteses buscando explicar fatos e dados do universo através de evidências e certezas (TEIXEIRA, 2014).

Para maiores compreensões das minhas exposições metodológicas neste capítulo vale aqui mencionar as minhas experiências nos trabalhos da graduação em Pedagogia e nas duas especializações *stricto sensu* que foram embasados na metodologia ecossistêmica (MORAES; TORRE, 2005)⁹⁸. Esta é caracterizada pela valorização do diálogo, da riqueza do processo vivenciado na pesquisa, da troca entre sujeito e objeto do conhecimento, da história de vida das/os participantes, logo da interação como um todo, enaltecendo a pluralidade e a diversidade de instrumentos para, da melhor maneira, compreender os processos e seus resultados.

Percebo que a metodologia ecossistêmica está em consonância com a vivência na Dissertação de Mestrado onde, inspirada pelos estudos do Grupo de Pesquisa EDUSEX UDESC, caminhei com o paradigma do materialismo histórico-dialético agregando à pesquisa de interfaces de Meio Ambiente e Sexualidade sob a compreensão do ser humano constituído e constituinte, nas interações dialéticas, nas relações sociais e no modo de produzir vida, pois o materialismo histórico-dialético

⁹⁸ MORAES, M. C.; LA TORRE, S. de la. **Pesquisando a partir do pensamento complexo**: elementos para uma metodologia de desenvolvimento ecossistêmico. Educação, Jan/Abr 2005, n. 1 (58), P.145-172. Porto Alegre, RS.

esclarece conceitos como ser social, consciência social, concepção de humanidade, cultura, organização política da sociedade, etc (TRIVIÑOS, 2012). Na Dissertação o **paradigma vivenciado foi de suma relevância para entendimento da totalidade e das mudanças paradigmáticas no modo de produzir vida ao longo do tempo, sendo ao meu ver, um eixo que abarca a visão holística do Planeta Terra e do ser humano**, perspectiva que trago em meus estudos e vivências.

Por estes motivos que nesta Tese de Doutorado decidi continuar sob este paradigma, pois o **materialismo histórico-dialético me faz enxergar o Mundo e o universo da minha pesquisa em totalidades**.

Sob estas experiências e premissas, aponto a seguir os olhares sobre os percursos que delinearam a Tese de Doutorado, apresentando a organização do quadro para estabelecer a coerência com o vivido e o pesquisado já que a Tese é – relembrando – a continuidade dos meus estudos anteriores.

Quadro 3 – Bases conceituais metodológicas da Tese de Doutorado

Paradigma	Materialismo histórico-dialético (TRIVIÑOS, 2012)
Método de abordagem	Dialético (PRODANOV; FREITAS, 2013 e GAMBOA, 1998).
Pesquisa quanto a natureza	Básica “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.51).
Pesquisa quanto aos objetivos	Exploratória (intenciona proporcionar mais informações sobre o assunto investigado possibilitando sua definição e delineamento e fixando os objetivos para formulação de hipóteses) (PRODANOV; FREITAS, 2013) e Propositiva (objetiva apontar alternativas para soluções às problemáticas encontradas).
Pesquisa quanto aos procedimentos técnicos	Bibliográfica (a partir de materiais já publicados) e Documental (por meio de materiais que não receberam tratamento analítico) (PRODANOV; FREITAS, 2013).
Pesquisa quanto abordagem do problema	Cunho qualitativo é aquele que eleva os processos de compreensão e interpretação dos conteúdos da pesquisa, e não tanto descrevê-los ou explicá-los (TOZONI-REIS, 2010), sendo um caminho para explorar e entender o significado que os sujeitos da pesquisa atribuem a um problema (CRESWELL, 2010).
Instrumento de coleta	Levantamento bibliográfico, documental e digital em redes sociais online
Técnica de análise de dados	Análise de Conteúdo (BARDIN, 1988).

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2022).

O quadro 3 tem como panorama as premissas de Cleber Prodanov e Ernani Freitas (2013) na obra “Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico” e como base as pontuações sobre metodologia de minha Dissertação de Mestrado (WARKEN, 2018) ampliando olhares nos percursos da Tese de Doutorado.

Os apontamentos metodológicos da Tese me fortalecem nas pesquisas e nas escritas, **agregando coerência e credibilidade ao estudo que dialoga com fontes documentais e bibliográficas, criando uma teoria e metodologia próprias da pesquisadora-intelectual**. Entendo que “a pesquisa é fruto de condições materiais, sociais, históricas e discursivas, e que a/o pesquisadora/or é peça fundamental nesta produção (já que é permeada/o por suas próprias condições de vida)” (WARKEN, 2018, p.59), assim pontuo a importância dos processos e movimentos dialéticos nas Ciências da Educação, agregando às pesquisas para linha Políticas Educacionais, Ensino e Formação.

Compreendo, desta forma, a Tese como um caminho de construção do saber científico que se constrói e desconstrói nos processos de interações entre pesquisadora/or e sujeitos/objeto/fato/fenômeno, logo em constante movimento. Reverberando com esta colocação, me pautei na abordagem da pesquisa por meio do método dialético que

(...) parte da premissa de que, na natureza, **tudo se relaciona, transforma-se e há sempre uma contradição inerente a cada fenômeno**. Nesse tipo de método, para conhecer determinado fenômeno ou objeto, o pesquisador precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança. De acordo com Gil (2008, p. 14), [...] a **dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade**, uma vez que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.35 - grifos meus).

Em complemento com as reflexões acerca da dialética, me apoiei em Silvio Gamboa (1998) que me fez pensar os caminhos metodológicos da Tese, bem como a formulação da EASES em seus pressupostos e propostas, principalmente quando explica que

A dialética materialista relaciona sujeito e objeto na base real de sua unificação na história. Na atividade prática e histórica dos homens verifica-se a **relação dialética entre o sujeito e o objeto e a interação entre o homem e a natureza, considerados isoladas e com leis próprias**, nas concepções filosóficas anteriores a Hegel. A prática histórica, entendida como a ação transformadora do homem sobre a natureza, é a base para entender a relação entre pensamento e natureza como um processo de reflexo desta na consciência do homem, e para compreender melhor a unidade entre as leis do pensamento e as leis do ser. É por isso que a incorporação da prática

histórica à teoria do conhecimento é fundamental na nova concepção do conhecimento. (...) a **dialética pretende revelar as leis do movimento dos objetos e dos processos tanto da natureza como do pensamento e a lógica do avanço da relação entre o mundo objetivo e o pensamento**, segundo as leis objetivas, assegurando assim que o pensamento coincida em conteúdo com a realidade objetiva que está fora dele. Nesse sentido, a dialética materialista apresenta-se como **método e lógica do movimento do pensamento no sentido da verdade objetiva** (GAMBOA, 1998, p.19-20 – grifos meus).

Seguindo nesta coerência o estudo teve caráter exploratório e propositivo em sua intenção de criar os pressupostos teóricos e as propostas metodológicas da EASES.

Agregando a isto, a pesquisa se desenvolveu em cunho qualitativo sempre preconizando - muito mais do que a quantificação dos dados obtidos - as contribuições das interações e conteúdos no cenário de pesquisa.

Segui com Laurence Bardin (1988) – como em minha Dissertação de Mestrado - analisando os dados do levantamento bibliográfico, documental e digital em redes sociais *online* por meio da técnica de análise de conteúdos que prevê três grandes momentos: a pré-análise onde acontece a organização e preparação dos materiais, a definição do *corpus* e a elaboração dos indicadores e objetivos; a Descrição analítica com o processamento do *corpus*, onde as informações são transformadas em dados por procedimentos de estudos, como a codificação, a classificação e a categorização; a interpretação referencial com tratamento de resultados, destaque aos indicadores e indicativos da categoria, procurando por palavras-chave como indicadores (BARDIN, 1988; DECKER, 2010; WARKEN, 2018).

Vejo que dar continuidade à técnica de análise de dados possibilitou um melhor entendimento do universo de estudo, uma rica descrição dos processos da pesquisa e caminhos de interpretações conclusivas e comunicações mais claras, unificando as teorias e fundamentos com as vivências e práticas nos valorosos processos subjetivos e únicos da pesquisadora.

Penso que um dos enfoques interpretativos da análise foi sobre as teorias, as práticas e suas inter-relações dos dados examinados em uma atenção às transformações educacionais nos espaços *online* na realidade social global em tempos de Pandemia do Covid-19, das quais tiveram que passar as pesquisas científicas e onde voltei – novamente - meu olhar sobre as redes sociais *online* que venho (re)construindo desde 2014, em meus estudos anteriores.

Seguindo a reflexão, reunindo tudo que realizei desde o ingresso no Doutorado em 2019, traçando paralelos com minhas experiências - atenta aos materiais

pedagógicos, vídeos educativos e redes sociais *online* - e fazendo um paralelo com os objetivos indicados neste estudo, delineei as minhas ações metodológicas em:

- Análise de currículos de Pedagogia e de cursos sobre Educação Sexual e Ambiental (livres) para propor um curso *online* de formação EASES (que já foi inclusive esboçado um programa em uma proposta no artigo para CONBalf – WARKEN; MARTINS FILHO; MELO; 2021),

- Análise de materiais pedagógicos de Educação Ambiental e Sexual (livros, atividades e vídeos, dos quais muitos tinha/tenho salvos em Google Drive® pelas experiências ao longo da caminhada e alguns que encontrei durante as buscas) e a criação dos materiais da EASES, também ancorada pela experiência das produções de materiais pedagógicos do Grupo EDUSEX UDESC e suas/seus aliadas/os da Educação Sexual Emancipatória,

- Análise por meio das *hashtags* (#) acerca da Educação Sexual e da Educação Ambiental e seus conteúdos das redes sociais YouTube®, Facebook® e Instagram® para criação de conteúdos para as redes da Pesquisadora e EDUSEX (algo que fiz somando as minhas vivências, as trocas com público e usando temáticas das redes para minhas produções).

Neste sentido que agreguei a todos os itens acima o meu trabalho com oficinas pedagógicas, principalmente junto ao Grupo EDUSEX UDESC desde 2015, analisando materiais, falando dos “bacanas e dos não tão bacanas”, bem como meu olhar crítico sobre vídeos e conteúdos das redes sociais *online* para minhas produções que já faço desde 2014 - a partir da especialização em Mídias na Educação, como já mencionado.

Diante as exposições comprehendi que meu trabalho como cientista-pesquisadora-doutoranda ficou organizado da seguinte maneira:

- Administradora das redes sociais *online* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade e do Grupo EDUSEX UDESC,
- Ações de coletas, organizações e análises de conteúdos diversos (vídeos, textos, livros, etc) para formulação dos pressupostos e das propostas da EASES,
- Criadora de conteúdos e materiais pedagógicos próprios sob o viés da EASES.

Registro que fui observando a necessidade de formular um estilo próprio de comunicar, informar e entreter (para cativar e sensibilizar para consciência crítica-amorosa) por meio das redes sociais *online*. Assim fiz **exercícios de observação de**

estruturas e conteúdos que estão em consonância com os critérios da EASES, bem como da Educação Sexual Emancipatória preconizada pelo Grupo EDUSEX UDESC.

Nestes exercícios vi se delineando as possibilidades teóricas-metodológicas para EASES por meio das interações, dinâmicas e experiências da própria Pesquisadora, bem como com os múltiplos grupos em diálogos dentro e fora das redes sociais *online*.

Desta maneira, como administradora fui gerindo as redes e estudando os espaços e as relações que o público estabelece/estabeleceu com os temas, diálogos, conteúdos e materiais. Sempre **atenta aos vieses mais democráticos e sensibilizatórios em uma espécie de mapeamento em exploração do que está posto, logo recolhi - com estas intencionalidades e olhares - amostras que me permitiram criar os pressupostos e propostas da EASES e também para indicar conteúdos e materiais que tem o “selo da EASES”** (neste movimento de análises que faço há anos sobre os conteúdos e os materiais pedagógicos “bacanas e os não tão bacanas”, por exemplo).

Por isso precisei por muitas vezes fazer a separação da Educação Ambiental e da Educação Sexual e depois integrá-las para indicar as possibilidades de EASES.

Nestes movimentos metodológicos para pressupostos e propostas da EASES refinei as seguintes ações:

- Organização das redes da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade,
- Criações da Pesquisadora de materiais e de conteúdos para as redes sociais *online*,
- Organização dos materiais Grupo EDUSEX UDESC no Google Drive® setorizando a midiateca e a fototeca para membros/os do Grupo e os *links* das redes e materiais abertos ao público,
- Postagens nas redes Grupo EDUSEX UDESC e dos programas de rádio (*podcasts*) no canal do YouTube®,
- Organização no Google Drive® da Pesquisadora: Biblioteca Paulo Freire, Biblioteca bell hooks, Materiais EASES, Materiais Pedagógicos de Sensibilização para o Câncer de Mama e Biblioteca da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade (com achados sobre Educação Sexual e Ambiental que são/foram inspiração e/ou problematizações para minhas criações).

Registro ciência de que esta minha pesquisa extrapolou certos enquadramentos e imposições e indico que ancorei minha ética, sobretudo, em minhas experiências e pesquisas anteriores, bem como em rigor científico com cúmplices que me fortaleceram na construção da EASES refletindo em uma **metodologia de pesquisa problematizadora que compreende pesquisadora, pesquisa e objeto de pesquisa em suas unicidades**, sobretudo no ciclo gnosiológico de Paulo Freire – como já mencionado.

Diante todo o exposto, acredito que as proposições metodológicas seguiram um caminho coerente articulando meus estudos anteriores, minhas vivências como educadora-educanda e meus princípios éticos-educacionais para a produção de Ciência em contribuições à Educação elevando a investigação sobre a Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser - EASES em seus pressupostos e propostas.

3.2. EM OLHAR ATENTO PARA AS INTENSAS E MÚLTIPLAS REALIDADES MODIFICADAS COM OS TEMPOS DE PANDEMIA E ESPAÇOS EDUCACIONAIS ONLINE: (RE)FORMULANDO O CENÁRIO DA PESQUISA E CONSTRUINDO UM CANTEIRO PARA O PLANTIO

3.2.1. O canteiro de (des)construções das redes da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

Com as ressignificações – na época - do projeto de Tese para qualificação em diálogos de orientação e com as ampliações teóricas nas pesquisas realizadas - sempre revisitando as produções próprias para traçar uma coerência científica de acordo com as perspectivas e vivências - foi que, no terceiro mês do ano de 2020, com a Pandemia do Covid-19, foi preciso debruçar-me constantemente sobre os percursos metodológicos da Tese.

Antes da realidade pandêmica - e os recursos e necessidades educacionais que emergiram trazendo múltiplas reflexões - a intenção era pontuar as teorias da EASES e realizar um programa de formação para professoras/es por meio de oficinas pedagógicas presenciais e utilizar materiais digitais como complementares.

Com a vivência das emergências educativas, meu olhar investigativo teve mais atenção para os materiais e recursos *online* que eu já tinha criado e estava sempre

alimentando, com conteúdos como o canal no YouTube® e a página no Facebook® - que iniciei o desenvolvimento em 2014 para o trabalho de conclusão do curso de especialização em Mídias na Educação.

Relembrando que somado à Pandemia teve a descoberta de meu câncer de mama que me trouxe mais **olhares sensíveis sobre a necessidade do diálogo crítico-amoroso, de registrar informações em linguagem acessível para “todas as pessoas” que fazem uso da internet e das redes sociais online e de explorar as diversas possibilidades de postagens tornando os conteúdos mais atraentes, inclusivos e reflexivos.**

Então, a partir do meu diagnóstico, em pleno ápice da Pandemia do Covid-19, foi que no mês de junho de 2020 comecei a pensar sobre meu público e em **como eu gostaria de agregar às vidas das pessoas com minha pesquisa e como eu gostaria de ser lembrada.**

Fui avaliando que seguindo com as “conquistas’ das pesquisas desde o Curso Técnico em Meio Ambiente, em 2007, percorrendo caminhos em perspectiva transversal e transdisciplinar, chego – este ano de 2023 - há 15 anos na área da Educação.

Refleti que grande parte das pessoas que me ouviram falar sobre meu trabalho e meus estudos recordavam de mim – na maioria das vezes, não do meu nome, sobrenome ou qual era minha instituição de trabalho/estudo - como “aquela que pesquisa Meio Ambiente e Sexualidade”. E vi que mais que uma sintonia com o público, é dessa forma que **amo e quero ser reconhecida: Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.**

Também observei que muitas pessoas estavam se conectando mais à rede social Instagram®, de 2019 à atualidade, e eu tinha nesta rede um perfil pessoal e fechado, o @alinediya. Quando me questionavam sobre o motivo do DiWa eu falava que era “Di de Diniz e Wa de Warken”, e fui notando que as pessoas achavam interessante e “gravavam rapidamente” o *nickname*.

Notei a partir disso que eu tinha a simpatia do público e a ligação deste com minhas temáticas de pesquisa. Assim, a minha persona *online* foi se fortificando.

Registro que eu fazia uso da imagem de perfil em minhas redes sobre Meio Ambiente e Sexualidade de uma figura – apresentada a seguir - modificada por mim, em 2016, de uma árvore em que suas folhas formam a silhueta de um ser humano remetendo que somos seres em conexão com a terra e em interação constante com todo o ambiente, micro a macro.

Figura 2 - Imagem de perfil das redes Meio Ambiente e Sexualidade (2016) editada por WARKEN, Aline Diniz.



Fonte: Arquivo Pessoal da autora Aline Diniz Warken (2016).

Movida pelas percepções mencionadas, em julho de 2020, modifiquei os títulos “Meio Ambiente e Sexualidade na Formação de Educadores” do canal do YouTube® e “Meio Ambiente e Sexualidade para Formação do Ser Integral” da página do Facebook® para “Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade”.

Na mesma época, no perfil do Instagram® @alinediwa alterei o perfil, agora aberto, para produtora de conteúdo, onde é possível observar os registros das interações com o público por meio de diversas métricas.

Neste processo de retomada no canal do YouTube® e das modificações na página do Facebook® e perfil do Instagram® realizei a produção da minha marca pessoal como “Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade”, sendo então idealizados logotipo, *slogan*, capas de vídeos, enfim toda uma identidade visual, bem como os planejamentos de conteúdos e a produção audiovisual. Assim, modifiquei as informações em todas as redes sociais e inclui o logotipo – figura a seguir - criado juntamente com minha irmã, Daniele Diniz Warken, designer gráfica.

Figura 3 - Logotipo da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade criado por WARKEN, Aline Diniz e WARKEN, Daniele Diniz (2020)



Fonte: Arquivo das autoras, do Logotipo Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, Aline Diniz Warken e Daniele Diniz Warken (2020).

O logo criado com a designer Daniele expressa a base teórica da EASES: Eu, Outro(s), Mundo.

- O tronco simboliza o corpo, o ser humano (Eu) em Inteireza e sua relação com o Outro e o Mundo.
- As folhas expressam o individual e o coletivo, o micro e o macro, as diversidades, as Sexualidades, então o(s) Outro(s).
- O círculo em azul retrata o Mundo, o Planeta Terra, a casa comum a todos os seres.
- A união de todos os elementos constitui a dimensão ambiental, a totalidade, o Meio Ambiente.

Assim, as cores que representam a Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade são: azul (harmonia e segurança), verde (saúde e esperança), marrom (consciência e responsabilidade) e laranja (mudança e expansão).

Após estas modificações foi o momento de comunicar essas novidades para o público com uma *live*, em 10 de julho de 2020, no YouTube® e no Instagram®, abordando o relançamento do canal e as alterações de título, logo, descrição e o objetivo das redes sociais da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade: **ser ponte entre os conhecimentos científicos com a comunidade virtual pensando o espaço online como lugar de diálogo crítico-amoroso e de partilhas de**

conteúdos e materiais pedagógicos para democratização das pesquisas em Educação.

Compreendi a importância da organização dos dados de todas as redes sociais *online* da Pesquisadora e das minhas produções para um fácil acesso de meus trabalhos. Assim criei um perfil no Linktr.ee® que é uma plataforma que gera um *link* curto permitindo o registro na “bio” das redes sociais o que torna mais dinâmico e facilitado o encontro das informações da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade pelo público.

Com as diversas testagens, compreendendo melhor os interesses do público que segue as redes sociais *online* da Pesquisadora, fui observando que muitas vezes que publicava sobre meu câncer de mama ou alguma “reflexão mais espiritualista” eu “perdia seguidoras/es”. Pensando nas intenções com o público e para não ter confusões nos conteúdos, apresentando o caráter científico (exposição e análise dos dados fornecidos pelas plataformas) e intencional dos usos das redes da Pesquisadora que resolvi em março de 2022 criar perfis no Instagram® separados do @alinediwa.

No @alinediwaborboleteando, abordo como vivo o câncer de mama durante o Doutorado e a Pandemia, trazendo informações e materiais sobre a doença e o @mundobichogrilo é referente ao *blog* que tenho desde 2009 e partilho minhas ideias e reflexões sobre a vida e onde me permito “não ter filtros” sobre abordagens, dialogando sobre toda e qualquer temática, desde artesanato à política à espiritualidade. Mundo Bicho Grilo é também o nome que eu, minha mãe e minha irmã batizamos o nosso sítio, espaço em que somos guardiãs, pois nele vemos um mundo de paz e conexão com nós mesmas, com o(s) outro(s), com a Natureza e com o Planeta Terra.

Também por observações e pesquisas específicas sobre as redes sociais *online* compreendi a necessidade de criar uma plataforma para uso de uma espécie de banco de dados para a Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, pois entendi que:

1. Para minha pesquisa e meu trabalho serem mais democráticos eles não podem se restringir às redes sociais, pois há pessoas que não tem perfil no Facebook®, no YouTube® ou no Instagram®.
2. O público precisa de um espaço intuitivo onde é fácil o acesso às informações e onde os dados são rapidamente encontrados.
3. Quando fazemos pesquisas no Google® ele sempre indica *sites* da própria

empresa como YouTube® e Blogger®. Os conteúdos das redes sociais *online* só são encontrados na busca da própria rede, principalmente por meio das *hashtags* (#).

Assim, decidi, em junho de 2022, criar o *blog* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade para ser um espaço para quem não tem perfil em redes sociais, para ser um banco de dados dos conteúdos produzidos e para ser um *site* indicado nas buscas do Google® quando se procura pelas temáticas que são minhas especialidades.

Vale registrar que eu fazia o uso do meu *blog* Mundo Bicho Grilo para inserir as produções da Pesquisadora, desde 2021, sob a ciência de todas as intenções já mencionadas. Mas com o entendimento de não haver confusão sobre as redes e tornar um espaço exclusivo sobre Meio Ambiente e Sexualidade que esta ação foi tomada.

A partir das exposições até aqui, registro a seguir os *links* das redes sociais da Pesquisadora.

Quadro 4 – *Links* das redes sociais *online* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

<i>Links</i> da Aline Diniz Warken	https://linktr.ee/alinediya
Página no Facebook®	https://www.facebook.com/masexformacao
Canal no YouTube®	https://www.youtube.com/@meioambientesexualidade
Perfil no Instagram®	https://www.instagram.com/alinediya
<i>Blog</i> - Banco de dados	https://pesquisadorameioambientesexualidade.blogspot.com

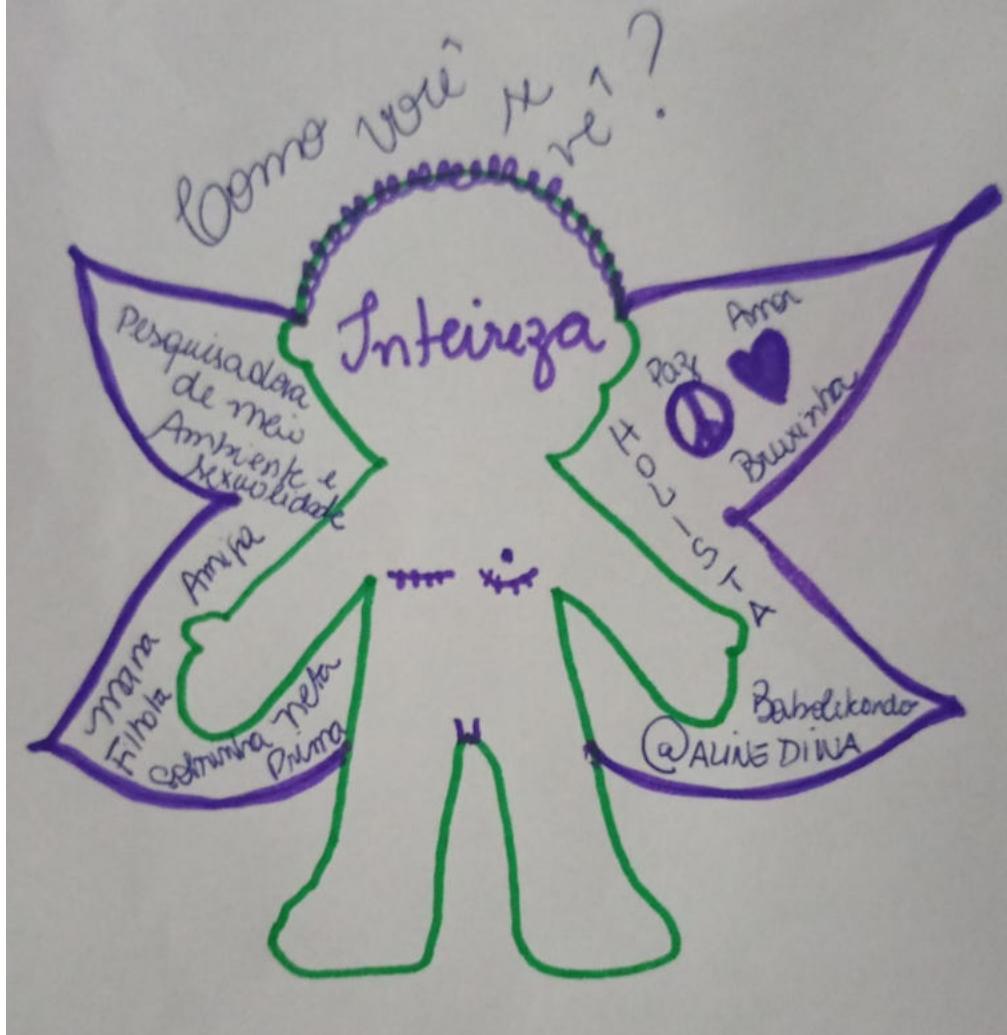
Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2022).

Pensando em uma maior elaboração da **persona virtual** e de um contato sensível com o público da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade foi que criei a Mascote da EASES. Ela foi produzida durante a minha palestra no Colóquio dos Grupos de Pesquisa EDUSEX em 2021, totalmente *online*, onde partilhei o diálogo, sobre materiais pedagógicos com a Pedagoga Mariana Galdino, membra/colaboradora também do Grupo EDUSEX UDESC.

A nossa proposta foi de recriar uma interação que uso em oficinas, aulas e palestras desde 2016: **como você se vê?** Utilizando uma silhueta como base a

pessoa pode preencher o desenho (ou extrapolar a silhueta) da maneira como se enxerga naquele momento reflexivo. Fazendo também parte da proposição produzi o desenho abaixo.

Figura 4 - Criação da Mascote EASES por WARKEN, Aline Diniz (2021)



Fonte: Arquivo Pessoal da autora Aline Diniz Warken (2021).

Pensando nas interações com o público, principalmente nas crianças, e na utilização da Mascote como uma facilitadora em mecanismo pedagógico-didático nos materiais pedagógicos da EASES foi elaborada - juntamente com minha irmã designer gráfica Daniele - a versão a seguir para composição das produções de conteúdos.

Figura 5 - A Mascote EASES: Borboleta Inteireza por WARKEN, Aline Diniz e WARKEN, Daniele Diniz (2022)



Fonte: Arquivo das autoras, da Mascote EASES, Aline Diniz Warken e Daniele Diniz Warken (2022).

A intenção no uso da mascote nas redes sociais *online* e nos materiais da Pesquisadora também é de reafirmar minha persona com o público gerando mais identidade e aproximação para o fortalecimento da comunidade da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.

3.2.2. Observando todas as interações nos canteiros: quais são os recursos dentro das redes sociais *online* como espaços educacionais virtuais?

Um dos grandes aprendizados com as redes sociais *online* foi observar sobre os usos das diversas ferramentas e maneiras de expressar-se nestes ambientes por meio de: *stories*, *reels*, postagens no *feed* aliando texto, imagem e filmagem, *lives*, vídeos em formatos diferentes, enquetes, perguntas, testes, ‘termômetro’ e reações por meio de emojis/figurinhas.

Estes recursos geram formas diferentes de engajamentos como visualizações, compartilhamentos, comentários e curtidas.

Neste sentido, a ferramenta de *insights* no modo de produtora de conteúdo do Instagram®, por exemplo, permite conhecer a quantidade de vezes que a postagem foi curtida (por meio de um caractere de coração), comentada (através da imagem de balão de diálogo), compartilhada (por meio de um desenho de avião de papel) ou salva (através do caractere da bandeira). Também é possível acessar a visão geral da postagem com contas alcançadas, contas com engajamento e atividades do perfil. Ainda é possível conhecer o alcance da postagem e as impressões da mesma.

Sob este panorama que o levantamento e análise de dados neste espaço das redes sociais *online* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade aconteceram: em uma perspectiva do coletivo e em viés qualitativo.

A seguir trago as interações em duas postagens no Instagram® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, em 2022, que tiveram os maiores números nos engajamentos.

Figura 6 – Dados da interação na publicação no feed “40 séries que abordam (intencionalmente) a Sexualidade” no Instagram® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

← Insights da publicação

Devido às regras de privacidade de algumas regiões, pode haver menos insights relacionadas a mensagens, como compartilhamentos e respostas. [Saiba mais](#)



14 de maio às 19:39

45 7 19 12

Visão geral ⓘ

Contas alcançadas	1.069
Contas com engajamento	55
Atividade do perfil	4

Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2022).

Figura 7 - Dados da interação no *reels* “Por que Meio Ambiente e Sexualidade em interconexão?” no Instagram® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2022).

Pode-se observar nas figuras 6 e 7 os caracteres de interações mencionados anteriormente, tendo como retorno o interesse da comunidade, bem como o público utiliza a rede social em tela. Atualmente, muito se dialoga sobre os vídeos rápidos, nomeados de *reels*, pois recebem mais interações que postagens com textos, imagens ou vídeos mais longos. Tanto que a plataforma YouTube® também aderiu a este tipo de conteúdo no ano de 2022, chamando-o de *shorts*.

Percebi o quanto as pessoas, em suas diferentes idades e níveis de formação e escolaridade, buscam as redes sociais *online* como espaços de autoformação e de informação sobre os mais diversos assuntos, bem como de entretenimento. Quando se alia estes três vieses - **formar, informar e entreter** - os conteúdos recebem um grande engajamento. Pontuo sobre este tópico trazendo as seguintes reflexões:

- **O principal cenário de pesquisa desta Tese foram as redes sociais *online* cumprindo os objetivos frente à estas como espaços de democratização de materiais da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade e do Grupo EDUSEX UDESC, de buscas por atualidade das temáticas pesquisadas, bem como de criação de conteúdos sobre a EASES;**
- Todas/os nós que temos um perfil em rede social assinamos uma ciência dos usos de dados pelas plataformas, fornecendo consentimento. Então todo dado pode ser científico se esta ótica assim for plausível/justificável;
- Nas redes sociais *online* da Pesquisadora e EDUSEX analisei em nível macro

e geral: a constituição das comunidades, as múltiplas formas de interações e os engajamentos e as possibilidades diversas nas construções de materiais. Não me pautei em perspectivas micros e individuais em como as pessoas mudam suas realidades e afins por meio do conhecimento acessado nos conteúdos dos perfis, por exemplo;

- As pesquisas percorreram caráter de opinião em estímulos “descompromissados e divertidos”. Compor a comunidade da Pesquisadora e do EDUSEX é para ser leve e expor sua reação e ideia é para ser agregador nas diversidades ricas de ser humano.

Assim, diante as pontuações, comprehendo que as interações e os engajamentos dos perfis seguidores ou não, tanto da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade como do Grupo EDUSEX UDESC, aconteceram **espontaneamente** - por mais que eu tenha entendido o quanto se faz essencial as trocas com os públicos da Pesquisadora e EDUSEX nas diferentes redes sociais *online* na constituição das comunidades virtuais e a formação de elos.

Desta forma, utilizei dados pelo **legítimo interesse e ação ativa do público** que acessa os perfis. Em nenhum momento trabalhei de forma anônima e nem criando anúncios interferindo nas interações. Tudo foi/ é de forma orgânica, sem monetizar e onde eu me apresentei/apresento como doutoranda, pesquisadora, membra dos Grupos de Pesquisa NAPE E EDUSEX, paciente oncológica e muito mais, ao público. Assim é importante grifar que por estes entendimentos eu percebi a não necessidade de um **pedido de autorização para participarem da minha pesquisa**, pois **não sou pesquisadora passiva**, sou eu que proponho/propus e responde/respondeu quem deseja.

Todavia por mais que se comprehenda o **caráter do “legítimo interesse” onde a pessoa que segue o perfil, ou não, está ciente que seu comentário, curtida e compartilhamento é em livre e espontânea vontade de cometer tais ações, é importante ressaltar a preservação das identidades das pessoas que interagem/interagiram com os conteúdos tanto da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade como do Grupo EDUSEX UDESC.**

Também registro que meu foco foi sobre meu perfil Pesquisadora e do EDUSEX, assim eu não analisei outras contas/perfis, nem a rede social e sim meus canais de comunicação, como por exemplo: não analisei o YouTube®, em seu todo, seus benefícios ou malefícios à Educação e nem analisei um perfil específico e suas

interações, mas sim agregadores conteúdos sobre Educação Ambiental ou Educação Sexual.

Neste sentido que traçando uma coerência com o exposto e sob enfoque dos meus objetivos e como foi alcançá-los, percebo que meu prisma não foi conhecer o perfil dessas pessoas que interagem/interagiram com as redes da Pesquisadora e EDUSEX (apesar de eu ter dados sobre e trago para engrandecer e qualificar a pesquisa sobre a formação da comunidade virtual e a democratização de materiais), mas sim foi de conhecer suas ‘dores’ e em formular materiais para sensibilizar sobre EASES.

Reafirmo que minha ética foi/está ancorada nas minhas experiências e nos meus trabalhos publicados, bem como nas ações como membra dos Grupos de Pesquisa NAPE e EDUSEX, como por exemplo de uma vivência em julho de 2022⁹⁹ com retornos sobre um dos materiais que criei para EASES, em conversa com adolescentes onde ouvi as percepções, de forma voluntária e espontânea, sobre o material Silhueta da Sexualidade.

3.3. AS OBSERVAÇÕES DO BROTOPAR DAS SEMENTES, OS DESENVOLVIMENTOS DE FRUTOS E FLORES E (RE) OLHARES SOBRE OS TEMPOS DE COLHEITAS

3.3.1. Das óticas sobre os espaços virtuais educativos como ambientes da investigação

Nestes anos como Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade pude observar a importância da presença virtual/*online* nas postagens de informações acerca das temáticas, bem como a suma relevância da produção de materiais diversos para a construção de conhecimentos para os diferentes públicos.

Assim, como já mencionei, retomei em julho de 2020 o canal no YouTube® ampliando o objetivo de ser uma ponte entre a comunidade *online* e as pesquisas

⁹⁹ Ação que fui convidada pelo Grupo EDUSEX UDESC e LabTEIAS para promoção de extensão sobre Materiais Pedagógicos para Educação Sexual Emancipatória para um grupo de adolescentes e sua professora agregando conhecimentos à um projeto da turma de uma escola particular da Grande Florianópolis/SC.

acadêmicas/científicas “disseminando sementes” acerca de Meio Ambiente e Sexualidade.

Também renomeei a página no Facebook® e o integrei com as postagens realizadas no Instagram® – que passou de pessoal para criadora de conteúdo.

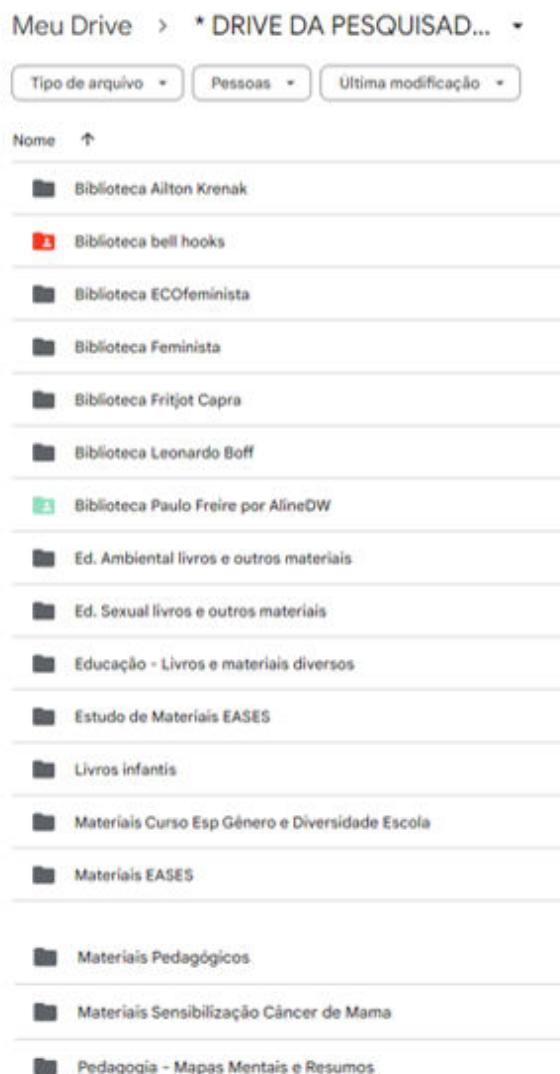
Pela necessidade de ter um espaço como banco de dados e para ampliar a democratização dos materiais, bem como expandir a ponte com a comunidade virtual e as pesquisas científicas, notei a necessidade de ter dois espaços fora das redes sociais *online*: o Blogger® e o Linktr.ee®.

Compreendo, desta maneira, que **os 5 espaços virtuais (YouTube®, Facebook®, Instagram®, Blogger® e o Linktr.ee®) da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade se tornaram meus espaços de investigação com testagens, exercícios reflexivos, análises e resultados tanto das interações com o público, quanto nas criações de conteúdos e materiais que se tornam pedagógicos porque são intencionais.**

Além dos espaços mencionados foi de muito valia o Google Drive® por ser um ambiente seguro para os dados e para organização de todos os materiais salvos e usados na pesquisa e também os materiais criados para esta Tese de Doutorado.

Nas figuras a seguir apresento estes espaços que a investigação foi desenvolvida.

Figura 8 – Pasta do Google Drive® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade



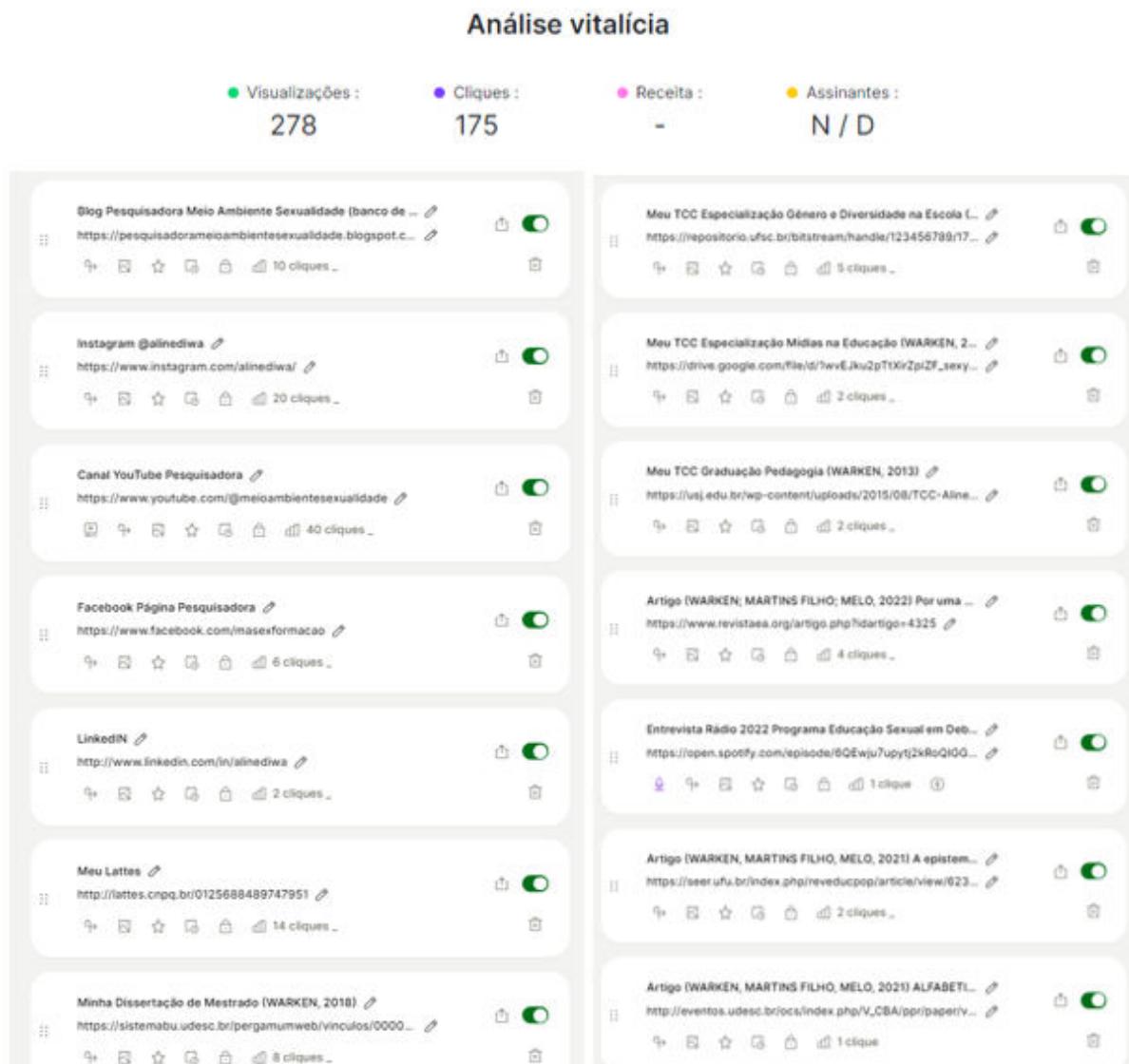
Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

A figura 8 apresenta o espaço – pessoal e privado - do Google Drive® em que criei uma pasta nomeada de “Drive da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade” e adicionei pastas conforme a necessidade da investigação. No fechamento deste item, em 22 de junho de 2023, o Drive contava com 17 pastas que auxiliaram na criação dos pressupostos e propostas da EASES e facilitaram os cumprimentos dos objetivos desta Tese. As pastas contêm livros e artigos de cumplices teóricas/os, materiais sobre Educação Sexual e Educação Ambiental, materiais pedagógicos analisados e criados, arquivos de cursos que realizei e que se tornam valiosos recursos e também arquivos para sensibilização sobre câncer de mama. Uma gama de materiais – angariados em anos e organizados para o desenvolvimento da Tese - que podem ser disponibilizados conforme a necessidade, balizada pela ética e

cuidado com as partilhas de arquivos na internet refletindo sempre sobre os direitos reservados às/-aos autoras/es.

Na sequência apresento o *site*, voltado e disponibilizado ao público, expressado em um espaço organizador de *links* que facilitou o cumprimento do objetivo da democratização de informações, materiais e conteúdos.

Figura 9 - Site organizador de *links* Linktr.ee® com dados sobre visualizações e cliques da @alinediwa



Fonte: Registros de telas da autora Aline Diniz Warken (2023).

No Linktr.ee® registrei 30 *links* e - por meio da figura - pode-se observar que a página teve 278 e 175 cliques nos *links* disponibilizados que contêm as minhas redes sociais e meus trabalhos. O *link* que teve mais acessos foi o canal no YouTube®, com 40 cliques, seguido pelo Instagram® com 20 cliques. Indico que estas mensurações são do dia 22 de junho de 2023.

Analiso que a plataforma é um recurso agregador com as suas possibilidades de organizações e intuitivo na exposição dos recursos, transparecendo clareza na paginação e facilidade para os acessos.

O organizador de *links* se tornou um agregador espaço para publicizar, além das minhas redes e minhas ações, todos os meus trabalhos dos cursos e os artigos, bem como as minhas entrevistas no programa de rádio Educação Sexual em Debate, reunindo os materiais para fácil download e/ou visualização imediata.

Refletindo sobre a publicização e democratização de informações, conteúdos e materiais sobre Meio Ambiente e Sexualidade na internet explico a seguir o uso do Blogger®.

Figura 10 – Página do Blogger® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

Aline Diniz Warken | Doutoranda em Educação | Cientista Holista | EcoFeminista | Criou, em sua dissertação de mestrado, a teoria Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (WARKEN, 2018) | Mais em: linktr.ee/alinedwa

Por que Meio Ambiente e Sexualidade em interconexão?
postado por Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade por Doutoranda Aline Diniz Warken em julho 26, 2022

Meio Ambiente e o que é Sexualidade?
postado por Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade por Doutoranda Aline Diniz Warken em julho 26, 2022

Como produzir uma festa junina/julina?
postado por Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade por Doutoranda Aline Diniz Warken em julho 26, 2022

Na Educação Sexual com os avanços nos estudos, nas pesquisas e nos diálogos refletindo as Diversidades de Ser também estamos revendo alguns termos para expressões mais humanas, respeitosas e
postado por Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade por Doutoranda Aline Diniz Warken em julho 26, 2022

Sabe aquela dinâmica de depositar sua dúvida, anônima, sobre Sexualidade em uma caixa na escola e a professora, geralmente, de
postado por Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade por Doutoranda Aline Diniz Warken em julho 26, 2022

Meu Cartão de Visita
Sou doutoranda em Educação (deverá 2019) e Bolsista. Estou fazendo o meu mestrado há 15 anos e há 10 anos pesquiso sobre Meio Ambiente e Sexualidade em interconexões. Trabalho de forma autônoma como palestrante, ministro de oficinas, escritora e sou consultora sobre Educação, Meio Ambiente e Sexualidade. Abordo questões sobre Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (teoria que cunhei), Pedagogia, Teoria da Prática, Diversidade, Gênero. Me envie e-mail para alinedwa@gmail.com e podemos dialogar sobre suas necessidades, dúvidas e questões em um diálogo crítico-amoroso.

Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade por Doutoranda Aline Diniz Warken
[Visitar perfil](#)

Arquivo

Marcadores

Total de visualizações de página 551

Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

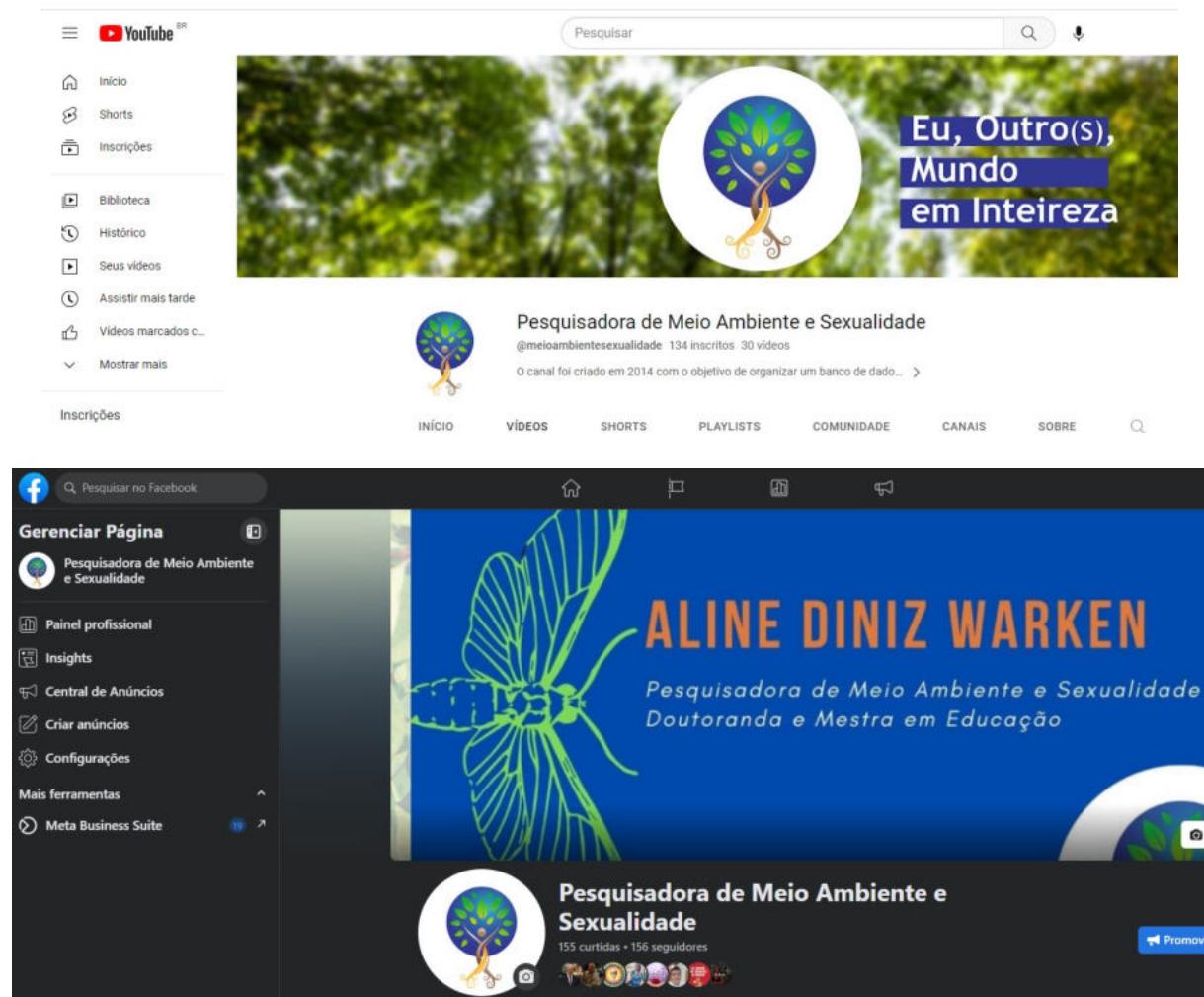
O Blogger® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, criado em junho de 2022, intenciona ser um banco de dados público com os conteúdos das redes sociais *online*, mas – sobretudo - para quem não tem perfis nas redes e facilitar os achados dentro da plataforma de busca no Google®.

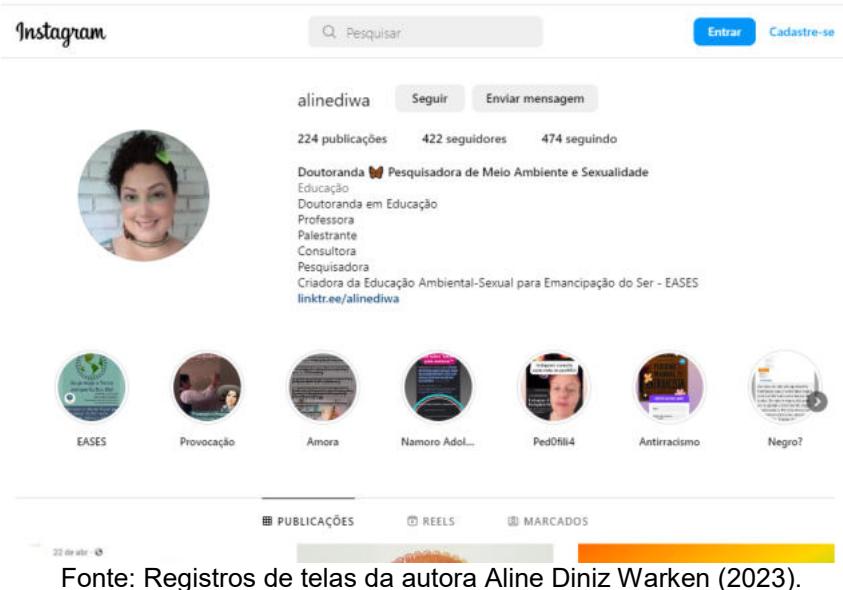
Desde a criação – há um ano – a página recebeu 551 visualizações e outras interações como “comentar a postagem” ou “seguir a página” não foram recebidos. Provavelmente pela maior parte do público ter uma presença interativa justamente nas redes sociais – como identificado - e o **blog passou a ser um recurso de pesquisa**.

Indico que não realizo as postagens na página de forma imediata como nas redes sociais *online* - então a periodicidade para atualização é de um tempo maior - mas contemplam em sua integralidade as informações e os materiais partilhados nas redes, se tornando assim mais um espaço virtual educativo e de democratização de informações críticas sobre Meio Ambiente, Sexualidade e Educação.

Na sequência trago os *prints screens* dos perfis nas três redes sociais que foram realizados em 22 de junho de 2023 para um panorama atualizado das interações **grifando a comunidade da Pesquisadora e das publicações representando as produções de conteúdos e materiais democratizados**.

Figura 11 - Perfis do YouTube®, Facebook® e Instagram® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade





Fonte: Registros de telas da autora Aline Diniz Warken (2023).

No YouTube® há 30 vídeos disponibilizados e 134 inscritas/os. Já no Facebook® há 156 seguidoras/es e mais de 50 publicações. E no Instagram® há 224 publicações no *feed* (publicações que ficam na grade do perfil), sem contar os *stories* (publicações a priori temporárias por 24h) salvos e os *reels* (vídeos curtos) e conta com 422 seguidoras/es.

Observo por meio destes dados e as interações nestes anos nas redes sociais o quanto que a rede social Instagram® - na atualidade, principalmente após a Pandemia - é a que mais tem pessoas que interagem nos diferentes conteúdos que a plataforma oferece. O número de seguidoras/es varia diariamente, além da característica de uma rede que exacerba o rápido interesse ou desinteresse do público, podemos considerar também que há perfis de comércios e *fakes* (que trabalham em sistemas diversos para vendas e interações “caça números” e anúncios) o que afeta tal quantificação.

Qualificando as interações – que é o foco desta Tese – nota-se que o **Instagram® pela sua gama de recursos e formatos midiáticos atrai mais as pessoas quando colocadas em tela as três redes sociais da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.**

Descrevo mais sobre estas características das redes sociais *online* no item a seguir.

3.3.2. As redes sociais *online* e os conteúdos da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

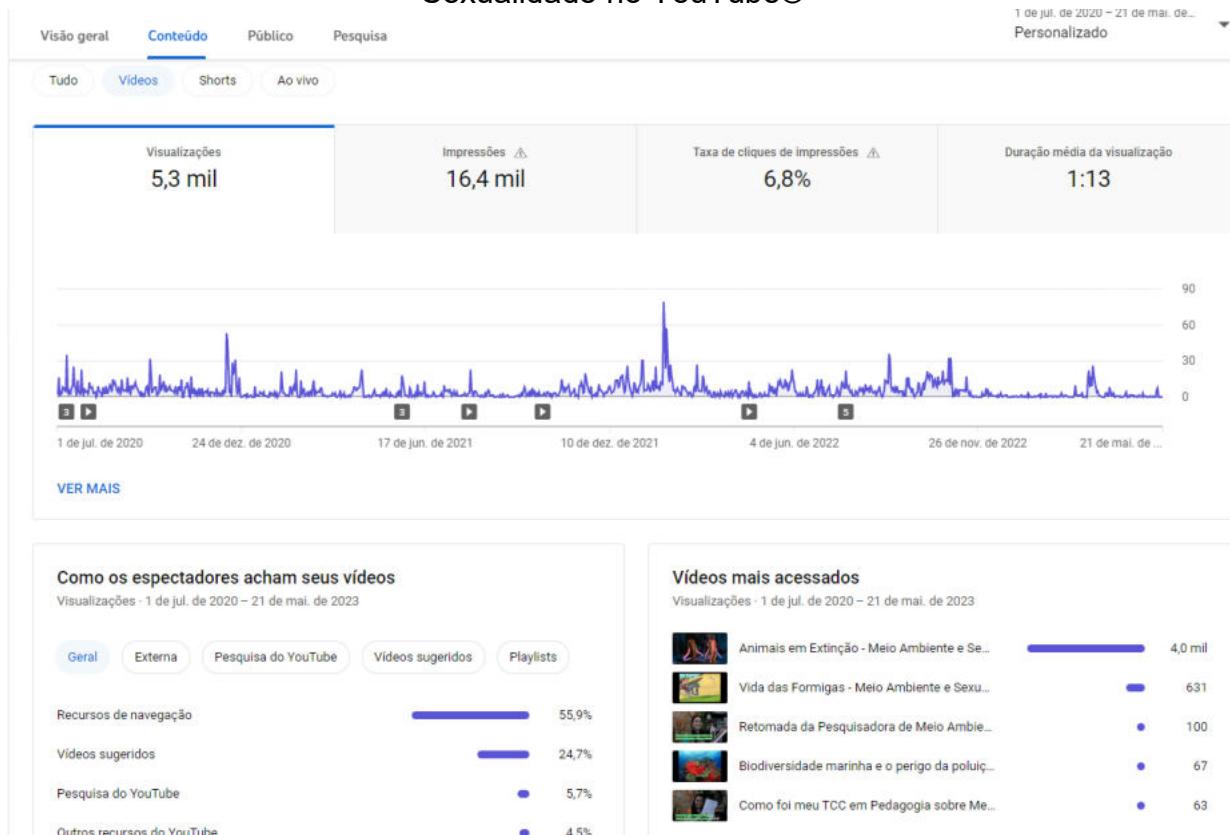
Neste subcapítulo exploro as redes sociais *online* como campo investigativo refletindo sobre o objetivo de ser ponte entre as pesquisas científicas e acadêmicas com a comunidade virtual, por meio dos perfis da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no YouTube®, Facebook® e Instagram®. Apresento na sequência alguns dados sobre estes espaços e as interações com o público.

O canal no YouTube® registrou, em 25 de junho de 2023, 134 inscritas/os, sendo 67 inscrições a mais desde julho de 2020 quando o canal foi relançado e renomeado sob inspiração, sobretudo, do cumprimento das intenções desta Tese. Observei que este número de inscrições varia quando algum vídeo é publicado ou é publicizado nas redes sociais Instagram® e Facebook®.

A Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no YouTube® possui 30 vídeos sendo 3 *shorts* (vídeos curtos) e 17 *playlists* com conteúdos salvos sobre Educação, Pedagogia, Mídias, além de Sexualidade e Meio Ambiente. Desde o primeiro vídeo postado, em 01 de março de 2015, a canal recebeu 23.727 visualizações (número atualizado em 25 de junho de 2023).

O YouTube® permite a obtenção de dados sobre o canal desde sua primeira publicação até o dia atual, o que facilita sobremaneira o entendimento das interações com o público e as características quanti-qualitativas quando pensamos no objetivo de democratização de conteúdos com informações científicas em perspectiva crítica-amorosa que é a ancoragem da EASES.

Figura 12 - Dados sobre conteúdos no canal da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no YouTube®



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

Pensando sobre o período que o canal foi relançado em 01 de julho de 2020 até 21 de maio de 2023 (data que estes dados foram obtidos) registrou-se 5,3 mil visualizações aos conteúdos publicados e 16,4 mil de impressões. A impressão nesta rede social em tela significa a frequência com que as/os espectadoras/es assistiram um vídeo depois de ver uma miniatura (capa reduzida e título do vídeo). Assim as visualizações são contabilizadas uma só vez e a impressão se refere às quantidades de cliques que os conteúdos obtiveram. Isso expressa um número significativo de pessoas que assistiram mais de uma vez os vídeos.

Dentre os vídeos mais acessados estão vídeos antigos que possuem imagens de desenhos animados. Isso interpreto como a grande quantidade de crianças que usa constantemente esta plataforma para entretenimento e também para pesquisas escolares. Ainda mais se pensarmos que o período abrange a Pandemia do Covid-19, pois vemos que o vídeo antigo sobre Animais em Extinção teve 4 mil visualizações.

Figura 13 - Dados sobre público no canal da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no YouTube®

Gênero do espectador	Visualizações	Duração média da visualização	Porcentagem visualizada média	Tempo de exibição (horas)
<input type="checkbox"/> Feminino	75,1%	0:46	21,5%	56,6%
<input checked="" type="checkbox"/> Masculino	24,9%	1:47	49,6%	43,4%
<input type="checkbox"/> Especificado pelo usuário	-	-	-	-
Status da inscrição	Visualizações	Tempo de exibição (horas)		Duração média da visualização
<input type="checkbox"/> Total	5.456	111,2		1:13
<input type="checkbox"/> Não inscrito	4.407 80,8%	84,2	75,7%	1:08
<input checked="" type="checkbox"/> Inscrito	1.049 19,2%	27,0	24,3%	1:32
Cidades	Visualizações	Tempo de exibição (horas)	Duração média da visualização	
<input type="checkbox"/> Total	5.456	111,2	1:13	
<input type="checkbox"/> Belém, BR-PA	129 2,4%	3,2	2,8%	1:28
<input checked="" type="checkbox"/> Belo Horizonte, BR-MG	74 1,4%	0,6	0,5%	0:29
<input type="checkbox"/> Campinas, BR-SP	58 1,1%	5,1	4,6%	5:16
<input type="checkbox"/> Itatiba, BR-SP	46 0,8%	0,1	0,1%	0:10
<input type="checkbox"/> Matões, BR-MA	45 0,8%	0,1	0,1%	0:11
<input type="checkbox"/> São Paulo, BR-SP	31 0,6%	0,2	0,2%	0:21
<input type="checkbox"/> Santa Maria, BR-RS	24 0,4%	0,1	0,1%	0:08
<input type="checkbox"/> Ananindeua, BR-PA	23 0,4%	0,7	0,6%	1:51
<input type="checkbox"/> Indaiatuba, BR-SP	17 0,3%	0,3	0,2%	0:56
<input type="checkbox"/> Balneário Gaivota, BR-SC	17 0,3%	0,4	0,4%	1:21
País	Visualizações	Tempo de exibição (horas)	Duração média da visualização	
<input type="checkbox"/> Total	5.456	111,2	1:13	
<input type="checkbox"/> Brasil	1.393 25,5%	29,6	26,6%	1:16
<input checked="" type="checkbox"/> Estados Unidos	55 1,0%	1,9	1,7%	2:04
<input type="checkbox"/> Argentina	51 0,9%	0,6	0,6%	0:43

Fonte: Registros de telas da autora Aline Diniz Warken (2023).

Observando os dados sobre a forma que espectadoras/es acham meus vídeos nota-se que mais de 55% encontram pelos recursos de navegação, seguindo por vídeos sugeridos e pesquisa do YouTube®. Estes dados expressam que a maioria dos conteúdos do canal da Pesquisadora é/foi divulgado na própria plataforma seja na tela inicial, no *feed* quando a pessoa é inscrita/o no canal e em vídeos sugeridos.

Com enfoque sobre espectadoras/es do canal da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade observa-se que 75,1% das visualizações são do público feminino. As visualizações também se caracterizam por uma maioria de não

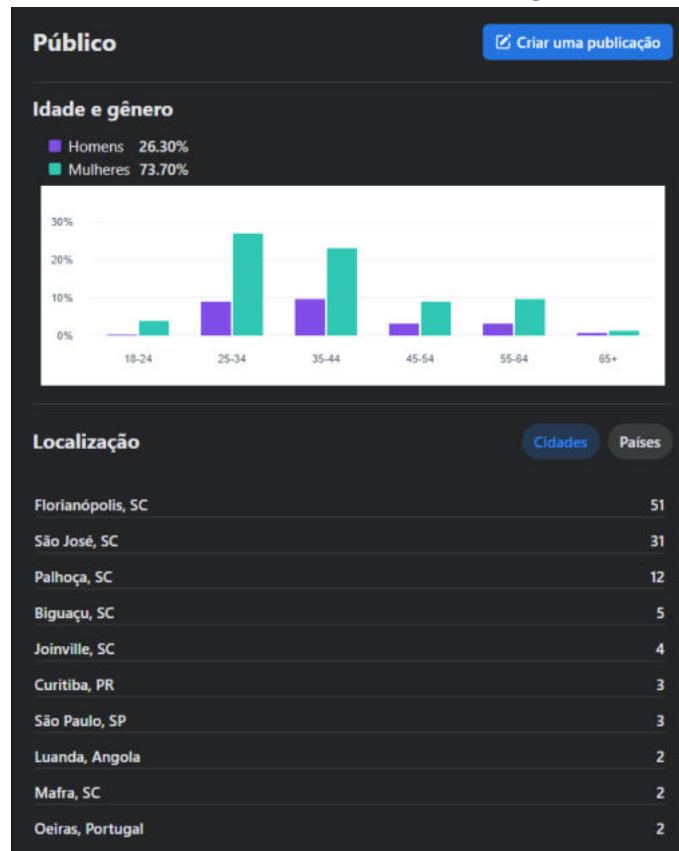
inscritas/os (80,8%) grifando a importância de se fazer presença virtual neste espaço para disseminação dos conhecimentos críticos-amorosos da EASES.

Pensando na abrangência territorial que o YouTube® alcança, a rede demarca que o canal da Pesquisadora é/foi mais visualizado em Belém/PA, seguido por Belo Horizonte/MG e Campinas/SP. À nível global o alcance além do Brasil abrange/abrangeu Estados Unidos e Argentina.

A rede expressa a importância das partilhas dos materiais audiovisuais sobre Meio Ambiente e Sexualidade, pois é um ambiente de fácil pesquisa, que conecta os assuntos fornecendo sugestões de vídeos e tem um alcance maior de público diverso.

Os materiais da Pesquisadora estão democratizados na plataforma desde 2015 e expressam um interesse do público, principalmente de crianças e mulheres pelos dados obtidos e analisados.

Figura 14 - Características do público da página Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Facebook®



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

Já o Facebook® traz os dados sobre o perfil de quem segue a página e apresenta informações sobre os últimos 90 dias da mesma. Demarco que os dados

foram obtidos também em 21 de maio de 2023 abrangendo então o período de 3 meses, iniciando em 21 de fevereiro de 2023.

A página da Pesquisadora no Facebook® possui 156 seguidoras/es – e não teve este número alterado há mais de 8 meses – possui a característica de realizar os acessos ao perfil da Pesquisadora na região da Grande Florianópolis/SC. **A maior parte deste grupo tem entre 25 a 44 anos e 73,7% são Mulheres.**

As postagens no Facebook® foram/são as mesmas postadas no Instagram® desde quando esta última rede se tornou pública e renomeada para Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, em julho de 2020.

Antes as publicações na página do Facebook® - na época Meio Ambiente e Sexualidade na Formação de Educadores - costumavam ser partilhas de outras páginas ou de sites que abordavam alguma notícia com assunto agregador aos preceitos da minha página.

Como os engajamentos, os alcances e as interações decaíram muito nos últimos anos no Facebook® - a ver pela figura a seguir que mostra o maior alcance à 16 perfis até o menor alcance à 1 perfil - eu passei a não atualizar a página com frequência e focar na rede social do Instagram® que me trouxe/traz mais retornos do público.

Todavia mantendo a página por considerar ser uma interessante plataforma a mais para possíveis buscas/pesquisas e também para marcar a presença online da Pesquisadora neste espaço que registra meu histórico desde 2015.

Figura 15 – Engajamentos e visualizações da página Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Facebook®



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

A rede social Instagram®, tal qual o Facebook®, traz os dados sobre o perfil de quem segue o perfil – salvo na interação com os conteúdos mensurando quem segue ou não o perfil - e apresenta informações sobre os últimos 90 dias do mesmo. Diferente do YouTube® e do Facebook® exponho a obtenção de dados com a data de 25 de junho de 2023, pois os engajamentos e as interações modificaram consideravelmente nesta rede em tela por duas razões: um perfil de alta visibilidade repostou um *stories* que eu o marcava trazendo mais de 35 seguidoras/es novas/os e uma postagem minha no *feed* no dia da pedagoga/o foi amplamente compartilhada por pessoas que tiveram contato com a mesma por meio, sobretudo, da *hashtag* (#) pedagogia. A seguir explico as duas situações através dos registros de telas (*print screen*).

Figura 16 – Interações na postagem no *feed* celebração Dia da/o Pedagoga/o no Instagram® da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

A figura 16 mostra os *insights* sobre a postagem que contém o significado de Pedagogia e a explicação sobre o dia da/o pedagoga/o ser celebrado em 20 de maio. A postagem tem (até o dia do registro da tela em 25 de junho de 2023) 167 curtidas, 7 comentários, 171 compartilhamentos e 50 salvamentos. 2.255 perfis foram alcançados onde 2.066 deles não seguem a Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Instagram®. Isto ressalta, mais uma vez, a **importância de informações críticas-amorosas acerca das temáticas Educação, Sexualidade e Meio Ambiente para gerar, primeiramente, a curiosidade, depois a afinidade e para “concluir” a conscientização. Encaro o primeiro momento interligado à pesquisa, o segundo à reflexão e sensibilização e o terceiro à emancipação.**

Figura 17 – Alcance das postagens no *feed* e nos *stories* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Instagram®



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

A figura 17 traz os dados sobre os alcances das publicações que tiveram mais interações do público, no período de 27 de março de 2023 a 24 de junho de 2023, onde as publicações mais relevantes foram sobre o dia da/o pedagoga/o (2.255 perfis

alcançados), sobre uma influenciadora usando cotas para pessoas negras em sua festa depois de vir à tona suas postagens racistas (1.388 alcances), sobre as cores rosa e azul não “serem de menina e menino”, respectivamente (400 pessoas alcançadas) e uma reflexão minha sobre Meio Ambiente e Sexualidade e as múltiplas interpretações sobre as temáticas (363 perfis alcançados). Estes números atribuo, principalmente, às **hashtags usadas e em um momento em que o assunto era atual. As três últimas postagens trazendo temas polêmicos e tabus, com problematizações de questões estruturais da sociedade.**

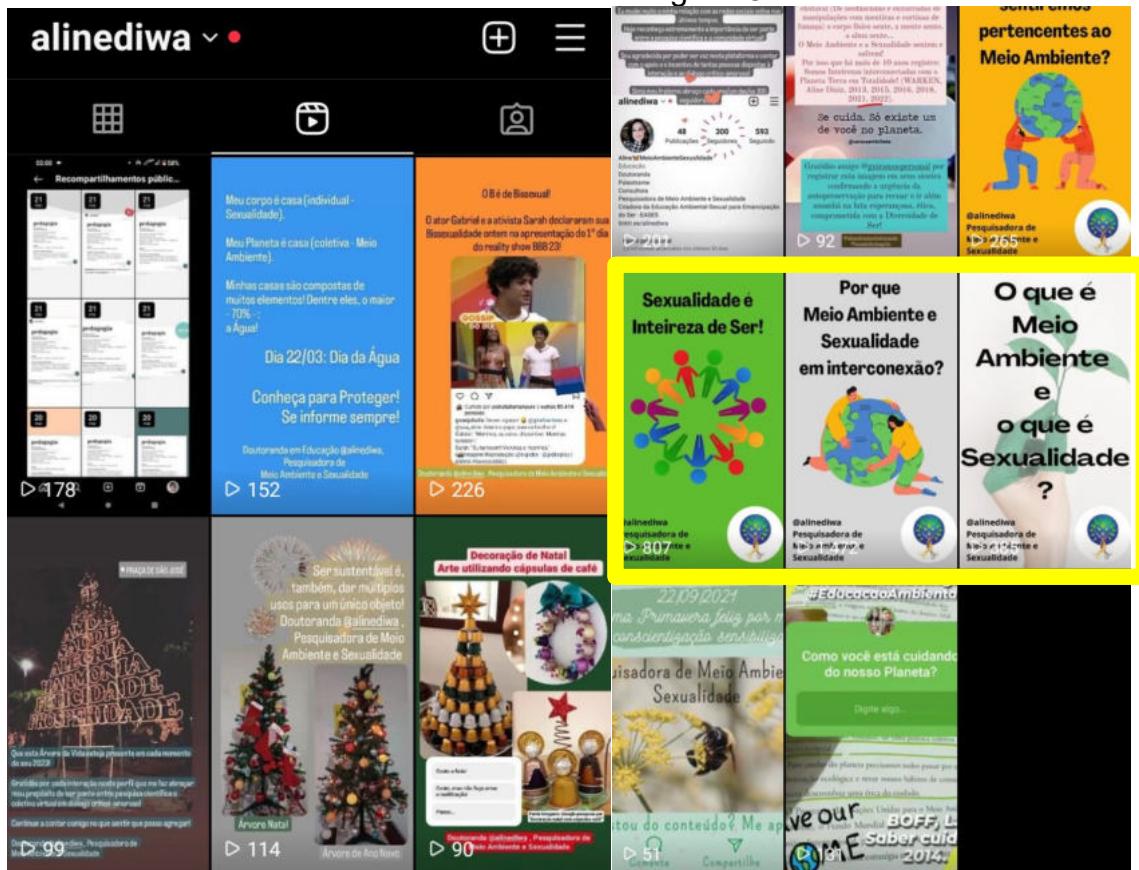
Os *stories* (postagem que fica no ar por 24 horas e pode ser salva em uma espécie de “pasta” que fica em destaque na rede Instagram® antes das postagens do *feed*) mais visualizados são da marcação do perfil de uma médica que estava problematizando a questão hormonal na infância e citei a postagem relatando meu caso de uso de hormônios em minha infância e o meu diagnóstico de câncer de mama 26 anos depois (130 perfis alcançados), uma reflexão sobre os nomes de doces típicos juninos serem trocados por nomes “politicamente corretos” como, por exemplo, “teta de nega” por “seio de afrodescendente” e a propagação da misoginia e do racismo (118 pessoas alcançadas), uma partilha de um momento especial em meu sítio com minha mãe e minha irmã (117 pessoas alcançadas) e um registro dos “elementos essenciais” da vida de doutoranda-paciente oncológica, como bolsa de água quente, garrafa de água, remédio para dores musculares, óleo essencial e floral (115 perfis alcançados). Atribuo estes números no primeiro registro pela **marcação a outro perfil e ele também repostando o stories, fazendo com que a rede ache interessante o engajamento e faça a “entrega” do conteúdo à mais pessoas. O segundo por conter um tema de comoção, onde as pessoas interagem porque desejam opinar. O terceiro e quarto misturam curiosidade e afinidade, pois é “agradável” saber o modo de vida de quem se segue, trazendo proximidade e humanização.**

Os *reels* - que é o formato de vídeos mais curtos - têm a proposta de ser mais dinâmico e passar uma mensagem que gera entretenimento e/ou reflexão. Este tipo de postagens tem seus números de visualizações abertos para todas as pessoas, que seguem ou não o perfil – diferente dos números sobre as postagens do *feed* e dos *stories* que são visíveis somente a quem o perfil pertence.

Na figura 18 observa-se que os três *reels* que tiveram mais visualizações são de vídeos da *live* de relançamento do canal no YouTube® e a mudança de modalidade e nome do perfil no Instagram®, em julho de 2020, explicando os conceitos de Meio Ambiente e Sexualidade e as interconexões. O mais visualizado registra o número de

1.472, o segundo de 807 perfis visualizadores e o terceiro com 308 visualizações – para facilitar a visualização os três *reels* estão dentro de um retângulo de cor amarela e a data de obtenção destes números foi em 25 de junho de 2023.

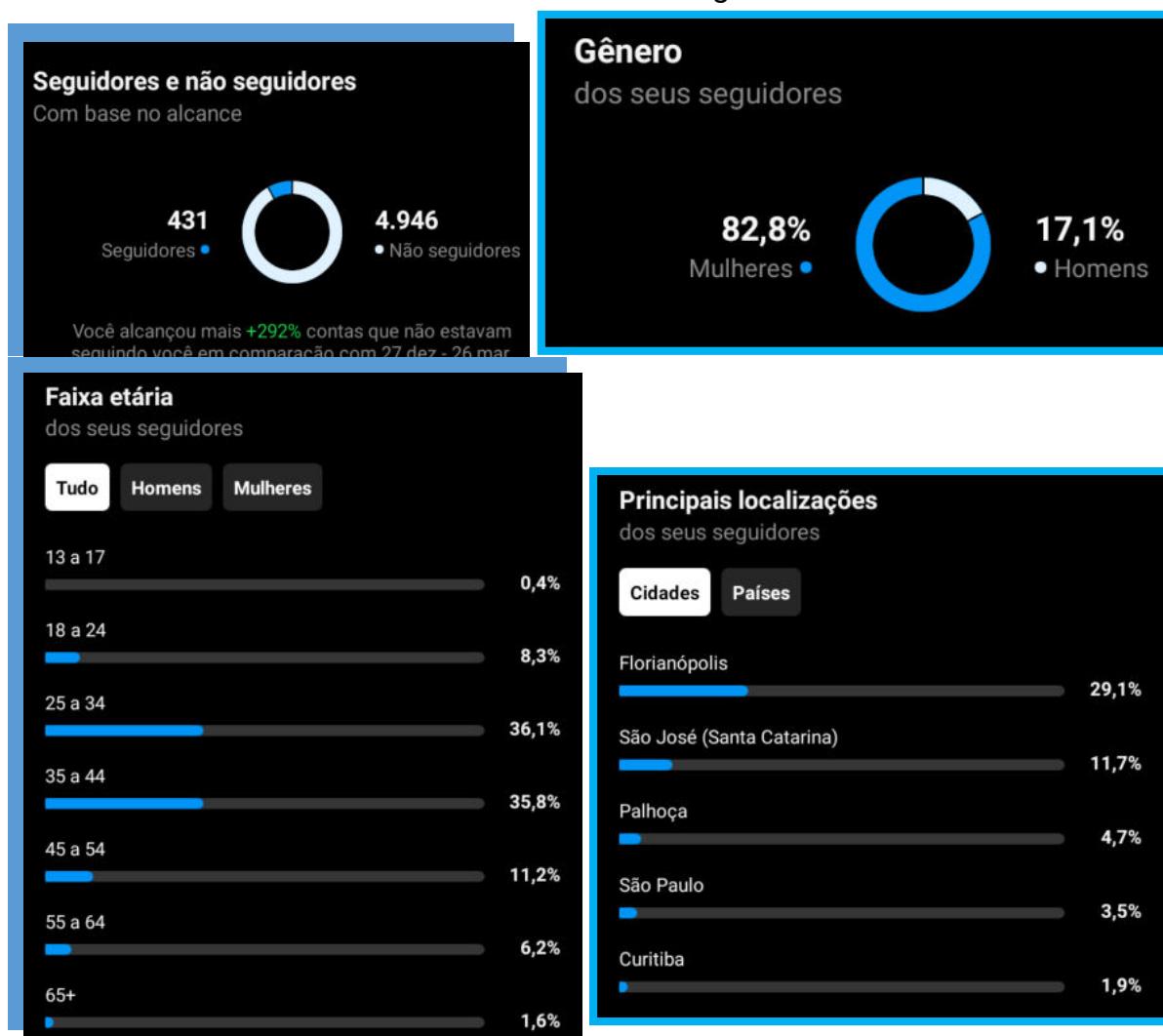
Figura 18 – Número de visualizações dos *reels* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Instagram®



Fonte: Registros de telas da autora Aline Diniz Warken (2023).

Eu realizei três *lives* no Instagram®: a já mencionada em 2020, uma em 2021 e uma em 2022. Todavia exclui estes materiais, porque algumas questões abordadas eu me aprofundei e reflito atualmente de maneira diferente. Também por algumas informações estarem equivocadas ou superadas. Então utilizo estes materiais justamente na proposta já mencionada sobre o *reels*, faço a edição no próprio Instagram® ou no MovieMaker® e posto como as premissas das publicações no *feed*: uma escrita explicativa sobre a temática e registro as *hashtags* para facilitar as possíveis buscas pelos temas.

Figura 19 – Dados sobre o público da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Instagram®



Fonte: Registros de telas da autora Aline Diniz Warken (2023).

Os dados, de 27 de março de 2023 a 24 de junho de 2023, **sobre o público que interage com o perfil da Pesquisadora no Instagram® registraram que:** a grande maioria não segue o perfil (assim como no YouTube®); possui a característica de realizar os acessos ao perfil da Pesquisadora na região da Grande Florianópolis/SC (assim como no Facebook®); as pessoas com faixa etária entre 25 a 44 anos são as que mais interagem com os conteúdos (assim como no YouTube®) e o público que mais segue a Pesquisadora são as Mulheres (82,8%), assim como nas outras duas redes sociais *online*.

Este dado - sobre o público feminino ser o que mais segue o perfil e interage com os conteúdos - comum às três redes sociais da Pesquisadora - é extremamente simbólico e me fortalece como Mulher ser porta-voz de assuntos tão sensíveis à sociedade. A identificação com o perfil da Pesquisadora e as trocas são pontos de sensibilidade e que tenho várias histórias dessas

interações *online* desde perguntas e “confissões” nos *directs* à parcerias além do espaço virtual.

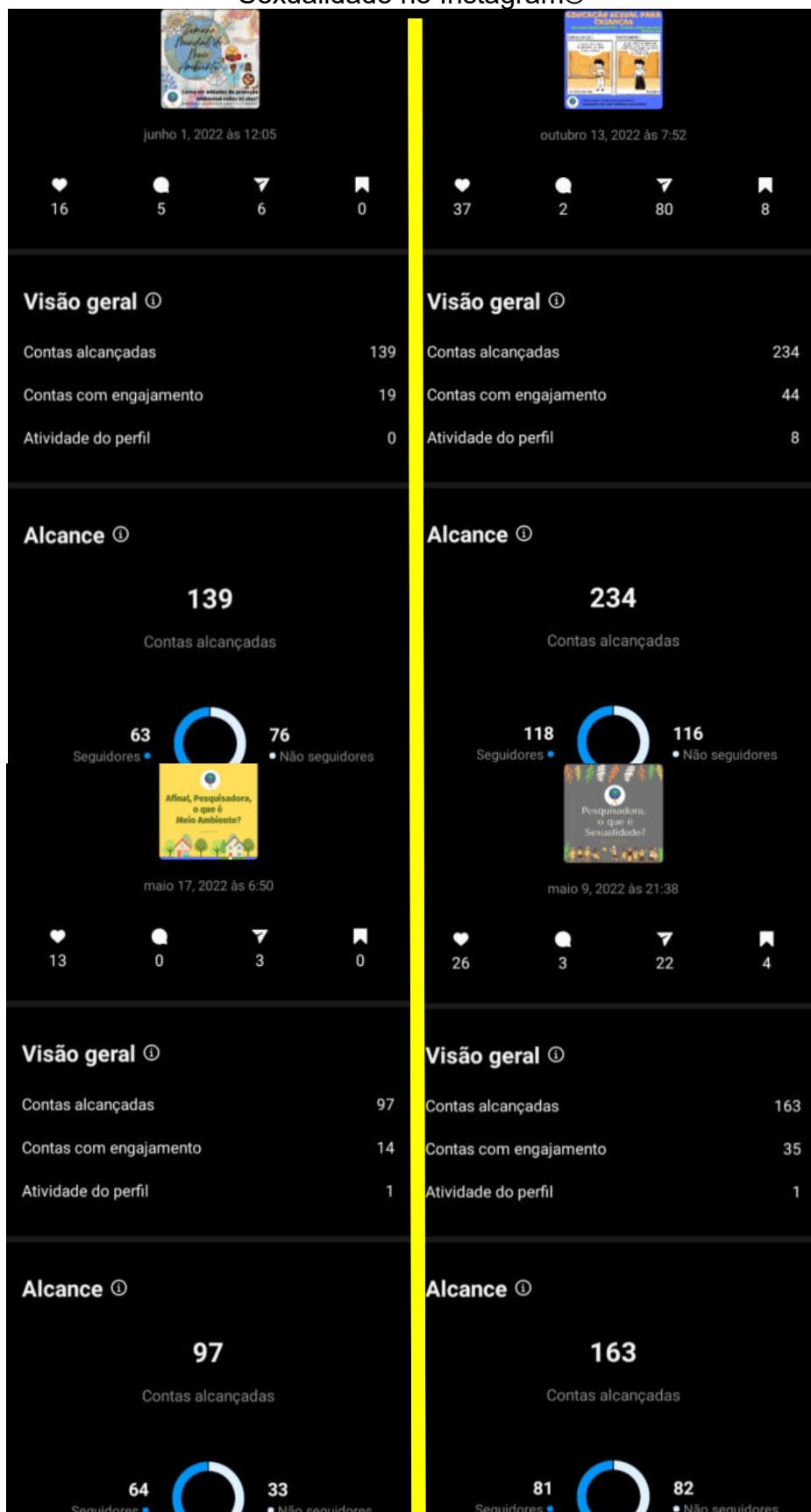
Um dado sobre interação que avalio como importante registrar é do quanto observo que o tema Sexualidade traz mais curiosidade – logo mais engajamento - do que a temática Meio Ambiente e que podem ser observados nos 4 *prints screens* na sequência – figura 20 - em que registros foram realizados em 25 de junho de 2023.

As informações mostram que a postagem sobre a Semana do Meio Ambiente teve 139 contas alcançadas, 16 curtidas, 5 comentários, 6 compartilhamentos e nenhum salvamento. Já a publicação “Educação Sexual para crianças (ou para adolescentes, jovens, adultas/os e idosas/os)” teve 234 contas alcançadas, 2 comentários, 80 compartilhamentos e 8 salvamentos.

A postagem sobre os conceitos de Meio Ambiente alcançou 97 contas, 13 curtidas, 3 compartilhamentos, nenhum comentário ou salvamento. Em contrapartida, a publicação sobre os conceitos de Sexualidade teve 26 curtidas, 3 comentários, 22 compartilhamentos e 4 salvamentos.

Essas postagens foram selecionadas para demonstrar as diferentes interações sobre Meio Ambiente e Sexualidade, mas grifo que são publicações que falam intencionalmente de uma temática ou exaltam mais o diálogo sobre uma delas. Todavia, - grifo aqui - sempre parto da ótica da total interconexão dos temas, pois são dimensões humanas e também são minhas temáticas em interligações que desenvolvo toda a EASES.

Figura 20 – Comparativo entre dados de interação em postagens no *feed* que abordam Sexualidade e Meio Ambiente da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade no Instagram®



Fonte: Registros de telas da autora Aline Diniz Warken (2023).

Compreendendo que por a maior parte do público - das redes sociais online da Pesquisadora - ser de Mulheres nota-se que a “sede” pelo tema Sexualidade está mais latente, a ver pelos compartilhamentos e salvamentos das postagens exemplificadas. Percebo a suma importância do perfil da Pesquisadora em trazer os conteúdos e suas informações científicas de forma crítica-amorosa, problematizando as temáticas e abrindo um diálogo franco que respeita as Diversidades como riqueza humana e o Ser em sua Inteireza em total interconexão com o Meio Ambiente.

Refletindo sobre a criação de conteúdos da EASES para as redes sociais *online*, sobretudo o Instagram®, me pautei na investigação e nas análises das hashtags (#) sobre minhas palavras-chave base desta Tese e que mais utilizo pensando no maior alcance de minhas publicações. Grifo que a pesquisa pela hashtags foram constantes, pois são atualizadas diariamente e sempre prezei por refletir acerca dos assuntos do momento para gerar maior diálogo com a Comunidade da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade – comunidade esta expressa principalmente pelas pessoas inscritas e engajadas.

Além disso para o desenvolvimento de conteúdos para as redes sociais *online* foram também consideradas as “dores” do público da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, sobretudo, por meio das interações com enquetes nos *stories*, comentários do *feed* e conversas via *direct*.

No quadro a seguir são apresentadas as hashtags pesquisadas, o número de publicações das mesmas e os assuntos que brotaram nas análises dos conteúdos.

Quadro 5 – Análises dos conteúdos das hashtags (#) sobre Educação, Meio Ambiente e Sexualidade do Instagram®

Palavra-chave pesquisada na hashtag (#)	Número de publicações da hashtag (#)	Assuntos que brotaram das análises de conteúdos
educacao	3,9 milhões	Atividades e recursos pedagógicos, Frases sobre Educação, Memes ¹⁰⁰ sobre a vida docente.
educação	7,7 milhões	Atividades e recursos pedagógicos, Frases sobre Educação, Memes sobre a vida docente.
educacaoambiental	301 mil	Saídas de campo na Natureza, Atividades sobre Reciclagem, Números sobre Desmatamento e Lixo.
educaçãoambiental	209 mil	Saídas de campo na Natureza, Atividades sobre Reciclagem,

¹⁰⁰ Na linguagem da internet, os memes são imagens, áudios e vídeos que viralizam (espalhar rapidamente para muitas pessoas de vários lugares como se “fosse um vírus”) pelo seu conteúdo engraçado.

		Números sobre Desmatamento e Lixo.
educacaosexual	91,9 mil	IST's, Sigla LGBT+, Importância da Educação Sexual.
educaçãosexual	42,1 mil	IST's, Conceitos sobre Gênero e Comunidades LGBT+, Importância da Educação Sexual.
meioambiente	3,7 milhões	Curiosidades sobre plantas e animais, Impactos do Desmatamento, Impactos do lixo (principalmente nas águas).
sexualidade	Ocultas porque podem não seguir Diretrizes da Comunidade do Instagram®	Sexo (Posições sexuais, maneiras de sentir prazer e estímulos aos desejos sexuais), Saúde íntima da Mulher.
emancipação	25,5 mil	Frases, sobretudo, de pessoas negras, Celebrações de aniversários de cidades brasileiras, Divulgações de palestras.
redessociais	3,3 milhões	Notícias sobre o uso das redes sociais, Formas para se tornar uma/um influenciadora/or digital, <i>Marketing</i> digital.
materiaispedagógicos	21,1 mil	Divulgação e venda de materiais pedagógicos (sobretudo para Educação Infantil), Disponibilidade de download de materiais (principalmente para Alfabetização Infantil).

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2023).

Ressalto que as análises registradas no número de publicações são do dia 12 de maio de 2023. Todavia já vinha fazendo exercícios de análises antes desta data e depois da mesma e indico que os assuntos que brotaram nas análises de conteúdos não tiveram alterações.

As análises dos conteúdos das *hashtags* foram realizadas por meio das publicações do *feed* – então *stories* e *reels* não foram analisados – e suas imagens, pois geralmente trazem em sua arte um resumo da postagem. Para análises dos conteúdos escritos das artes acessei os 30 primeiros perfis que apareceram em “publicações mais recentes”.

As palavras Educação, Educação Ambiental, Educação Sexual, Meio Ambiente e Sexualidade são as que mais faço uso – com ou sem acento gramatical – para atrair o maior número de visualizações às minhas postagens sobre meus temas de pesquisa.

Para registro pontuei as palavras-chave base desta Tese como Emancipação, Redes Sociais e Materiais Pedagógicos. Estas com acento, pois Emancipação sem acentos registrou 5.000 publicações e não alteravam os assuntos que brotaram das análises, e o mesmo acontecendo com Materiais Pedagógicos. Em Redes Sociais não

registrei como “Redes Sociais Online”, pois por essa palavra-chave havia menos de 100 publicações que se caracterizavam pelo assunto de *marketing* digital.

Pode-se notar que nas palavras Educação, Educação Ambiental e Educação Sexual com ou sem acento não modificaram os assuntos que brotaram das análises, mas considerei interessante observar a discrepância de números de publicações, principalmente sobre Educação e Educação Sexual quando utilizadas com e sem acentos gramaticais.

Pelo número de publicações sobre a palavra Sexualidade estar oculto, pois a plataforma bloqueia pela possibilidade de conter conteúdos inapropriados, realizei pesquisas pela palavra em língua estrangeira ou associada a outra palavra, em 12 de maio de 2023:

- “sexuality” - as temáticas que mais reverberam foram/são sexo e teoria queer - tinha 1 milhão de publicações,
- “sexualidadesagrada” - os assuntos que prevaleceram/prevalecem foram/são prazer da Mulher, criatividade e espiritualidade - continha 95,3 mil postagens,
- “sexualidadadconsciente” - foram/são mais abordadas as temáticas acerca prazer e desejos sexuais - marcou 49,1 mil publicações,
- “sexualidadefemenina” - brotaram/brotam mais as temáticas sobre orgasmo feminino e saúde íntima da Mulher – tinha o número de 55,1 mil postagens,
- “sexualidades” - os assuntos que mais reverberam foram/são prazer e pautas LGBT+ - registrou 18,1 mil publicações e
- “sexualidadehumana” - brotaram/brotam mais as temáticas sobre prazer e orientação sexual - marcou 27 mil postagens.

A ampliação das buscas por outras palavras e associações ainda expressou um maior número de postagens sobre Sexualidade voltadas ao sexo e ao prazer sexual.

Grifo que os resultados das análises das *hashtags* serviram principalmente para eu compreender melhor as linguagens da rede social Instagram® e como os perfis utilizam as *hashtags* para repercutir suas postagens.

Vale registrar que para as criações de conteúdos no Facebook® não realizei exercícios metodológicos específicos – além da curiosidade com acesso à páginas que versam sobre Educação, Meio Ambiente ou Sexualidade para observar as

linguagens deste espaço e as abordagens sobre as notícias da atualidade - para postagens nesta rede social e todas as publicações do *feed* do Instagram® migraram para a página do Facebook® - em uma atualização mensal – e onde grifo novamente a importância da permanência das *hashtags*, pois facilitam os achados em busca também nesta rede social.

Também não realizei exercícios metodológicos específicos para a rede social do YouTube®, além da curiosidade por pesquisas acerca das temáticas Meio Ambiente e Sexualidade, onde não encontrei interfaces e a temática Sexualidade é visualizada na abordagem, na maioria dos vídeos, sobre IST's e métodos contraceptivos e Meio Ambiente com vídeos sobre Sustentabilidade, principalmente sobre Reciclagem. As criações da EASES para o YouTube®, de 2020 a 2022, foram de vídeos, sobretudo, para comunicar sobre meus trabalhos e para partilhar sobre a Vida como Doutoranda-Pesquisadora. Foram postados 15 vídeos - sendo 6 deles vídeos *reels* postados no Instagram® - que gravei em casa com a minha câmera fotográfica ou com meu próprio celular. As edições realizei todas no Movie Maker® e as capas dos vídeos criei no Photoshop®. Sempre escrevo nos vídeos uma descrição sobre os mesmos e também insiro as *hashtags* para facilitar os achados pelo público nas pesquisas na plataforma.

Para criação de conteúdos para as redes sociais *online* sobre EASES - com o desenvolvimento de artes na plataforma Canvas® - compreendi que tinham que, sobretudo, grifar os conceitos e os preceitos sobre Meio Ambiente e Sexualidade; trazer postagens sobre minhas aulas e oficinas, bem como os materiais pedagógicos que faço uso; dicas sobre séries e filmes que abordam as temáticas ou ações diárias para proteção ambiental e frases que geram reflexão sobre a dimensão Sexualidade e Meio Ambiente. Todavia, muitas postagens foram/são partilhas de imagens de outros perfis, *prints screens* de páginas de pesquisa do Google®, registros fotográficos pessoais ou “artes” criadas nos *stories* e repostando no *feed*, principalmente aquelas que abordavam/abordam algum tema da atualidade que eu quis trazer para meu perfil com mais agilidade.

Foram realizadas 26 artes que considero criações de conteúdos mais elaboradas e que tiveram **as intencionalidades de sensibilizar, informar e conscientizar** por meio da seleção especial de fontes, de cores, de imagens e de escritos. Essas produções levaram alguns dias para serem concluídas e entendo-as em suas possibilidades de se tornarem materiais pedagógicos, como por exemplo as postagens sobre os conceitos de Sexualidade e Meio Ambiente se tornarem um livreto

ou a postagem com uma frase da Pesquisadora transposta em um cartaz. No Apêndice 1 trago sete criações que expressam os princípios elevados nos conteúdos da EASES nas redes sociais *online* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade:

1. Pesquisadora, o que é Sexualidade?

Abordagem de conceitos e preceitos sobre Sexualidade como dimensão humana, grifando que somos seres sexuados e abordando a Diversidade como riqueza da Humanidade.

2. Afinal, Pesquisadora, o que é Meio Ambiente?

Apresentação sobre a diferença entre Meio Ambiente e Natureza e expressando que somos seres ambientais em interconexão com o Planeta Terra e toda comunidade global.

3. Como ter atitudes de proteção ambiental todos os dias?

Discussões sobre a Semana do Meio Ambiente, os impactos humanos ao Planeta Terra e ações diárias para minimizar estes impactos e gerar uma consciência sobre o pertencimento com a Terra.

4. Educação Sexual para Crianças (ou para adolescentes, jovens, adultas/os e idosas/os).

Problematizações acerca do ideário do senso comum sobre a Educação Sexual estar voltada aos ensinamentos sobre prazer e ato sexual, refletindo que somos seres sexuados em processo permanente de Educação e que a Educação Sexual está presente em nosso dia-a-dia e até mesmo na Escola muitas vezes como currículo oculto.

5. Tenho o mesmo sonho que Paulo Freire.

Paralelo entre a visão de Paulo Freire com a Vida em perspectiva ambiental e sexual da qual eu me identifico e convido a comunidade a refletir se tem o mesmo sentimento-pensamento.

6. Todos nós temos nossa Casa-Corpo e nossa Casa-Planeta.

Apresentação de alguns pressupostos da EASES acerca da visão sobre as nossas dimensões e as interconexões de Meio Ambiente e

Sexualidade em necessária e urgente perspectivas de conscientização sobre cuidado e pertencimento.

7. Eu protejo a Terra porque Eu Sou Ela!

Apresentação de minha frase que aponta a interconexão da nossa relação, seres humanos, com o Planeta Terra.

No subcapítulo a seguir abordo meus exercícios metodológicos e análises como administradora e criadora de conteúdos das redes sociais do Grupo EDUSEX UDESC refletindo sobre a importância do grupo de pesquisa ser presença virtual ativa para democratização de materiais científicos e diálogos sobre Educação Sexual Emancipatória.

3.3.3. As redes sociais *online* e os conteúdos do Grupo EDUSEX UDESC

Em fevereiro de 2021 fiz uma proposta para minha coorientadora Profa. Dra. Sonia: criar e organizar perfis nas redes sociais *online* para divulgar os materiais produzidos pelo Grupo EDUSEX Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/ UDESC em seus mais de 35 anos de ensino, pesquisa e extensão, e observando as interações com estes recursos já consolidados fora dos espaços virtuais, principalmente o programa de rádio Educação Sexual em Debate - no ar desde 2007 na 100.1 FM Rádio UDESC.

Faço parte do Grupo EDUSEX UDESC desde 2015 com meu ingresso como aluna especial na disciplina de pós-graduação da Profa. Dra. Sonia e onde - com minha experiência como especialista em Mídias na Educação - já contribuí com as videoaulas do projeto EDUSEXCOMUNICA produzindo *teaser* em um trabalho em grupo para a mencionada disciplina e com a apresentação de trabalhos e artigos¹⁰¹ com a Profa. Sonia e com a colega, hoje Doutora, Mônica Wendhausen.

¹⁰¹ WARKEN, A. D.; MELO, S. M. M.; WENDHAUSEN, M. EDUSEXCOMUNICA: reflexões sobre um processo de produção de videoaulas como subsídio à formação de profissionais da educação In: **Discursos contemporâneos acerca da sexualidade e educação sexual: a realidade nos laços da utopia.** 1 ed. Curitiba - PR: CRV, 2019.

MELO, S.M.M.; WARKEN, A. D.; WENDHAUSEN, M. EDUSEXCOMUNICA: REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO EXERCÍCIO DE PRODUÇÃO DE UM PROJETO DE VIDEOAULA In: I Colóquio Luso-Brasileiro de Educação - ColBEduca. **Currículo, Tecnologias e Ensino:** desafios atuais. CADERNO DE RESUMOS, v.1, p.37 - 39. Florianópolis, SC: UMINHO UDESC, 2015.

Sempre nos eventos científicos, bem como em diálogos na disciplina registrada, eu acompanhava a pesquisa da colega Márcia de Freitas Brys – membra/colaboradora do Grupo EDUSEX UDESC e hoje Doutora - que estava na época em conclusão de sua Dissertação de Mestrado¹⁰² onde pesquisava os 400 programas gravados de rádio Educação Sexual em Debate e tinha a problemática da maneira de difusão dos materiais gravados. Visto que as centenas de programas, até então de 2007 a 2015, tinham grande extensão, a Márcia partilhava o material pedagógico por meio de CD's ou repassava, às pessoas interessadas, em pendrives, dentre outras alternativas usadas pelo Grupo EDUSEX UDESC. Todavia chegou um momento em que se tornou impossível encaminhar todos estes programas e até mesmo encontrar uma plataforma segura para salvar todos os dados.

Pensando nas divulgações dos materiais criados pelo Grupo EDUSEX UDESC, visando democratizar os recursos pedagógicos, que em agosto de 2020 a Profa. Dra. Sonia criou um canal no YouTube® e publicou os quatro programas do EDUSEXCOMUNICA com vídeos inclusivos com audiodescrição e legenda em Libras¹⁰³ e onde estão disponibilizados também os podcasts dos programas de rádio de 2007 a 2020 - ação realizada por mim desde fevereiro 2021.

Registro que o EDUSEXCOMUNICA objetiva levar para as pessoas - de uma maneira didática com linguagem acessível - as pesquisas científicas sobre Educação Sexual Emancipatória. Assim, graduadas/os, mestras/es e doutoras/es explicam em vídeo as suas pesquisas e seus trabalhos, comunicando numa linguagem sensibilizadora à sociedade a importância de seu estudo para as transformações sociais, culturais e educacionais.

Pensando em todos estes pontos abordados, recolhi com a Dra. Márcia todos os programas de rádio e salvei-os, em um primeiro momento, em drives do Google®. A colega me repassou sua organização de listagens dos programas com ano, título, palavras-chave e nome da/o entrevistada/o.

Em um segundo momento, usei minha experiência com a edição de materiais audiovisuais: usei o Movie Maker® e fiz a inclusão de uma vinheta que criei para cada ano de programa de rádio junto ao áudio da entrevista, fiz os cortes necessários e a

¹⁰² FREITAS, M. **Educação sexual em debate nas ondas da rádio UDESC FM 100.1 Florianópolis:** estudo de caso dos programas gravados de 2007 a 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000024/00002490.pdf>>.

¹⁰³ Língua Brasileira de Sinais é a língua oficial da comunidade surda brasileira simbolizada por uma modalidade de gestos combinados à expressões faciais.

renderização.

No terceiro momento fiz a postagem do vídeo/*podcast* em nosso canal do YouTube®, Grupo EDUSEX UDESC, e inseri todos os dados como capa, palavras-chave, descrição e pasta para facilitar a busca nas *playlists*, como por exemplo: “Programa de Rádio 2020”.

Na vinheta coloquei novos dados tais como a pessoa que entrevistou e o ano de aniversário de nosso programa na época. Até maio de 2023 publiquei 149 programas dos anos de 2007 a 2020.

Fiz também a publicação de cinco vídeos que contam a História do Grupo EDUSEX UDESC por meio de fotografias e homenagens ao Professor Tito Sena (*in memoriam*) realizadas em nosso Colóquio dos Grupos de Pesquisa EDUSEX Formação de Educadores e Educação Sexual.

Devido a Pandemia do Covid-19 tivemos em 2020 somente dois programas e em 2021 não realizamos nenhum programa ao vivo. Durante este período de distanciamento e cuidado com nossa saúde e sociedade foram colocados no ar programas antigos gravados.

Em 2022 as entrevistas foram retomadas e a Rádio UDESC passou a utilizar a plataforma do Spotify® para publicar os programas. Assim, “Educação Sexual em Debate” a partir deste ano estão todos nesta rede social *online*.

Observando a necessidade de ter uma persona *online* e divulgar os vídeos e *podcasts* do YouTube® que em março de 2021 também foram criados o perfil no Instagram® e a página do Facebook® do Grupo EDUSEX UDESC.

O EDUSEX UDESC já possuía um grupo fechado no Facebook®, mas fomos observando que poucas pessoas estavam interagindo com nosso conteúdo e estávamos literalmente em uma ‘bolha’. Então sentindo a necessidade de estar em mais espaços virtuais para levar nossa voz como Grupo de Pesquisa que criei estes perfis e passei a administrar produzindo conteúdos e dialogando com o público nestas redes, tudo como parte dos exercícios metodológicos desta minha Tese.

Pensando em divulgações também de nossos eventos, como o Colóquio EDUSEX¹⁰⁴ foi que, já em 2018, criei a página no Facebook® do próprio Colóquio para publicar fotos e informações sobre o(s) nosso(s) encontro(s). Com as mudanças nas redes sociais – muito pelo motivo da Pandemia do Covid-19 - o Instagram® ganhou

¹⁰⁴ O Colóquio dos Grupos de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual é realizado desde 2007, pelo Grupo EDUSEX UDESC, visando proporcionar momentos de trocas de experiências e aprendizagem entre professoras/es, acadêmicas/os e comunidade em geral sobre Educação Sexual Emancipatória.

mais adesão e nosso primeiro Colóquio totalmente *online* no ano de 2021 contou com a grande interação do público que segue o @grupoedusexudesc.

O que considerei bem interessante, até como um dado qualitativo deste estudo, é do quanto foi relevante ter um perfil, principalmente no Instagram® - rede mais usada atualmente - durante o Colóquio EDUSEX, totalmente *online*. O público demonstrou uma grande **vontade de partilhar suas experiências, seus achados e seus conhecimentos e também de registrar que estava participando de um diálogo agregador.**

Observei que muitos perfis de grupos de pesquisa ficam restritos à sua “bolha” ou só comunicam artigos e bancas de trabalhos. Isso há grande relevância, todavia, **um conteúdo que o público possa realmente partilhar com seus pares e refletir por meio de materiais com uma linguagem mais acessível torna o uso das redes sociais online um verdadeiro espaço de troca e agregador para construções críticas sobre o conhecimento**, e aqui em específico, acerca da Sexualidade e da Educação Sexual Emancipatória.

Também registro que dentro da plataforma Facebook® temos a página do Programa Educação Sexual em Debate, criado em 2015, visto a necessidade de um diálogo com o público além “das ondas da rádio”. Utilizei deste espaço para divulgar as ações maiores como Grupo EDUSEX UDESC e observando as interações que também acontecem no espaço como importante recurso de ampliação de conhecimentos e democratização de materiais e informações.

Dentre as ações desde fevereiro de 2021 *para e com* o Grupo realizei a organização no Google Drive® do Grupo EDUSEX UDESC. Iniciei a organização dos arquivos reunindo documentos que estavam em drives do Google® de membros do Grupo e compartilhados por meio de *links*. Depois fiz a categorização dos arquivos em pastas apropriadas com o objetivo de uso pela líder e pela vice-líder, por bolsistas e por membros/os. A exemplo da necessidade de uma pasta somente para arquivos do Curso de Formação e outra somente para o Colóquio. Na sequência trago o registro da página principal do *drive* com a sistematização dos dados em pastas.

Figura 21 - Pasta do Google Drive® do Grupo EDUSEX UDESC com a organização de dados

	2021 CONGRESSO ED SEXUAL
	CANAL YT GRUPO EDUSEX UDESC
	COLÓQUIO EDUSEX
	CURSO FORMAÇÃO EDUSEX
	Especial Tito Sena Colóquio EDUSEX 2018
	FOTOTECA EDUSEX
	Logotipos
	MIDATECA EDUSEX
	PROGRAMA RÁDIO EDUSEX
	SALA 322

Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

Como é um espaço importante de registro e documentação o *drive* é protegido por senha. As pastas ou documentos específicos são partilhados pela líder e/ou vice-líder do Grupo conforme a necessidade e situação. A única pasta partilhada exclusivamente com membros/os do Grupo EDUSEX UDESC é a Midiateca (Figura na sequência) com artigos, livros e filmes que servem como materiais de pesquisas e estudos.

Figura 22 - Pasta do Google Drive® do Grupo EDUSEX UDESC da pasta Midiateca

	Apresentações PowerPoint
	Artigos e Banners Grupo EDUSEX
	Artigos e Textos
	Cadernos Pedagógicos Grupo EDUSEX
	Documentos Educação Brasil
	Filmes e Vídeos Sexualidade e Educação Sexual
	Imagens Sexualidade e Educação Sexual
	Livros e E-books
	Teses e Dissertações
	Teses e Dissertações GRUPO EDUSEX

Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

Importante registrar que como meu trabalho foi realizado como/para “benefício do coletivo” eu sempre que cumpria uma etapa da sistematização ou de uma publicação eu deixava registrado a atualização no *drive* como um banco de dados (ponto na Figura 23), por exemplo: a listagem dos programas de rádio/*podcasts* que postei no YouTube® ou as imagens das vinhetas criadas para os *podcasts*. Isso foi de suma importância para caso acontecesse algo o trabalho poderia ser continuado por outra membra/o do Grupo.

Figura 23 - Pasta Google Drive® do Grupo EDUSEX UDESC da pasta YouTube® com arquivos das Ações da Administradora Aline

 W	Cardapio Links YT Educacao Sexual em Debate FM UDESC.docx	
 W	Programa Educação Sexual em Debate - Listagem Controle Postagem YT.docx	
 W	Quadro com os programas Educação Sexual em Debate aline.docx	
 P	VINHETAS 2007 - 2014.pptx	
 P	VINHETAS PROGRAMA RÁDIO EDUSEX 2015.pptx	
 P	VINHETAS PROGRAMA RÁDIO EDUSEX 2016.pptx	
 P	VINHETAS PROGRAMA RÁDIO EDUSEX 2017.pptx	
 P	VINHETAS PROGRAMA RÁDIO EDUSEX 2018.pptx	
 P	VINHETAS PROGRAMA RÁDIO EDUSEX 2020 e 2019.pptx	

Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

Motivada pela democratização dos materiais do Grupo EDUSEX UDESC - e observando o potencial do organizador de *links* para publicizar as redes sociais *online* e disponibilizar materiais – criei, em fevereiro de 2022, um perfil no Linktr.ee® para o Grupo EDUSEX UDESC pensando na facilidade ao acesso do grande público. O perfil do Grupo com a gama de títulos disponibilizados pode ser apreciado na figura 24.

Com esta organização por *links* dos materiais e das redes do Grupo observei o quanto foi um espaço virtual extremamente valioso que expressa de maneira clara e objetiva as informações sobre Sexualidade e Educação Sexual Emancipatória de forma rápida e “intuitiva” em seu acesso cumprindo assim com o objetivo desta Tese de democratizar as produções do Grupo EDUSEX UDESC.

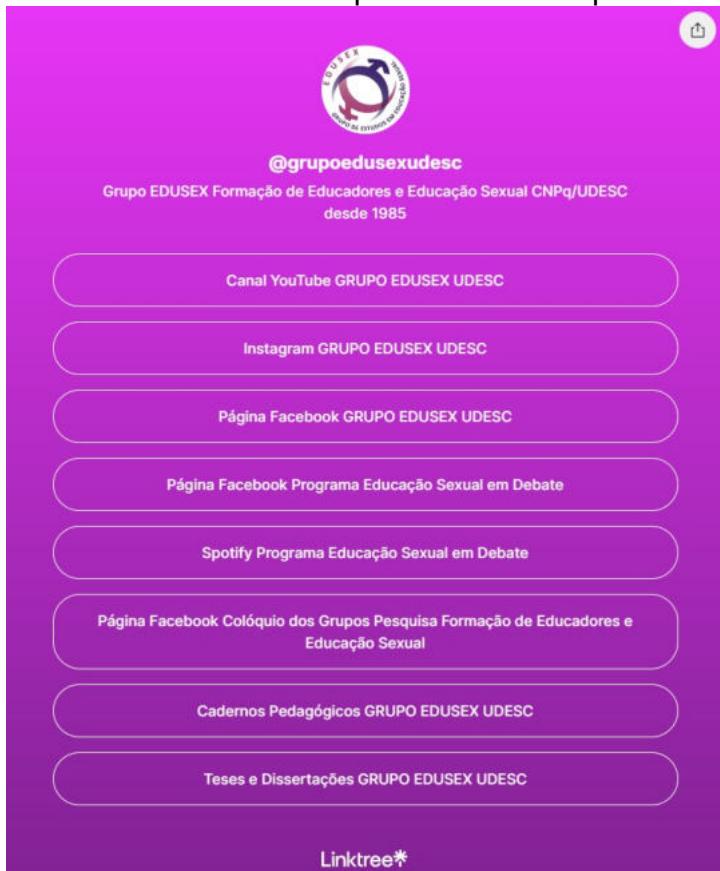
Registro que o Linktr.ee® foi disponibilizado nas “bios” das redes sociais YouTube®, Facebook® e Instagram® do Grupo o que facilitou/facilita por demais

quando alguém deseja informações e explorar os *links* publicizados.

Este recurso também foi extremamente positivo nas divulgações sobre o Grupo EDUSEX na própria página da UDESC sobre os Grupos de Pesquisa e também em eventos científicos.

A comunicação e publicização por meio do Linktr.ee® ficou facilitada também para membros/os apresentarem o Grupo EDUSEX UDESC em encontros diversos - como palestras, aulas e até em suas próprias redes sociais – e foi igualmente agregador no Curso de Extensão Fundamentos da Educação Sexual em Perspectiva Emancipatória¹⁰⁵ para promoção do próprio, mas muito para rápido acesso das/os cursistas aos Cadernos Pedagógicos, às Teses e Dissertações, bem como ao canal do YouTube® para os *podcasts* que eram materiais indicados no Curso – não precisando do *login* no ambiente virtual e nem o “clique” em muitas abas.

Figura 24 – Página do Linktr.ee® do @grupoedusexudesc com os *links* das redes sociais e materiais disponibilizados ao público

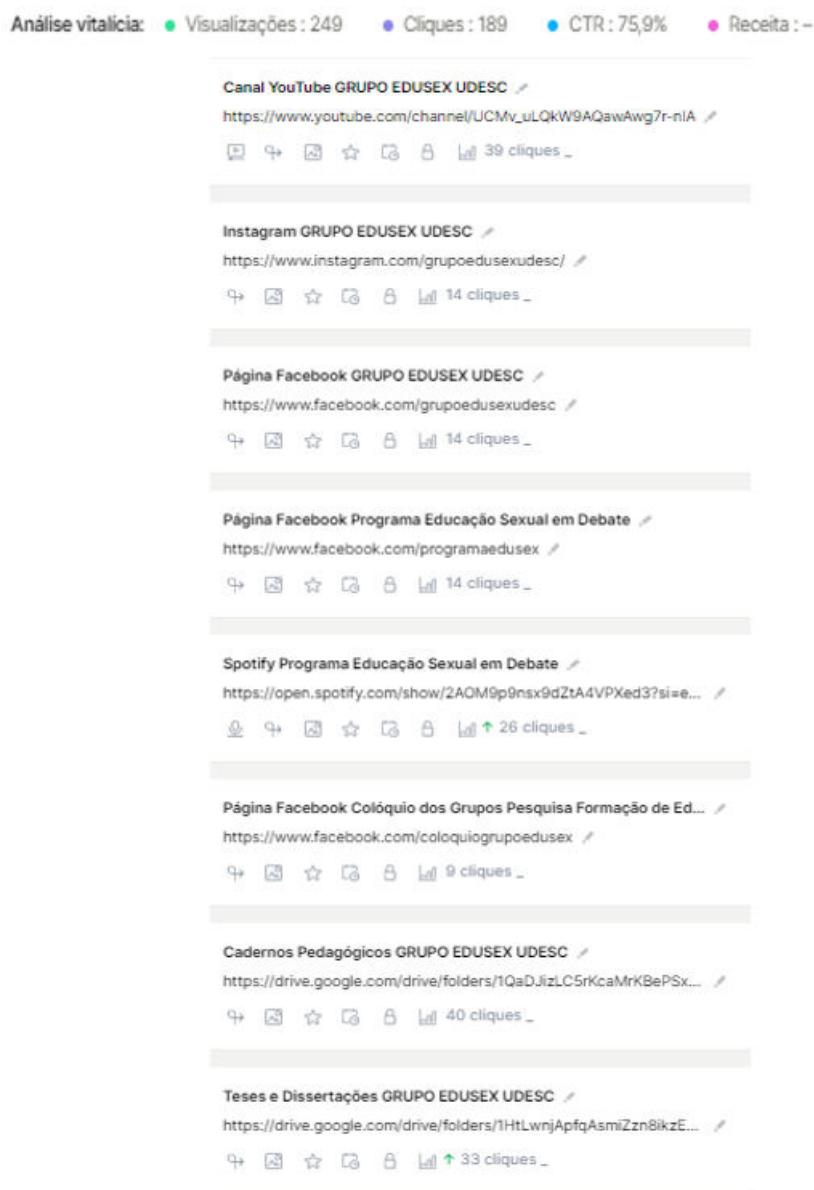


Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2022).

¹⁰⁵ Curso aconteceu de setembro a dezembro de 2022, de forma totalmente *online* em ambiente virtual do Moodle®, e foi promovido pelo LabTEIAS e o Grupo EDUSEX UDESC.

Pela ciência da divulgação do Linktr.ee® nestes espaços e momentos descritos fiquei curiosa para conhecer quais dos materiais e redes sociais eram mais acessados pelo público. Para isso realizei uma comparação entre os dados obtidos, em agosto de 2022 e maio de 2023, sobre o número de visualizações do perfil no Linktr.ee® e os números de cliques em cada título disponibilizado. A figura a seguir mostra, então, os números de cliques em cada título e o número de visualizações do perfil em 6 meses de uso.

Figura 25 - Site organizador de *links* Linktr.ee® com dados sobre visualizações e cliques do @grupoedusexudesc em Agosto/2022

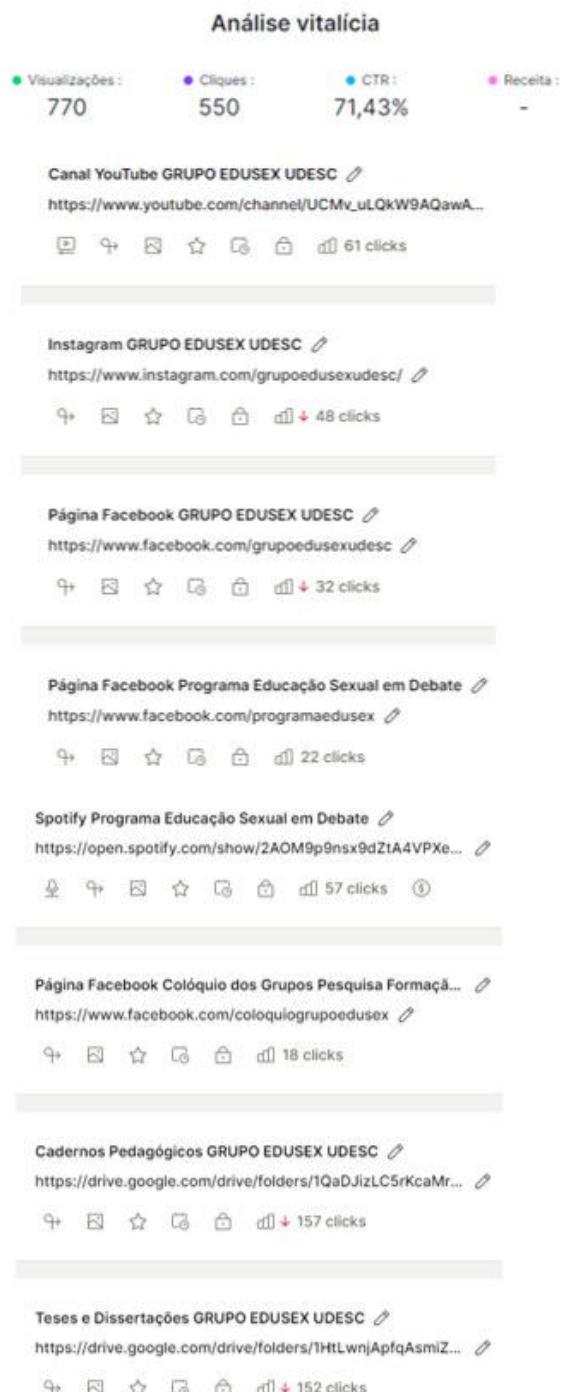


Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2022).

Observa-se que a figura acima regista que a página – do período de fevereiro de 2022 a agosto de 2022 - teve 249 visualizações e 189 cliques sendo que 40 deles

foram no acesso aos Cadernos Pedagógicos, seguido por 39 cliques no canal do YouTube® e 33 acessos no *link* das Teses e Dissertações do Grupo EDUSEX UDESC. O *link* do Spotify® foi acessado 26 vezes por meio do Linktr.ee®. Já as redes sociais Instagram®, com o perfil do Grupo, e as páginas do Facebook®, do Grupo e do programa de rádio, tiveram 14 cliques. O menos acessado foi a página do Facebook® do Colóquio EDUSEX com 9 cliques.

Figura 26 - Site organizador de *links* Linktr.ee® com dados sobre visualizações e cliques do @grupoedusexudesc em Maio/2023



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

A figura 26 indica que - no período de fevereiro de 2022 a maio de 2023, então 1 ano e 2 meses de uso - o perfil teve 770 visualizações e 550 cliques sendo que 157 deles foram no acesso aos Cadernos Pedagógicos, seguido por 152 cliques em Teses e Dissertações do Grupo EDUSEX UDESC e 61 acessos para o canal do YouTube®. O Spotify® foi acessado 57 vezes, seguido pelo perfil do Grupo no Instagram® com 48 acessos e a página do Grupo no Facebook® com 32 cliques. As páginas do programa de rádio e do Colóquio EDUSEX, ambas no Facebook®, foram menos acessadas, com 22 e 18 cliques, respectivamente.

Por meio do paralelo entre os dados das figuras podemos compreender que em 9 meses de uso o número de visualizações ao perfil do Grupo no Linktr.ee® e o número de cliques nos *sites* com rede social ou material disponibilizados, ambos, praticamente triplicaram.

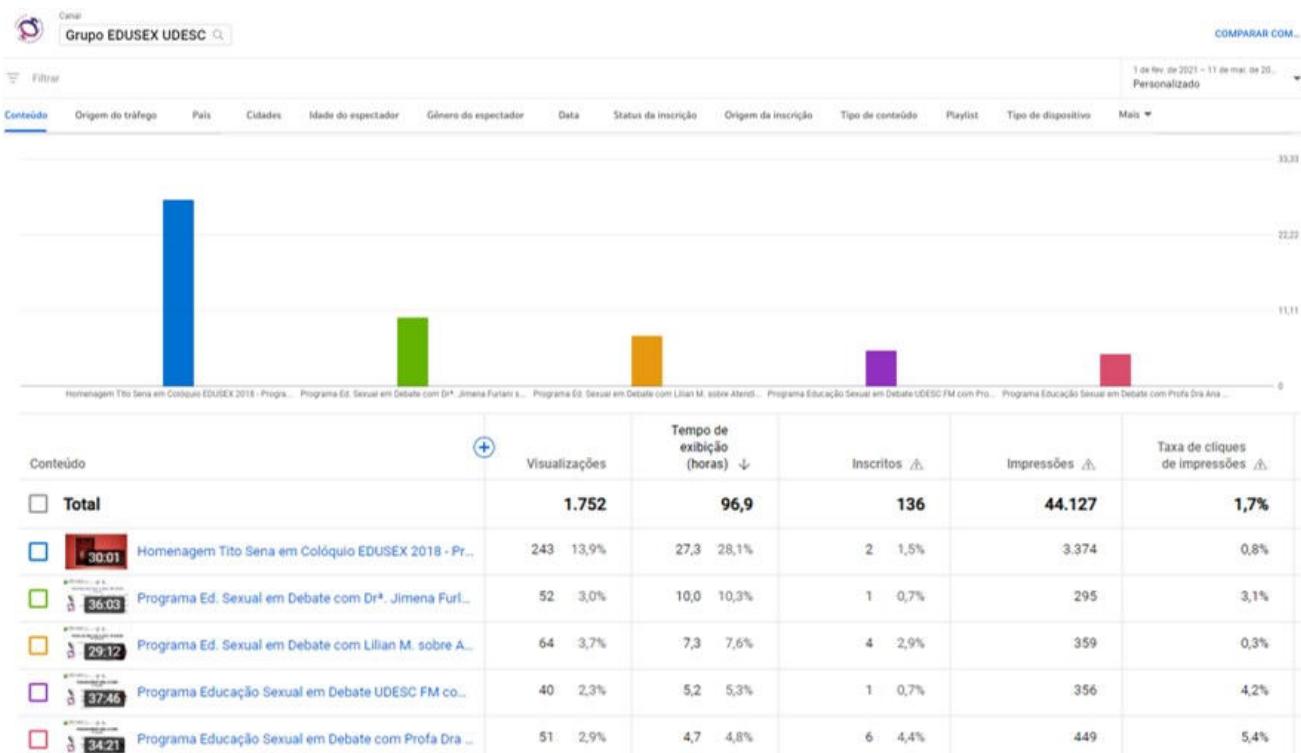
É valioso, ressalto, atentar-se que **essas interações demonstram os interesses do público e que podemos traçar diversas ações por meio das reflexões com estes retornos das redes sociais online como democratização às pesquisas científicas e informações críticas sobre Sexualidade e Educação Sexual Emancipatória.**

Pensando neste estudo sobre os interesses do público indico que a rede social YouTube® para a investigação sobre as redes sociais *online* do Grupo EDUSEX UDESC é a plataforma que mais fornece dados valiosos sobre as interações com os conteúdos postados.

O canal do Grupo EDUSEX UDESC foi criado pela líder Profa. Dra. Sonia em 31 de agosto de 2020. Quando iniciei a administração das redes sociais do Grupo e as postagens dos programas de rádio/*podcasts* o canal tinha 42 inscritas/os e 4 vídeos publicados da série EDUSEXCOMUNICA.

Para compreender a relevância do meu trabalho nesta rede solicitei os dados do canal do período de 01/02/2021 a 11/05/2023 (última data em que atualizei os dados de análises deste subcapítulo da Tese) gerando um gráfico dos conteúdos mais acessados por tempo de exibição de conteúdo e visualizações expressando assim - comprehendo eu - a importância da democratização destes materiais.

Figura 27 - Dados 1 sobre canal no YouTube® do Grupo EDUSEX UDESC



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

Neste período de 2 anos e 3 meses o canal com seus 161 materiais teve 1.752 visualizações e 96,9 horas de tempo de exibição entre vídeos e podcasts.

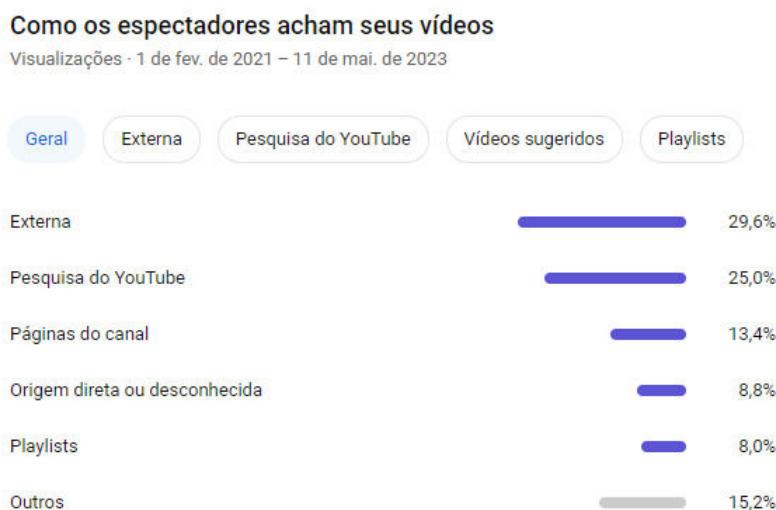
Os cinco programas de rádio Educação Sexual em Debate com mais tempo de exibição foram:

1. Uma das homenagens ao Prof. Dr. Tito Sena no Colóquio EDUSEX 2018 com sua entrevista sobre seu livro “Estatística e Normalidade” que teve 243 visualizações e 27,3 horas de exibição e postei no canal em 23 de abril de 2021,
2. O programa com a Profa. Dra. Jimena Furlani, de 14 de agosto de 2015, sobre “Plano de Educação e Ideologia de Gênero” com 52 visualizações e 10 horas de exibição, que publiquei em 14 de julho de 2021,
3. Sobre atendimento multiprofissional à pacientes oncológicos com a terapeuta ocupacional do CEPON Lilian Vaz Martinho, entrevistada em 9 de junho de 2017, que teve 64 visualizações e 7,3 horas de exibição e que postei em 30 de abril de 2021,
4. O programa sobre importância da Educação Sexual com Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, em 29 de novembro de 2019, com 40 visualizações e 5,2 horas de exibição, que publiquei em 23 de fevereiro de 2021,

5. A entrevista com a Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia, em 11 de outubro de 2019, sobre “Sexualidade e Deficiências” que conta com 51 visualizações e 4,7 horas de exibição e postei em 25 de fevereiro de 2021.

Também sob o mesmo período obtive os dados sobre como as/os espectadoras/es acharam os materiais postados no canal do Grupo EDUSEX UDESC em que os números podem ser observados na figura na sequência.

Figura 28 – Dados 2 sobre canal no YouTube® do Grupo EDUSEX UDESC



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

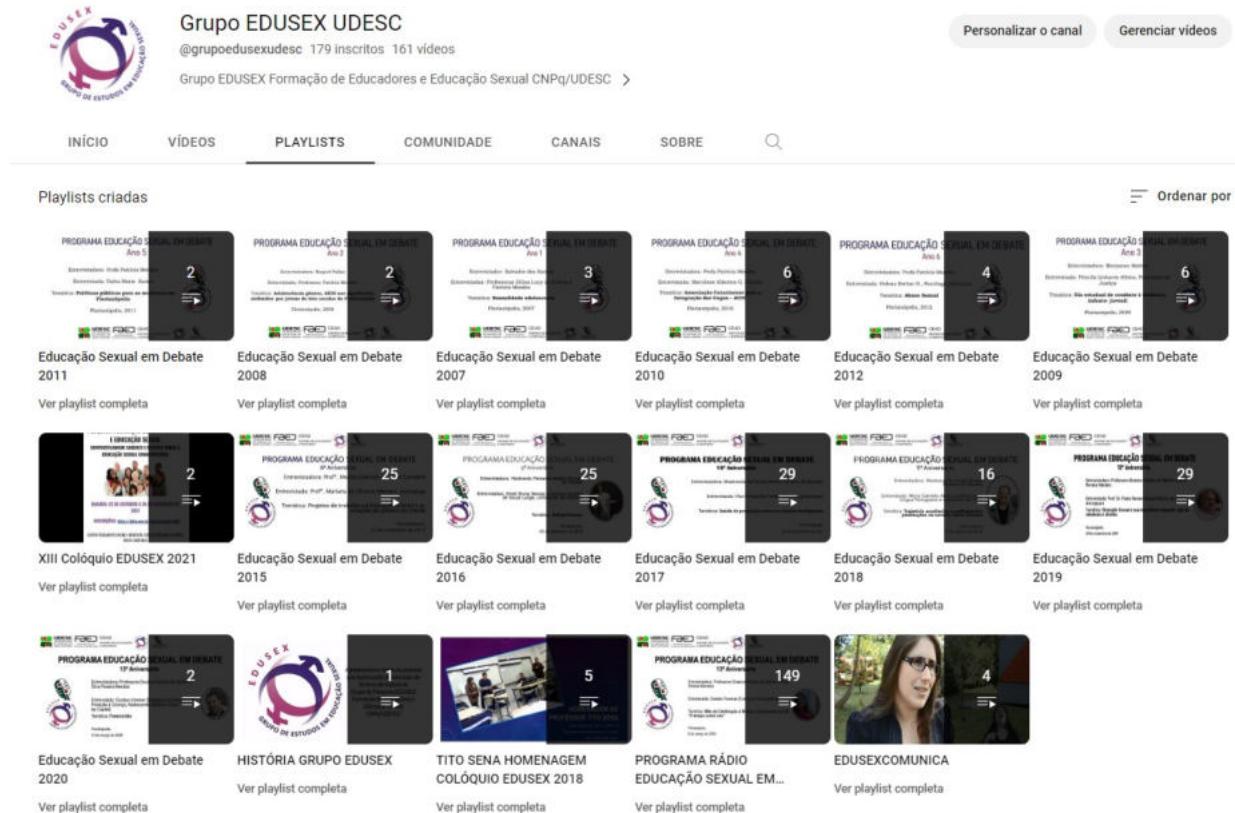
Fazendo um paralelo com a importância apresentada anteriormente sobre o organizador de *links* de redes sociais e materiais no Linktr.ee® podemos observar que as pessoas que acessaram o canal do Grupo chegaram através de *links* externos (29,6%), seguido por pesquisas realizadas na própria plataforma (25%) e também pela página do canal (13,4%) seja porque a pessoa é inscrita ou o perfil do Grupo estava em canais ou materiais recomendados pelo próprio YouTube®.

Quando eu publicava/publico um *podcast* eu também realizava/realizo a divulgação no Instagram® e no Facebook® e alimentava/alimento a “lista de cardápio dos programas Educação Sexual em Debate” (Apêndice 2) que por alguns momentos enviei à líder, vice-líder e membras/os do Grupo EDUSEX UDESC via e-mail ou grupo do Whatsapp®. Esta divulgação orgânica contribuiu para os dados que a plataforma YouTube® forneceu sobre o canal e muito provavelmente está abrangida no item “origem direta ou desconhecida” com 8,8% da figura sobre como as/os espectadoras/es encontram os materiais do canal do Grupo EDUSEX UDESC.

Com 8% é indicado também na figura 28 que o encontro pelos materiais veio pela exploração das *playlists* do canal. Esta sistematização eu realizei justamente pensando sobre a facilidade na busca pelos vídeos e pelos *podcasts*, bem como para ter um panorama das publicações por tema e ano.

Para agregar ao exposto trago a figura a seguir com *print* da página do canal em 11 de maio de 2023.

Figura 29 - Canal no YouTube® do Grupo EDUSEX UDESC



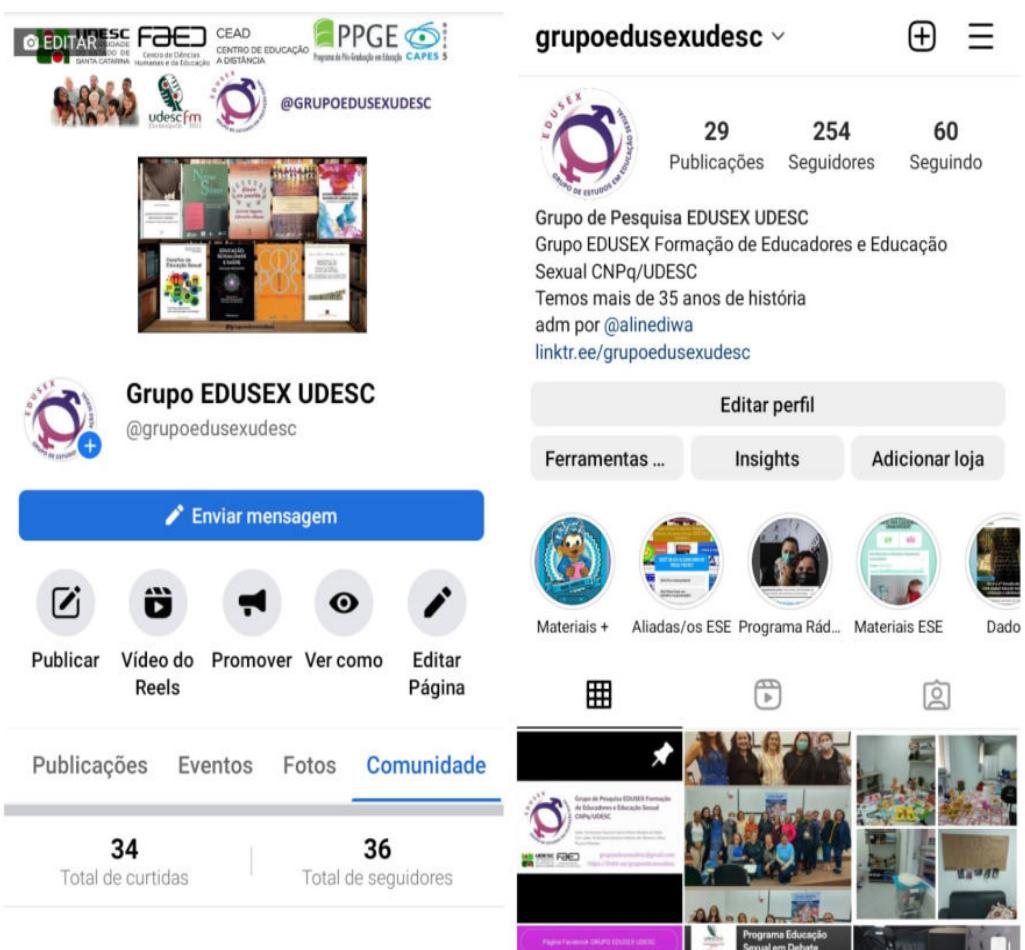
Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

A figura 29 mostra que o canal do Grupo EDUSEX UDESC possui 17 *playlists* e registra que há 161 materiais publicados e 179 pessoas inscritas. No período de minha administração, então, o canal ganhou 136 inscritas/os. Também verifiquei na plataforma que o público que mais acessa os materiais, inscrito ou não, no canal é em sua **grande maioria de mulheres e a faixa etária com maior público tem de 25 a 34 anos**. Podemos interpretar que esta é uma geração que faz uso deste tipo de recurso educativo para sua autoformação ou até mesmo para utilização deste como material em suas aulas/palestras e que o público caracterizado predominantemente de mulheres por serem profissionais da Educação e/ou interessadas pelo diálogo intencional sobre Sexualidade e Educação Sexual Emancipatória.

Refletindo sobre as interações nas redes sociais Instagram® e Facebook® observei que o Instagram® teve muito mais acessos e interesses do público. É uma rede que fornece uma gama de interatividade e estímulos que ganha cada vez mais adeptas/os para seus mais variados usos – como por exemplo entretenimento pessoal, divulgação de comércio ou exposição de materiais. Por esta evidência de interação e interesse que diminui a atualização na página do Grupo no Facebook®.

As figuras a seguir mostram as páginas do Grupo EDUSEX UDESC no Instagram e no Facebook nos meses de Agosto/2022 e Maio/2023 para traçar um paralelo entre as interações em 9 meses.

Figura 30 - Página do Facebook® e do perfil no Instagram® do Grupo EDUSEX UDESC em Agosto/2022



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2022).

Figura 31 - Página do Facebook® e do perfil no Instagram® do Grupo EDUSEX UDESC em Maio/2023

The figure displays two screenshots of the Grupo EDUSEX UDESC social media presence. The top part shows the Facebook page, which features a circular logo with 'EDUSEX' and 'GRUPO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO SEXUAL'. Below the logo are several book covers and a small image of people. The page title is 'Grupo EDUSEX UDESC' with '46 curtidas • 55 seguidores'. The main post on the left discusses the group's 30-year history and includes links to their website and a scientific paper. The right side of the Facebook post contains a quote about sexual education and links to a pedagogical calendar. The bottom part shows the Instagram profile 'grupoedusexudesc', which has 38 publications, 350 followers, and 14 accounts it follows. It features the same logo and a bio mentioning the group's formation and leaders. Below the bio are six circular icons labeled 'Membros/os', 'Biblioteca', 'Programa Rá...', 'Cursos e Even...', 'Nossa História', 'Partilhas', and 'Materiais ESE'. The bottom section of the Instagram profile shows a grid of posts, with one prominent post featuring a quote from MELO (2011) about sexual education.

Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

As figuras 30 e 31 mostram que a página do Grupo EDUSEX UDESC no Facebook® passou de 34 curtidas e 36 seguidoras/es para 46 curtidas e 55 seguidoras/es em 9 meses. Já o perfil do Grupo no Instagram® de 254 seguidoras/es em Agosto/2022 passou a ter 350 seguidoras/es em Maio/2022.

As ações como administradora nestas redes foram: atualizações de informações, divulgações de materiais e eventos do Grupo, interações em

comentários e perguntas, análise e “repostagens” de marcações, partilhas de materiais agregadores e criações de postagens sobre o Grupo EDUSEX UDESC, as redes sociais e os materiais científicos e pedagógicos sobre Sexualidade e Educação Sexual Emancipatória.

No Apêndice 3 partilho seis criações de postagens realizadas para as redes do Grupo EDUSEX UDESC – sobretudo Instagram®:

1. Quem somos nós?

Uma suma apresentação sobre o Grupo EDUSEX UDESC.

2. Acessou o nosso Linktr.ee?

Incentivo ao conhecimento do organizador de *links* sob objetivo da democratização dos materiais do Grupo EDUSEX UDESC.

3. O que é Sexo?

Conceituação de Sexo tão confundido como significado de Sexualidade.

4. O que é Sexualidade?

Explicação do conceito de Sexualidade como dimensão inseparável da existência humana e ancoragem teórica base do Grupo EDUSEX UDESC.

5. O que é Educação Sexual?

Reflexões sobre Educação Sexual como processo permanente das relações humanas.

6. Somos todos seres sexuados!

Apresentação de mais uma ancoragem teórica base do Grupo EDUSEX UDESC.

Ressalto que estas seis artes foram criadas – na plataforma Canva® - intencionalmente para as redes sociais do Grupo EDUSEX UDESC para levar os pressupostos teóricos do grupo de pesquisa sobre Educação Sexual e Sexualidade. Alguns exercícios foram realizados e postados nas redes, mas novas artes foram produzidas levando em conta a contemplação dos seguintes dados: o logo do Grupo EDUSEX UDESC, a referência da frase citada, as cores que remetem ao logo do Grupo e meu perfil no Instagram® grifando autoria na criação do conteúdo. Outras artes foram realizadas - como para as divulgações do Colóquio EDUSEX, por exemplo -, mas destaco estas seis pensando na expressão dos objetivos desta Tese, bem como os aprendizados advindos como administradora das redes sociais *online* e criadora de conteúdo para democratização das pesquisas científicas e materiais

pedagógicos.

Para ampliar a compreensão sobre a importância da minha ação de administração e criação de conteúdos para o Grupo EDUSEX UDESC contemplando o objetivo de pesquisa sobre a democratização de materiais, registro a seguir figura com *prints* sobre o alcance de publicações e também algumas características do público alcançado no perfil do Instagram® do Grupo.

Figura 32 – Dados no Instagram® do Grupo EDUSEX UDESC de Fevereiro a Maio/2023



Fonte: Registro de tela da autora Aline Diniz Warken (2023).

O Instagram® fornece várias informações sobre as interações e o público que acessa o perfil, todavia o período para obtenção de dados é mais limitado.

A figura 32 aponta que o perfil do Grupo EDUSEX UDESC alcançou no período de 3 meses – fevereiro a maio de 2023 – 390 contas, tendo alcance maior (+57,8%) se comparado a 14 novembro de 2022 a 11 de fevereiro de 2023. As publicações no *feed* chegam a mais pessoas do que as dos *stories* (que desaparecem em 24 horas). Os dados mostram 4 *stories* que tiveram mais alcances nos 3 meses e observo que o que variou de uma para outra foram as marcações feitas. Explico: quando eu postei um *stories* e marquei alguns perfis o alcance foi maior, mas quando não fiz marcações de perfis ou em “repostagens” o número de alcance diminuiu.

Então ficou um aprendizado: **fazer uma postagem com marcações gera um convite maior de interações do público inscrito ou não inscrito. Isso faz total sentido quando lemos sobre o algoritmo desta rede social.** Em suma: **quanto mais você torna um conteúdo partilhável, mais a rede social vai achar isso interessante e “vai entregar” para mais pessoas aquela postagem. Isso é extremamente valioso de grifar aqui ainda mais porque tudo relacionado ao tema da Sexualidade é menos entregue**, principalmente pelas temáticas que permeiam que podem acabar não seguindo as diretrizes da rede social – como masturbação, sexo, partes íntimas - ou são assuntos mais sensíveis que – muitas vezes - não geram muito engajamento e são “gatilhos” para muitas pessoas, por exemplo: feminicídio, violência sexual, estupro, assédio.

Também por esta rede social ter um público menor de 18 anos que acaba acessando – na grande maioria das vezes - sem a informação real da sua idade, o Instagram® muito pouco irá promover ou sugerir conteúdos que tem em sua postagem a palavra-chave ‘Sexualidade’. Por isso que muitos perfis acabam usando códigos para tentar “burlar” isso no algoritmo, como “se.xu4!lidad&” ou “se.ualidade”.

Concluo este subcapítulo apresentando no quadro a seguir os perfis que desenvolvi para o Grupo EDUSEX UDESC e realizei as ações descritas.

Quadro 6 – *Links das redes sociais online* do Grupo EDUSEX UDESC

Organização das redes e materiais no Linktr.ee®	https://linktr.ee/grupoedusexudesc
Página no Facebook®	https://www.facebook.com/grupoedusexudesc
Canal no YouTube®	https://www.youtube.com/@grupoedusexudesc
Perfil no Instagram®	https://www.instagram.com/grupoedusexudesc

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2022).

3.3.4. Os materiais pedagógicos da EASES

Refletindo sobre os instrumentos para a construção teórico-metodológica da EASES me voltei aos materiais usados e construídos em meus trabalhos anteriores - no técnico em Meio Ambiente, na graduação em Pedagogia, nas especializações em Mídias na Educação e Gênero e Diversidade na Escola, e na Dissertação de Mestrado.

Compreendo que a construção de materiais pedagógicos da EASES se iniciou com os exercícios de análises de materiais pedagógicos para Educação Ambiental e para Educação Sexual ao longo de minha trajetória como técnica em Meio Ambiente, pedagoga e pós-graduanda na seleção e organização de recursos educativos “bacanas e não tão bacanas”, haja visto que trabalho/pesquisei sob o paradigma do materialismo histórico dialético e entendo que **todo material educativo/pedagógico precisa ser problematizado** – nunca “endeusado” ou “demonizado” – partindo do princípio que não há material neutro. Toda criação humana é encharcada de significados, sentidos e visão/ões de mundo, portanto não há neutralidade.

Para as buscas, as seleções e as criações de materiais pedagógicos fui muito motivada por questionamentos, de anos, das/os profissionais da Educação¹⁰⁶, principalmente, em minhas aulas/oficinas/palestras como:

- Quais dicas de jogos, brinquedos e brincadeiras que contemplam uma Educação para diversidade de Ser e Inteireza?
- Como acontece a organização dos materiais pedagógicos apresentados nas (minhas) interações/explanações?
- Como investir em materiais de viés emancipatório?
- Quais indicações de livros e filmes sobre Educação Sexual e sobre Educação Ambiental?
- Por onde iniciar a análise de brinquedos, músicas e vídeos em uma abordagem mais amorosa consigo e com o Planeta?

¹⁰⁶ Relato que durante minhas palestras no Curso de Extensão Fundamentos da Educação Sexual em Perspectiva Emancipatória, organizada pelo Grupo EDUSEX UDESC e LabTEIAS, no final de 2022, sobre Materiais Pedagógicos estes questionamentos também foram feitos. Com minha Tese estava em desenvolvimento e para contemplar as inquietações explanadas pelas/os cursistas eu criei um grupo no Whatsapp® que utilizamos até o momento (junho/2023) nas partilhas de livros, artigos, vídeos, filmes e conteúdos das redes sociais para uso pedagógico acerca da Educação Sexual e também Educação Ambiental.

Vi a suma importância de contemplar estas indagações na Tese de Doutorado e iniciei com a análise de conteúdos de 44 materiais pedagógicos – livros, vídeos, músicas, atividades e jogos.

Primeiramente realizei a seleção dos materiais a partir *links* e/ou arquivos salvos em *drive* pessoal ao longo da minha caminhada como Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, muitos utilizados nas apresentações de possibilidades de um trabalho intencional sobre Sexualidade e Meio Ambiente e outros indicados/enviados por colegas profissionais da Educação sabedoras/es das minhas temáticas de pesquisa.

Em um segundo momento fiz as leituras, assisti os vídeos e clipes musicais e realizei as atividades e jogos dos materiais selecionados, revisitando-os sob o exercício investigativo. Depois realizei novamente tais ações requeridas de cada material analisando seus conteúdos e registrando os principais temas abordados e algumas características mais relevantes. Esta organização pode ser observada a partir do quadro na sequência.

Quadro 7 – Análises de materiais para uso pedagógico

Referência do material	Tipo de material	Características relevantes do material	Palavras que brotaram da análise de conteúdo
ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejamos todos feministas . Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.	Livro juvenil/adulto	O livro de bolso é uma adaptação do discurso no TEDxEuston, em 2012, que a autora ministrou falando sobre sua relação com o Feminismo e história de sua vida e nos faz uma proposta: sejamos todos feministas. As poucas páginas proporcionam reflexões diversas e podem se tornar debates valiosos. O vídeo desta fala tem milhares de visualizações e foi musicado por Beyoncé.	Amorosidade, Criticidade, Cultura, Direitos, Diversidade, Educação, Estereótipos, Feminismo, Identidade, Machismo, Negritude, Racismo, Reflexão, Relação com a Família, Transformação social.
ARCARI, Caroline. Dadinho das Emoções Prevenção de Violência Sexual Pipo e Fifi . (Atividade faz parte do curso PIPO E FIFI: ensinando proteção contra violência sexual para crianças de 4 a 12 anos). Ilustrações de Isabela Santos. Edição nº3, 2020.	Atividade infantil	Atividade com personagens do livro “Pipo e Fifi” e crianças expressas em diversidades proporciona refletir sobre emoções e expressões faciais.	Autoconhecimento, Diálogo, Diversidade, Expressões, Identidade, Reflexão, Sentimentos e emoções.

ARCARI, Caroline. Livro de atividades Pipo e Fifi. (Livro faz parte do curso PIPO E FIFI: ensinando proteção contra violência sexual para crianças de 4 a 12 anos). Ilustrações de Isabela Santos. Edição nº3, 2020.	Livro de atividades infantis	Inicia com a orientação à pessoa adulta responsável para uso do livro de atividades; As atividades podem ser transpostas didaticamente para trabalho individual ou coletivo, bem como para idades diversas; Usando a metodologia do Toque do Sim e Toque do Não, a gama diversa das atividades permite múltiplos diálogos sobre consentimento e propostas de ações para quando um toque não for permitido e em uma parte íntima, por exemplo.	Amorosidade, Autoconhecimento, Confiança, Consentimento, Corpo humano, Diálogo, Partes íntimas, Prevenção violência sexual, Relação com a Família, Segurança, Sentimentos e emoções.
ARCARI, Caroline. Pipo e Fifi: prevenção de violência sexual na infância. Ilustrações de Isabela Santos. Direitos Reservados ao Instituto Cores, 2013.	Livro infantil	Apresenta a metodologia do Toque do Sim e Toque do Não para prevenção da violência sexual; Há a carta para pessoa adulta facilitando a contação de história e diálogos possíveis; Personagens são irmãos monstros que trazem lúdicodez ao assunto; Personagens humanos apresentam diversidade de corpos; As partes íntimas são apresentadas de forma lúdica.	Abuso e violência sexual, Autoconhecimento, Autocuidado, Autoproteção, Carinho e trocas afetivas, Confiança, Consentimento, Diálogo, Direitos, Higiene, Nomear as partes íntimas, Partes do corpo, Relação com Família, Segurança.
ARCARI, Caroline. Pipo e Fifi para bebês: prevenção de violência sexual para crianças de 0 a 3 anos. Ilustrações de Isabela Santos. Direitos Reservados ao Instituto Cores, 2016.	Livro infantil	O livro traz uma proposta de interação com elementos diversos agregando a arte ao autoconhecimento; Personagens são irmãos monstros que trazem lúdicodez ao assunto; Personagens humanos apresentam diversidade de corpos; As partes íntimas são apresentadas de forma lúdica.	Amorosidade, Autoconhecimento, Autoproteção, Higiene, Nomear as partes íntimas, Relação com Família, Segurança.
AYMONE, Sandra. 8 jeitos de mudar o mundo. Ilustrações de Leandro Bucate. Fundação EDUCAR Dpaschoal, 2009.	Livro infanto-juvenil	Por meio de rimas e com a interação com quem lê em cada jeito de mudar o mundo a personagem em meio à paisagens diversas reflete sobre formas de transformar o Planeta em um lugar melhor.	Alimentação, Coletividade, Conexão ser humano e Planeta Terra, Cuidado com Planeta, Doenças humanas, Educação, Feminismo, Higiene, Natureza, Relação Família e Escola, Respeito, Saúde, Sustentabilidade.
AYMONE, Sandra. O	Livro infantil	Personagens são os próprios	Ciência,

livro que não tinha fim. Ilustrações de Pierre Trabbold e Luiz Rodrigues. 2ª edição. Fundação Educar DPaschoal, 2015.		materiais recicláveis trazendo ludicidade para conscientização; Interações ao final do livro com propostas de atividades.	Conexão, Conscientização, Curiosidade, Pertencimento, Sustentabilidade.
BELÉM, Valéria. O cabelo de Lelê. Ilustrações de Adriana Mendonça. Companhia Editora Nacional. 2007.	Livro infantil	Apresenta a importância do cabelo como processo de empoderamento e autoconhecimento por meio da história e ancestralidade; Traz personagens ricas em diversidades de corpos.	Ancestralidade, Autoconhecimento, Autoestima, Criticidade, Cuidado, Diversidade, Empoderamento, Feminismo, Negritude, Pesquisa, Investigação.
Bob Zoom (Canal). Cabeça, Ombro, Joelho e Pé. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=vDee2bF8XIs&ab_channel=BobZoom >. Publicado em 26 jan 18.	Música infantil	Uma música infantil antiga que podemos problematizar: <ul style="list-style-type: none"> • Por que sempre pula a parte íntima, não a nomeando? • Por que não citar a pele (nossa maior órgão) quando se fala dos olhos, ouvidos, boca e nariz, os órgãos dos sentidos. Obviamente que é uma rima para gerar movimento corporal, mas podemos agregar ao diálogo “confrontando” o que nossa sociedade sempre “desconsidera” por temer abordar. Reinventar a canção é uma boa estratégia. O vídeo traz personagens representando seres humanos com peles brancas e uma mascote (formiga) que é a personagem principal do canal. 	Autoconhecimento, Corpo humano, Reflexão, Sentidos humanos.
BRAGA, Beatriz; GOMES, Joana M.; CORREIA, Marta; CORREIA, Miguel; AMORIM, Susana. A minha avó tem coronavírus. Ideias com história, 2020.	Livro infanto-juvenil	Maioria das personagens representadas como pessoas negras; Aborda um pouco da rotina das famílias e estudantes durante a Pandemia do Covid-19 e também como foi a internação de quem se contagiou com o coronavírus.	Autoconhecimento, Coletividade, Cuidado, Empoderamento, Pandemia Covid-19, Relação com a Família, Saúde, Sentimentos e emoções, Tecnologias.
BRENNAN, Ilan; ZILBERMAN, Ionit. Até as princesas soltam pum. Brinque Book. 2008.	Livro infantil	Todas as personagens são brancas; Linguagem acessível; Cores e desenham chamam atenção; A ludicidade sobre a humanização das princesas para abordagem do pum, explicado pelo pai, torna o enredo envolvente.	Corpo humano, Curiosidade, Empoderamento feminino, Incentivo a pesquisa, Olhar científico sobre funcionamento corpo humano, Princesas, Quebra tabus, Relação com a Família.

<p>CORES (Canal). Pipo e Fifi para bebês (animação). Narrado pela autora Caroline Arcari. Disponível em: http://youtu.be/4H1D67u4Bj4. Postado em 20 de maio de 2016.</p>	<p>Animação infantil e contação de história—vídeo.</p>	<p>Narração com voz calma com sons divertidos e vídeo curto com elementos que prendem a atenção; Personagens são irmãos monstros que trazem lúdicode ao assunto; Personagens humanos apresentam diversidade de corpos; As partes íntimas são apresentadas de forma lúdica.</p>	<p>Amorosidade, Autoproteção, Higiene, Nomear as partes íntimas, Relação com Família, Segurança.</p>
<p>CRUZ, Talita Pupo. Roda a roda das emoções. Todos os direitos reservados à Psicóloga Talita Pupo. 2021.</p>	<p>Atividade/ Jogo infanto-juvenil</p>	<p>O material formulado pela psicóloga tem uma proposta de conhecer as emoções em uma interação com mimica, desafios e reflexões sobre vivências individuais; Traz o desenho de uma menina e um menino, cores para estimular a interação e cartas com perguntas (quiz); Interessante que a abordagem do nome é sobre a Emoção e não ao adjetivo feminino e masculino. Por exemplo: Alegria e não alegre. Vergonha e não envergonhada/o ou tímida/o, o que torna o material mais inclusivo.</p>	<p>Autoconhecimento, Coletividade, Criticidade, Interação, Reflexão, Sentimentos e emoções.</p>
<p>Ellen Oliveira - Língua de Sinais (Canal). Atividade da obra A Família - Tarsila do Amaral. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wCyBUkRbqWA&ab_channel=EllenOliveira-L%C3%ADnguadeSinais. Publicado em 06 mai 21.</p>	<p>Vídeo com intérprete de Libras, Vídeo inclusivo</p>	<p>Ellen é uma professora bilíngue que possui mais de 155 vídeos com interpretação em Libras com enfoque para Educação Infantil e Anos Iniciais. O vídeo analisado trouxe em poucos minutos valiosas reflexões sobre a obra de Tarsila para pensarmos sobre família e diversidade, sobretudo. A edição é rica e as informações em áudio, fotos e Libras formam um vídeo crítico-amoroso.</p>	<p>Arte, Autoconhecimento, Criticidade, Cultura, Diálogo, Diversidade, Empoderamento, Família, Feminismo, Identidade, Inclusão, Libras, Pesquisa, Reflexão.</p>
<p>EMICIDA. Amoras. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.</p>	<p>Livro infanto-juvenil</p>	<p>Personagens em rica diversidade de corpos e cores; Traz possibilidades de interligações entre Ser e Meio; Aborda a negritude trazendo empoderamento; Ao fim traz um glossário com as palavras do texto e seus significados.</p>	<p>Antirracismo, Conexão ser humano e Planeta Terra, Espiritualidade, Natureza, Negritude.</p>
<p>Fafá conta história (Canal). De onde vêm os bebês? Disponível em: < https://www.youtube.com/</p>	<p>Vídeo com contação história infantil</p>	<p>Fafá é uma contadora de histórias infantis e traz vários vídeos – também para pessoas adultas – para aprender a arte</p>	<p>Adoção, Autoconhecimento, Ciência, Consentimento,</p>

<p>watch?v=CdNFPB5djxQ&ab_channel=Faf%C3%A1contahist%C3%B3rias. Publicado em 24 abr 19.</p>		<p>da contação. Em seu canal tem uma <i>playlist</i> específica sobre Educação Sexual. Ela estimula a criança a chamar uma “pessoa adulta bem legal”. Ao final do vídeo, Fafá explica sobre o conteúdo do livro alinhando ao Estatuto da Criança e Adolescente. O livro contado é: ARCARI, Caroline. Gogô, de onde vêm os bebês? Ilustrações de Isabela Santos. Editora Caqui. Apresenta personagens em rica diversidade, nomeia as partes íntimas e fala sobre gravidez, parto e adoção.</p>	<p>Corpo humano, Curiosidade, Diversidade, Família, Fertilidade, Gravidez, Ludicidade, Nudez, Partes íntimas, Sexo, Violência sexual.</p>
<p>FINK, Nadia. Frida Kahlo: para meninas e meninos. Traduzido por Sieni Maria Campos. Ilustrações de Pitu Saá. Florianópolis: Sur, 2016.</p>	<p>Livro infanto-juvenil</p>	<p>As ilustrações e as escritas são apresentadas de forma dinâmica, com informações que prendem a atenção e agregando à imaginação com uma vontade de pesquisar mais sobre a Frida; Personagens em diversidade de corpos; Informações verídicas que permite aprofundamento com criticidade sobre a História de Frida, como de seu país de origem, o México, bem como a História da Arte; Na parte final do livro há várias sugestões de atividades que facilitam o autoconhecimento por meio da arte e a interação com familiares e amizades através de jogos e brincadeiras.</p>	<p>Ancestralidade, Arte como autoconhecimento, Biografia, Diversidade de corpos (doença e acidente), Expressão e identidade (diferentes maneiras de se vestir e de se ver no mundo), Feminismo, Machismo, Morte/Luto, Orientação sexual (diferentes formas de amar), Patriarcado, Relação com Família, Resistência e Coragem, Revolução.</p>
<p>FURLANI, Jimena. Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.</p>	<p>Livro para docentes</p>	<p>O livro traz fundamentação teórica para o trabalho intencional sobre Educação Sexual nas Escolas; Indica as vertentes de Educação Sexual e apresenta os principais debates sobre gênero propiciando reflexões e problematizações à/ao docente; Traz várias atividades, com personagens em rica diversidade de corpos, para realizar com crianças e adolescentes.</p>	<p>Antirracismo, Autoconhecimento, Ciência, Corpo humano, Criticidade, Cuidado, Cultura, Direitos, Diversidade, Educação, Estereótipos, Feminismo, Gênero, Identidade, Machismo, Partes íntimas, Pesquisa, Racismo, Reflexão,</p>

			Relação com a Família, Respeito.
Galinha Pintadinha (Canal). Atirei o pau no gato. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=0hhz7KSEIAE&ab_channel=GalinhaPintadinha >. Publicado em 17 set 10.	Música infantil	Uma música infantil antiga que foi reescrita pensando na conscientização sobre os maus tratos aos animais. O vídeo traz ludicidade e colorido, com humor e ao final traz a versão reescrita sobre não atirar o pau no gato.	Animais, Conscientização, Cuidado, Ludicidade, Reflexão, Violência.
Grandes Pequeninos (Canal). Xixi, Cocô e Pum. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=SMmtuoKEmM&ab_channel=GRAND%20ESPÉQUENINOS >. Publicado em 19 jan 16.	Música infantil	A música traz uma letra sobre cocô, xixi e pum naturalizando os processos do funcionamento do corpo humano e sua higiene de forma animada e sincera. O vídeo faz alusão a um jogo de videogame e passa mensagens de confiança à família para o cuidado, higiene e diálogo de autoconhecimento. As personagens são duas irmãs negras que ao final se juntam com seu pai, o cantor Jairzinho, e sua mãe, a atriz Tania.	Autoconhecimento, Confiança, Corpo humano, Cuidado, Diálogo Higiene, Ludicidade, Relação com Família, Segurança.
HOOKS, bell. Meu crespo de rainha. Tradução de Nina Rizzi. Ilustrações de Chris Raschka. São Paulo: Boitatá, 2018.	Livro infanto-juvenil	Personagens em rica diversidade expondo a beleza de suas cores e cabelos pela poesia de ser e vivê-lo.	Ancestralidade, Autoconhecimento, Conexão ser humano e Planeta Terra, Cultura, Empoderamento, Feminismo, Negritude.
JACOB, Julieta. Tuca e Juba: prevenção de violência sexual para adolescentes. Ilustrações de Ilustralu. Recife: [edição do autor], 2018. Disponibilizado pela autora em https://issuu.com/jubajacob/docs/tuca_e_juba_pdf_final - leve/2 . Publicado em 27 abr 2018.	Livro infanto-juvenil	O livro em seu todo tem como premissa a interação com quem o lê e utiliza linguagem da internet nestes mecanismos de interação; Personagens em diversidade de corpos; As partes íntimas são apresentadas de forma lúdica; Os conceitos e informações despertam vontade de pesquisar mais e dialogar com pessoas de confiança.	Assédio Sexual, Autoaceitação, Autoconhecimento, Autonomia Corporal, Consentimento, Diálogo, Direitos, Diversidade de corpos, Estupro, Exploração Sexual, Pornografia infanto-juvenil, Estereótipos, Respeito, Violência sexual.
JACOB, Julieta. Tuca e Juba: prevenção de violência sexual para adolescentes. Ilustrações de Ilustralu. Livro de Atividades (Livro faz parte do curso TUCA E JUBA: ensinando proteção e prevenção contra violência sexual para adolescentes).	Livro de atividades infanto-juvenil	Livro de atividades em preto e branco para colorir e interagir em paralelo com a leitura do livro "Tuca e Juba"; Como no livro usa linguagens da internet pensando no público alvo; Personagens com corpos diversos.	Assédio sexual, Autoconhecimento, Autonomia corporal, Consentimento, Criticidade, Diálogo, Diversidades de corpos, Empoderamento, Estupro, Exploração sexual, Feminilidade,

Edição nº1, 2018.			Feminismo, Machismo, Masculinidade, Padrão de beleza, Partes íntimas, Pornografia info-juvenil, Reflexão, Violência sexual.
<p>LOPES, Sónia Duarte. #ON_SEX. Um jogo sobre direitos sexuais. Disponível em <http://onsex.apf.pt>. 2015.</p>	<p>Jogo virtual para adolescentes, jovens e adultas/os</p>	<p>O jogo virtual é indicado para maiores de 14 anos e dentre os macros temas Sexualidade e Competências parentais traz uma diversidade de jogos como quiz e verdadeiro ou falso, em vários assuntos ampliando os conhecimentos e oportunizando diálogos. Traz também uma apresentação sobre o jogo, um espaço para leitura sobre os assuntos (saber mais) e um glossário. O projeto é explicado em http://www.apf.pt/jogo-onsex .</p>	<p>Alimentação, Amorosidade, Autoconhecimento, Consentimento, Criticidade, Direitos sexuais, Diversidade, Educação, Estereótipos, Gênero, Gravidez, Infância, IST's, Métodos contraceptivos, Orientação sexual, Planejamento familiar, Prazer, Reflexão, Relação com Família, Saúde, Sexo, Violência.</p>
<p>MAIA, Otávio Borges; FREITAS, Tino. Livro vermelho das crianças. Brasília, IBICT, 2015.</p>	<p>Livro infanto-juvenil</p>	<p>O livro traz 50 animais ameaçados de extinção por meio de desenhos realizados por crianças e interagindo através de atividades e escritas simples que aproximam e envolvem em ludicidade para refletir sobre a vida de cada animal e seu ambiente natural; Aponta diversas informações gerando reflexão por meio dos dados científicos instigando para cuidado e proteção com o Meio Ambiente.</p>	<p>Animais, Ciência, Clima, Criticidade, Cuidado, Desmatamento, Diversidade, Extinção, Impacto ambiental, Interação, Natureza, Pesquisa, Proteção ambiental, Reflexão, Relação ser humano e Planeta Terra, Transformação social.</p>
<p>Mary Neide Figueiró (Canal). Série Aborto - É possível mudar de Pró-Vida para Pró-Escolha? Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=kijcSePIFww&ab_channel=MaryNeideFigueir%C3%B3>. Publicado em 7 abr 20.</p>	<p>Vídeo para jovens, adultas/os e docentes</p>	<p>No canal a Profa. Dra. Mary Neide traz uma série de vídeos sobre Educação Sexual e Sexualidade ampliando os diálogos críticos-amorosos acerca das temáticas. O canal conta com 129 vídeos em sua maioria com menos de 6 minutos e podem ser utilizados para formação docente ou para abrir o debate em aulas e</p>	<p>Aborto, Autoconhecimento, Conscientização, Corpo humano, Criticidade, Direito da Mulher, Direitos sexuais, Educação, Empoderamento, Feminismo, Pesquisa,</p>

		<p>palestras.</p> <p>No vídeo em específico traz problematizações reflexivas sobre Aborto que é temática de sua ampla pesquisa.</p>	Reflexão.
Memória Infantil (Canal). Castelo Rá Tim Bum - Ratinho - Meu pé meu querido pé (Tomando Banho). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=cTycyMhBPY8&ab_channel=Mem%C3%A9riaInfantil >. Publicado em 23 nov 09.	Música infantil	<p>Uma música infantil antiga que por meio do personagem Ratinho fala sobre a hora do banho citando a importância de lavar várias partes do corpo e menciona o “bumbum e fazedor de xixi” levando ludicidade, brincadeira e autoconhecimento para a hora da higiene.</p>	Animais, Autoconhecimento, Corpo humano, Emoções e sentimentos, Higiene, Ludicidade, Partes íntimas.
MION, Marcos. A escova de dentes azul. Ilustrações de Fabiana Shizue. São Paulo: Panda Books, Versão adaptada para comunicação alternativa compondo a pesquisa: “Leitura para TODOS: reescrita de livros infantis linguagem simples e com símbolos pictográficos de comunicação”. Com Acesso: Comunicação acessível UFRGS, 2016.	Livro infantil, livro inclusivo	<p>O livro foi criado pelo ator e apresentador Marcos Mion que com sua esposa Suzana tem seu filho mais velho, Romeu, como um menino diagnosticado com Autismo;</p> <p>A versão adaptada traz cartas para contextualizar frases, podendo assim ser utilizada para crianças e pessoas adultas em processo de alfabetização, mas principalmente por crianças e pessoas em diferentes idades em suas neurodiversidades, se tornando um livro didático-inclusivo;</p> <p>As placas/cartas com palavras mostram rica diversidade de ser humano, bem como uma variedade de elementos para aprendizagem e diálogos.</p>	Alfabetização, Autismo, Diversidades de corpos, Identidade, Inclusão, Interação, Relação com a Família, Relação com o Meio Ambiente.
Mundo Bita (Canal). Todo Mundo Chora. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=8Z3FDAt9zDw&ab_channel=MundoBita >. Publicado em 3 jan 20.	Música infantil	<p>Com melodia alegre aborda as possibilidades do choro humano.</p> <p>O vídeo traz muitas cores e situações que podem provocar o choro.</p> <p>Personagens são expressas em rica diversidade.</p>	Amorosidade, Autoconhecimento, Confiança, Corpo humano, Diversidade, Emoção e sentimentos, Relação com Família.
NAIA – NÚCLEO DE AMIGOS DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA. Carta da Terra para crianças. Projeto “Vivemos Juntos: Conhecendo e Vivendo a Carta da Terra”. ForumZINHO Social Mundial, 2003.	Cartilha infanto-juvenil	<p>Personagens em diversidades de corpos;</p> <p>Apresenta o documento Carta da Terra de forma lúdica e com sugestões de ações práticas diárias.</p>	Amorosidade, Antirracismo, Coletividade, Cuidado, Cultura, Direitos, Diversidade, Educação, Espiritualidade, Impactos ambientais, Proteção ambiental, Relação ser humano e Planeta Terra,

			Respeito, Sustentabilidade.
OTERO, Regina; RENNÓ, Regina. Ninguém é igual a ninguém. O lúdico no conhecimento do ser. São Paulo: Editora do Brasil, 1994.	Livro infanto-juvenil	Personagens em diversidade de corpos; Interatividade com pessoa que lê sobre casa, lugar, família e sentimentos.	Autoconhecimento, Bullying, Criticidade, Diversidade, Emoções e sentimentos, Gordofobia, Preconceito, Racismo, Reflexão, Relação ser humano com Planeta Terra, Relações com a Família.
PARR, Todd. Não faz mal ser diferente. Gailivro, 2006.	Livro infantil	Personagens em diversidade de corpos; Cores e frases curtas prendem a atenção para as ações que torna cada ser único, trazendo humor e reflexão.	Animais, Autoconhecimento, Coletividade, Cores, Criticidade, Diversidade, Inclusão, Reflexão, Relação com a Família, Sentimentos e emoções.
PARR, Todd. O livro do Planeta Terra. Panda Books, 2010	Livro infantil	Com muitas cores e frases curtas o livro traz várias ideias para cuidar do Planeta Terra todos os dias e as razões para este cuidado; Ao final traz o resumo do livro, faz uma brincadeira sobre calção na geladeira no dia de calor e conclui com a frase “Todos nós podemos ajudar a proteger a Terra e fazer dela um lugar melhor. Se cuidarmos do Planeta, estaremos cuidando de nós mesmos!”	Animais, Coletividade, Conexão ser humano e Planeta Terra, Criticidade, Cuidado, Proteção, Reflexão, Sustentabilidade.
PLAN INTERNACIONAL BRASIL; SEMPRE LIVRE. Vamos falar sobre menstruação? Menstruação sem vergonha e sem tabu, 2020.	Cartilha infanto-juvenil	A cartilha é interativa podendo escolher a personagem para seguir a leitura de cada história; Personagens possuem corpos diversos; Há dados estatísticos e histórias sobre outras culturas em relação a menstruação; Há atividades propostas para trabalhos coletivos e perguntas sobre a experiência pessoal com a menstruação; Na página 11 traz um erro no desenho dizendo que a parte externa íntima do corpo da Menina/Mulher (fêmea) se chama Vagina, sendo que o nome correto é Vulva.	Autoconhecimento, Corpo humano, Direitos, Diversidade, Empoderamento, Higiene, Menstruação, Quebra de tabus, Saúde da Mulher, Saúde reprodutiva e métodos contraceptivos, Sentimentos e emoções.

<p>PANKHURST, Kate. Grandes Mulheres que fizeram História. Traduzido por Flávia Yacubian. 1ª ed. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2018.</p>	<p>Livro infanto-juvenil</p>	<p>As ilustrações e as escritas são apresentadas de forma dinâmica, com informações e falas das personagens prendendo a atenção e agregando à imaginação com uma vontade de pesquisar mais sobre as histórias; Personagens em diversidade de corpos; As diversas histórias, tempos e realidades das mulheres enriquecem o livro. As mulheres citadas são: Harriet Tubman, Flora Drummond, Boadiceia, Qiu Jin, Noor Inayat Khan, Dra. Elizabeth Blackweel, Pocahontas, Valentina Tereshkova, Ada Lovelace, Sayyida al-Hurra, Hatshepsut, Josephine Baker, Mary Wollstonecraft e Mary Shelley; Informações verídicas que permite aprofundamento com criticidade sobre a História das Mulheres e da Humanidade; Ao final a autora faz uma reflexão: Como você vai entrar para História? E na última página traz palavras e seus conceitos como “Racismo: tratar as pessoas de modo diferente por conta da cor da pele”.</p>	<p>Autoconhecimento, Biografia, Conservadorismo, Descobertas científicas, Direitos, Expressão e identidade (diferentes maneiras de se vestir e de se ver no mundo), Feminismo, Invenções tecnológicas, Liberdade, Liderança, Machismo, Patriarcado, Racismo, Resistência e Coragem.</p>
<p>PANKHURST, Kate. Grandes Mulheres que salvaram o Planeta. Traduzido por Flávia Yacubian. 1ª ed. Cotia, SP: VR Editora, 2021.</p>	<p>Livro infanto-juvenil</p>	<p>As ilustrações e as escritas são apresentadas de forma dinâmica, com informações e falas das personagens prendendo a atenção e agregando à imaginação com uma vontade de pesquisar mais sobre as histórias; Personagens em diversidade de corpos; As diversas histórias, tempos e realidades das mulheres enriquecem o livro. As mulheres citadas são: Mária Telkes, Florence Augusta Merriam Bailey, Isatou Ceesay, Jane Godall, Edith Farkas, Anita Roddick, Ingeborg Beling, Wangari Maathai, Eugenie Clark, O Movimento (de Mulheres) Chipko, Eileen Kampakuta Brown e Eileen Wani Wingfield, Ursula Marvin e Daphne Sheldrick; Informações verídicas que permite aprofundamento com criticidade sobre a História das</p>	<p>Ciência, pesquisas, Cuidado e Proteção do Planeta Terra, Descobertas científicas, Desmatamento, Extinção, Feminismo, Invenções tecnológicas, Lixo, Poluição, Respeito, Sustentabilidade.</p>

		<p>Mulheres e da Humanidade trazendo paralelos com a conexão com a Natureza e com o Meio Ambiente;</p> <p>Ao final a autora faz uma reflexão: Como você vai usar sua voz em prol do nosso Planeta? E na última página traz palavras e seus conceitos como “Aquecimento global: descreve como a Terra está aquecendo por conta das atividades humanas”.</p>	
RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.	Livro juvenil/adulto	<p>No livro de bolso a autora traz diversos dados históricos e reflexões para pensar o tema estrutural que é o racismo e pontua várias linhas práticas para agir de forma antirracista.</p> <p>Cada página traz valiosas reflexões que podem ser transpostos em diálogos diversos e agregadores.</p>	Amorosidade, Antirracismo, Autoconhecimento, Branquitude, Cultura, Direitos, Diversidade, Educação, Estereótipos, Feminismo, Negritude, Políticas Públicas, Racismo, Reflexão, Criticidade, Relação com a Família, Transformação social.
ROCHA, Leiliane. Plaquinhas Jornada Infância Protegida. ESEPAS Curso Online Gratuito com Psicóloga Leiliane Rocha, 2022.	Atividade infantil	<p>O material traz 4 figuras com as 4 atitudes que a criança deve fazer se tentarem ou tocarem em suas partes íntimas (ou próxima a elas) ou se sentir em perigo/constrangida.</p> <p>Os desenhos expressam: dizer não, gritar, correr e contar para uma pessoa adulta de confiança.</p>	Autoconhecimento, Confiança, Consentimento, Cuidado, Diálogo, Educação, Prevenção violência sexual, Proteção, Relação com a Família, Sentimentos e emoções.
RODARI, Gianni. Quem sou eu? Ilustrações de Michele Iococca. Salamandra, 2005.	Livro infantil	<p>Um menino questiona à diversas pessoas quem ele é, despertando por meio das respostas reflexões sobre nós mesmas/os.</p>	Autoconhecimento, Criticidade, Diversidade, Identidade, Reflexão, Relação com Família.
RODRIGUES, Martha. Que cor é a minha cor? Ilustrações de Rubem Filho. Maza Edições. Sem ano.	Livro infantil	<p>A menina negra passa por diversas paisagens para falar da cor de sua pele e aponta a diversidade de cores e culturas do Brasil chamando muita atenção pelo enredo e colorido.</p>	Antirracismo, Autoconhecimento, Colorismo, Cores, Criticidade, Cultura, Diversidade, Natureza, Reflexão, Relação com a Família,

			Relação ser humano e Planeta Terra.
Sem autoria. Desculpe-me. Ilustrações de Roberta Castro. Coleção Pequenas Lições. São Paulo: Editora Soler, sem ano.	Livro infantil	Um livro com poucas páginas, com cores e mensagens agregadoras; Apresenta a metodologia sobre a bola de papel amassada, muito usada também para abordar o tema <i>Bullying</i> e fala também da técnica de respiração para a emoção ruim passar.	Autoconhecimento, Convivência, Palavras de gentileza, Sentimentos e emoções.
SOUSA, Cristiane Bezerra de. Uma princesa diferente? Ilustrações de Nathália Forte. Coleção Paic, Prosa e Poesia. Fortaleza, SEDUC, 2018.	Livro infanto-juvenil	Personagens em diversidades de corpos; Personagens principais são negras; Exalta relação com meio e com as pessoas; Eleva a ancestralidade; Ilustrações coloridas e lúdicas.	Ancestralidade, Corpo conectado com terra, Diversidade, Empoderamento feminino, Empoderamento racial, Expressão e identidade (diferentes maneiras de se vestir e de se ver no mundo), Família, Pertencimento, Princesas.
STRACHAN, Linda. Qual é a cor do amor? Ilustrações de David Wojtowycz. Brinque Book, 2005.	Livro infantil	Personagens são animais diversos em paisagens diferentes. As ilustrações trazem muitas cores e promovem ludicidade juntamente com a história escrita.	Animais, Cores, Diversidade, Natureza, Relação com a Família, Sentimentos e emoções.
WORDWALL. Quis da Sustentabilidade. Disponível em: < https://wordwall.net/pt/resource/18147670/meio-ambiente/quiz-da-sustentabilidade >.	Jogo virtual para adolescentes, jovens e adultas/os	Um jogo bem interativo e animado, com cronômetro, pontuações e bônus em uma certa dificuldade sobre o assunto Sustentabilidade, mas que gera muitos aprendizados e diversão, principalmente se jogado com outras pessoas.	Conscientização, Cuidado, Educação, Lixo, Ludicidade, Proteção ambiental, Reciclagem, Sustentabilidade.

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2023).

Aqui acho importante registrar que as análises de conteúdos abrangeram: as linguagens (escrita ou não escrita), as cores, as principais mensagens e as imagens, principalmente, sobre as representações dos seres humanos. Essa análise é um “exercício de problematização” que faço – desde 2015, principalmente - com os materiais pedagógicos (como brinquedos, jogos, filmes, livros e cartilhas) e ressalto, sobretudo, em minhas aulas e palestras:

- Como estão representados os seres humanos?
- São sexuados (com partes íntimas) ou “assexuados” (escondem ou não tem partes íntimas)?

- Como são os formatos dos corpos?
- Quais as cores dos olhos e dos cabelos?
- Segue ou prevalece uma lógica de cor específica para meninas e meninos (como rosa e azul)?
- Eleva as características de personagens em estereótipos (como por exemplo: a princesa é delicada)?

Caracterizando como um terceiro momento das análises dos conteúdos a partir dos dados obtidos sobre os 44 materiais pedagógicos realizei a quantificação das palavras que brotaram das análises dos livros, atividades, jogos, vídeos e músicas. Pautando-me em meus trabalhos anteriores e nos aportes teóricos do capítulo 2 desta Tese, traçando, assim, interconexões entre Meio Ambiente e Sexualidade, foram selecionadas as categorias apontadas no quadro a seguir para a criação dos materiais pedagógicos da EASES.

Quadro 8 – Categorias resultado das análises de conteúdos dos materiais pedagógicos

Amorosidade	Antirracismo	Autoconhecimento
Ciência	Coletividade	Conexão ser humano e Planeta Terra
Conscientização	Consentimento	Corpo humano
Criticidade	Cuidado	Cultura
Diálogo	Direitos	Diversidade
Educação	Empoderamento	Identidade
Família	Feminismo	Higiene
Ludicidade	Natureza	Nomear as partes íntimas
Proteção ambiental	Reflexão	Respeito
Saúde	Segurança	Sentimentos e emoções
Sustentabilidade	Violência sexual	

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2023).

O quarto momento foi a criação dos materiais pedagógicos da EASES em que utilizei a plataforma Canva® para tal ação. Este espaço de desenvolvimento de *designs* com rica gama e diversidade de elementos foi o que mais me adaptei diante algumas testagens em outras plataformas¹⁰⁷ e alguns programas, pois percebi que sua organização estimulou a intuição e praticidade nos usos dos recursos disponibilizados.

¹⁰⁷ Registro que por meio destes exercícios e explorações conheci duas plataformas interessantes de produção de materiais e recursos educativos/pedagógicos: o Word Wall® (<https://wordwall.net/pt>) e Twinkl® (<https://www.twinkl.com.br>). Nestes ambientes explorei e busquei ideias de materiais para inspirar as buscas no Canva®.

O Canva® possui vários modelos gratuitos de *design* como apresentações, infográficos, pôsteres, conteúdos para redes sociais e também atividades educativas. Os recursos de edição de cores, letras e imagens ampliam possibilidades e trazem inspirações para as criações próprias.

Para o desenvolvimento dos materiais pedagógicos da EASES iniciei com um modelo de documento em branco A4 e explorei, primeiramente, as figuras disponíveis por meio da pesquisa de palavras-chave, em português e em inglês - para aumentar a diversidade dos achados -, Sexualidade, Educação, Meio Ambiente, Sustentabilidade, por exemplo. Depois explorei modelos editáveis como *flashcards*, quebra-cabeça, labirinto e caça ao tesouro.

Então, por meio de todas as explorações e ancorada em minhas experiências e pelas categorias das análises de materiais, desenvolvi os oito materiais pedagógicos da EASES¹⁰⁸ que descrevo a seguir e apresento no Apêndice 4:

1. Silhueta da Sexualidade

Com a dificuldade do encontro de um material que expusesse os preceitos sobre Sexualidade na perspectiva da EASES, onde muitas/os bonecas/os (ou “biscoito sexual”¹⁰⁹ ou “boneco de gênero” como é/era “conhecida” a figura que traz os conceitos dos estudos de gênero), disponíveis em buscas na internet e nas redes sociais *online*, apresentavam várias problemáticas nas abordagens conceituais e imagéticas – reforçando, sobretudo, dicotomias - decidi pela criação para se tornar meu material pedagógico e disseminar a EASES.

Conheci a imagem (da qual não encontrei a autoria idealizadora, mas as primeiras aparições, por volta de 2015, intitulam como “*Genderbread Person*”, uma alusão ao biscoito de gengibre, para abordar o “infográfico de gênero” e é/foi muito divulgado com várias artes, principalmente, pelos Movimentos e Comunidade LGBT+) na “Especialização de Gênero e Diversidade na Escola” e minha problematização maior - por mais que

¹⁰⁸ Para refletir sobre os materiais pedagógicos, principalmente, para pensar sobre as idades indicadas, me apoiei na matéria sobre Educação Sexual na Infância com uma entrevista da Mestra em Educação Sexual Caroline Arcari ao *blog* do Clube Quindim.

BLOG CLUBE QUINDIM. **Educação Sexual na Infância**: tudo o que você precisa saber. Entrevista com Caroline Arcari. Disponível em <<https://quindim.com.br/blog/educacao-sexual>>. Postado em 4 de julho de 2019.

¹⁰⁹ Imagens “biscoito sexual”. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=biscoito+sexual&tbo=isch&ved=2ahUKEwjEsdn4oKeBAxV1r5UCHQxwC6gQ2cCegQIAA&oq=biscoito+sexual&gs_lcp=CgNpbWcQA1AAWABgrQloAHAAeACAAXelAXeSAQMwLjGYAQCqAQtd3Mtd2l6LWltZ8ABAQ&sclient=img&ei=q34BZYSwJvXe1sQPjOCtwAo&bih=914&bih=1903&hl=pt-BR>. Acesso em 23 jun 23.

o infográfico e suas divisões tenham um teor didático - é a fragmentação do Ser como se a “identidade ficasse no cérebro”, a “orientação no coração”, o “sexo na parte íntima da vulva ou do pênis” e a “expressão fosse o corpo inteiro” – em meu material o colorido em “spray” na área da cabeça, peito, parte íntima e membros é intencional para problematizarmos as fragmentações postas e impostas.

Foi o primeiro material que produzi e aponta conceitos pontuais para iniciar um diálogo sensibilizador acerca da Diversidade da Sexualidade. Ele também é o único material que foi desenvolvido no PowerPoint®.

2. Semáforo do Toque da EASES

Há diversas propostas do Semáforo do Toque¹¹⁰, disponíveis em buscas na internet e nas redes sociais, sobretudo, para época da Campanha Maio Laranja acercada da Proteção de Crianças e Adolescentes sobre violência e exploração sexual.

Todavia identifiquei diversas problemáticas e construí o material pedagógico pensando no uso nas Escolas e também com as Famílias, indicando diversas possibilidades de ampliações sobre consentimento, nomeação das partes íntimas, autoconhecimento e prevenção de violências sexuais refletindo, principalmente, em dialogar sobre conhecimentos acerca das “vivências perigosas e de alerta” em coletivo para a criança pensar sobre o seu próprio corpo e seu Ser em Inteireza. Não encontrei a autoria idealizadora do Semáforo do Toque, mas dentre as problematizações sobre os materiais disponíveis na internet menciono: a/o boneca/o ter somente a parte da frente do corpo (precisa ter “frente e costas”), a/o boneca/o ser representada/o geralmente em cor de pele clara e cabelos loiros ou castanhos lisos, a/o boneca/o estar sempre com roupas cheias de detalhes (precisa estar nua/nu, com roupas íntimas ou roupas sem detalhes para assim não ser mais um

¹¹⁰ Imagens “semáforo do toque”. Disponível em:

<. Acesso em 23 jun 23.

elemento que “rouba a cena” do material) e na grande maioria dos semáforos a cor vermelha é simbolizada por um carinha triste (precisa ser uma cara brava para gerar ação de desaprovação e denúncia).

Há muitas críticas importantes ao Semáforo do Toque, principalmente a metodologia de cores que pode gerar confusão sobre consentimento e permissão. Assim é importante grifar que o corpo inteiro da criança – e de todas as pessoas – nunca deveria ter “partes verdes” sem uma conscientização de si mesma, bem como da “sociedade” em uma Educação sobre o(s) corpo(s) do(s) Outro(s). Por este motivo a Educação Sexual é tão urgente e aqui elevo uma Educação interligada ao Meio Ambiente e que intenciona sempre a Emancipação refletindo sobre a Sexualidade como dimensão humana e expressão da Inteireza de Ser.

Desta forma, produzi o material pedagógico refletindo na problematização de um recurso muito disseminado na internet e para o utilizarmos como material da EASES em uma intencionalidade de diálogo crítico-amoroso.

3. Curti ou não curti este toque

Inspirada pelas metodologias do diálogo sobre os toques e consentimentos - como da Mestra em Educação Sexual Caroline Arcari com Toque do Sim e Toque do Não em “Pipo e Fifi” (2013) – refletindo sobre as relações em coletivo para a criança pensar em si mesma, em autoconhecimento, e também as formas e os toques de carinho ou as formas e os toques invasivos, criei o material fazendo um paralelo com as redes sociais na ação de “curti” ou “não curti” pensando em um recurso de sequência ao “Semáforo do Toque da EASES”.

Parti então da gama de possibilidades de diálogos críticos-amorosos com a criança sobre seu próprio corpo e seu Ser em Inteireza fazendo menção às curtidas das redes sociais *online* que é espaço comum das gerações atuais e interfere sobremaneira sua linguagem e maneiras de se expressar, principalmente para indicarem se algo é bom ou ruim para elas.

4. Dicionário da EASES

Observando que boa parte das confusões acerca da Sexualidade – sobretudo – e do Meio Ambiente tem gênese nas conceituações, o Dicionário da EASES tem inspirações em glossários que são apresentados em finais de livros – como pontuados em alguns materiais pedagógicos analisados - e em dois materiais¹¹¹ que uso em minhas oficinas e palestras que fazem muito sucesso entre adolescentes e também com professoras/es.

Registro que apresento somente algumas páginas/artes, pois a intenção é a ampliação e lançamento de um livro/e-book.

5. Calendário da EASES

Ciente que uma abertura de diálogo nas Escolas sobre certas temáticas é quando celebramos alguma data relevante para a sociedade, este material foi criado pensando no incentivo dos diálogos sobre Meio Ambiente e Sexualidade - sobretudo então - na Educação formal para paralelos com currículos em transversalidade.

A proposta é um calendário permanente onde pode ser inserido os dias das semanas relativas a cada mês do novo ano e contem frases que contemplam a conscientização sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

6. Cartas das Emoções da Terra

Pautada em minha frase “Eu protejo a Terra porque Eu Sou Ela” (WARKEN, 2018, p.150) criei esse material para atrelar ao pertencimento com o Planeta Terra e abordar sentimentos e emoções, temáticas comuns em atividades escolares sobre identidade e autoconhecimento, sobretudo na Educação Infantil.

As imagens são desenhos do Planeta Terra fazendo expressões que remetem aos sentimentos e emoções e são nomeados sempre no feminino e no masculino.

¹¹¹ VALENSIN, G. **Dicionário sexual**. Traduzido por J.L. César. São Paulo: IBRASA, 1976.
SUPLICY, M. **Conversando sobre Sexo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1983.

7. Atividades Sustentáveis

Fazendo uma menção às ações sustentáveis diárias para nossa própria proteção e do Planeta Terra, esse material foi criado objetivando diálogos acerca da minimização dos impactos, principalmente em nossos consumos. A primeira atividade é uma espécie de “complete a frase”, refletindo: ao invés dessa atitude que não é sustentável, eu posso agir dessa maneira mais sustentável. A segunda atividade é um jogo da memória com diversas imagens simbolizando as atitudes de proteção ambiental. A terceira atividade é uma proposta da criação de um Diário da Natureza incentivando a investigação em paisagens diversas e a conexão com o Meio Ambiente. A quarta atividade é uma reflexão sobre “como estou cuidando de mim, das pessoas e do Planeta Terra” para desenvolvimento de uma produção textual.

8. Eu sou Inteireza

O desenvolvimento deste material tem inspiração nos conteúdos escolares sobre autoconhecimento (com perguntas como “quem sou eu?”, “como me vejo daqui alguns anos?”, “o que quero ser quando for adulta/o?”), em interações com os coletivos diversos e dinâmicas comumentes realizadas na formação inicial de professoras/es para abordar “identidade”. O material possui 30 perguntas para promover diálogo e reflexão que podem ser adaptadas conforme a idade, o grupo e a intenção.

Na sequência apresento as análises e o desenvolvimento de um curso *online* para formação docente.

3.3.5. O curso *online* de formação docente da EASES

Para proposição de um curso de formação docente *online* sobre EASES partindo das minhas vivências nos cursos de graduação em Pedagogia e Ciências Biológicas Licenciatura – ambos com um currículo que não contemplava um diálogo crítico e intencional sobre as temáticas de minha pesquisa, principalmente em interfaces -, as críticas de acadêmicas/os sobre ao currículo do curso de Pedagogia nas minhas pesquisas da graduação e especializações, bem como os desafios de encontrar cursos sobre Meio Ambiente e/ou Sexualidade na formação continuada resolvi, então, iniciar com uma análise pela grade curricular de quatro cursos de graduação em Pedagogia das seguintes Universidades:

1. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC¹¹²;
2. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED¹¹³;
3. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e Centro de Educação à Distância - CEAD¹¹⁴,
4. Faculdade Municipal de Palhoça - FMP¹¹⁵.

A intencionalidade da escolha se dá por serem universidades públicas da região da Grande Florianópolis, pela Universidade ‘da casa’ ter as modalidades presencial e *online* do curso de graduação e por contemplarem, cada, um órgão responsável - federal, estadual e municipal – de diferentes instâncias públicas, fornecendo assim distintas e agregadoras perspectivas para análise curricular sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

¹¹² Matriz Curricular com Ementa Pedagogia UFSC. Disponível em:
[<http://pedagogia.paginas.ufsc.br/files/2013/07/Matriz_curricular_2009_com_ementas.pdf>](http://pedagogia.paginas.ufsc.br/files/2013/07/Matriz_curricular_2009_com_ementas.pdf). Acesso em 02 mai 23.

¹¹³ Matriz Curricular e Ementa Pedagogia FAED UDESC. Disponível em:
[<http://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/3109/CURSO_DE_PEDAGOGIA_FAED_15319452857537_3109.pdf>](http://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/3109/CURSO_DE_PEDAGOGIA_FAED_15319452857537_3109.pdf). Acesso em 02 mai 23.

¹¹⁴ Grade Curricular Pedagogia CEAD UDESC. Disponível em:
[<http://www.udesc.br/arquivos/cead/id_cpmenu/3320/Licenciatura_em_PEDAGOGIA_16457976954485_3320.pdf>](http://www.udesc.br/arquivos/cead/id_cpmenu/3320/Licenciatura_em_PEDAGOGIA_16457976954485_3320.pdf). Acesso em 02 mai 23.
 CEAD Alteração Curricular (com ementas). Disponível em:
[<http://www.udesc.br/arquivos/cead/id_cpmenu/840/PPC_altera_o_Pedagogia_CEAD_UDESC_VERS_O_FINAL_15391128072113_840.pdf>](http://www.udesc.br/arquivos/cead/id_cpmenu/840/PPC_altera_o_Pedagogia_CEAD_UDESC_VERS_O_FINAL_15391128072113_840.pdf). Acesso em 02 mai 23.

¹¹⁵ Matriz Curricular Pedagogia FMP. Disponível em:
[<http://fmpsc.edu.br/course/pedagogia/pedmatriz-curricular-2017-1>](http://fmpsc.edu.br/course/pedagogia/pedmatriz-curricular-2017-1). Acesso em 02 mai 23.
 Ementa Pedagogia FMP. Disponível em: [<http://fmpsc.edu.br/course/pedagogia/ped-ementas-2017-1>](http://fmpsc.edu.br/course/pedagogia/ped-ementas-2017-1). Acesso em 02 mai 23.

Primeiramente fiz a busca das matrizes curriculares e das ementas de Pedagogia das Universidades citadas e o *download* das mesmas. No segundo momento no campo de busca dos *pdfs* procurei pelas palavras-chave “Sexualidade” e depois por “Meio Ambiente”. Para facilitar a exposição de ideias no quadro a seguir detalho os achados nas grades curriculares da Pedagogia dos quatro cenários.

Quadro 9 – Análises dos currículos de cursos de Pedagogia sobre disciplinas acerca Meio Ambiente e Sexualidade de Universidades públicas da região da Grande Florianópolis - SC

Palavra de busca/ análise	UFSC	UDESC FAED	UDESC CEAD	FMP	Palavras que brotaram da análise de conteúdo
Meio Ambiente	6ª fase - Fundamentos e Metodologia do Ensino de Geografia (90h); Optativa - Ciências, Infância e Ensino (54h)	6ª fase – Geografia e Ensino (72h); 6ª fase – Ciência e Ensino (72h)	6ª fase - Seminário Integrador VI - Educação para Sustentabilidade (72h)	8ª fase - Educação Sócio Ambiental e Sustentabilidade (66h)	Ciências da Natureza; Crise; Degradação; Desenvolvimento; Direito; Ecologia; Educação Ambiental; Estudo do meio; Preservação; Qualidade de vida; Relação Humano e Natureza; Sustentabilidade; Transversal.
Sexualidade	3ª fase - Organização Escolar e Currículo (54h); Optativa 1- Corpo e gênero na educação infantil (54h); Optativa 2 - Educação Biocêntrica (72h); Optativa 3 - Gênero, Sexualidade e Educação (72h); Optativa 4 - Corpo, Gênero e Sexualidade: Implicações p/ Práticas Pedagógicas (72h)	3ª fase – Educação, gênero e sexualidade (72h)	7ª fase – Educação e Sexualidade (72h)	8ª fase - Docência em Multiculturalismo, Sexualidade e Gênero (33h)	Afetividade; Alteridade; Construção; Corpo como natureza; Corpo; Criatividade; Cuidado; Cultura; Direito; Diversidade. Educação; Etnia e raça; Família; Gênero; História; Identidades; Política; Sociedade; Transcendência; Transversal; Vitalidade.

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2023).

Ressalto os seguintes pontos sobre as análises de conteúdos dos dados levantados sobre os currículos do curso de Pedagogia nos quatro cenários:

- A última renovação ou alteração curricular do curso de graduação da UFSC ocorreu em 2009 e da UDESC FAED em 2018. Já a UDESC CEAD e FMP tiveram a última renovação/alteração na grade curricular de Pedagogia em 2017, ambas.
- A UFSC possui uma disciplina optativa sobre Meio Ambiente chamada Ciências, Infância e Ensino que diz em sua ementa que é abordada “a Educação Ambiental e suas intersecções com o Ensino de Ciências e a infância”. Já na disciplina da 6^a fase sobre o Ensino de Geografia indica na ementa que é dialogado sobre o “espaço geográfico e o estudo do meio com as crianças”.

Então nota-se que o enfoque sobre Meio Ambiente está **voltado à Educação Infantil**, tanto na optativa, quanto na disciplina sobre Geografia. Na 4^a fase há a disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências (90h), mas não aborda na ementa sobre a questão ambiental.

- Na UDESC FAED a disciplina da 6^a fase Geografia e Ensino traz na ementa o diálogo sobre: “Meio ambiente, degradação ambiental e preservação. O livro didático e as geografias possíveis: mapas, músicas, obras de arte, literatura e estudo do meio. Propostas e diretrizes curriculares. Produção de materiais didáticos. Relação com as demais áreas do conhecimento” e a disciplina, da também 6^a fase, Ciências e Ensino diz na ementa a abordagem sobre “Educação ambiental e qualidade de vida. Proposta Curricular de Santa Catarina e Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Ciências. Planejamento e avaliação. Produção de materiais didáticos para o ensino de ciências nos Anos Iniciais do EF. Relação com as demais áreas do conhecimento”.

Então, ambas as disciplinas – que acontecem no 3º ano de graduação – tem uma **abordagem transversal** sobre Meio Ambiente promovendo o diálogo com outras áreas do conhecimento e o incentivo na produção de materiais didáticos.

- Já o CEAD UDESC possui a disciplina da 6ª fase chamada Seminário Integrador sobre Educação para **Sustentabilidade**¹¹⁶ onde a ementa pontua que a disciplina aborda a crise do mundo atual, a dimensão ambiental/ecológica e outras dimensões da crise (social, econômica, política), as bases epistemológicas da crise atual, o desenvolvimento sustentável e a sociedade sustentável, a Educação para Sustentabilidade e outras perspectivas educativas, a cultura e sustentabilidade (ecologia dos saberes), a década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), a Educação para o desenvolvimento sustentável ou educação para sustentabilidade (questões estratégicas e metodológicas).

As referências são Breiting, Mayer e Mogensen (2005), Enrique Leff (2010), Sleurs (2008), Leonardo Boff (2012), Fritjof Capra (1982 e 2006), Jacques Delors (1998) e Gilberto Montibeller-Filho (2005).

O curso tem ainda na 4ª fase e na 7ª fase disciplinas sobre Ensino de Geografia (72h – cada) e na 5ª fase e 6ª fase sobre o Ensino de Ciências (72h – cada), todavia em suas ementas não mencionam sobre a questão ambiental como visto nas disciplinas da FAED UDESC.

Várias destas referências também faço uso nesta Tese e analiso como uma disciplina de agregadora **abordagem em seu viés crítico sob as pautas para transformação de crise** para uma sociedade mais justa e igualitária.

- A FMP possui em sua grade a disciplina Educação Sócio Ambiental e Sustentabilidade para a 8ª fase e aponta na ementa a abordagem sobre Meio Ambiente, Ecologia, Sustentabilidade, crise ambiental, relação homem/natureza, desenvolvimento sustentável, direito ambiental brasileiro, abordagens metodológicas e práticas para Educação Ambiental e para Sustentabilidade.

As referências são Dimas Floriani (2003), Moacir Gadotti (2009), Alexandre Pedrini (2011), José Carlos Barbieri (2004) e Genebaldo Dias (1998).

¹¹⁶ Em 2015 a Profa. Dra. Sonia me apresentou a Profa. Dra. Lucimara da Cunha Santos do CEAD e fui, na época, pesquisadora voluntária no projeto de extensão “Promovendo a interação em rede em Educação Ambiental e Sustentabilidade: OGUATA em ação” que a Profa. Dra. Lucimara coordenava e tive a oportunidade de dialogar com ela sobre a proposta de alteração curricular desta disciplina, que na matriz curricular anterior era chamada Educação para Sustentabilidade para a 7ª fase de Pedagogia, e conhecer mais das referências da mesma, bem como seu Caderno Pedagógico.

O curso tem na 5^a fase a disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia (66h) e na mesma fase a disciplina sobre Metodologia do Ensino de Ciências (66h), mas em suas ementas não mencionam sobre a questão ambiental.

As temáticas da disciplina **voltada para a sustentabilidade** trazem referências que também utilizo neste estudo e que dialogam sobre um paradigma de transformação social para proteção ambiental.

- A UFSC possui quatro disciplinas optativas que mencionam em seu título e/ou ementa a abordagem sobre Sexualidade e uma disciplina na 3^a fase chamada Organização Escolar e Currículo que traz na ementa sobre “Relações de gênero, sexualidade e étnico-raciais no currículo. Políticas curriculares no âmbito nacional, estadual e local. Materiais didáticos na efetivação do currículo”.

O currículo aponta uma **ampliação do diálogo** acerca da Sexualidade trazendo paralelos diversos sobre o tema, mesmo que em **caráter optativo** sobre as disciplinas, ainda mais que é o currículo que tem mais de 14 anos sem alterações.

- Na UDESC FAED há a disciplina na 3^a fase chamada Educação, gênero e sexualidade¹¹⁷ que traz na ementa “A sexualidade como construção histórica, social, cultural, política e discursiva. Abordagens contemporâneas para Educação Sexual. Estudos de gênero e educação: história, conceitos e movimentos políticos. Escolarização brasileira e a educação para sexualidade e para equidade de gênero. Recursos didático-metodológicos ao trabalho de Educação Sexual na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Interfaces entre gênero, orientação sexual e igualdade étnicoracial. Preconceito, discriminação, diferença, alteridade, identidades culturais”.

A disciplina traz **uma gama de diálogos para pensar a Sexualidade em suas interfaces** fornecendo ancoragem teórica-metodológico para o trabalho docente.

¹¹⁷ Antes da renovação curricular fui estagiária docente pela bolsa PROMOP no Mestrado em Educação em 2016/2 e 2017/2 nesta disciplina, na época para 4^a fase da Pedagogia, com as professoras Dra. Sonia e Dra. Patrícia.

- No CEAD UDESC o tema Sexualidade é abordada na disciplina da 7ª fase e em sua ementa cita o diálogo sobre aspectos históricos da Sexualidade e da Educação Sexual no Brasil, perspectivas contemporâneas de Educação Sexual, Sexualidade como direito humano, Sexualidades na infância, juventude, adolescência, adulteza e velhice, Sexualidade e deficiência, Diversidade sexual e Gênero, Sexualidade como tema transversal, no cotidiano escolar e no exercício da docência.

Como referências indicam Miriam Abramovay et al (2004), PCNs sobre Orientação Sexual – Brasil (1998), Michel Foucalt (1993), Paulo Freire (1996) e Guacira Louro (2011).

Antes da alteração curricular a disciplina acontecia com a 1ª fase e também havia a disciplina na 4ª fase chamada “Educação Sexual: interfaces curriculares” que foi extinta. As duas disciplinas há os Cadernos Pedagógicos que utilizamos como material pedagógico do Grupo EDUSEX UDESC e foi criado por membros/os do Grupo em 2011.

A disciplina **reflete um diálogo acerca Sexualidade em diversidades na sua abordagem** e fornece uma reflexão rica para a prática docente.

- Na FMP há a disciplina Docência em Multiculturalismo, Sexualidade e Gênero para a 8ª fase da qual a ementa versa sobre diversidade escola e cultura, multiculturalismo, políticas de ação afirmativa, conceito de gênero segundo diferentes escolas teóricas, parentesco, família, filiação e reprodução.

As referências são Stuart Hall (2006), Renato Santos (2009), Clifford Geertz (2008) e Roque Laraia (2009).

A disciplina **debate temas diversos trazendo referências que pensam as estruturas da sociedade** como enfoque e ancoragem do trabalho docente.

Os currículos apresentam uma abertura – mesmo que pontual - para os diálogos intencionais sobre Meio Ambiente e Sexualidade. Expressam a importância de atrelarmos o trabalho em um viés crítico em abordagens sobre as culturas, as construções sociais, as estruturas e as crises fortalecidas por documentos, conceitos e histórias para a formulação de materiais didáticos em um trabalho docente para as diversidades de Ser e do Planeta.

Sob as análises de conteúdos das disciplinas dos currículos de Pedagogia e fazendo interconexões entre Meio Ambiente e Sexualidade, ancorada em meus

trabalhos anteriores e nos aportes teóricos do capítulo 2 desta Tese, decidi caminhar com as palavras a seguir que se tornaram minhas primeiras categorias para produção do curso da EASES para formação docente.

Quadro 10 – Categorias I: Resultado das análises dos currículos das disciplinas de Pedagogia

Afetividade	Alteridade	Corpo como natureza	Crise	Cuidado
Cultura	Degradação	Desenvolvimento	Direito	Diversidade
Ecologia	Educação	Etnia e raça	Família	Gênero
História	Identidades	Política	Preservação	Qualidade de vida
Relação Humano e Natureza	Sociedade	Sustentabilidade	Transcendência	Transversal

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2023).

Atente aos cursos livres *online* gratuitos sobre Educação Ambiental e Educação Sexual - comumente escolhidos como caminhos para formação continuada de profissionais da Educação - busquei por cursos e selecionei dois de cada área. No quadro a seguir organizo os dados obtidos a partir das análises das ementas dos cursos, bem como as palavras que reverberam sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

Quadro 11 – Análises dos conteúdos programáticos de cursos livres *online* gratuitos sobre Educação Ambiental e Educação Sexual

Tema	Curso <i>online</i>	Palavras que brotaram da análise de conteúdo
Educação Ambiental	Cursos Online SP ¹¹⁸	Conflitos ambientais, Educação ecológica, Pensamento sistêmico, Recurso Natural, Sociedade, Sustentabilidade, Turismo.
	Certificado Curso <i>Online</i> ¹¹⁹	Cidadania, Cuidado, Cultura, Legislação, Movimento social, Responsabilidade.
Educação Sexual	Curso INDESFOR ¹²⁰	Aberto, Adolescência, 'DST's',

¹¹⁸ Curso Educação Ambiental – Cursos Online SP. Disponível em: <<https://www.cursonlinesp.com.br/item/Curso-Educa%E7%E3o-Ambiental-e-Sustentabilidade-%7B47%7D-40-horas.html>>. Acesso em 10 mai 23.

¹¹⁹ Curso Educação Ambiental – Certificado Curso Online. Disponível em: <<https://certificadocursonline.com/cursos/curso-de-educacao-ambiental>>. Acesso em 10 mai 23.

¹²⁰ Curso Educação Sexual – Curso INDESFOR. Disponível em: <<https://www.cursosindesfor.com.br/curso-sexualidade-e-a-educacao>>. Acesso em 10 mai 23.

		Gravidez, Identidade sexual, Infância, Orientação sexual, Política, Tabus.
	I Estudar ¹²¹	'DST's', Família, Gênero, Gravidez, Mídia, Sociedade, Tabus.

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2023).

Indico os principais pontos das análises de conteúdos sobre os quatro cenários pesquisados:

- As aulas no conteúdo programático de Educação Ambiental e Sustentabilidade (40h), do Cursos *Online* SP, contempla as seguintes temáticas: Princípios básicos, objetivos fundamentais e características da Educação Ambiental; O meio ambiente no Ensino Fundamental; Sustentabilidade; Pensamento sistêmico; Educação ecológica; Meio ambiente e sociedade; Conflitos ambientais; a questão da Água e Ecoturismo.
A perspectiva do curso abrange uma Educação Ambiental pensada, sobretudo, para o Ensino Fundamental e aponta os princípios de **Sustentabilidade em caráter de preservação dos recursos naturais**.
- Já o conteúdo programático do Curso de Educação Ambiental (60h), do Certificado Curso *Online* traz os temas: Educação Ambiental Informal e Formal, Cultural e Cidadania; Técnicas em Educação Ambiental; Meio Ambiente na Constituição Federal e também o Tratado de Educação Ambiental Para Sociedade Sustentável e Responsabilidade Global; Modelos de Projetos como proposta de organização de um passeio à floresta e princípios do cuidado com o Planeta Terra.
O viés do curso traz **paralelos com os direitos ambientais e preocupa-se com a ancoragem teórica para formação de professoras/es**.
- No conteúdo programático de Sexualidade e Educação (100h), do Cursos INDESCFOR, traz uma contextualização sobre a Sexualidade; aborda o papel

¹²¹ Curso Educação Sexual – I Estudar. Disponível em: <<https://iestudar.com/curso-online-gratis/educacao-sexual>>. Acesso em 10 mai 23.

da escola sobre Sexualidade por meio de temas como homossexualidade, gravidez na adolescência e o aborto, drogas, ‘DST’s’ e orientação sexual e também Sexualidade na infância e adolescência.

O curso contempla em suas aulas assuntos relevantes para a Educação Sexual nas Escolas contemplando a **Sexualidade como dimensão humana, inclusive abordando a necessária quebra de dogmas.**

- Já o conteúdo programático do Curso Educação Sexual (40h), do Curso I Estudar aponta, principalmente, em suas aulas: Sexualidade e mídia na educação infantil; família, escola e sociedade na educação sexual; princípios básicos da Terapia Cognitiva; mitos, tabus e crenças; Educação sexual: quem educa – família ou escola?; Educando para igualdade – papéis de gênero; Gravidez: entre a liberdade e a responsabilidade e Doenças Sexualmente transmissíveis.

O curso traz mais debates acerca da Sexualidade na sociedade refletindo também sobre os **tabus e mitos, pensando sobre a questão de doenças e gravidez e trazendo até teorias da terapia cognitiva.**

Analiso que os dois cursos sobre Educação Ambiental trazem um viés pautado na Sustentabilidade, no cuidado do Planeta em uma perspectiva salvadora da Educação Ambiental.

Já os dois cursos sobre Educação Sexual por mais que abordem questões sobre os papéis da escola e família e reflexões sobre a diversidade humana, ainda frisam vertentes biológicas da Educação Sexual tratando em caráter amedrontador abordando doenças e gravidez precoce e ainda usam a nomenclatura não atualizada sobre ‘DST’s’, sendo agora IST’s – como trouxe nas páginas iniciais desta Tese.

Sob a análise de conteúdo dos cursos livres *online* sobre Educação Ambiental e Educação Sexual, em continuidade da realização das interconexões entre Meio Ambiente e Sexualidade, pautada em meus trabalhos anteriores e nos aportes teóricos do capítulo 2 desta Tese, decidi caminhar com as palavras a seguir que se tornam minhas segundas categorias na produção do curso da EASES para formação docente.

Quadro 12 – Categorias II: Resultado das análises dos cursos livres *online* sobre Educação Ambiental e Educação Sexual

Aborto	Adolescência e Infância	DST's/ IST's	Gravidez
Identidade Sexual e Orientação Sexual	Legislação	Mídia	Movimento social
Recurso Natural	Responsabilidade	Pensamento sistêmico	Tabus

Fonte: Elaborado pela autora Aline Diniz Warken (2023).

Ressalto que as categorias Cuidado, Cultura, Educação, Família, Gênero, Identidades, Políticas, Sociedade e Sustentabilidade apareceram também nas palavras que brotaram da análise de conteúdo tanto dos cursos livres *online* como dos currículos das disciplinas de Pedagogia.

Também aponto que agrupei as categorias Adolescência e Infância e Identidade Sexual e Orientação Sexual.

Indico que conforme as categorias foram utilizadas na proposta do curso EASES eu fui grifando em *italico* para visualização deste importante processo.

Então, por meio das análises realizadas das matrizes curriculares dos cursos de Pedagogia sobre Meio Ambiente e Sexualidade e dos cursos livres *online* gratuitos sobre Educação Ambiental e Educação Sexual e ancorada às palavras que se tornaram as minhas categorias das análises parti para a produção do curso *online* da EASES para formação para professoras/es.

Ressalto novamente que uma proposta de programa para docente – chamada “Programa de Alfabetização Ambiental-Sexual à luz do pensamento paulofreireano para a Formação Docente” - foi esboçada em artigo científico com meu, até então, orientador Prof. Dr. Lourival e minha coorientadora Profa. Dra. Sonia (WARKEN; MARTINS FILHO; MELO, 2021).

As propostas metodológicas indicadas para o programa de Alfabetização Ambiental-Sexual foram/são as oficinas pedagógicas em círculo de cultura para interação e co-criação coletiva, em um trabalho transversal e transdisciplinar por meio da construção de conhecimentos e materiais para, com e pelos pares. Prevemos que o programa

(...) pode ser transposto didaticamente para encontros virtuais, pautando-se no uso de plataformas *online* diversas, sempre sob as máximas do diálogo crítico-amoroso, por meio das bases de valorização das histórias e conhecimentos de cada sujeito e das co-criações realizadas pelo/em coletivo (WARKEN; MARTINS FILHO; MELO, 2021, p.7).

O programa de Alfabetização Ambiental-Sexual propõe oito encontros de três horas cada abordando os seguintes conteúdos e metodologias:

1. Dialogar sobre os conceitos de Alfabetização Ambiental-Sexual, sobre a EASES; abordar os conceitos, dimensões e bases legais sobre Meio Ambiente e Sexualidade, por meio da exposição de vídeos e imagens;
2. Conversar sobre os PCNs, a transversalidade e transdisciplinaridade; apresentar os direitos ambientais e sexuais por meio de dinâmicas com frases dos documentos;
3. Dialogar sobre Paulo Freire, sua filosofia e contribuições para Educação por meio da exposição de uma linha do tempo;
4. Apresentar as interfaces e princípios de Meio Ambiente e Sexualidade; dialogar sobre o seu histórico e estimular reflexões críticas das atualidades sobre Educação Ambiental-Sexual, por meio de imagens que viralizam nas redes sociais online e notícias;
5. Dialogar sobre a Educação Ambiental-Sexual, bem como os conceitos base da inteireza e totalidade; apresentar as categorias (respeito, cuidado, democracia, sustentabilidade, equidade, educação para vida) advindas de WARKEN (2018) como uma proposta de temas geradores; apresentar materiais pedagógicos para diferentes níveis educacionais;
6. Diálogo sobre a formação integral, as questões relacionadas à cidadania e sobre as vertentes da alfabetização e da educação ambiental e sexual, por meio de dinâmicas sobre histórias de vida;
7. Produzir materiais pedagógicos para Alfabetização Ambiental-Sexual para grupos de Alfabetização (crianças);
8. Elaborar materiais pedagógicos para Alfabetização Ambiental-Sexual para grupos de Alfabetização (jovens e adultos) (WARKEN; MARTINS FILHO; MELO, 2021, p.6 e 7).

Assim, tendo como base a proposta acima e somando às categorias das análises já descritas, apresento nos próximos parágrafos a proposta do curso *online* da EASES para formação de professoras/es.

Para melhor experiência sobre o aprendizado em um curso *online* visando a minhas interações com as/os cursistas, a disponibilidade e a organização dos materiais diversos em um único espaço virtual, as metodologias dos avanços no curso (como por exemplo a porcentagem das horas conforme a conclusão das unidades), bem como de avaliação; o curso da EASES foi idealizado, a priori, para plataformas específicas – monetizáveis - de infoprodutos em Educação – por experiências pessoais exemplifico a Eduzz® e a Hotmart® - permitindo também um acesso por maior tempo, ou até vitalício, ao curso e não necessitando ter um número limite de pessoas interessadas para o curso ser iniciado e nem data específica.

Assim a proposta é a gravação de todo o curso com disponibilidade de diálogos por meio dos comentários na plataforma e em possíveis contatos frente aos processos de evolução e de avaliação das/os cursistas.

Vale ressaltar que a transposição didática para o presencial é totalmente possível visto a idealização desta proposta também por meio de minhas experiências com oficinas, aulas e palestras.

O curso sendo idealizado especificamente para professoras/es precisa-se pensar em fatores como disponibilidade de tempo, os diferentes saberes e

conhecimentos sobre os usos das plataformas virtuais e a seleção dos materiais frente as diversidades de formação, bem como linhas e grupos de trabalho.

Organizei o conteúdo programático em oito unidades e proponho a carga horária do curso de 40 horas, dispostas na seguinte maneira:

1. Acolhida – 2h
2. Conceitos, Paradigmas e Histórias – 8h
3. Educação Ambiental, Educação Sexual e vertentes – 6h
4. Direitos ambientais-sexuais, Legislações e Políticas Públicas – 6h
5. Interconexões teóricas – 4h
6. Materiais pedagógicos e conteúdos – 6h
7. Mídias e redes sociais *online* – 6h
8. Fechamento – 2h

As temáticas propostas em cada unidade são:

1. Acolhida:

- Apresentar o curso.
- Indicar as redes sociais da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.
- Interação 1: Solicitar as respostas sobre as seguintes perguntas: O que espero aprender neste curso? O que entendo por Meio Ambiente? O que entendo por Sexualidade? Qual/quais possível/is relação/ões entre Meio Ambiente e Sexualidade?
- Propor a leitura de um artigo sobre a próxima unidade.

2. Conceitos, Paradigmas e Histórias:

- Apresentar sobre os conceitos de Meio Ambiente e Sexualidade, Inteireza e totalidade, e as perspectiva sobre dimensão humana.
- Iniciar as indicações das possíveis interligações das temáticas.
- Trazer conceitos sobre *identidades, cultura, ecologia, diversidades e tabus*.
- Partilhar a linha do tempo da *História* da Humanidade e dos paradigmas da *sociedade* sobre Meio Ambiente e Sexualidade refletindo sobre *cuidado, responsabilidade, política* e modo de produção e *desenvolvimento*.
- Conversar sobre a *relação ser humano e Natureza*, a *crise planetária*, a *degradação* dos *recursos naturais* e as questões sobre *qualidade de vida e sustentabilidade*.

- Refletir sobre a diversidade humanas e suas dimensões. A Sexualidade nas diferentes fases da vida, principalmente sobre *infância e adolescência*.
- Pensar sobre as questões de *gênero, raça e etnia*.
- Problematizar sobre as fragmentações do Ser, do Planeta e dos saberes trazendo pressupostos sobre *corpo como Natureza, afetividade, alteridade, IST's, gravidez e aborto, orientação sexual, identidade sexual e família*.
- Propor um filme ou série que contextualize a unidade temática.
- Interação 2: Solicitar um escrito sobre o paralelo do filme ou série sobre os diálogos pontuados na unidade temática.

3. Educação Ambiental, Educação Sexual e vertentes:

- Apresentar os PCNs, a *transversalidade* e transdisciplinaridade dos temas Meio Ambiente e Sexualidade.
- Pontuar os princípios sobre *Educação, Pedagogia, teorias curriculares, currículo oculto e tendências pedagógicas*.
- Indicar as vertentes de Educação Sexual e Educação Ambiental.
- Apresentar os pressupostos e propostas da EASES.
- Interação 3: Propor a análise de imagens que “viralizam” nas redes sociais *online* e notícias atuais sobre Educação Ambiental-Sexual estimulando a escrita sobre as “provocações”: Quando a Educação Ambiental e a Educação Sexual “começam”? Quem são as/os responsáveis por educar sobre Meio Ambiente e Sexualidade? Como devemos realizar uma Educação Ambiental-Sexual pensando nas crianças, adolescentes e também pessoas jovens e adultas?

4. Direitos ambientais-sexuais, Legislações e Políticas Públicas:

- Apresentar os documentos que expressam os *direitos ambientais-sexuais* como a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais.
- Trazer as *legislações* sobre Meio Ambiente e Sexualidade em uma linha do tempo.
- Realizar paralelos sobre Educação Ambiental e Educação Sexual com os principais documentos educacionais brasileiros como LDB, DCN, PNA e BNCC.
- Abordar as políticas públicas sobre questões ambientais e sexuais ao longo da História da Humanidade e traçar paralelos com as lutas dos movimentos sociais

e as contribuições dos avanços científicos.

- Interação 4: Propor a criação de uma linha do tempo da própria História de Vida somando à esta linha marcos históricos e legais sobre Meio Ambiente e Sexualidade que cursista achou mais interessante e a realização de indicativos propositivos para avanços refletindo sobre as propostas da EASES.

5. Interconexões teóricas:

- Avançar sobre as interconexões teóricas da EASES e seus pressupostos.
- Indicar as/os cúmplices teóricas/os da EASES em suas diversidades de pensamentos mais que contemplam a Inteireza do Ser e não sua fragmentação, como o pensamento paulofreireano, o *pensamento sistêmico*, as ideias de bell hooks, Moacir Gadotti e Ailton Krenak.
- Conversar sobre a necessária superação e *transcendência* dos modelos postos e impostos sobre o Ser, a Vida, a Ciência.
- Propor o diálogo por meio do vídeo sobre minha Dissertação e minha Tese.
- Interação 5: A partir dos vídeos indicados trazer os conceitos e paralelos que mais lhe fazem sentido sobre a interconexão de Meio Ambiente e Sexualidade e quais ideias práticas são inspiradoras para si.

6. Materiais pedagógicos e conteúdos:

- Apresentar os materiais pedagógicos e os conteúdos da EASES.
- Incentivar o uso dos materiais em suas realidades, bem como o registro e partilha das percepções.
- Indicar materiais pedagógicos e conteúdos que contemplam a EASES.
- Problematizar materiais educativos, como brincadeiras, músicas, brinquedos e jogos.
- Disponibilizar materiais e conteúdos para análise crítica.
- Interação 6: Estimular a criação de um material pedagógico que “converse” com a EASES.

7. Mídias e redes sociais online:

- Problematizar postagens das redes sociais e notícias das diferentes *mídias* que abordem os temas sobre Meio Ambiente e Sexualidade como pornografia, *sexting*, violências, *preservação ambiental*.

- Indicar perfis que trazem “sinais de esperança” sobre/para/com a EASES.
- Interação 7: Propor a análise de *hashtags* (#) que abordem os temas Meio Ambiente e Sexualidade e a partilha dos achados.

8. Fechamento:

- Sintetizar o curso e suas unidades por meio das Mandalas da EASES.
- Partilhar materiais complementares para leituras novos avanços nos estudos sobre EASES.
- Disponibilizar *playlists* com vídeos e músicas que contemplem a EASES.
- Interação 8: Apresentar um mural virtual coletivo e sugerir a postagem dos aprendizados do curso.

O seguir apresento os pressupostos teóricos e propostas pedagógicas da EASES que fundamentaram todos os desenvolvimentos exposto neste curso *online* para formação de professoras/es.

3.3.6. Os pressupostos teóricos e propostas metodológicas da EASES

O fechamento dos diálogos sobre análises e resultados é com a intenção maior desta Tese: criação dos pressupostos e propostas da EASES.

Compreendo que pressupostos são aqueles voltados às questões teóricas que dão embasamentos às categorias e às reflexões sobre as ações, logo ligados às teorias.

Já as propostas se caracterizam pelo viés metodológico dando conta do “como fazer”, assim conectadas às práticas.

A teoria e a prática (*práxis*) em sua dimensão pedagógica estão atreladas à Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser, em seus pressupostos e em suas propostas, pois teve/tem uma **intencionalidade**, seja na produção de conteúdos para as redes sociais *online* ou de materiais, seja nas indicações dos aportes teóricos-metodológicos ou das proposições de atividades, jogos, livros, vídeos e músicas que contemplam a EASES.

Sob esta ótica os pressupostos teóricos e as propostas metodológicas da EASES são pontuados a seguir.

Cunhei o termo EASES – Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser, em minha Dissertação de Mestrado, conceituando-o como a *Educação pela, para e com a Vida* que conecta e unifica Meio Ambiente e Sexualidade pensando na construção dos conhecimentos para a formação do ser humano que abarque a inteireza e as relações dialéticas, em perspectiva de totalidade, sob a base teórica - inspirada em Paulo Freire: a interconexão Eu, Outro(s), Mundo – movimento dialético das relações (WARKEN, 2018).

Por todos os caminhares vivenciados antes – já mencionados - e durante – já descritos - nesta Tese pontuo os pressupostos teóricos da EASES:

- ❖ A perspectiva de Meio Ambiente e Sexualidade em suas totalidades e em interconexões;
- ❖ O entendimento de que somos todos seres ambientais-sexuais e educadores, em permanente processo de Educação;
- ❖ A preconização de uma Educação que tem como base o princípio de que a reconexão ao pertencimento com o Planeta Terra - a casa coletiva comum - perpassa a consciência de nós como seres únicos, sexuados, coletivos e ambientais (WARKEN, 2018);
- ❖ A visão de uma conscientização crítica-amorosa sobre as interfaces de Meio Ambiente e Sexualidade;
- ❖ A elevação da consciência crítica, do diálogo problematizador, da formação para cidadania e da Emancipação como caminhos de transformação de realidade(s);
- ❖ O apontamento da urgência de uma formação integral, sobretudo docente, que abarca as dimensões do Ser, com base na totalidade e na Inteireza, em viés de diálogo crítico-amoroso, agregando à cidadania planetária, logo de sentimento e ação de pertencimento à uma comunidade global;
- ❖ A problematização de uma Educação, voltada ao sistema capitalista, reducionista e conteudista, expressando uma ótica sobre Meio Ambiente e Sexualidade repleta de tabus e falta da consciência do coletivo e de pertencimento próprio para com o Planeta Terra gerando alienação e violências com sequelas de destruição ambiental e eminente suicídio da sociedade global;
- ❖ O apontamento de uma Educação voltada para a Inteireza de Ser e o Cuidado como categorias de interfaces para Saúde Humana e do Planeta Terra;

- ❖ A evidência de Meio Ambiente e Sexualidade em interfaces como temáticas transversais e transdisciplinares que precisam de mais conteúdos formativos e informativos em um viés crítico-amoroso por meio da sensibilização;
- ❖ A unificação das dimensões ambientais e sexuais e as relações dialéticas Eu, Outro(s), Mundo, pois não há indissociabilidade entre as dimensões humanas e nem sobre esta tríplice;
- ❖ A anunciação sobre a atenção para a compreensão de pertencimento para com o Planeta Terra e o entendimento de Inteireza do Ser com a Sexualidade e o Meio Ambiente como dimensões humanas, logo não há fragmentação (apesar das imposições dos sistemas patriarcal e capitalista);
- ❖ Os paralelos entre os paradigmas, a História da Humanidade e os marcos históricos e legais sobre Meio Ambiente e Sexualidade, bem como as vertentes de Educação Sexual e Educação Ambiental na busca do desvelamento sobre o cotidiano da nossa sociedade global e a fragmentação expressa pelo ser humano diante de si mesmo e do Planeta Terra;
- ❖ A ancoragem na máxima “Eu protejo a Terra porque Eu Sou Ela” (WARKEN, 2018, p.150), pois tudo que faço ao Planeta Terra faço a mim mesma/o e aos outros, então se eu “mato a Terra, eu me suicido”;
- ❖ A anunciação da necessidade de uma mudança paradigmática refletindo no autocuidado, no cuidado com Outro(s) e no cuidado com o Planeta Terra;
- ❖ A reflexão sobre uma Ciência Holista na proposta das interconexões sobre os temas que expressam a própria Vida em Totalidade, logo temáticas essenciais grifando as urgentes mudanças efetivas, principalmente nos espaços formativos;
- ❖ O paralelo entre o paradigma holista e o paradigma do materialismo histórico dialético permitindo construir possibilidades transformadoras calcando-se na realidade material de cada indivíduo e de cada comunidade, pensando de micro (local) a macro (global) para mudanças efetivas que reflitam em um mundo realmente mais humano em todas as dimensões e estruturas;
- ❖ A revisita à perspectiva crítica e emancipatória aos sistemas educacionais e espaços educativos – inclusive as redes sociais *online* - problematizando sobre a Humanidade imersa em um modo de produção que violenta e destrói o Mundo e todos os seres (inclusive a si mesmos - seres humanos);
- ❖ As interconexões propostas sob a base na defesa dos direitos humanos abarcam as urgências para alcance da missão global e vivência de uma

sociedade sustentável para as próximas gerações;

- ❖ A contribuição aos preceitos da Sustentabilidade como sonho de bem viver em equilíbrio com todas as formas de Vida e em sentir-pensar sobre o pertencimento e interconexões nossas - seres humanos sexuados - com o Planeta Terra.

Grifo que o aporte teórico é ancorado nas/os cúmplices apontadas/os no capítulo 2 desta Tese, mas sobretudo Paulo Freire, Moacir Gadotti, Ailton Krenak, bell hooks, e os postulados do Grupo EDUSEX UDESC e Grupo NAPE UDESC.

Pelas vivências como Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade e pelas exposições das criações dos conteúdos, dos materiais pedagógicos e do curso *online* nesta Tese indico que as propostas metodológicas da EASES compreendem:

- ∴ A prática de uma Pedagogia Libertadora, inspirada no pensamento paulofreireano;
- ∴ O entendimento de um currículo crítico transversal e transdisciplinar;
- ∴ Uma pedagogia que seja encharcada de sentidos e sensibilizadora na valorização da(s) relação(ões) com o Meio e com o Coletivo e de respeito a si;
- ∴ A organização de um ambiente que proporcione um Círculo de Diálogos em que todas/os possam se olhar (sentido da visão) durante as interações;
- ∴ O diálogo crítico-amoroso proposto é sempre em incentivo à problematização e ao questionamento, valorizando as histórias de vida e as visões de mundo;
- ∴ A disposição de um ambiente acolhedor com flores e fragrâncias (sentido do olfato) e músicas e vídeos (sentidos da audição e visão), despertando curiosidade e estimulando o bem-estar;
- ∴ A disponibilidade de materiais para explorar (sentido do tato) e despertar reflexões e memórias;
- ∴ O apontamento inicial do diálogo se dá pelo questionamento: *o que você espera aprender nesse encontro de hoje? O que você deseja aprender sobre este assunto proposto?* Colocando cursistas ou educandas/os como agentes de seu processo educativo e incentivando a reflexão sobre as temáticas pelas perspectivas próprias, minimizando frustrações e oportunizando as partilhas e a construção coletiva do aprendizado;
- ∴ Incentivo de momentos de pausa do diálogo para ancoragem da concentração por meio de movimentos (como respiração consciente, uma meditação ou uma dança);

- ∴ A reflexão das interconexões de Meio Ambiente e Sexualidade nas ações diárias sobre os materiais usados e produzidos e também sobre as dinâmicas de interação – como um lanche coletivo - quanto a produção de lixo, por exemplo;
- ∴ Ao final do encontro o incentivo das reflexões: o que aprendi hoje? O que desejo aprender no próximo encontro? E assim proporcionar a autorreflexão sobre o processo de aprendizagem;
- ∴ Oferta de um mimo – um doce (sentido do paladar), por exemplo, voltando à memória afetiva - para marcar o encontro e/ou um resumo (digital ou impresso, conforme o grupo achar interessante o registro) com os principais diálogos ocorridos;
- ∴ A avaliação do processo educativo parte de uma autoavaliação sobre as maneiras de aprendizados e os recursos que geraram mais conexões com cada cursista ou educanda/o, bem como uma avaliação das abordagens das temáticas e das atividades propostas e também sobre o fazer coletivo e os diálogos traçados.

Assim:

- ∴ A organização do espaço quando físico: deve proporcionar uma experiência multissensorial agregando aprendizado e conforto com acolhida(s), as disposições dos móveis formando um círculo – facilitador do diálogo - e disponibilidades para explorações de materiais e para produções coletivas e partilhas.
- ∴ A organização do espaço quando virtual: deve proporcionar uma experiência intuitiva com acessos à múltiplos materiais midiáticos e acolhida(s) para ciência dos preceitos dos encontros e das partilhas.

Integrando os pressupostos e propostas me inspirei na Mandala¹²² que tem

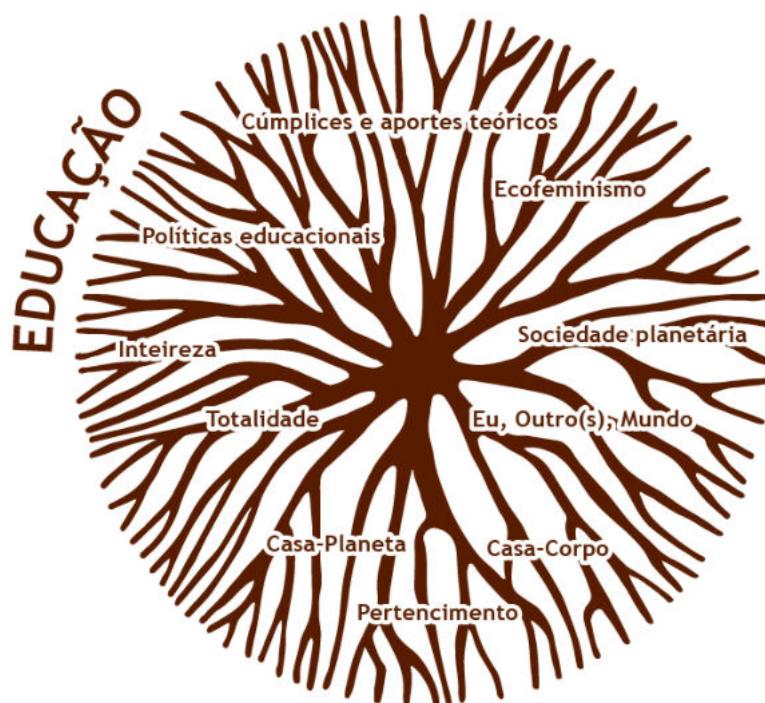
¹²² A Mandala “é o símbolo da totalidade (aparece em diversas culturas primitivas e modernas) e representa a integração entre o homem e a natureza. O psicanalista e estudioso de símbolos Carl Jung afirmou que a Mandala retrata as condições nas quais construímos nossa experiência humana, entre o interior (pensamento, sentimento, intuição e sensação) e o exterior (a natureza, o espaço e o cosmo). Presente em civilizações distintas como a egípcia, grega, hindu, chinesa, islâmica, tibetana, azteca, européia e aborígine de vários continentes, as mandalas têm um importante papel na formação do imaginário humano. No Brasil está presente em várias obras e monumentos, desde a catedral de Brasília até as obras de Rubem Valentim, entre outros” (BRASIL, 2009, p.23 – grifo meu).

BRASIL. **Rede de saberes mais educação:** pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escolas. – 1. ed. – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

como significado o círculo - que para mim representa o Planeta Terra, nossa gênese como seres celulares, abarcando nossa imensa complexidade, bem como encontro coletivo em uma ciranda de união - e é utilizada como expressão dos saberes e conhecimentos em metodologias sobre Meio Ambiente e Sexualidade¹²³.

Sob este sentido foi incorporado o logotipo da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade com seus significados de elementos e cores e foram construídas três mandalas, refletindo sobre o Ser-Planta, que representam a raiz (Educação), o caule (Ambiental-Sexual) e as flores e os frutos (Emancipação do Ser).

Figura 33 – Mandala Raízes da EASES



Fonte: Arquivo das autoras, da Mandala Raízes da EASES, Aline Diniz Warken e Daniele Diniz Warken (2023).

A primeira mandala representa as raízes (em que desenho remete também às veias e às artérias do corpo humano) expressando a teoria com os pressupostos, as ancoragens, as/os cúmplices e as bases teóricas da EASES.

As raízes representam a letra E da sigla, de “Educação”, pois reflete que o que nutre e alimenta para transformações na EASES é a própria Educação.

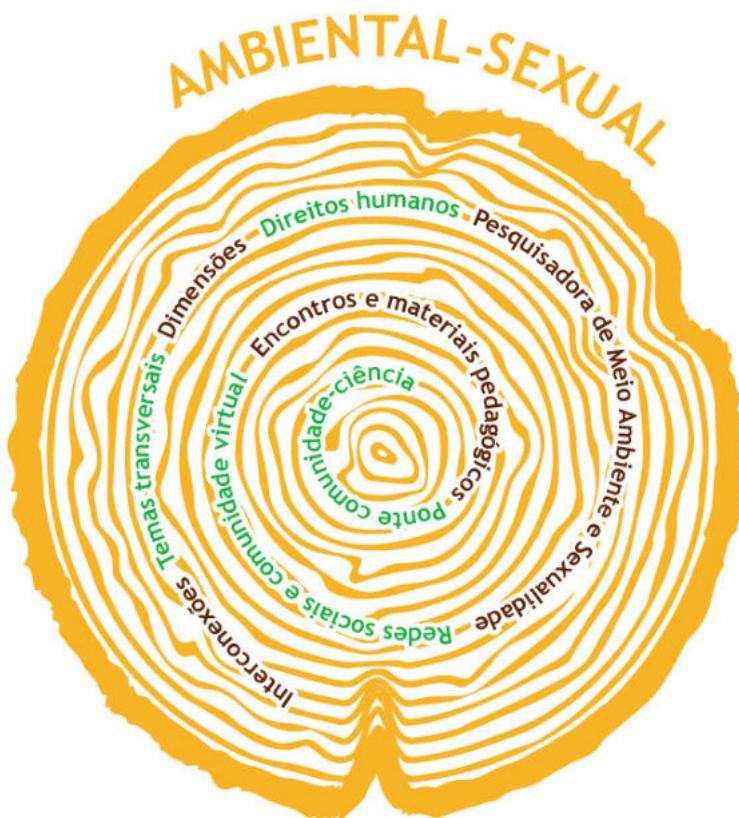
¹²³ Exemplifico mencionando os trabalhos:

VIANA, C. M.M.S.; et al (2020). **Processo educativo de Educação Ambiental**: o uso da mandala sensorial como ferramenta de ensino com alunos especiais. Disponível em: <<https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3901>>. Acesso em 16 mai 23.

NASCIMENTO, K. C.; et al (2020) **Mandala dos saberes e a sexualidade da mulher idosa**. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/73534>>. Acesso em 16 mai 23.

A Mandala Raízes traz as 10 **categorias-fundantes** que nutriram/nutrem a Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser: **Cúmplices e aportes teóricos; Ecofeminismo; Políticas educacionais; Inteireza; Totalidade; Sociedade planetária; Eu, Outro(s), Mundo; Casa-Planeta; Casa-Corpo e Pertencimento.**

Figura 34 – Mandala Caule da EASES



Fonte: Arquivo das autoras, da Mandala Caule da EASES, Aline Diniz Warken e Daniele Diniz Warken (2023).

A segunda mandala expressa o caule (em que desenho também remete à digital humana) que é o que sustenta a EASES e representa a interconexão entre o Ambiental e Sexual, como dimensões e direitos humanos e que ergue toda a Tese da Pesquisadora: Meio Ambiente e Sexualidade andam juntos e interconectados em totalidade, sempre.

Assim simboliza as letras AS da sigla, de “Ambiental-Sexual”, trazendo as 8 **categorias-fortalecedoras** da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser: **Interconexões; Temas transversais; Dimensões; Direitos humanos; Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade; Redes sociais e comunidade virtual; Encontros e materiais pedagógicos e Ponte comunidade-ciência.**

Figura 35 –Mandala Flores e Frutos da EASES



Fonte: Arquivo das autoras, da Mandala Flores e Frutos da EASES, Aline Diniz Warken e Daniele Diniz Warken (2023).

A terceira mandala simboliza as flores e os frutos (em que desenho também expressa as divisões celulares no desenvolvimento do embrião humano) da EASES, representando as letras ES da sigla, “para Emancipação do Ser” e expressam os princípios e os indicadores da EASES como expressão de todos os resultados de minhas pesquisas.

Assim os indicadores da Dissertação de Mestrado – apresentados aqui na Figura 1 - se transformam nesta Tese nos **6 Princípios da EASES: Respeito, Cuidado, Democracia, Equidade, Sustentabilidade e Educação para Vida.**

E as categorias das análises de conteúdos dos materiais pedagógicos, das matrizes curriculares das disciplinas de Pedagogia sobre Meio Ambiente e Sexualidade e dos cursos livres *online* sobre Educação Ambiental e Educação Sexual, bem como os temas que brotaram das *hashtags* e diálogos com a Comunidade virtual da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, passaram por um refinamento

traçando paralelos com os Princípios EASES e as categorias que efetivamente mais reverberaram nas criações, resultando nos **23 Indicadores da EASES: Alteridade, Amorosidade, Ancestralidade, Autoconhecimento, Ciência e Pesquisa, Coletividade, Conexão Ser Humano e Planeta Terra, Conscientização, Criticidade, Cultura, História, Diálogo, Direitos, Diversidades, Emoções e Sentimentos, Feminismo, Política, Preservação, Reflexão, Responsabilidade, Saúde, Segurança e Qualidade de vida.**

As três mandalas expressam, por todo o exposto, os pressupostos teóricos e as propostas metodológicas da EASES, desenvolvidas nesta Tese.



Frida Kahlo, **A Árvore da Esperança, Mantenha-se firme**, 1946.

4. RESPIRANDO POR NOVOS TEMPOS: CONSIDERAÇÕES COMO SINAIS DE ESPERANÇAR COM A EASES

Este capítulo remete ao sentido do olfato pelas necessárias esperanças às transformações, onde compreendo que expirar e inspirar é uma forte expressão da intensa conexão dos Seres Humanos com o Meio Ambiente.

A arte que abre este quarto capítulo, “A Árvore da Esperança, Mantenha-se firme” (1946), foi realizada por Frida Kahlo depois de uma de suas cirurgias e ela aqui expressa o necessário sentimento de Esperançar diante às adversidades e da Resistência em Resiliência na luta diária por nós e pelo Planeta Terra.

No último dia do mês de maio de 2023, morando em meu sítio há quase 3 meses e após uma jardinagem e corte de gramado ao redor da casa, estas Considerações foram revisadas e também receberam novos parágrafos. Nestas ações refleti o quanto a mão na terra me aproxima da Vida, me aproxima de mim. **Ao jardinar também escrevi a Tese**, clareei ideias e tive inspirações. Estar em meio ao mato me alinha com meu Eu Terra e viver pensando intencionalmente sobre **as conexões da Natureza e as intervenções dos seres humanos (conceito Meio Ambiente) é refletir sobre minha Inteireza e as dimensões que Sou e me atravessam (conceito Sexualidade)**.

A Ciência e a Educação se fazem no presente, no agora, – seja no ato de jardinar, de escrever, de refletir – e ambas foram tão fragmentadas (como o próprio Ser Humano, sua Sexualidade e o Meio Ambiente) que quando se propõe algo em perspectiva holista e autoral – como esta Tese – há muitas resistências.

A EASES é a mão “suja” de terra e plantas sob o anoitecer e apreciação da lua crescendo. É a prática diária de contemplação da Vida por meio de Si e ao redor de si – e que pode parecer “poética” demais, afinal ela permite isso.

A Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser - EASES cunhada em minha Dissertação de Mestrado e em movimentos de criação, pesquisas, desenvolvimentos e reflexões desta Tese de Doutorado se finda em seu ciclo para novas presenças. Ela é a proposição de uma maneira de olhar sobre a Vida e sobre a Educação.

Demarco que sou ciente que para o postulado de uma teoria educacional se faz necessário, além da validação científica, a consolidificação perante à sociedade, bem como a democratização dos preceitos em ancoragem ontológica e epistemológica, que levam tempo.

A minha maior intenção nesta Tese foi apresentar a criação da EASES em seus pressupostos e propostas como **possibilidade de construções para transformações de mundo e contribuir para as Ciências da Educação**. Por esta razão – principalmente – compreendo que a Tese “não acaba” aqui e há uma gama de percursos que me comprometo a seguir para levar a EASES para o Mundo conhecer. E este grifo como **um grande Sinal de Esperança: refletir sobre uma Educação que Emancipa por meio da interconexão de Meio Ambiente e Sexualidade pensando nas Diversidades da(s) Inteireza(s) de/do(s) Ser(es) em pertencimento com o Planeta Terra em totalidade.**

Por todas as reflexões partilhadas aqui desde o memorial resgatando em meus caminhares pessoais e profissionais, entendo que a EASES já brota em mim desde criança. Reflito também o quanto as minhas pesquisas, as minhas escritas e as minhas análises foram encharcadas por momentos simbólicos e extremamente importantes para Meio Ambiente e Sexualidade em caráter pessoal e à nível coletivo, no estado de Santa Catarina, no Brasil e no Planeta Terra.

Além da Pandemia, muitos estudos e muitas informações avançaram nos últimos 4 anos em relação à sustentabilidade e a trans-identidades, por exemplo, onde muitas agendas acerca da Educação e da Ciência voltaram-se aos “temas polêmicos” e/ou da atualidade. Tudo isso comproendo eu que pela presença intensa da internet e das redes sociais *online* em nossas vidas.

A Tese tem marcas de um câncer de mama com sequelas que afetaram/afetam a minha produção científica e meu constante (re)conhecimento de meu corpo alterado por tantos tratamentos.

As marcas na Tese perpassam as eleições no Brasil e os vieses políticos que alteraram/alteram as agendas sobre Meio Ambiente e Sexualidade, principalmente com o desmatamento da Amazônia, a PL sobre o marco temporal das terras indígenas, e os movimentos feministas e os diálogos e ações sobre violências contra Mulheres.

Vejo esta Tese como a representação de mais de 10 anos – intencionais - como Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade expressadas na criação dos pressupostos teóricos e das propostas metodológicas da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES), assim entendo que contribuo com os grupos de pesquisa NAPE e EDUSEX, com a linha de Políticas Educacionais, Ensino e Formação, com o PPGE UDESC, com a Ciência e com a Educação: interconectando Meio Ambiente e Sexualidade apresentando cúmplices em possíveis diálogos;

grifando a categoria Inteireza refletindo a fragmentação do Ser por meio do sistema capitalista e patriarcal; reforçando que somos seres ambientais-sexuais, pois estas são nossas dimensões inseparáveis e estamos em constante processo de Educação, inclusive Educação Ambiental-Sexual; fortalecendo a categoria Emancipação aliando a categoria do Cuidado fazendo paralelos com o pertencimento e a conscientização crítica amorosa sobre Eu, Outro(s), Mundo; apontando a urgência sobre ações de transformações sobre nossos modos de produzir Vida, pois tudo que fazemos ao Planeta Terra estamos fazendo com nós mesmos, seres humanos, logo “Eu protejo a Terra porque Eu Sou Ela” (WARKEN, 2018, p.150); indicando que as transformações sobre as formas de sermos humanos, de nos educarmos e de sermos sociedade local e global – que perpassam paradigmas e ciclos de crises reforçados a longa data – precisam ser refletidas, repensadas e revisitadas por meio dos coletivos em diálogo crítico-amoroso em consciência que a ação sustentável, de regeneração e de mudanças, por exemplo, são mais do que “cuidar de um futuro”, mas sobre a extrema necessidade de agirmos no presente com intencionalidade para Emancipação, pois **Cuidar é Emancipar**; estabelecendo pontes entre pesquisas científicas/acadêmicas com a comunidade virtual em espaços *online* como ambientes intencionalmente educativos por meio das redes sociais; e - afirmo novamente - criando pressupostos teóricos e propostas metodológicas da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES), pois **criar é âmbito da pesquisa em Educação**, aberta à mudanças paradigmáticas, principalmente pela necessária renovação com a interconexão dos saberes.

Compreendo, desta maneira, que o objetivo geral com a criação dos pressupostos e das propostas da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES) foi alcançado, bem como todos os objetivos específicos.

Os apontamentos dos aportes – expressos nas/os cúmplices teóricas/os - e os pressupostos teóricos da EASES foram concretizados no capítulo 2 em seu todo e no subcapítulo 3.3.6. em específico.

Sistematizei uma base de dados com conteúdos e materiais pedagógicos da EASES com biblioteca virtual da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade e também desenvolvi e socializei as propostas metodológicas, os conteúdos e os materiais pedagógicos da EASES nos subcapítulos 3.3.1., 3.3.2. e 3.3.4., bem como nos apêndices 1 e 4.

No item 3.2. e especificamente no 3.3.2. apresentei como construí uma comunidade de diálogos sobre EASES, por meio das redes sociais *online* da

Pesquisadora, democratizando o conhecimento científico pelo estabelecimento da relação entre o meio acadêmico e científico com a sociedade virtual e também mostrei como produzi conteúdos para as redes sociais *online* sobre EASES para usos, em viés transversal e transdisciplinar, na Educação formal e não-formal.

Democratizei o acesso às produções científicas e aos materiais sobre Educação Sexual Emancipatória do Grupo EDUSEX UDESC e descrevi o processo no subcapítulo 3.3.3. e nos apêndices 2 e 3.

A proposição do curso *online* sobre EASES para formação de professoras/es foi descrita no subcapítulo de 3.3.5.

Percebo que cada objetivo específico - por meio dos movimentos para o desenvolvimento dos pressupostos e propostas da EASES - **se ampliaram e a criação da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser se tornou uma dimensão científica e pedagógica.**

Assim, a proposição do curso *online* para formação docente **foi além e representou também uma exposição teórico-metodológica-didática, com as elaborações de mecanismos e recursos, acerca de um curso para professoras/es em ambiente virtual.**

As sistematizações de materiais, as criações de conteúdos e materiais pedagógicos, as interações com a comunidade virtual, os processos de democratizações de materiais e informações científicas, enfim, **cada objetivo em cada vivência foi relatado, refletido e partilhado nesta Tese permitindo práticas – ou reinvenções – ancoradas em teorias e metodologias acerca das interconexões de Meio Ambiente e Sexualidade, principalmente por meio das redes sociais online como espaço educativo e formativo.**

Desta maneira, fortalecida pelas exposições, **afirmei a tese** (antes questionada e base de toda a pesquisa): **Por meio da Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES), de âmbito formal e não-formal, é possível realizar um processo formativo sobre Meio Ambiente e Sexualidade visando a emancipação através da sensibilização, dos processos de conscientização e do diálogo crítico-amoroso fazendo o uso dos pressupostos teóricos e das propostas metodológicas, expressos nos materiais pedagógicos produzidos e organizados nas redes sociais online da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.**

Compreendendo que somos seres educadores e que estamos em constante processo de Educação, observei que os **espaços virtuais são potenciais espaços**

educativos quando se intenciona a publicização de informações críticas e a democratização de conteúdos e materiais pedagógicos sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

Percebo que as interações nas redes sociais *online* para contribuição com informações críticas sobre Meio Ambiente e Sexualidade se tornaram um **espaço educacional virtual e um caminho de vivência da EASES**. Vejo que formei uma comunidade que me identifica como Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade e administradora das redes do Grupo EDUSEX UDESC. Um “grupo fiel” que me responde em minhas propostas de interação e que relatam que gero reflexão pelos conteúdos criados.

Por isso comprehendi que estas **interações acabaram sendo uma espécie de validação da práxis** (teoria e prática) - dos pressupostos teóricos e das propostas metodológicas - da EASES. Por meio das trocas nas postagens com o público - comunidade das redes da Pesquisadora e também do Grupo EDUSEX UDESC - pude ter retornos e ‘termômetros’ - da clareza das minhas ideias e da democratização dos conteúdos da EASES e da Educação Sexual Emancipatória do Grupo EDUSEX UDESC.

Registro que a organização de dados em Google Drive® facilitou os movimentos da pesquisa, de desenvolvimento à análise e foi criada uma verdadeira Biblioteca de cúmplices teóricas/os e uma valiosa Midiateca com materiais pedagógicos para usos futuros, ricos para múltiplas explorações e partilhas, principalmente para o curso de formação docente da EASES.

O objetivo de ser **ponte entre a comunidade virtual e as pesquisas científicas e acadêmicas fica demarcada pelas democratizações** de materiais e conteúdos – no Blogger®, no Linktr.ee®, no YouTube®, no Facebook® e no Instagram® - e interações nas redes sociais *online* tanto com a Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade e também com o Grupo EDUSEX UDESC.

O aprendizado maior como administradora das redes sociais *online* do Grupo EDUSEX UDESC se apresentou na **essencialidade da presença virtual, nos dias atuais, ainda mais em período pandêmico, e de comunicar ao grande público as pesquisas** sobre Sexualidade como dimensão inseparável do existir humano e da Educação Sexual em uma vertente Emancipatória que prevê, dentro do paradigma do materialismo histórico-dialético - eixo do Grupo em suas ações de ensino, pesquisa e extensão - um diálogo crítico para a sensibilização sobre as possibilidades de elaborar e vivenciar o processo de Educação Sexual nesta vertente. Compreendo que o meu

trabalho de administração e de criação de conteúdos foram importantes exercícios investigativos sobre a temática da Sexualidade para as redes sociais elevando a produção científica do Grupo EDUSEX UDESC em seus mais de 35 anos de história. A democratização dos materiais pedagógicos sobre Educação Sexual Emancipatória se somou às pontes entre a comunidade virtual e as pesquisas científicas acerca da Sexualidade nos diferentes ambientes *online* descritos contemplando os objetivos da pesquisa.

Os espaços virtuais expressos nas redes sociais *online* se tornam importante ambiente para publicização científica, assim comprehendo que fui/sou voz e porta voz das pessoas sobre Educação acerca Meio Ambiente e Sexualidade em interconexão por meio das redes sociais *online*.

Estes ambientes são marcados pela presença das Mulheres que encontram nos espaços virtuais um ambiente de acolhida e seguro para traçar diálogos múltiplos revelando coletivos de apoio. Tanto as redes da Pesquisadora quanto do Grupo EDUSEX UDESC são expressos por mais de 70% do público de Mulheres. Assim, percebo no desenvolvimento da EASES como importante na luta por Emancipação em Criticidade Amorosa sobre as interconexões de Meio Ambiente e Sexualidade em viés de totalidade.

Na criação dos pressupostos teóricos e das propostas metodológicas com campo investigativo as redes sociais *online* compreendo a importância do desenvolvimento das expressões imagéticas como logotipo – representações e cores - , mascote, bem como toda a linguagem para abordagem dos conteúdos e materiais pedagógicos. Estes recursos trouxeram aproximação com a comunidade virtual e facilitaram os esclarecimentos sobre o trabalho da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.

O desenvolvimento de conteúdos para as redes sociais *online* e os materiais pedagógicos permitiram reflexões diversas sobre os significados da pesquisa e auxiliaram sobremaneira na construção dos pressupostos e propostas da EASES.

Creio de suma **importância anunciar e denunciar** – como nos propõe Paulo Freire – aqui também sobre os aprendizados e os desafios desta Tese de Doutorado muitos que reforçam experiências na última década como Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade.

Há uma relutância acadêmica sobre trabalhos autorais, colocando-os como pouco científicos ou repletos de subjetividade que não há respaldo teórico de valor. Nesta caminhada encontrei/encontro muito disso até em minhas partilhas em aula –

tanto na graduação como nos cursos de pós-graduação – com sinais corporais de colegas e docentes como reviradas de olhos, respiradas profundas e comentários como “a única interconexão que vejo de Sexualidade e Meio Ambiente é uma praia de nudismo” ou “esse papo é da área da Geografia e do povo paz e amor”.

Durante a escrita da Tese e muito movida pelas minhas experiências com oficinas, cursos e aulas, principalmente após o diagnóstico de câncer de mama e os tratamentos com hormonioterapia, quimioterapia, radioterapia e mastectomia me voltei aos estudos feministas e coletivos de Mulheres críticas de gênero. Senti muitos cancelamentos e afastamentos todas as vezes que coloquei em tela assuntos ditos polêmicos – como identidade de gênero – com colegas que mesmo com pensamentos discrepantes eu tinha como aliadas/os na luta.

As questões políticas e religiosas em um dito conservadorismo também trouxeram repulsas sobre os assuntos sobre Meio Ambientes, onde qualquer tentativa de abordar o tema em viés político, em ano de eleições, virou assunto de “eco-chata”. Vi/vejo isso sobretudo acerca do desmatamento da Amazônia, as compras e “moedas” das empresas sobre “um selo verde” e as questões sobre os Movimentos Sem Terra e também dos Movimentos Sociais Indígenas e dos Povos Originários.

Além disso, vivi nesta Tese o desafio de ser pesquisadora em plena Pandemia do Covid-19 nos remanejamentos das rotas da investigação, os aprendizados acerca das tecnologias, as diferentes lógicas de estudo e trabalho, bem como as dinâmicas de relacionar-se por vídeo e voz em plataformas múltiplas.

Os desafios também abarcaram unir a Doutoranda-Pesquisadora-Paciente Oncológica, pois vi na dor e no desânimo que o tempo de produtividade acadêmica e científica não é de quem vive uma doença e está em transformação dos olhares sobre a Vida. Todavia vejo o meu potencial e potência de Ser investigadora e cientista de mim mesma. E assim comprehendo que esse é também um dos pressupostos da EASES: autocuidado, autoconhecimento e autoinvestigação.

Neste sentido, proponho uma abertura de diálogo no espaço acadêmico para ouvir pós-graduandas/os e produtoras/es das pesquisas científicas para as Universidades e Instituições de Ensino Superior não se tornarem mais um ambiente de adoecimento da lógica capital-patriarcal. Assim, precisamos refletir sobre a organização de coletivos dentro das Universidades e IES para debater assuntos sobre a vivência integral da pesquisa que se torne Vida e não mais uma lógica fragmentadora e conteudista.

Vislumbro como possibilidade de vivenciar, pesquisar e transformar práticas educativas refletindo em um viés paradigmático mais humano, ético, justo e igualitário. Precisamos tornar realmente um grande aprendizado global as vivências dos últimos anos onde, sob o **paradigma do Cuidado, remete-nos a olhar para nós mesmos, para o Outro e para o Planeta Terra.**

Para uma Educação para o Cuidado abarcando as dimensões humanas de Meio Ambiente e Sexualidade se faz fundamental traçar paralelos entre Política, Políticas Educacionais, Ensino e Formação, em interconexões do macro ao micro, fugindo de práticas fragmentadoras e redentoras por meio da conscientização crítica, de pesquisas e *práxis* problematizadoras para transformações de atitudes de caráter paradigmático pensando no bem-estar e proteção da vida humana e de todas as vidas do Planeta Terra.

Por isso, verso e reafirmo sobre a **essencialidade e a urgência da formação integral do Ser** e para isso precisamos pesquisar e estudar mais sobre as temáticas tão sensíveis para a Educação e assim traçar mudanças positivas efetivas motivadas/os pela união coletiva por meio da “Unidade na Diversidade”. Neste caminho possível, com um **trabalho coletivo e significativo**, elevo também aqui a necessária prática docente pautada nas dimensões humanas ambiental e sexual. Para tal, registro sobre a importância de pesquisar, estudar, dialogar e refletir, para transformar, os cursos de formação de professoras/es iniciais e continuados.

Logo, faz-se fundamental pensar em práticas pedagógicas que reflitam o que é realmente Ser Humano, valorizando esta **arte do encontro por meio do diálogo crítico**, desejando e sendo as transformações *de mundo(s) e do Mundo*, onde faço a proposição da **Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser - EASES**.

Estabeleço a EASES ainda mais quando refletimos que estamos vivendo um processo constante de crise humana que abarca uma crise planetária e civilizatória. Muito disso referente ao uso indiscriminado dos recursos naturais onde o ser humano está em uma relação de dominação da Natureza há centenas de anos em modo de produção capitalista.

Em um processo de escassez de recursos naturais, os ciclos da Natureza pouco conseguem se renovar e sobreviver. Com a doença/morte da Vida (Planeta Terra) e das Vidas (elementos naturais e seres vivos), o suicídio humano é fato. Observo, então, que a crise humana, deste século, tem um desafio maior: **o ser humano deve perceber-se inteiro e conectado ao Meio Ambiente para assim proteger-se, e proteger o(s) outro(s) e o Planeta Terra.**

Vivemos em um país que a extrema direita e as lógicas repressoras e de fanatismos – principalmente evidenciados nos últimos anos - impõem processos limitantes e uniformizantes, propagando a dominação e a alienação das massas, o que por vezes é desmotivador frente às necessárias mudanças, sobretudo, na Educação. Assim, neste momento histórico precisa-se ter uma **esperança crítica**, onde entendo que o que pode unir cidadãs/ãos é o desejo de transformação do/no mundo e principalmente a Educação, ainda mais em tempos conservadores que exaltam-se desumanidades, é sermos assim **resistência e (r)evolução**, na vontade de fazer um mundo mais fraterno, justo e igualitário.

Neste sentido e diante todas as reflexões como caminhos de transformações de ações, precisamos **estar conscientes das manobras políticas e lutar pela Educação em defesa, sobretudo, das Ciências**, visto os ataques às universidades e às pesquisas científicas, principalmente pelo governo brasileiro (sobretudo no período de 2015-2022), desqualificando estudos que preveem a qualidade do sistema educativo para todas as pessoas, como direito de bem viver.

Em ato de resistência da Pesquisadora, comprometida com a Ciência e com a Educação e em sinais de Esperanças, registro como futuros projetos a continuidade de desenvolvimentos acerca da EASES visando ampliações de teorias e práticas sob a intenção maior de contribuir com a formação docente e o planejamento de oferecer grupos de estudos, além do curso *online* nesta Tese proposto. Também objetivo os lançamentos de livros e de materiais pedagógicos abordando as interconexões de Meio Ambiente e Sexualidade utilizando, por exemplo, a Mascote Inteireza para sensibilizar, sobretudo, as crianças acerca da relação de Pertencimento com o Planeta Terra sob o viés do Cuidado de si, do coletivo e do Mundo. **A continuação das ações de democratização de materiais científicos e informações críticas-amorosas, além de ser ponte entre pesquisas acadêmicas/científicas e a comunidade virtual**, seguirá no fortalecimento das partilhas nas redes sociais *online* da Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade por meio de múltiplas mídias em expressão da abordagem sensibilizatória para Emancipação do Ser em Inteireza.

As **semeaduras da EASES acerca da relevância científica e social da Tese já foram colhidas a partir do dia da defesa**, em 24 de julho de 2023 - que aconteceu com público *online* em ambiente virtual do Google Meet® e presencial na sala 316 da FAED UDESC - com retornos da Comunidade da Pesquisadora abordando a sensibilização da pesquisa científica por meio dos conteúdos e materiais pedagógicos; com inúmeras mensagens grifando o interesse pela leitura da pesquisa,

principalmente para referencial teórico de Dissertações e Teses de diversas/os acadêmicas/os de Universidades públicas brasileiras; do estabelecimento de parcerias transdisciplinares para realização do grupo de estudos; de convites de diálogos de partilhas, *online* e presencialmente; dos contatos com teóricas/os referencias desta Tese e com pesquisadoras/es do Brasil e fora dele e também pessoas e grupos com intenção da aplicação da EASES, sobretudo pelo conhecimento acerca da inovadora proposta teórica-metodológica-pedagógica das interconexões de Sexualidade e Meio Ambiente agregando categorias como Inteireza, Cuidado e Emancipação.

Assim, **compreendo que esta Tese – que apesar dos medos, tem a ousadia de criar - é uma abertura para novas pesquisas** refletindo sobre os paradigmas científicos em Educação, os usos sobre as redes sociais *online* como espaços educativos e de democratização de estudos acadêmicos por meio de materiais críticos e sensibilizatórios, além de avanços sobre pressupostos teóricos e propostas metodológicas e pedagógicas sob a pauta da transversalidade e da transdisciplinaridade.

Grifo novamente sobre a **urgência de irmos além em transformações paradigmáticas que visem o Ser, o Humano, a Inteireza, o Pertencimento e a Conexão com o Planeta Terra, pois somos seres educadores ambientais-sexuais inteiros. Dar continuidade à exclusão do diálogo intencional, crítico-amoroso, sobre Meio Ambiente e Sexualidade por meio dos currículos (por exemplo) escolares – em todos os níveis - e das formações de professoras/es é dar seguimento à uma lógica que nos fragmenta, nos aliena e fortalece o sistema patriarcal-capitalista. E assim vamos continuar produzindo nossa própria extinção.**

Finalizo frisando mais uma vez: é **urgente o diálogo intencional sobre Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces para todos os níveis educacionais**, mas principalmente para a formação de profissionais da Educação, entendendo esta como um dos caminhos para se fazer no agora e para efetivas transformações da Educação (como um todo) ao pensar a formação do Ser integral sob as bases de luta pelos direitos humanos. **Por isso escolhi – e escolho todos os dias - a Educação por acreditar na criação das possibilidades da transformação de Mundo (Planeta Terra) e Mundos (realidades Eu, Outros). E por esta razão desenvolvi a EASES em seus pressupostos e propostas.**

REFERÊNCIAS

A CARTA DA TERRA INTERNACIONAL. **Carta da Terra**. 2000. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf>. Acesso em 16 ago 2018.

ANDRADE, I.C.F. **A Inteireza do Ser: uma perspectiva transdisciplinar na autoformação de educadores**. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre, RS, 2011.

ANDRADE, L. T. Por uma formação de professores em moldes discursivos. In: MACHADO, M.L.(org). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, p.289-312, 2003.

BANIWA, B; KAINGANG, J.; MANDULÃO, G. **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência!** Kassiane Schwingel (org.). Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BATISTA, R. S.; RÔÇAS, G. Resenha da obra de Capra, F.; et al. Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. **Revista Brasileira de Educação Médica**, nº 33 (1 Supl. 1): 123-125; 2009.

BAUMAN, Z.; BORDONI, C. **Estado de crise**. Lisboa: Relógio d'agua, 2014.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 20a edição, 2014.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 1a edição, 1981. Digitalizado e disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6875818/mod_resource/content/1/TEXTO%20O%20que%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20Carlos%20Rodrigues%20Bran%C3%A3o.pdf>. Acesso em 16 ago 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_225_.shtm>. Acesso em 16 ago 2022.

BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em 16 ago 2022.

BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 16 ago 2022.

BRASIL. **Direitos sexuais são direitos humanos** - Coletânea de Textos. Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Brasília. Maio, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução temas transversais: ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** 2013. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 16 ago 2022.

BRASIL. LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. **Plano Nacional de Educação - PNE.** 2014. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/lei/l13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm)>. Acesso em 16 ago 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada. **Base Nacional Comum Curricular.** 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 16 ago 2022.

BROTTO, F. O. **Pedagogia da cooperação:** Cultivando um mundo onde todos podem VenSer juntos. Disponível em:

<https://www.corais.org/sites/default/files/4.4_pedagogia_da_cooperacao_para_pos_fabio_brotto_2016.pdf>. Projeto Cooperação, 2016.

CALHAÚ, S. Formação do sujeito da escrita: onde poder se dizer é poder ser. In: MACEDO, M.S.A.N., GONTIJO, C.M. (orgs). **Políticas e práticas de alfabetização.** Recife: Ed. UFPE, p.127-142, 2017.

CARVALHO, G. M. D.; et al. **Educação sexual:** interfaces curriculares. (Caderno pedagógico). Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2012.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3.ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **Nada poderá ser como antes. A TERRA É REDONDA.**

Publicado originalmente no site Mediapart. Disponível em:

<<https://aterraeredonda.com.br/nada-podera-ser-como-antes>>. Março, 2020

DECKER, I. C.U. **A categoria emancipação em Paulo Freire e suas contribuições para um processo de educação sexual emancipatória.**

(Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2010.

DESIDÉRIO, R. O que é Sexualidade? Representações conceituais de professores sobre sexualidade em escolas paranaenses. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, vol. 8, núm. 4, out-dez, p.945-960, 2013.

DUSSEL, I.; CARUSO, M. **La invención del aula.** Una genealogía de las formas de ensenar. Buenos Aires - Argentina: Santillana, 1999.

ESTELLES, M.; FISCHMAN, G. E. Imaginando uma educação para a cidadania global pós-Covid-19. Disponível em:

<<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.15, e2015566, p. 1-14, 2020.

FCA UNESP – Faculdade de Ciências Agronômicas UNESP Campus de Botucatu.

Tipos de revisão de literatura. Biblioteca Professor Paulo de Carvalho Mattos.

Botucatu, 2015. Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>>. Acesso em 16 jul 22.

FERRAÇO, C.E. Currículos e crianças e infâncias e ...: ou sobre a complexidade dos saberesfazeres na sociedade contemporânea. In: MACEDO, M.S.A.N., GONTIJO, C.M. (orgs). **Políticas e práticas de alfabetização**. Recife: Ed. UFPE, p.77-93, 2017.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo, Olho d'Água, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 25^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 44^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. Série Brasil Cidadão. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GADOTTI, M. (org). **40 olhares sobre os 40 anos da pedagogia do oprimido**. (Instituto Paulo Freire. Série Cadernos de Formação; 1). São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, M. **Ecopedagogia, pedagogia da terra, pedagogia da sustentabilidade, educação ambiental e educação para a cidadania planetária**: conceitos e expressões diferentes e interconectadas por um projeto comum. 2009. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/Crf/CrfAcervo000137>>. Acesso em 16 ago 2022.

GAMBOA, S. S. **Epistemologia da pesquisa em educação**. Campinas, Praxis. 1998.

GIRAUD, O. **A globalização vista do norte e do sul**: quais os seus mecanismos sociais? Dossiê, Cad. CRH 20 (51), 2007.

HOOKS, b. **Ensinando pensamento crítico**: Sabedoria prática. Elefante Editora, 2017.

HOOKS, b. **Teoria feminista**: Da Margem ao Centro. Perspectiva, 2019.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KRAMER, S. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, M.L.(org). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, p.117-132, 2003.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **A vida não é inútil**. Companhia das Letras, 2020b.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1990.

LIMA, L. A.; CALILI, S. A. Uma análise evolutiva acerca da relação homem-natureza da antiguidade até a contemporaneidade. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XVIII, n.136, maio/2015.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

LOSSO, A.R.S. Intersubjetividade. p.464-465. In: STRECK D. R.; REDIN E.; ZITKOSKI, J.J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Autêntica, 2009.

LOVATTO, P.B.; et al. Ecologia profunda: o despertar para uma Educação Ambiental Complexa. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 3, p. 122 – 137, set/dez 2011.

MALTA, S.C.L. Uma abordagem sobre currículo e teorias afins visando à compreensão e mudança. Disponível em:
[<http://periodicos.ufpbr.br/ojs2/index.php/rec>](http://periodicos.ufpbr.br/ojs2/index.php/rec). **Espaço do Currículo**, v.6, n.2, p.340-354, mai a ago 2013.

MARTINS FILHO, L.J. **Tem azeite na botija?**: a docência e o componente curricular ensino religioso nos anos iniciais do ensino fundamental. Florianópolis, Editora da UDESC, 2011.

MARTINS FILHO, A. J.; MARTINS FILHO, L.J. **Da formação de professores à atuação docente na educação infantil**: reflexões à luz da teoria histórico-social. Revista Percursos. Florianópolis, v. 12, n.01, p. 118 -138, jan. / jun. 2011.

MELO, S. M. M. **Corpos no espelho**: a percepção da corporeidade em professoras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MELO, S. M. M.; et al. **Educação e Sexualidade**. (Caderno pedagógico 2.ed. rev.), Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MENDES, P.O.S.P. **Compondo a cena de dissenso na retirada dos termos “igualdade de gênero” e “orientação sexual” no PNE 2014/2024: uma crítica em torno do cenário em questão.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, SC, 220p., 2016.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MOREIRA, C. E. Emancipação. p.293-295. In: STRECK D. R.; REDIN E.; ZITKOSKI, J.J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire.** Autêntica, 2009.

MULLER, L. **4 pilares qualidade de vida.** Setembro, 2014. Disponível em <<https://www.facebook.com/lauramullerfanpage/photos/a.111302255627562.21253.10208525736935/697325417025240/?type=1&theater>>. Acesso em 29 abr 2015.

NACHARD, L. M. **Sexualidade na Escola.** Biblioteca Centro Esportivo Virtual, 2011. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/sexualidade-escola>>. Acesso em 15 mai 2016.

NEVES, E.; TOSTES, A. **Meio ambiente:** a lei em suas mãos. Petrópolis, Vozes, 1992.

NUNES, C. A. **Filosofia, Sexualidade e Educação:** as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. 1996.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade.** 5.ed. Campinas: Papirus, 2003.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **8 jeitos de mudar o mundo para 2015.** 2000. Disponível em: <<http://macoesunidas.org/tema.odm>>. Acesso em 16 ago 2022.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **17 objetivos para o desenvolvimento sustentável para 2030.** 2015. Disponível em: <nacoesunidas.org/pos2015>. Acesso em 16 ago 2022.

ORR, D. W. Prólogo. In: CAPRA, F.; et al. **Alfabetização ecológica:** a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix; 2006.

PEDRINI, A. G.; SAITO, C. H. (orgs). **Paradigmas metodológicos em Educação Ambiental.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

POSTMAN, NEIL. **Tecnopólio:** a rendição da cultura à tecnologia. Tradução: Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.

POZATTI, M. L. Educação para a Inteireza do Ser- Uma caminhada. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 143-159, jan./abr. 2012.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, A. O que é transdisciplinaridade? Publicado no periódico **Rural Semanal**, nº. 31 e 32 UFRRJ, Agosto/Setembro/2005. Disponível em <http://www.ufrrj.br/leptrans/arquivos/O_QUE_e_TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf>. Acesso em 05 mar 2015.

SACRISTÁN, J.G. **Educar e conviver na cultura global**: as exigências da cidadania. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2002.

SANTOS, J. A.; TOSCHI, M.S. Vertentes da Educação Ambiental: da conservacionista à crítica. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**. V.4, n.2 (Ed. Especial), jul-dez, p.241-250. Disponível em <<http://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras>>. 2015.

SATO, M. Apaixonadamente Pesquisadora em Educação Ambiental. **Revista Educação Ambiental em Ação**. N°4. Disponível em: <<http://revistaea.org/artigo.php?idartigo=108>>. 2003.

SCHERER-WARREN, I. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Sociedade e Estado**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf>>. Vol.21. Nº1. Jan-Abr. Brasília. 2006.

SEIXAS, F. **Ciberativismo**: uma forma de ativismo na WEB. Observatório de Redes sociais (blog). Disponível em: <<http://observatorioderedessociais.blogspot.com.br/2015/12/ciberativismo-uma-forma-de-ativismo-na.html>>. Publicado em dez 2015.

SHIVA, V.; MIES, M. **Ecofeminismo**. Lisboa: Piaget, 1993.

SILVA, A.M. **Usar as mídias sociais é uma oportunidade de desobediência civil na esfera acadêmica**. (Postagem Rede Social da @amanda_mds, Doutora em Educação). Disponível em: <<http://www.instagram.com/p/CrJ7eQ5pv2T/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>>. Publicado em 17 abr 2023.

SILVA, O.M. **Os movimentos sociais nas tramas das redes sociais**. Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio sociopolítico. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/17217931-Os-movimentos-sociais-nas-tramas-das-redes-sociais.html>>. Brasília, v.17, n.1, Jun, 2012.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, A.R.B. **Movimento didático na educação a distância**: análises e prospecções. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, 223p., 2005.

SOUZA, E.; GADOTTI, M. Prefácio: Novos tempos da Educação em Osasco. In: PADILHA, P.R. et al. **Educação para Cidadania Planetária**: currículo intertransdisciplinar em Osasco. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TOZONI-REIS, M. F. C. **A pesquisa e a produção de conhecimentos**. Texto produzido para o Curso de Pedagogia da UNESP a partir de síntese de outros textos da autora. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>>. p. 1-38, 2010.

TRIGUEIRO, A. **O novo paradigma ambiental**. Revista do Congresso Saber 2004 em 11/10/2004. Disponível em: <<http://mundosustentavel.com.br/2011/05/24/o-novo-paradigmaambiental>>. Postado em maio/2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

WARKEN, A. D. **Análises sobre Meio Ambiente e Sexualidade sob viés transdisciplinar na formação de educadores**. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. Centro Universitário Municipal de São José - USJ. São José, 2013.

WARKEN, A. D. **Trabalhando Meio Ambiente e Sexualidade por meio de vídeos educativos na formação de educadores**. Monografia do Curso de Especialização em Mídias na Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. São Jose, 2015.

WARKEN, A. D. **Influências do ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para a formação de professoras/es**. Monografia do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2016.

WARKEN, A. D. **Estudo exploratório sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento paulofreireano**. Dissertação. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

WARKEN, A. D.; MARTINS FILHO, L. J.; MELO, S. M. M. de. **Alfabetização e Docência**: contribuições para formação de professoras/es por meio da Alfabetização Ambiental-Sexual à luz do pensamento de Paulo Freire. V Congresso Brasileiro de Alfabetização. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/prs/schedConf/presentations>. Editora UDESC, Florianópolis, 2021.

WARKEN, A. D.; MARTINS FILHO, L. J.; MELO, S. M. M. de. A epistemologia de Paulo Freire sobre a docência: interconexões entre diálogos teóricos da pós-graduação em educação e a obra Pedagogia da Autonomia. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 65-83, set. 2021b.

WARKEN, A.D.; MELO, S.M.M. Reflexões sobre contribuições do pensamento paulofreireano para uma educação sexual emancipatória pautada nos direitos sexuais como direitos humanos. **Revista Cocar**, Belém, v. 13. Nº.25, p.34-53, 2019.

WAS - World Association for Sexual Health. **Declaração dos Direitos Sexuais**. 2014. Disponível em: <<http://www.worldsexology.org/wp-content/uploads/2013/08/DSR-Portuguese.pdf>>. Acesso em 16 ago 2018.

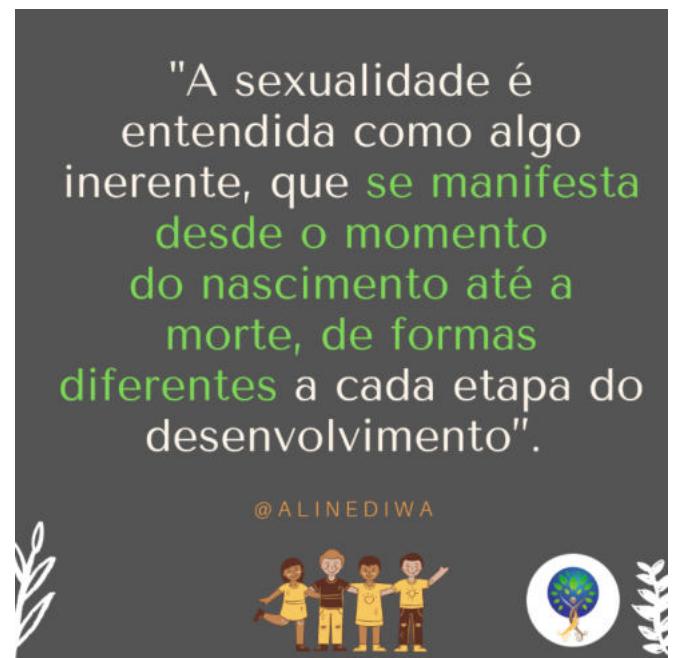
APÊNDICES

APÊNDICE 1: ARTES DE CONTEÚDOS CRIADOS PARA AS REDES SOCIAIS DA PESQUISADORA DE MEIO AMBIENTE E SEXUALIDADE



Sexualidade é a dimensão inseparável do ser humano. Logo, “somos todos seres sexuados no mundo, em permanente processo de Educação, inclusive de Educação Sexual” (MELO; et al, 2011,p.20).

@ALINEDIWA



"Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais".

@ALINEDIWA



"Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo"

(BRASIL, 1998, p.81).

@ALINEDIWA



Não! Vou explicar mais:

Sexualidade é a dimensão humana, presente durante toda a nossa Vida, assim é impossível separar a Sexualidade da nossa existência, das nossas relações e de nossos modos de viver (engloba sentimentos, sensualidade, prazer, erotismo, identidade, direitos e deveres, sexo) envolvendo, assim, o **Ser em sua Inteireza**.

Já o **Sexo está relacionado à nossa expressão biológica**, nossos órgãos sexuais e as relações sexuais.

@ALINEDIWA



Então, Sexo e Sexualidade não são a mesma coisa?

@ALINEDIWA



"Atualmente, conceitua-se e considera-se a Sexualidade sob diversos âmbitos:

- { * Nossa **sexo** biológico,
- { * O gênero com o qual nos identificamos (**identidade de gênero**),
- { * Por quem sentimos afeto e/ou atração (**orientação sexual**) e
- { * Como nos expressamos na sociedade ao agir ou nos vestir, por exemplo (**expressão ou papel de gênero**)."

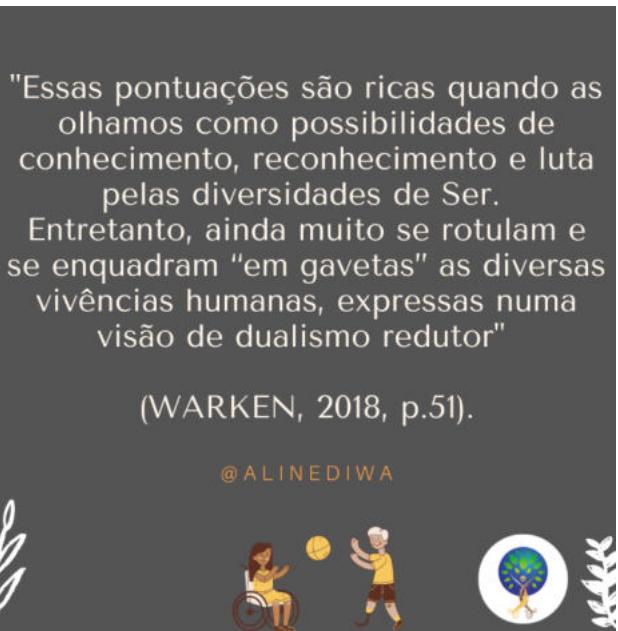
@ALINEDIWA



"Essas pontuações são ricas quando as olhamos como possibilidades de conhecimento, reconhecimento e luta pelas diversidades de Ser. Entretanto, ainda muito se rotulam e se enquadram "em gavetas" as diversas vivências humanas, expressas numa visão de dualismo redutor"

(WARKEN, 2018, p.51).

@ALINEDIWA



Como Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, há mais de 8 anos, pauto-me no entendimento de ser humano, sempre sexuado, em sua Inteireza, tendo a Diversidade como riqueza humana!

Este conteúdo lhe foi agregador?



@ALINEDIWA




Afinal, Pesquisadora, o que é Meio Ambiente?

@ALINEDIWA



"Meio Ambiente é tudo o que tem a ver com a vida de um ser ou de um grupo de seres vivos.

Tudo o que tem a ver com a vida, sua manutenção e reprodução."

@ALINEDIWA




**"Nesta definição estão:
os elementos físicos (a terra, o ar, a
água), o clima, os elementos vivos (as
plantas, os animais, os homens),
elementos culturais (os hábitos, os
costumes, o saber, a história de cada
grupo, de cada comunidade) e a
maneira como estes elementos são
tratados pela sociedade."**

@ALINEDIWA



**"Ou seja, como as atividades
humanas interferem com estes
elementos.**

**Compõem também o Meio
Ambiente as interações destes
elementos entre si, e entre eles e
as atividades humanas."**

@ALINEDIWA



**"Assim entendido,
o Meio Ambiente não diz
respeito apenas ao meio
natural, mas também às vilas,
cidades, todo o ambiente
construído pelo homem".**

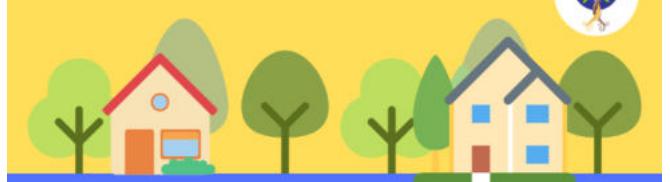
(NEVES; TOSTES, 1992, p.17
apud ABRAMA, 2012, p.online)

@ALINEDIWA



**Então, Pesquisadora,
há diferença entre
Natureza
e Meio Ambiente?**

@ALINEDIWA



**Sim, há diferença!
Explico melhor:**

Natureza é todo o mundo natural que não depende do ser humano para nascer ou desenvolver.

@ALINEDIWA

Já o Meio Ambiente é a soma do mundo natural, Natureza, (como montanhas, plantas) e dos espaços de intervenção pelos seres humanos (como delimitações das cidades, construções, estradas).

@ALINEDIWA

Agora quando você ouvir ou ler "Salve a Natureza" ou "Cuide do Meio Ambiente" você saberá do que se trata!

@ALINEDIWA

Este conteúdo lhe foi agregador?

- Que tal curtir?
- Comente a sua opinião
- Envie para os/os amigos/os
- Salve para ver depois

@ALINEDIWA

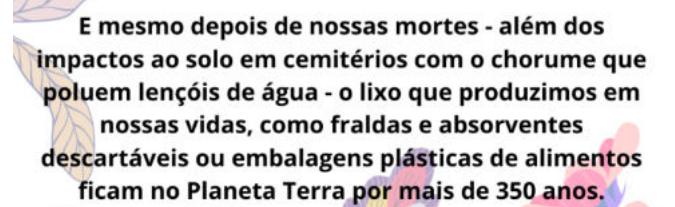
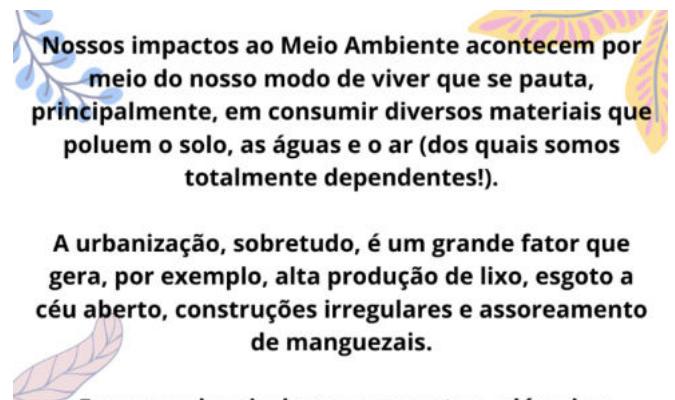


Para refletirmos sobre nossas atitudes de proteção ao Meio Ambiente preciso te questionar:

Você sabia que todos nós, seres humanos, impactamos o Planeta Terra desde o nosso nascimento até depois da nossa morte?



@alinediwa Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade



Grande parte das/os cientistas concordam que o modo de produção capitalista e suas lógicas de consumo é o grande responsável pela destruição do Planeta Terra e seus recursos naturais.

Os processos das múltiplas indústrias geram diversos resíduos e poluentes no ar, nos solos e nas águas.

As ações industriais massivas causam impactos como alteração no clima, desmatamentos, queimadas, extinção de animais e perda da diversidade da flora e da fauna.



@alinediwa Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

A seguir pontuarei algumas atitudes diárias visando proteger o Meio Ambiente com consciência e intencionalidade:

- Reflita sempre sobre a geração de lixo, principalmente aqueles de uso de uma única vez, como o plástico filme que pode ser substituído pelo pano de cera ou guardanapos e filtros de café de papel por guardanapos e filtros de tecido.
- Conheça o tempo de decomposição dos materiais e seus ciclos e possibilidades de reciclagem.
- Evite o uso de embalagens em aerossóis, como desodorantes e repelentes!
- Reutilize os materiais recicláveis em seu dia-a-dia, como potes de vidro se tornando porta mantimentos.



@alinediwa Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade



Pensando sobre a influência mundial do capitalismo e dos processos de consumo e impacto ambiental, podemos utilizar os "8 R's da Sustentabilidade" em nossas ações individuais e locais diárias visando o cuidado coletivo e a proteção global:

1. Refletir,
2. Reduzir,
3. Reutilizar,
4. Reciclar,
5. Respeitar,
6. Reparar,
7. Responsabilizar-se e
8. Repassar.

@alinediwa Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade



- Observe a quantidade de materiais plásticos que te cercam e pesquise maneiras de substituí-los evitando a produção de lixo que ficarão no Planeta Terra por centenas de anos após sua morte. Escolha escova de dentes de madeira, fraldas e absorventes de pano e coletor menstrual, por exemplo.
- Não aceite o uso de sacolas plásticas em mercados e farmácias. Use caixas de papelão ou tenha sempre consigo as suas sacolas de tecidos/retornáveis.
- Evite o consumo e uso de materiais descartáveis! Assim, diminua o consumo de plástico, principalmente descartáveis em seu dia-a-dia como os copos de água e café.
- Evite o uso de canudos e talheres descartáveis. Tenha consigo um kit alimentação com toalha ou guardanapo de tecido, canudo de metal, copo/caneca e talheres retornáveis. Evite também marmitas de isopor e alumínio.

@alinediwa Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

- Não desperdice! Economize energia elétrica (apague luzes sem uso, escolha por lâmpadas fluorescentes e desligue, se possível da tomada, aparelhos eletrônicos que não estão em utilização). Economize também gás de cozinha e combustível.
- Desligue chuveiros, torneiras e mangueiras de água quando não estiverem em uso; conserte vazamentos com urgência; aproveite a água da chuva e da máquina de lavar roupas.
- Reduza a impressão e xerox de papéis e utilize sempre os dois lados da folha. Prefira por documentos digitais (como contas de água, luz e telefone e exames médicos).
- Quando for presentear alguém prefira por embalagens de tecido, caixas de madeira ou sacolas retornáveis.



- Considere a diminuição de carnes animais e aumente o consumo de vegetais orgânicos, evitando agrotóxicos/venenos. Participe da campanha Segunda Sem Carne e tenha vasos de temperos em sua cozinha. Se tiver espaço, produza sua própria horta. Congele comidas antes que elas estraguem.
- Plante árvores, principalmente frutíferas e faça isso em um dia especial como em homenagem a alguém e tenha flores plantadas por perto incentivando a polinização por aves e insetos.
- converse com seus familiares e amizades sobre doação de órgãos e cremação. É importante ter diálogos como este entendendo o ciclo natural da vida e ter o conhecimento de suas vontades e perspectivas sobre as coisas e pessoas que ficam na vida após sua morte.

Me conta: quais dessas ações você já pratica em seu dia-a-dia?
Quais ações você achou interessante e considera inserir em seu viver?



@alinediwa Pesquisadora de
Meio Ambiente e Sexualidade

Interaja:



EDUCAÇÃO SEXUAL PARA CRIANÇAS

(OU PARA ADOLESCENTES, JÓVENS, ADULTAS/OS E IDOSAS/OS)

COMO ACHAM QUE É:



COMO REALMENTE É:



Doutoranda em Educação @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

Instaura-se no ideário social uma visão totalmente equivocada sobre Educação Sexual. Diversas **notícias falsas** (fake news) e perspectivas (ditas) **tradicionais e conservadoras** reforçam o entendimento errado que Educação Sexual, principalmente para crianças, é **estimular a atividade sexual precoce**.



ALERTA! TOME CUIDADO COM FAKE NEWS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL!

Estas concepções baseadas nas mentiras reforçam **tabus e medos**, perpetuando processos de **Educação Sexual que não pensam o Ser em sua Inteireza**, gerando mais fragmentações e perspectivas exclusivamente **biologizantes, hipersexualizadas e erotizadas**.



Doutoranda em Educação @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

Educação Sexual nas Escolas - para crianças, adolescentes, jovens, adultas/os e idosas/os - **nunca foi e nunca será sobre ensinar sexo e posições sexuais.**



Mas então o que é a Educação Sexual?



Doutoranda em Educação @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

Desta maneira, comprehende-se que a **Educação Sexual está acontecendo a todo momento, já que somos seres sexuados em processo constante de Educação.**

Com isso em mente é preciso atentar-se em como a Educação Sexual acontece: **de maneira que liberta e faz refletir e agir com consciência amorosa? Ou de maneira que esconde, opriime, machuca e violenta?**



Doutoranda em Educação @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

"Educação Sexual refere-se aos processos culturais contínuos, **desde o nascimento** que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e componentes ligados às **manifestações de sua sexualidade**.

Essa educação é dada indiscriminadamente na **família, na escola, no bairro com amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas**. É a **própria evolução da sociedade** determinando os padrões sexuais de cada época e, consequentemente, a Educação Sexual que será levada ao indivíduo”
(RIBEIRO, 1990, p. 2-3).

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: E.P.U., 1990.



Doutoranda em Educação @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade



Toda Escola que não aborda intencionalmente a Educação Sexual tem a **Sexualidade como currículo oculto**. O que isto quer dizer?

Que a temática é constantemente abordada nas maneiras de se relacionar, como por exemplo: nas dinâmicas de formação de fila, nas brincadeiras e nos jogos, nos momentos de higiene e alimentação, nas atividades de desenhar e colorir, nas conversas sobre as formas de ser família, nos costumes e formas de se vestir.



Doutoranda em Educação @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade



Este conteúdo lhe foi interessante?

-  Interaja comigo:
Mostre que Gostou!
-  Comente sua opinião!
-  Envie para uma pessoa que possa achar agregador este conteúdo!
-  Salve para ter em seus registros e ler quando quiser!

Doutoranda em Educação @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade



**Tenho o mesmo sonho que Paulo Freire:
quero ser lembrada como alguém que
amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a
terra, a água, a Vida!**

Aline Diniz Warken (2018)
@alinediwa



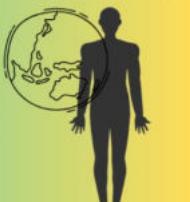
Todos nós, seres humanos, temos duas coisas em comum:

Temos nossa "Casa-Corpo" (Sexualidade) e temos nossa "Casa-Planeta" (Meio Ambiente)!

Somos Seres Ambientais-Sexuais e devemos cuidar bem de nossas "duas Casas"! Afinal:

Eu protejo a Terra, porque Eu Sou Ela (WARKEN, 2018, p.150).

Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES
@alinediwa




**Eu protejo a Terra
porque Eu Sou Ela!**

(WARKEN, p.150, 2018)
Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e
Sexualidade @alinediwa



APÊNDICE 2: “CARDÁPIO” DOS PODCASTS DO PROGRAMA DE RÁDIO EDUCAÇÃO SEXUAL EM DEBATE 2007 A 2020

Em fevereiro de 2021, foi iniciada pela Doutoranda Aline Diniz Warken a ação de partilhar, por meio do canal no YouTube® GRUPO EDUSEX UDESC, os mais de 400 programas de rádio “Educação Sexual em Debate”, que comemora 15 anos no ar em 2022.

Nossos programas são comumente utilizados como meio de formação de educadoras e educadores (em cursos de professoras/es e profissionais da Educação e diálogos em reuniões na Escola com as famílias, por exemplo).

Convidamos você a se inscrever no nosso canal para receber nossas entrevistas de rádio (material de áudio/podcast) e ampliar seus conhecimentos acerca da Educação Sexual, bem como compartilhando com seus grupos as valiosas reflexões. (<https://www.youtube.com/@grupoedusexudesc>)

Confira abaixo nosso “cardápio” dos programas postados até o momento:

2020

1. Gustavo Kremer (Delegado da Delegacia de Proteção à Criança, Adolescente, Mulher e Idoso – DPCAMI da Capital) – **Feminicídio** - <https://youtu.be/zs53PMxNUDs>
2. Daniela Ferreras – Cantora e Compositora – Mês de **Celebração à Mulher** com Lançamento CD “O tempo sobre nós” - <https://youtu.be/uiKUIpx0AHQ>

2019

3. Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, da UNESP/ Araraquara - **Educação Sexual e sua importância enquanto ação de cidadania e direitos** - <https://youtu.be/9jD5mfbNSJo>
4. Dr. Ronaldo Zonta - Coordenador do Departamento de Gestão Clínica e Médico do Ambulatório da Profilaxia Pré-Exposição ao HIV/Policlínica do Centro de Florianópolis - Secretaria Municipal de Saúde - **Novembro Azul** - <https://youtu.be/j5SmIuv7C-c>
5. Dra. Cristina Monteggia Varela - Tese de Doutorado: **Heterotopias e resistências na formação em educação para a sexualidade** - <https://youtu.be/rHGtrOKoxEA>
6. Dra. Maria Aparecida Clemêncio e, a mestrandona PPGMUS, Eloísa Costa Gonzaga - **NUDHA - Núcleo Diversidade, Direitos Humanos e Ações Afirmativas CEART/UDESC** - <https://youtu.be/qWvon0udkqo>
7. Cleusa Maria da Costa (Voluntária da AMUCC - Amor e União Contra o Câncer) - **Outubro Rosa** - <https://youtu.be/OFgw6BPWwD0>

8. Coletivo de Mulheres 'Elo das Marias' - **Coletivo construído com o Centro de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (CREMV)** - <https://youtu.be/DVPrbFgS5Q>
9. Professora Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia, da UNESP/Bauru - **Sexualidade e Deficiências** - <https://youtu.be/ys89ck7e8Uw>
10. Maryanne Mattos (Educadora, Especialista em Educação Sexual pela UDESC, Agente da Guarda Municipal de Florianópolis, Ex Comandante da Guarda Municipal de Florianópolis e Ex Secretaria Municipal de Segurança) e Ramon Pereira da Silva (Agente da Guarda Municipal e Maestro) - **Coral Vozes Que Não Calam** - <https://youtu.be/szBz9lhPzvQ>
11. Superintendente da Região Continental PMF Rejane da Silveira Ribeiro e a Psicóloga Larissa Machado Muller - **SETEMBRO AMARELO -MULTIPLICANDO NOSSOS DIREITOS** - <https://youtu.be/XsITtW2Q01o>
12. Mestranda do PPGE/UDESC e Professora da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, Luiza Oliveira de Liz - **Projetos "Capoeira na Escola" e "Maculelê"** - <https://youtu.be/itq1uWEzlHs>
13. Cecília da Silva (Mestra e Professora da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis)- **Projeto para Educação Infantil "Pés para que os quero, se tenho asas para voar"** - <https://youtu.be/1H3nzQ0cquY>
14. Delegado Paulo Henrique Ferreira de Deus, da DPCAMI - 6ª Delegacia de Proteção à Criança, ao Adolescente, à Mulher e ao Idoso da Capital - **AGOSTO LILÁS - mês de conscientização pelo fim da violência contra a mulher e sobre Violência Doméstica Contra a Mulher** - <https://youtu.be/7yNBeD67jl8>
15. Mestras Márcia de Freitas Brys e Aline Diniz Warken, e as Bolsistas de Extensão Sabrina Amorim e Mariana Galdino - **Divulgação do XII Colóquio dos Grupos Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual** - https://youtu.be/Yu9kU_m0IJI
16. Professora Renata Benedet, o diretor Ademir Stahelin e alunos do 2º ano do Ensino Médio, da Escola de Educação Básica Governador Ivo Silveira - **Projeto Que Mundo é Esse? DEEP WEB - Os malefícios e os benefícios. Segurança Virtual: Exposição nas redes** - <https://youtu.be/6e0J9WUUhPc>
17. Mestra Laura Veiga Bosco - Dissertação de mestrado '**Educação Sexual e Formação Continuada de Professores e Professoras na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC**' - https://youtu.be/_ow43oZNfrU
18. Mestra Aline Diniz Warken, membro do grupo de Pesquisa EDUSEX - Dissertação de mestrado '**Estudo Exploratório sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas Interfaces à Luz do Pensamento paulofreireano**" - <https://youtu.be/-4SZlbBUTPs>

19. Mirelle Jorge Cunha dialogando sobre seu estudo intitulado "**Nós podemos: sororidade na escola e revitalização do banheiro feminino**" - <https://youtu.be/UWXjUkwJK6A>
20. Doutora Maíra Marchi Gomes, psicóloga da DPCAMI (Delegacia da Mulher de São José) sobre **Discurso jurídico sobre violência sexual à luz da Psicanálise e da Criminologia Crítica** <https://youtu.be/KhRi95wCHV0>
21. Mestrando Rodolfo Marchetti Lorandi, do Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Artes - CEART sobre seus estudos de dissertação a respeito da **CONDUÇÃO NA DANÇA: O movimento das relações sempre em condução visto a partir das danças sociais e de suas pedagogias radicais** <https://youtu.be/oJc8aHembQw>
22. Mestra Enemarí Salete Poletti (Membro do Grupo de Pesquisa EDUSEX) e Orientadora Educacional da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (Representando o Grupo do Projeto em diálogo) sobre Projeto desenvolvido na Escola de Ensino Médio Jacó Anderle no espaço escolar "**Diálogo intencional sobre educação Sexual com adolescentes: relato de experiência**" <https://youtu.be/Nbm4xsHZTvA>
23. Doutoranda Raquel da Veiga Pacheco (Membro do Grupo de Pesquisa EDUSEX), do Programa de Pós Graduação da UDESC, e Orientadora Educacional da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis sobre Projeto de doutorado "**Consolidação da Educação Sexual como tema de pesquisa: mapeamento das dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação no Brasil**" <https://youtu.be/J4h1kjRsKM8>
24. Dra. Dhilma Lucy de Freitas e Dra. Vera Márcia Marques Santos sobre **Projeto WebEducaçãoSexual e divulgação livro WebEducaçãoSexual: A Educação no Espaço Escola** <https://youtu.be/lS2n0Gjmzbk>
25. Doutoranda Márcia de Freitas Brys (Membro do Grupo de Pesquisa EDUSEX), do Programa de Pós Graduação da UDESC, e Supervisora Escolar da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis sobre seu tema de **doutorado sobre rádio educativa e sua viagem a Aveiro (Portugal) no doutorado sanduíche** <https://youtu.be/haxF1i9GY2Q>
26. Dra. Mary Neide Damico Figueiró sobre "**Educação Sexual: compromisso de professores e professoras**" <https://youtu.be/WwBrbyEa8JA>
27. Professora Dra. Nailze Pereira de Azevedo Pazin sobre Projeto Igualdade de gênero na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito: **Educando Meninas e Meninos** <https://youtu.be/C1h9Cu80wtA>

28. Juliana Couto Shiraiwa, Embaixadora do Technovation Challenge Florianópolis sobre **Desafios da tecnologia para meninas** <https://youtu.be/4DFSjKVihEQ>
29. Professora Dra. Marlene de Fáveri sobre "**Março Feminista da FAED**", Um projeto de extensão do LABGEF <https://youtu.be/navbe9xx3pw>
30. Professora Dra. Juliane Di Paula Queiroz Odinino, representando o Movimento 8 de março, na edição de 2019 sobre "**8Marielle. Greve Internacional de Mulheres 2019. Vivas, Livres e Resistentes!**" <https://youtu.be/bmfGxs98l-E>
31. Delegada Michele Alves Correa sobre **Ofício de Delegada** <https://youtu.be/FHayZ65udKM>

2018

32. Maria Gabriela Abreu, professora de Língua Portuguesa e mestrandona da UFSC sobre **Trajetória acadêmica e profissional e premiações na carreira como docente** <https://youtu.be/B6rtvdZe3qk>
33. Janete e Pedro Teixeira sobre **Cursinho pré-vestibular comunitário gratuito** https://youtu.be/_kXZ1B9ZH0o
34. Sr. Irineu Nunes, gerente Administrativo do CEPON sobre **Serviço oncológico** https://youtu.be/o_yJ6H3W2hY
35. Dra. Cristina Nunes, professora do curso de Design sobre "**O que queria Helena de Tróia?**" <https://youtu.be/DUwOQztacWw>
36. Sharlene Melanie, Doutoranda de Design da UFSC e Professora da Faculdade Energia sobre Projeto "**Do corpo ao Movimento**" https://youtu.be/pv_SIQZz0FY
37. Guilherme Martins, mestrando PPGInfo – UDESC sobre Dissertação "**Representações sociais de bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca da temática gênero e sexualidade**" <https://youtu.be/Qjkd4IQF3WE>
38. Wanda Helena Mendes Muniz Falcão, advogada e doutoranda em Direito da UFSC sobre Atividades do **NEJUSCA - Núcleo de Estudos Jurídicos e Sociais da Criança e do Adolescente - e os principais desafios enfrentados pelo Direito da Criança e do Adolescente no Brasil** <https://youtu.be/H4Sjewm3wfE>
39. Marinês da Rosa, Doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas/ UFSC, Pesquisadora do NIGS/UFSC - Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades e Professora de Sociologia na UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso em 2º diálogo

sobre a Tese em andamento “**As emoções na interação entre mulheres encarceradas**”
<https://youtu.be/Kjxf22sXOTU>

40. Fernando Nascimento, mestrando do CEART/UDESC sobre Experiência de trabalhar as questões de gênero e diversidade nas aulas de teatro <https://youtu.be/tzSCeU83wEQ>
41. Ana Paula Nunes Alves, delegada substituta da Delegacia Federal do Desenvolvimento Agrário no Estado de Santa Catarina sobre **Agricultura familiar** https://youtu.be/u_-WPJB3WJ0
42. Tayná Campos Wolf sobre **Protagonismo feminino e o trabalho no coletivo “Nós, as poetas”** <https://youtu.be/Kxkj cavJakE>
43. Marinês da Rosa, Doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas/ UFSC, Pesquisadora do NIGS/UFSC - Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades e Professora de Sociologia na UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso em 1º diálogo sobre a Tese em andamento “**As emoções na interação entre mulheres encarceradas**”
<https://youtu.be/ZF11kup4F3o>
44. Mestra Aline Zilli, coordenadora da Endomarcha SC sobre **Conscientização da Endometriose**
<https://youtu.be/BUVd7u3yADI>
45. Edison Marconi Dittrich Schimitt, defensor público e presidente da Associação dos Defensores Públicos do Estado de Santa Catarina sobre **LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. A Lei Maria da Penha** <https://youtu.be/jeNZ9k1Vptw>
46. Ligia Moreiras Sena, da Plataforma Cientista que Virou Mãe sobre Leituras propostas na **Plataforma e Eventos que antecedem o dia 8 de março** <https://youtu.be/inLabFOqAC4>
47. Professoras Jaqueline Alice e Luiza sobre **Possibilidades de uma Educação sexual emancipatória intencional no espaço da Educação infantil** <https://youtu.be/G5xr1ujA1Ec>

2017

48. Vitor Fernando Pereira Martins sobre **Saúde da população urbana e cidades inteligentes**
<https://youtu.be/l7OofZv9Z2o>
49. Ligia Moreiras Sena sobre **Plataforma Cientista que virou Mãe**
<https://youtu.be/9lqG1pDP4Hw>
50. Juliana Rego Silva, psicóloga e mestrandona, sobre **A Laicidade no Estado**
<https://youtu.be/0u5Ri-iifU>

51. Luana Mendonça, graduanda Psicologia UFSC, sobre **Coletivo Mães Estudantes da UFSC** <https://youtu.be/v13doZ8RGik>
52. Dra. Ligia Moreiras Sena sobre **Mães Estudantes** <https://youtu.be/CLzpe--QGe8>
53. Barbara Biscaro, professora e atriz, sobre **Teatro com perspectiva de gênero** <https://youtu.be/yG09QIUqcrE>
54. Dra Maria Alves de Toledo Bruns sobre **M dia e a Adultiza o/Erotiza o da Infância e da Adolescência** <https://youtu.be/S2L9u4l1xb4>
55. Profa Maria Brígida de Miranda, mestrando Fernando e doutoranda Jussyane sobre **Mostra Rosa e Teatro** https://youtu.be/gjcG_s5jWu4
56. Vitori Elena, acadêmica Pedagogia, sobre **Coletivo Visibilidade L sbica UDESC Florianópolis** <https://youtu.be/sH0m36Gs9Rg>
57. Mestranda Aline Diniz Warken, Doutoranda Márcia de Freitas, Laura, Maria Eduarda e Mariana Galdino, acadêmicas da 4^a fase Pedagogia sobre **Semana da Pedagogia UDESC** <https://youtu.be/loOlp9b3nQE>
58. Mestra Aline Zilli sobre sua **dissert o “Mudar   dificil, mas   possível”** <https://youtu.be/WiyB5nYUPQo>
59. Dra. Celina Tenreiro-Vieira sobre **Forma o dos professores no ensino de Ciências** <https://youtu.be/7D8Jf4U1AaE>
60. Dr. Rui Marques Vieira sobre **Pensamento crítico na Educa o** <https://youtu.be/78EarP-CwiY>
61. Lirous K'yo, presidente da ADEH, sobre a **ADEH – Associa o em Defesa dos Direitos Humanos** - Organiza o Não-Governamental com Enfoque na Sexualidade <https://youtu.be/n1FRp3bbYgs>
62. Marcos Rogerio dos Santos, doutorando PPGE UFSC, sobre **As visitas int mas nos presídios** <https://youtu.be/STLI7evi80I>
63. Mellany Viaro Gobbi de Mattos, Pedagoga e Mestranda, sobre seu **Trabalho de Conclusão de Curso "Quem educa o educador? Do vivido em cotidianos escolares   analise do prescrito em documentos legais como indicadores às vivências de processos de educa o sexual emancipatória"** <https://youtu.be/ZZ6q7o9g5aQ>

64. Maryanne Mattos, Comandante da Guarda Municipal e Secretária de Segurança Pública do Município de Florianópolis, sobre **Ações da Guarda Municipal às Mulheres de Florianópolis** <https://youtu.be/jsmD5mqi9EY>
65. Advogada Eunice Schlieck e a Psicóloga Sheila Ortiz sobre **Constelação Familiar** <https://youtu.be/r7vng8vkRPQ>
66. Lilian Vaz Martinho, terapeuta Ocupacional do CEPON e Presidente do GAMA, sobre **O atendimento multiprofissional do paciente oncológico** <https://youtu.be/NgSGK1Qv41M>
67. Enio Gentil Jr, advogado e mestre, sobre **Adoção** https://youtu.be/Zy3g_Tq4Gjg
68. Dra. Ligia Moreiras Sena sobre **Violência obstétrica no Brasil (parte II)** <https://youtu.be/7qy4zGRmJlY>
69. Aline da Silveira sobre **Drag Queen** <https://youtu.be/UnqpHRQY9SU>
70. Dra. Ligia Moreiras Sena sobre **Violência obstétrica no Brasil (parte I)** <https://youtu.be/dTP3reMLYrQ>
71. Juliana Cristina Bel sobre **O ensino de Filosofia para crianças** <https://youtu.be/08gFG7PaejU>
72. Rosimeire Silva e Ana Araújo, atrizes, sobre **(Em) Companhia de Mulheres – coletivo de pesquisa teatral feminista** https://youtu.be/L4lq5gQ8W_Y
73. Mestranda Aline Diniz Warken sobre **Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola “INFLUÊNCIAS DO CIBERATIVISMO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE GÊNERO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES”** <https://youtu.be/eh8WZ9AqhmU>
74. Candinha Marchi sobre **Associação Catarinense das pessoas ostomizadas** <https://youtu.be/jM0upt52kSg>
75. Profa. Dra. Olga Z. Garcia sobre **Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola UFSC** <https://youtu.be/CwpDJVqlLDc>
76. Tania Slongo sobre **8M Greve Internacional das Mulheres** <https://youtu.be/0oYbB2TKrmE>

2016

77. Emeli Bruna Barossi e Isadora Caroline de Souza Lunge, contadoras de histórias, sobre **Antiprincesas** <https://youtu.be/rMgThf4Waog>

78. Profa. Dra. Patrícia de Oliveira e Silva sobre “**Compondo a cena de dissenso na retirada dos termos igualdade de gênero e educação sexual do PNE 2014- 2024: Uma crítica em torno do cenário em questão**” <https://youtu.be/BtBk2fRGCaM>
79. Malu Magno, fisioterapeuta, sobre **Mutirão Outubro Rosa – Papel da Fisioterapia na Oncologia** https://youtu.be/fwqB3i8-_qc
80. Ricardo Waick, advogado, sobre **Comissão de Direitos Homoafetivos da OAB-SC** <https://youtu.be/AXiIGrXJ1Zg>
81. Prof. Dagoberto Bordin sobre **Rádio Comunitária da Pinheira** <https://youtu.be/gdjqnGtqA6M>
82. Mellany Mattos, acadêmica em Pedagogia UDESC, sobre **A participação da acadêmica no Eramus Mundus** <https://youtu.be/JH3bYGSdL9I>
83. Sra. Zita Sander de Meireles sobre **Rede Feminina de combate ao câncer** <https://youtu.be/3ZTDznhjFiY>
84. Ana Paula Alves, escrivã “adhoc”, sobre **Delegacia da Criança e Adolescente de Florianópolis** <https://youtu.be/GU-BFHczMGM>
85. Paula Guimarães dialogou, pela segunda vez, sobre Portal Catarinas <https://youtu.be/wsJvjjzOucCY>
86. Sarah Massignan, Dandara Manoela e Cauane Maia sobre **Grupo Cores de Aidê** <https://youtu.be/lkQTK-PbKpk>
87. Gislaine Waltrick sobre **Educação Sexual em Geografia** <https://youtu.be/PlkzM1YxDWY>
88. Professor Dagoberto Bordin sobre seu trabalho “**Inscrições de si: da porta de banheiro ao chat**” <https://youtu.be/yEQdo-qD86o>
89. Ana Paula Alves, escrivã “adhoc”, sobre **Delegacia da Mulher** <https://youtu.be/CBOvKc9y3D0>
90. Camila Detoni Sá de Figueiredo, psicóloga e mestra sobre Lançamento do seu **livro “Adolescentes na sociedade do espetáculo e o Sexting: vulnerabilidade, alertas, desafios, caminhos a seguir”** <https://youtu.be/PjJs4k2O1Aw>
91. Gabriela Dutra de Carvalho, doutoranda, sobre o **Curso online “Educação Sexual começa na infância”** <https://youtu.be/5PYvU6y1ZVo>

92. Juliana Silva e Adriana Rodrigues sobre **Clínicas de testemunho** <https://youtu.be/RrwALN50Sy0>
93. Adriano Denovac sobre **Documentário “Bichas”** <https://youtu.be/OPQSFjg3ryA>
94. Antero Maximiliano dos Reis sobre **TRABALHO INFANTOJUVENIL, IMPACTOS E DILEMAS DO ECA: A LUTA POR DIREITOS NA JUSTIÇA DO TRABALHO – TRT 12 (FLORIANÓPOLIS, DÉCADA DE 1990)** <https://youtu.be/lLE4dswWCj8>
95. Paula Guimarães dialogou, **pela primeira vez, sobre Portal Catarinas** <https://youtu.be/s7AX8CcUpM>
96. Aline Dias, mestrandona, sobre **ICONOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO FEMININA: A CONSTRUÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA PÓS-LEI 10.639** <https://youtu.be/UZ1iXpEqIgM>
97. Soraia Carolina de Mello, doutoranda, sobre **Discussões feministas na imprensa para mulheres: revista Claudia e o trabalho doméstico (1970-1989)** <https://youtu.be/YPPQC5QbJwo>
98. Profa. Dra. Caroline Jaques Cubas sobre **DO HÁBITO AO ATO: VIDA RELIGIOSA FEMININA ATIVA NO BRASIL (1960-1985)** <https://youtu.be/68JWMVVubx4>
99. Profa. Dra. Marlene de Fáveri sobre **Semana Feminista** <https://youtu.be/2NHMJXHYZpl>
100. Profa. Dra. Dilma Freitas sobre **Caminhada de uma pesquisadora em Educação Sexual e sobre a conferência online em comemoração ao Dia da Mulher** <https://youtu.be/6W04aSIWLOU>
101. Edléia Rosa Schmidt, presidente do Conselho Estadual do Idoso, sobre **Saúde do Idoso** https://youtu.be/7NJr_1425IU

2015

102. Profa. Mariana de Oliveira Mendes, pedagoga, sobre **Projetos de trabalho na Educação Infantil e as relações de gênero na creche** <https://youtu.be/A3PESrMeNUM>
103. Dalva Maria Kaiser e Flavia Helena de Lima sobre **Coordenadoria Municipal de Políticas públicas para a promoção da igualdade racial e sobre a Campanha dos 16 dias do Ativismo pelo fim da violência contra a mulher** <https://youtu.be/ZrNT7lmn2Ps>

104. Érica de Oliveira Gonçalves (supervisora), Álvaro Augusto Rodrigues (professor de Artes), Josué Francisco Moraes, José Gabriel Moraes e Evelyn Vitória Virtuoso (alunos) sobre **Concurso de cartazes NIGS (Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividade) – UFSC** <https://youtu.be/luXymbESAIY>
105. Dalva Maria Kaiser, coordenadora, sobre **Ações da Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres a CMPPM** <https://youtu.be/HxDS3atc0KU>
106. Doutoranda Enaiane Cristina sobre **A relação entre a atividade física e a incontinência urinária em mulheres** <https://youtu.be/uYhxQoAKi8g>
107. Enfermeira da UDESC, Valdirene Avila sobre **Projeto Promovendo a saúde dentro da Universidade: 1ª etapa- Saúde e Bem-estar na UDESC** https://youtu.be/yJd5Eof_ac
108. Assistente Social da UDESC, Salete T. Pompermaier sobre **Enfrentamento da Violência contra a pessoa Idosa** <https://youtu.be/y-NIJ-UKY2E>
109. Profa. Dra. Giovana Zarpellon Mazo sobre **As ações do Grupo de Estudos da Terceira Idade GETI – UDESC** <https://youtu.be/eUJA5V8fiK60>
110. Mestra Camila Detoni de Sá Figueiredo, psicóloga, sobre **Sexting** <https://youtu.be/wjXtEuRtTjQ>
111. Enfermeira da UDESC, Valdirene Avila, sobre **O SASS da UDESC e mais especificamente sobre o serviço de enfermagem na UDESC campus Florianópolis** <https://youtu.be/zFtVvONzbME>
112. Grupo Cores de Aidê sobre **Empoderamento feminino** <https://youtu.be/-AArADEgtcA>
113. Dra. Jimena Furlani sobre **Os Planos de Educação e a ideologia de gênero** <https://youtu.be/lCuPCh8osz0>
114. Prof. Dr. Lourival José Martins Filho sobre **O Plano Nacional, Estadual e Municipal de Educação** <https://youtu.be/ej4-QsfTQFQ>
115. Major Arlene Sousa da Silva Villela sobre **A mulher na Polícia Militar de Santa Catarina, e sobre a formação dos/das policiais do que atuam nesse Estado** https://youtu.be/voriz_sCDpQ
116. Conselheira Tutelar Marla Sacco Martins sobre **Prevenção da violência contra crianças e adolescentes** <https://youtu.be/ZTEbFlphWKs>

117. Pedagoga Evanize Nara Guckert sobre **A percepção dos Professores da Educação Infantil sobre a Sexualidade de seus Alunos** <https://youtu.be/4ZgG1vGRG3I>
118. Enfermeira Mestra Andreia Valeria Souza Miranda sobre **Educar para a Saúde e Compreensão Humana: A Vida Cotidiana do Cuidador Familiar do Portador de Transtorno Mental** <https://youtu.be/cpRlpafzBKK>
119. Profa. Dra. Vera Marcia Marques Santos acerca do **Todo dia é 18 de maio: Sobre o enfrentamento da violência infanto-juvenil** https://youtu.be/a_QPSjb85g8
120. Acadêmico Arthur Rogoski Gomes sobre **Vivências do bolsista de extensão do LabEdusex: contação de história** <https://youtu.be/WMqvK-SMF0Y>
121. Psicóloga Débora Gomes sobre **DST/AIDS e deficiências: um estudo sobre a vulnerabilidade de pessoas com deficiência visual** <https://youtu.be/RAzF75kTMTw>
122. Professoras Aline Silva Zilli e Greyce Bressan e alunas Maria Gabriela e Bianca sobre **Prática Educomunicativa em Língua Portuguesa II (2º encontro sobre o tema)** <https://youtu.be/DEHhlb65Kio>
123. Mestranda Márcia de Freitas sobre **Programas que já foram ao ar no Educação Sexual em Debate** <https://youtu.be/JBF1CqLRK3A>
124. Profa. Aline Silva Zilli sobre **Prática Educomunicativa em Língua Portuguesa I (1º encontro sobre o tema)** <https://youtu.be/nd-VRDO47r4>
125. Profa. Dra. Flavia Motta LABGEF FAED, com participação da Acadêmica de Pedagogia Laura Baldi, sobre **Semana Feminista FAED** <https://youtu.be/A3kBpB8pZCQ>
126. Dhilma Lucy de Freitas sobre **Projetos Webinar** <https://youtu.be/Ys8rND-pYMs>

2014

2013

2012

127. Helena Berton H., Psicóloga Judiciária sobre **Abuso Sexual** <https://youtu.be/NCEaQiwE3wo>

128. Profa. Andréia Ferrão sobre **Autismo e Sexualidade** <https://youtu.be/rc1Pqbs5q2w>
129. Acadêmicas Mariana e Isadora sobre **Trabalho desenvolvido pelas bolsistas no Programa de Extensão Formação de Educadores e Educação Sexual e Novas Tecnologias etapa 4** <https://youtu.be/FN87DEJ9PrM>
130. Profa. Dilma Lucy de Freitas sobre **I Conferência online de Educação Sexual** <https://youtu.be/7QU8DCoByzc>
131. Profa. Graziela R Pereira sobre **Segundo Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual, Pesquisas Intervenções e direitos** <https://youtu.be/rWdXnt5mAtl>

2011

132. Dalva Maria Kaiser sobre **Políticas públicas para as mulheres em Florianópolis** <https://youtu.be/4-K8YyUf4oA>
133. Debora Marques Gomes sobre **DST / AIDS e deficiência – Um estudo sobre a vulnerabilidade de pessoas com deficiência** <https://youtu.be/z6xpm4xDek>

2010

134. Marcilene Alberton G. Chaves sobre **Associação Catarinense para a Integração dos Cegos – ACIC** https://youtu.be/xvy_Kp0psQ
135. Acadêmica Flávia e o Acadêmico Valdeci sobre **Como foi cursar a disciplina Educação Sexual** <https://youtu.be/-HtBfGHkWo>
136. Acadêmicas Marina e Raquel sobre **Desenvolvimento de um protótipo de programas de TV Educação Sexual em Debate como subsídio em processo de formação continuada de professores** <https://youtu.be/Jq1JlyQpkqc>
137. Professoras Vera Marques Santos e Gabriela de Carvalho sobre **Temática sobre a Máquina de camisinha nas escolas SPE – Saúde e prevenção na Escola – 13 a 19 anos** <https://youtu.be/1Vjyq9MCkgg>
138. Dalva Maria Kaiser sobre **Campanha de 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres** <https://youtu.be/-3PkYmCLRk>

2009

139. Priscila Linhares Albino, Promotora de Justiça sobre **Dia estadual de combate à violência infanto- juvenil** <https://youtu.be/2Ek6W5wQfZ8>
140. Acadêmica e Bolsista Aline Decker sobre **Processo de educação sexual e a disciplina Educação Sexual na formação de professores** <https://youtu.be/pbhq5HjbdIY>
141. Acadêmicas Maria Fernanda e Mariana sobre **Como foi cursar a disciplina Educação Sexual** https://youtu.be/lv2mFURC_UY
142. Professoras Claudia Ribeiro e Patrícia Mendes sobre **Sexualidade Infantil** <https://youtu.be/BvUoapA5lql>
143. Prof. Tito Sena sobre **Corpo** <https://youtu.be/k91DSmtF5vc>
144. Profa. Dilma Lucy de Freitas sobre **Educação sexual na escola: experiências como educadora** <https://youtu.be/E4wgbhPTEnc>

2008

145. Profa. Patrícia Mendes **Adolescência gênero, AIDS nos significados atribuídos por jovens de três escolas de Florianópolis** sobre <https://youtu.be/sbmZWOBgc7Q>
146. Profa. Maria Helena, do Colégio de Aplicação, sobre **Educação Sexual na Escola: Experiências práticas e relatos de uma educadora** <https://youtu.be/nMQG4FvYK0g>

2007

147. Professoras Dilma Lucy de Freitas e Patrícia Mendes sobre **Sexualidade adolescente** https://youtu.be/2N8MfvW_orY
148. Professoras Dilma Lucy de Freitas e Graziela R. Pereira sobre **Educação sexual também é prevenção – Estudo comparativo da compreensão sobre a AIDS no Brasil e Portugal** <https://youtu.be/OfDrZPOyiMc>
149. Profa. Ana Claudia Bortolozzi sobre **Sexualidade e deficiências** <https://youtu.be/uqRjlHg8HN0>

APÊNDICE 3: ARTES DE CONTEÚDOS CRIADOS PARA AS REDES SOCIAIS DO GRUPO EDUSEX UDESC

Quem somos?

"O Grupo de Pesquisa EDUSEX – Formação de Educadores e Educação Sexual/CNPq/UDESC, nos seus mais de trinta anos de história, trabalha sob um eixo paradigmático do materialismo dialético, numa perspectiva que subsidie uma educação sexual emancipatória, intencional e de sensibilização sobre a temática sexualidade, transversalizando todo o seu projeto de formação de professores, em todos os níveis escolares formais e espaços educativos não formais" (MELO; WENDHAUSEN, 2019).

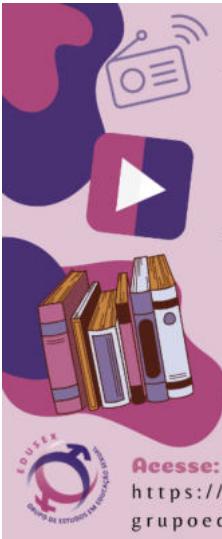
@alinediwa para @grupoedusexudesc



Já entrou em nosso linktr.ee?

Lá você tem acesso à todas as nossas redes sociais e aos nossos materiais como vídeos, podcasts, cadernos pedagógicos, teses e dissertações!

Acesse: [@alinediwa para @grupoedusexudesc](https://linktr.ee/grupoedusexudesc)



O QUE É SEXO?

"NO SENSO COMUM, "SEXO" TEM SIDO CONHECIDO COMO SINÔNIMO DE ÓRGÃOS GENITAIS, OU DA RELAÇÃO SEXUAL, OU, AINDA, DE TODA A SEXUALIDADE HUMANA.

SEXO É, BASICAMENTE, A CARACTERIZAÇÃO BIOLÓGICA, HEREDITÁRIA, QUE DIFERENÇA FISICAMENTE O HOMEM E A MULHER" (MELO; ET AL, 2011, P.28).

@ALINEDIWA PARA @GRUPOEDUSEXUDESC

MELO, Sonia Maria Martins de; et al. *Educação e Sexualidade* (Caderno pedagógico) 2.ed. rev. – Florianópolis, UDESC/CEAD/UAB, 2011.



O que é Sexualidade?

Sexualidade é a "inseparável e fundamental dimensão humana, como a própria vida, englobando sentimentos, relacionamentos, sensualidade, prazer, erotismo, direitos, deveres, sexo, enfim o ser humano em sua plenitude, em sua totalidade"

(MELO; et al, 2011, p.28).

@alinediwa para @grupoedusexudesc

MELO, Sonia Maria Martins de; et al. *Educação e Sexualidade* (Caderno pedagógico) 2.ed. rev. – Florianópolis, UDESC/CEAD/UAB, 2011.



O QUE É EDUCAÇÃO SEXUAL?

"OS SERES HUMANOS SE EDUCAM NA RELAÇÃO, MEDIATIZANDOS PELO MUNDO, COMO DISSE PAULO FREIRE.

PORTANTO, TODA RELAÇÃO HUMANA, SEMPRE SOCIAL, É SEMPRE EDUCATIVA.

E SEMPRE SEXUADA, JÁ QUE A DIMENSÃO SEXUALIDADE É INSEPARÁVEL DO EXISTIR HUMANO, SEMPRE SEXUAL, PORTANTO É TAMBÉM EDUCAÇÃO SEXUAL: PRÓCESSO CONSTANTE EXISTENTE ENTRE OS SERES HUMANOS. TODOS EDUCAM TODOS, QUEIRAM OU NÃO, SAIBAM OU NÃO..."

Profa. Dra. Sonia M. M. Melo (2011)

@alinediwa para @grupoedusexudesc

MELO, S.M.M. *Conceito de Educação Sexual*. Florianópolis: CEAD/UDESC. Apostila de aula, 2011.



"Somos todos seres sexuados no mundo, em permanente processo de Educação, inclusive de Educação Sexual. (...) por que ficamos ainda inibidos diante do tema Sexualidade?"

(MELO; ET AL, 2011, P.20)

@ALINEDIWA PARA @GRUPOEDUSEXUDESC

MELO, Sonia Maria Martins de; et al. *Educação e Sexualidade* (Caderno pedagógico) 2.ed. rev. – Florianópolis, UDESC/CEAD/UAB, 2011.



APÊNDICE 4: MATERIAIS PEDAGÓGICOS DA EASES¹²⁴

A Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES) integra os temas Meio Ambiente e Sexualidade entendendo-os como dimensões inseparáveis da existência dos seres humanos!



Doutoranda Aline
Diniz Warken

@alinediwa

Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade

Criadora da EASES

Meio Ambiente
Engloba a Natureza e os espaços criados ou modificados pelos seres humanos considerando todas as relações e interações, de biológicas à culturais.

Sexualidade
Expressa a dimensão inseparável do ser humano, desde seu nascimento à sua morte envolvendo o prazer, a atração, a identidade e os direitos, por exemplo.



1



Doutoranda Aline
Diniz Warken

@alinediwa

Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade

Criadora da EASES



VOCÊ SABE O QUE TODO SER HUMANO TEM EM COMUM?
TODOS NÓS TEMOS DUAS CASAS:
O PLANETA TERRA E O NOSSO CORPO!
VAMOS CUIDAR BEM DE AMBOS?
@ALINEDIWA
PESQUISADORA DE MEIO AMBIENTE E SEXUALIDADE

2

¹²⁴ Se você imprimir alguns desses materiais a autora indica a impressão nas duas faces da folha ou a reutilização da face de alguma folha de papel não mais necessária.
Sempre referencie a autoria em valorização à Pesquisadora, à Ciência e à Educação Brasileira.

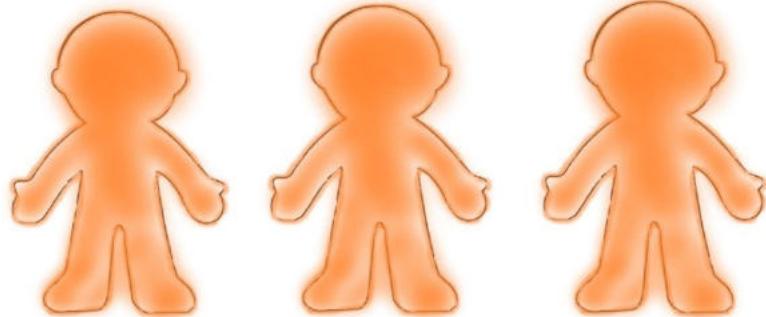


**Doutoranda Aline
Diniz Warken**

@alinediwa

**Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade**

Criadora da EASES



Estamos sempre em processo de Educação Sexual e de Educação Ambiental, sejam elas intencionais ou não.

Dentro da Escola ou fora dela. Em nossas casas e em todos os lugares!

Então, Somos Seres Educadores Ambientais e Sexuais!

Educação Sexual e Educação Ambiental acontecem desde a gravidez, logo desde que estamos sendo/fomos geradas/os.

3



**Doutoranda Aline
Diniz Warken**

@alinediwa

**Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade**

Criadora da EASES



Por volta de 2015 “viralizou” na internet e nas redes sociais o “Genderbread Person”, uma alusão ao biscoito de gengibre, para abordar o “infográfico de gênero”.

Traço diversas problematizações nas artes divulgadas por reforçarem dicotomias e fragmentações.

Explico que - em linhas simples e didáticas como ponto de partida para possibilitar a ampliação de diálogo - Gênero é uma categoria que aborda construção social e cultural.

Por meio dela também podemos refletir sobre as opressões e as violências. Assim, Gênero pode ser interconectado às dimensões humanas Sexualidade e Meio Ambiente para pensarmos sobre questões políticas, educacionais, econômicas, culturais e sociais. 4

Conceitos pontuais como "partida" para diálogos sensibilizadores, críticos-amorosos e reflexivos de problematizações e de ampliação de conhecimentos



**Doutoranda Aline
Diniz Warken**

@alinediwa

**Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade**

Criadora da EASES



Sexualidade: dimensão inseparável do ser humano desde seu nascimento até sua morte.

É o Ser em Inteireza, pois representa sua conexão com o Meio Ambiente, a maneira como ama, como se expressa, diz sobre sua cultura, sua forma de ver o mundo, aborda seus direitos, enfim sua totalidade de Ser.

Assim a Sexualidade é Riqueza Humana em Diversidade que nos une como Coletivo justamente pela Unicidade de cada Ser!

5

Conceitos pontuais como "partida" para diálogos sensibilizadores, críticos-amorosos e reflexivos de problematizações e de ampliação de conhecimentos



**Doutoranda Aline
Diniz Warken**

@alinediwa

**Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade**

Criadora da EASES



Sexualidade

Identidade de gênero: gênero pelo qual nos reconhecemos, nos identificamos.

- Mulher
- Homem
- Não binário ou fluído
- Transgênero, Travesti ou Transexual

6

Conceitos pontuais como "partida" para diálogos sensibilizadores, críticos-amorosos e reflexivos de problematizações e de ampliação de conhecimentos



Doutoranda Aline
Diniz Warken

@alinediwa

Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade

Criadora da EASES



Sexualidade

Identidade de gênero

Orientação sexual ou Condição sexual: por quem sentimos afeto e/ou atração.

- Assexual
- Homossexual
- Bissexual
- Pansexual
- Heterossexual

7

Conceitos pontuais como "partida" para diálogos sensibilizadores, críticos-amorosos e reflexivos de problematizações e de ampliação de conhecimentos



Doutoranda Aline
Diniz Warken

@alinediwa

Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade

Criadora da EASES



Sexualidade

Identidade de gênero

Orientação sexual

Sexo biológico: nossa expressão biológica, nossos órgãos genitais e/ou reprodutores (vulva e vagina, pênis)

- Fêmea
- Macho
- Intersexo

8

Conceitos pontuais como "partida" para diálogos sensibilizadores, críticos-amorosos e reflexivos de problematizações e de ampliação de conhecimentos



Doutoranda Aline
Diniz Warken

@alinediwa

Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade

Criadora da EASES



- Sexualidade
- Identidade de Gênero
- Orientação Sexual
- Sexo biológico
- Expressão, Performance ou Papel de gênero: como nos expressamos na sociedade (ao nos vestir, por exemplo).
 - Feminina
 - Masculina
 - Androgínea

9



Doutoranda Aline
Diniz Warken

@alinediwa

Pesquisadora de
Meio Ambiente
e Sexualidade

Criadora da EASES

Silhueta da Sexualidade:



- Sexualidade
- Identidade de gênero
- Orientação sexual
- Sexo biológico
- Expressão de gênero

A Silhueta da Sexualidade é um material pedagógico e didático para explicar a Diversidade em Riqueza Humana que se expressa a Sexualidade! Afinal, “essas pontuações são ricas quando as olhamos como possibilidades de conhecimento, reconhecimento e luta pelas diversidades de Ser” (WARKEN, 2018, p.51).

Desenvolvida pela Doutoranda Aline Diniz Warken, Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade, Criadora da EASES, partindo de suas vivências desde 2013 com oficinas pedagógicas e formação de professores/es.

Usou-se como ponto de partida imagens do “Biscoito Sexual” ou “Boneco do Gênero”, material muito divulgado nas redes sociais.

10



Material pedagógico para orientar as crianças

sobre autoconhecimento e autoproteção!

Também é um importante recurso educativo para
prevenção de violência sexual na infância!

PROIBIDO!

Você NÃO pode receber
este toque!



CUIDADO!

Tenha atenção
neste toque!



PERMITIDO!

Alguém pode tocar em você
se você quiser este toque!



Material produzido por @alinediwa

Doutoranda Aline Diniz Warken

Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade

Criadora da EASES

1



Este material pedagógico é um recurso facilitador de diálogos entre pessoa adulta e criança sobre a Sexualidade na Infância refletindo, principalmente, sobre autoconhecimento e autoproteção de uma forma visual e lúdica.

É preciso ter como ponto de partida que nosso Corpo Humano é uma Inteireza, assim precisa ser visto de maneira inteira e integrada e não por partes separadas e fragmentadas.

No diálogo para uma explicação didática pode-se realizar pontuações e especificidades, todavia precisamos retornar à totalidade abordando sentimentos e emoções, por exemplo, valorizando sempre a forma única de Ser de cada pessoa/criança.

Assim é importante grifar que o corpo inteiro da criança - e de todas as pessoas - nunca deveria ter "partes verdes" sem uma conscientização de si mesma, bem como da "sociedade" em uma Educação sobre o(s) corpo(s) da(s) Outro(s). Por este motivo a Educação Sexual é tão urgente e com a EASES elevo sempre a Emancipação refletindo sobre a Sexualidade como dimensão humana e expressão da Inteireza de Ser.

Material produzido por @alinediwa ° Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade ° Criadora da EASES

2



Desta forma, a intenção desta produção foi utilizar um material (do qual não encontrei a autoria idealizadora para referenciar) que “viralizou” na internet e nas redes sociais e ficou muito conhecido em campanhas contra a violência sexual às crianças, vendo-o como potencial elemento - reflexivo e problematizador - para Educação Sexual visando a Emancipação do Ser.

O Semáforo do Toque é uma alusão do toque no corpo ao semáforo de trânsito, com acompanhamento e orientação de uma pessoa adulta, a criança coloca de verde, amarelo ou vermelho os locais do corpo das bonecas e dos bonecos que, na criança, podem ser tocados se ela permitir, que precisam de atenção ao serem tocados ou que não podem ser tocados por uma pessoa - seja outra criança ou adolescente, pessoa adulta ou pessoa idosa.

Material produzido por @alinediwa ° Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade ° Criadora da EASES

3



Durante a atividade é possível dialogar sobre a permissão às partes do corpo que podem receber os toques de carinho, os toques que precisam ter uma atenção e os lugares do corpo que não são permitidos o toque porque são invasivos.

É importante orientar que a cor amarela indica cuidado ao toque, pois está muito perto de uma parte proibida de ser tocada ou que precisa de atenção, como pescoço e costas.

A boca é uma parte proibida porque crianças não beijam ou são beijadas nesta parte do corpo.

Deve-se orientar quem são as pessoas que podem ou não tocar em cada parte do corpo da criança e por quais motivos este toque pode acontecer.

Por exemplo: a avó pode auxiliar na hora do banho, na troca de fralda ou na higiene das partes íntimas quando a criança fazer xixi ou cocô.

Material produzido por @alinediwa ° Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade ° Criadora da EASES

4



A/o médica/o pode ter permissão do toque para fazer algum exame ou uma/um enfermeira/o pode ver e tocar no bumbum da criança para uma vacina.

Mas é importante tranquilizar a criança dizendo que ela não precisa se preocupar, pois a pessoa adulta de confiança, como mãe ou pai, estará com ela quando isso acontecer (momentos do toque de pessoas que não são do círculo de conhecimento e de rotina da criança).

Pode-se por meio deste material pedagógico conversar com a criança sobre qual atitude ela deve tomar caso alguém a toque em uma parte do corpo proibida e orientar a criança: a falar não, a gritar, a correr e/ou a contar o ocorrido para uma pessoa adulta que a faça sentir segura. Como por exemplo: mãe, pai, professora/or ou uma pessoa da segurança do local que ela estiver, como shopping ou parque.

Significativo grifar à criança que nenhum toque deve envolver segredo das pessoas de sua confiança.

Material produzido por @alinediwa ° Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade ° Criadora da EASES

5



Também aproveitar este material para nomear as partes íntimas: mamilos/peitos, vulva, bumbum sobre os corpos das meninas e pênis e bumbum sobre os corpos dos meninos.

Dizer que as partes íntimas são aquelas que não mostramos em público e por isso temos as roupas íntimas - sutiã, calcinha e cueca - e quando vamos na piscina ou na praia - na cultura de nosso país - usa-se biquíni ou maiô quando meninas/mulheres e sunga ou calção quando meninos/homens.

Uma conversa também agregadora por meio deste material é de abordar os toques carinhosos e toques violentos. Por exemplo: um cafuné na cabeça e cabelo é permitido, já um puxão no cabelo é proibido.

Material produzido por @alinediwa ° Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade ° Criadora da EASES

6



Mais uma proposta de uso deste material é de abordar que há toques que algumas crianças/pessoas vão gostar e outras não, como, por exemplo, uma massagem nos pés. Há crianças/pessoas que acham relaxante e carinhoso, já outras crianças/pessoas vão sentir cócegas e agonia.

Com estes diálogos e a manutenção dos mesmos a criança estabelecerá uma relação de confiança e compreensão sobre seu corpo e sobre as ações de toques carinhosos ou abusivos/invasivos, aprendendo como diferenciá-los, bem como saberá como agir e com quem pode contar caso receba algum toque não permitido, principalmente.

Diante as proposições de usos, este material é indicado para crianças a partir dos 5 anos de idade.

Para mais informações entre em contato através do e-mail alinediwa@gmail.com.

Material produzido por @alinediwa "Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade" Criadora da EASES

7



● PROIBIDO!

Você NÃO pode receber este toque!

● CUIDADO!

Tenha atenção neste toque!

● PERMITIDO!

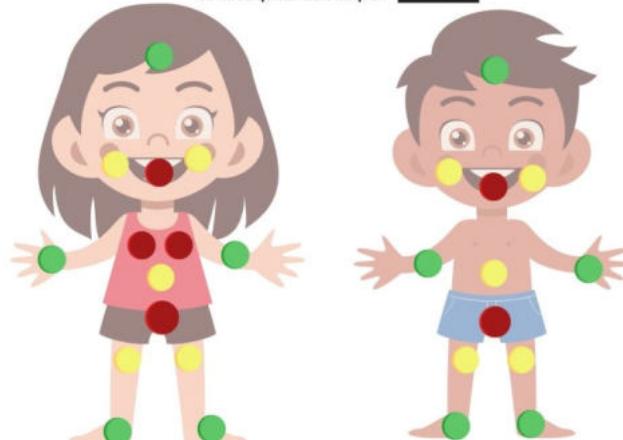
Alguém pode tocar em você se você quiser este toque!



Material produzido por @alinediwa "Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade" Criadora da EASES

8

SEMÁFORO DO TOQUE DA EASES



Material produzido por @alinediwa * Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

9

SEMÁFORO DO TOQUE DA EASES

É hora de colorir!
Pinte a parte do corpo da boneca e do boneco que tem uma bola branca com a cor que corresponde ao semáforo do toque:



Material produzido por @alinediwa * Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

10

 **SEMÁFORO DO TOQUE DA EASES** 

É hora de colorir!
Pinte a parte do corpo da boneca e do boneco que tem uma bola branca com a cor que corresponde ao semáforo do toque:

 PROIBIDO!  CUIDADO!  PERMITIDO!



Material produzido por @alinediwa * Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

11

 **SEMÁFORO DO TOQUE DA EASES** 

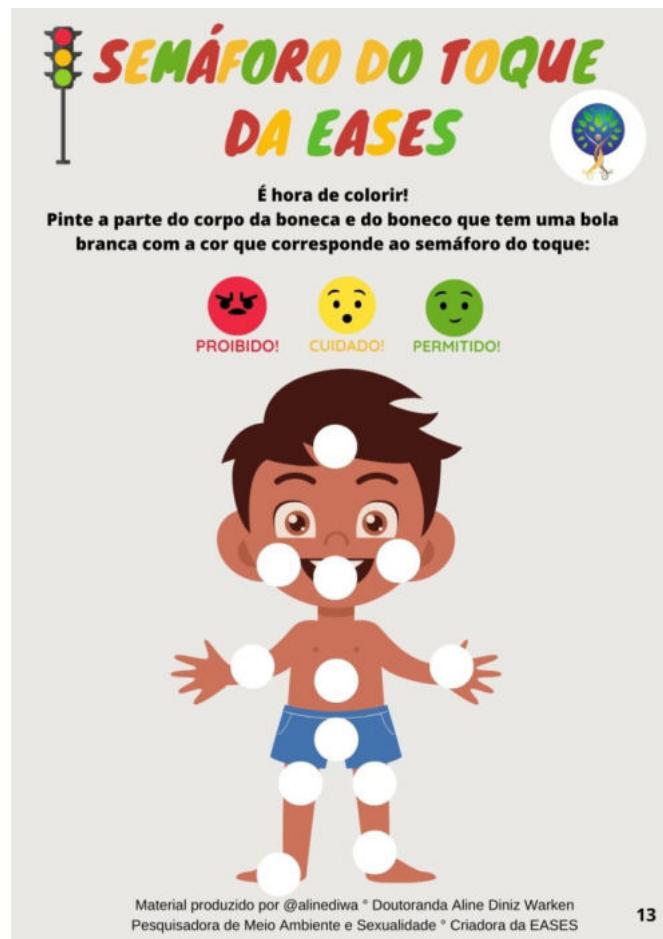
É hora de colorir!
Pinte a parte do corpo da boneca e do boneco que tem uma bola branca com a cor que corresponde ao semáforo do toque:

 PROIBIDO!  CUIDADO!  PERMITIDO!



Material produzido por @alinediwa * Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

12



**CURTO OU
NÃO CURTO
QUE AQUI ME TOQUEM?**

Material pedagógico para dialogar sobre consentimento,
autoconhecimento e
autoproteção com crianças.
Também é um valioso recurso educativo para prevenção de
violência sexual infantil.

Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES
@alinediwa

1

 **CURTO OU
NÃO CURTO** 

QUE AQUI ME TOQUEM?

Remetendo ao "like" (curti) e ao dislike" (não curti), ícones comuns nas redes sociais *online*, este material pedagógico objetiva o diálogo sobre consentimento dos toques permitidos ou não pela própria criança.

O recurso educativo facilita a criança expressar os toques que ela **curte** ou **não curte** e pode ser realizado por todas as pessoas da Família, por exemplo, gerando conversas sobre toques carinhosos e toques não carinhosos e também pode ser trabalhado após os diálogos propostos no material pedagógico do "Semáforo do Toque da EASES".

Durante a conversa pode-se falar sobre sentimentos como: "eu fico muito feliz quando recebo uma massagem nos meus pés, mas eu fico triste quando fazem cócegas neles, e nem me avisam, porque fico com agonia e sem ar".

 Doutoranda Aline Diniz Warken - @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade - Criadora da EASES

2

 **CURTO OU
NÃO CURTO** 

QUE AQUI ME TOQUEM?

Este material pedagógico pode ser usado também para dialogar sobre como a criança se vê, fazendo um autorretrato e trabalhando a identidade explorando as características da mesma - formato do nariz e da boca, cores dos olhos e do cabelo.

Também pode ser recurso educativo para abordar as partes do corpo humano, nomear as partes íntimas e falar sobre higiene e cuidados pessoais, por exemplo: "quando acordamos ficamos com mau hálito, eu **não curto** o cheirinho do 'bafinho de bom dia', então sempre vou escovar os meus dentes e língua ao acordar" ou "eu **curto** muito o cheiro de sabonete quando tomo um banho bem quentinho".

Na mesma ideia, pode-se também usar o material para dialogar sobre os cinco sentidos do corpo humano: tato, olfato, audição, visão e paladar. Por exemplo: "eu **não curto** sentir o gosto de frutas ácidas como o limão" ou eu **curto** o toque deste tecido de algodão na minha pele".

 Doutoranda Aline Diniz Warken - @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade - Criadora da EASES

3

 **CURTO OU
NÃO CURTO** 
QUE AQUI ME TOQUEM?

Com estes diálogos a criança estabelecerá uma relação de confiança e compreensão sobre seu próprio corpo e sobre os toques que ela curte e são permitidos ou que não curte e por isso não devem ser permitidos.

As intenções deste material pedagógico também podem ser realizadas em uma foto de corpo inteiro da criança, em um desenho livre da própria criança ou ainda em folha de papel pardo circulando a silhueta da criança ficando um desenho do tamanho real da mesma.

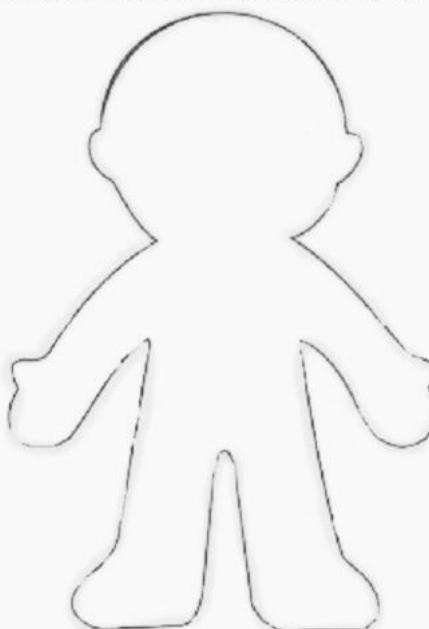
Diante as proposições de usos este material é indicado para crianças a partir dos 6 anos de idade.

Para mais informações entre em contato através do e-mail alinediwa@gmail.com.

4

 **CURTO OU
NÃO CURTO** 
QUE AQUI ME TOQUEM?

Desenhe você na silhueta e depois cole o "curtir" ou "não curtir" nas partes do corpo do seu desenho que você gosta ou não que lhe toquem:



5



DATAS HISTÓRICAS E COMEMORATIVAS SOBRE MEIO AMBIENTE E SEXUALIDADE

CALENDÁRIO PERMANENTE DA EASES - EDUCAÇÃO AMBIENTAL-SEXUAL PARA EMANCIPAÇÃO DO SER



Material produzido pela
Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES
@alinediwa

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES



JANEIRO

"Eu protejo a Terra porque Eu sou Ela!"
Aline Diniz Warken

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

- 01 - Dia Mundial da Paz e da Fraternidade Universal
- 04 - Dia Mundial do Braille
- 07 - Dia da Liberdade de Cultos
- 11 - Dia do Combate à Poluição por Agrotóxicos
- 21 - Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa
- 24 - Dia internacional da Educação
- 26 - Dia Mundial da Educação Ambiental
- 27 - Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto
- 29 - Dia Nacional da Visibilidade Trans
- 31 - Dia Nacional das Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPNs)



FEVEREIRO

**"O mundo tornou-se perigoso,
porque os homens aprenderam a dominar a natureza
antes de se dominarem a si mesmos."**
Albert Schweitzer

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29						

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

- 01 - Dia da Ratificação pelo Brasil da Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (CEDAW, ONU) e Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência
- 04 - Dia Mundial de Combate ao Câncer
- 06 - Dia Internacional de Tolerância Zero contra a Mutilação Genital Feminina, Dia da/o Agente de Defesa Ambiental e Dia Mundial da Internet segura
- 11 - Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência
- 20 - Dia Mundial da Justiça Social
- 22 - Aniversário da Criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA
- 24 - Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil
- 28 - Dia Mundial das Doenças Raras

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES



MARÇO

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

"Eu Sou o meu próprio Lar!"

Francisco, El Hombre

01 – Dia Internacional da Proteção Civil, Dia Mundial da Discriminação Zero e Dia Mundial das/os Catadores de Materiais Recicláveis

02 - Aniversário do Serviço Florestal Brasileiro – SFB

03 – Dia Mundial da Vida Selvagem

08 - Dia Internacional da Mulher

11 - Dia Internacional das Vítimas do Terrorismo

14 – Dia Mundial de Luta dos Seres Atingidos por Barragem

15 - Dia Nacional dos Animais e Dia da Escola

16 – Dia Nacional de Conscientização sobre Mudanças Climáticas

21 – Início do Outono no Hemisfério Sul, Dia internacional da Síndrome de Down, Dia Internacional das Florestas e Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial

22 – Dia Mundial da Água

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES



ABRIL

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

02 - Dia Mundial de Conscientização do Autismo

04 – Dia Mundial dos Animais de rua e Dia Nacional da/o Parkinsoniana/o

06 – Dia Nacional de Mobilização pela Promoção da Saúde e Qualidade de Vida e Dia Internacional do Esporte para o Desenvolvimento e pela Paz

07 - Dia Mundial da Saúde

14 - Dia Nacional de Luta pela Educação Inclusiva

15 – Dia Nacional de Conservação dos Solos

17 – Dia Nacional da Botânica e Dia internacional das Lutas Campesinas

19 – Dia dos Povos Originários/Povo Indígena Brasileiro/ Dia da Luta Indígena

21 - Dia internacional da eliminação da discriminação racial

22 – Dia do Planeta Terra

22 a 28 – Semana da Educação

23 – Dia Mundial do Livro, Dia Nacional da Educação de Surdos, Dia Internacional de Meninas nas TICs e Dia da/o Escoteira/o

28 – Dia da Caatinga e Dia Internacional da Educação

"Antes ser um homem da sociedade, sou-o da natureza."

Marquês de Sade

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES



MAIO

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

"Observe profundamente a natureza e você vai entender tudo melhor."

Albert Einstein

01 - Dia das/os Trabalhadoras/es

02- Dia Nacional de Combate ao Assédio Moral e Sexual no Trabalho

03 – Dia Mundial do Solo e Dia Nacional do Pau-Brasil

05 – Dia Internacional das Parteiras e Dia do Campo

07 - Dia Mundial das Crianças Afetadas e Infectadas pelo HIV/AIDS

13 – Dia Nacional da Luta contra o Racismo

15 – Dia Internacional das Famílias

17 – Dia Mundial da Reciclagem e Dia Internacional de Combate à LGBTfobias

18 – Dia Nacional da Luta Antimanicomial, Dia das Raças Indígenas da América e Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes

20 - Dia Mundial da Conscientização sobre Acessibilidade e Dia da/o Pedagoga/o

21 - Dia Mundial para a Diversidade Cultural e para o Diálogo e o Desenvolvimento

22 – Dia Internacional da Biodiversidade

27 – Dia Nacional da Mata Atlântica

31 - Dia Mundial de Combate ao Fumo

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

31/05 a 05/06 – Semana do Meio Ambiente

01 - Dia Nacional da Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais

03 – Dia Nacional da Educação Ambiental

04 - Dia Internacional das Meninas e Meninos Vítimas de Agressão

05- Semana de Conscientização e Combate ao Relacionamento Abusivo e Dia Mundial do Meio Ambiente e da Ecologia

08 – Dia Mundial dos Oceanos

09 – Dia da Imunização

12 - Dia Mundial contra o Trabalho Infantil

15 - Dia Mundial de Conscientização da Violência contra à Pessoa Idosa

17 – Dia Mundial de Combate à Desertificação e à Seca e Dia da/o Gestora/or Ambiental

20 - Dia Mundial da pessoa refugiada

21 – Início do Inverno no Hemisfério Sul e Dia de Luta por uma Educação Não-Sexista e Sem Discriminação

26 - Dia Internacional de Apoio às Vítimas de Tortura

28 - Dia do Orgulho LGBT+



JUNHO

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

"O que fazemos com o solo, estamos fazendo a nós mesmos!"

Vandana Shiva

31/05 a 05/06 – Semana do Meio Ambiente

01 - Dia Nacional da Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais

03 – Dia Nacional da Educação Ambiental

04 - Dia Internacional das Meninas e Meninos Vítimas de Agressão

05- Semana de Conscientização e Combate ao Relacionamento Abusivo e Dia Mundial do Meio Ambiente e da Ecologia

08 – Dia Mundial dos Oceanos

09 – Dia da Imunização

12 - Dia Mundial contra o Trabalho Infantil

15 - Dia Mundial de Conscientização da Violência contra à Pessoa Idosa

17 – Dia Mundial de Combate à Desertificação e à Seca e Dia da/o Gestora/or Ambiental

20 - Dia Mundial da pessoa refugiada

21 – Início do Inverno no Hemisfério Sul e Dia de Luta por uma Educação Não-Sexista e Sem Discriminação

26 - Dia Internacional de Apoio às Vítimas de Tortura

28 - Dia do Orgulho LGBT+

"A Igreja diz: o corpo é uma culpa.
 A Ciência diz: o corpo é uma máquina.
 A publicidade diz: o corpo é um negócio.
 E o corpo diz: eu sou uma festa."
 Eduardo Galeano

08 - Dia Nacional da Ciência

- 14 - Dia da Liberdade de Pensamento
- 15 - Dia dos Homens
- 17 - Dia da Proteção às Florestas
- 25 - Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha e Dia da/o Trabalhadora/or Rural
- 26 - Dia Mundial de Conservação dos Manguezais
- 28 - Dia Nacional de Conservação da Natureza e Dia da/o Agricultora/or
- 30 - Dia Mundial contra o Tráfico de Pessoas e Dia Internacional da Amizade
- 31 - Dia Internacional da Mulher Africana e Dia Internacional do Orgasmo

JULHO



1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

"Quem não enxerga a conexão que existe entre nós, seres humanos, e a natureza, nunca entenderá ou respeitará seus ciclos."
 Autoria desconhecida

04 - Dia da Campanha Educativa de Combate ao Câncer

05 - Dia Nacional da Saúde

07 - Data da sanção da Lei nº 11.340/06, a Lei Maria da Penha

- 09 - Dia Internacional dos Povos Indígenas
- 11 - Dia da/o Estudante
- 12 - Dia Nacional dos Direitos Humanos e Dia de Luta contra a Violência no Campo - Marcha das Margaridas
- 14 - Dia Interamericano de Qualidade do ar e Dia do Controle a Poluição Industrial
- 17 - Dia Nacional do Patrimônio Histórico e Cultural
- 18 - Dia Mundial da Libertação Humana
- 24 - Dia da Infância
- 30 - Dia Nacional de Conscientização sobre a Esclerose Múltipla

AGOSTO



1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

03 - Dia da/o Bióloga/o
 04 - Dia Mundial da Saúde Sexual
 05 - Dia da Raça Brasileira e Dia da Amazônia
 06 - Dia do Sexo e Dia Internacional de Ação pela Igualdade da Mulher
 08 - Dia Internacional da Alfabetização
 10 - Dia mundial da prevenção do suicídio
 11 - Dia Nacional do Cerrado

16 - Dia Internacional da Preservação da Camada de Ozônio e Dia Internacional para a Prevenção de Desastres Naturais
 19 - Dia Internacional de Limpeza das Praias e Rios
 21 - Dia da Árvore e Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência
 22 - Dia da Juventude do Brasil, Dia de Defesa da Fauna e Dia Mundial Sem Carro
 23 - Início da Primavera no Hemisfério Sul, Dia Mundial das línguas gestuais, Dia Internacional contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Mulheres e Crianças
 26 - Dia Nacional da Pessoa Surda e Dia Mundial de Prevenção à Gravidez na Adolescência
 27 - Dia da/o Idosa/o
 28 - Dia pela Desriminalização do Aborto na América e Caribe
 29 - Aprovação da Lei 9.100/95 que garante cotas para Mulheres na política brasileira

"Na natureza, nada é perfeito e tudo é perfeito.
 As árvores podem ser contorcidas,
 dobradas em formas estranhas,
 e ainda assim continuam lindas".

Alice Walker

SETEMBRO



1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

02 - Dia Internacional da Não Violência
 04 - Dia Mundial dos Animais e Dia da Natureza
 05 - Promulgação da Constituição Brasileira (1988). Mulheres e Homens são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição (Art. 5.º, I, da Constituição da República Federativa do Brasil – 1988) e Dia Mundial do Habitat
 10 - Dia Nacional de Luta Contra a Violência à Mulher e Dia Internacional da Saúde Mental
 11 - Dia Internacional das Meninas e Dia da Pessoa Deficiente Física
 12 - Dia Mundial para Prevenção de Desastres Naturais, Dia da Criança, Dia do Mar, Dia Internacional da Mulher Indígena e Dia Nacional de Luta por Creches
 15 - Dia da/o Professora/or, Dia Mundial das Mulheres Rurais, Dia do Consumo Consciente e Dia da/o Educadora/or Ambiental
 16 - Dia Mundial da Alimentação
 17 - Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza
 22 - Dia Internacional de Atenção à Gagueira
 25 - Dia da Democracia e Dia Internacional Contra a Exploração da Mulher
 28 - Dia da/o Funcionária/o Pública/o

"Se você parar para pensar,
 a gestação de uma criança é como
 o cultivo de uma planta.
 Estamos profundamente ligados à natureza."
 Autoria desconhecida

OUTUBRO



1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

"No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras,
depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica.
Agora, percebo que estou lutando pela humanidade."
Chico Mendes

03 - Dia da Instituição do Direito ao Voto Feminino no Brasil

05 - Dia da Cultura e da Ciência

07 - Dia da Floresta e do Clima

14 - Dia Nacional da Alfabetização

18 - Dia do Conselho Tutelar

19- Dia Internacional de Prevenção à Violência Sexual contra Criança e Adolescentes e Aniversário do Ministério do Meio Ambiente - MMA

20 - Dia Nacional da Consciência Negra, Dia Mundial da Criança e Início da Campanha 16 dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres no Brasil

23 - Dia Mundial Sem Compras

24 - Dia do Rio

25 - Dia Internacional da Não-Violência contra a Mulher

30 - Dia do Estatuto da Terra

NOVEMBRO



1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

01 - Dia Mundial de Combate à AIDS

03 - Dia Internacional da Pessoa com Deficiência

06 - Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência Contra as Mulheres

09 - Dia da Criança Especial e Dia da Pessoa Alcoólica Recuperada

10 - Dia Internacional dos Direitos Humanos e Encerramento da Campanha dos Dezesseis Dias de Ativismo

11 - Dia Internacional das Montanhas

13 - Dia da Pessoa Cega

15 - Dia da/o Jardineira/o

19 - Aniversário da Agência Nacional das Águas e Saneamento Básico - ANA

20 - Dia Internacional da Solidariedade Humana

21 - Início do Verão no Hemisfério Sul

24 - Dia da/o òrfã/ão

29 - Dia Mundial da Biodiversidade

31 - Dia da Esperança

"Não é a Terra que é frágil. Nós é que somos frágeis.

A natureza tem resistido a catástrofes muito

mais piores do que as que produzimos.

Nada do que fazemos destruirá a natureza.

Mas podemos facilmente nos destruir"

James Lovelock



DEZEMBRO

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa * Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade * Criadora da EASES

Dicionário EASES

Dicionário EASES

inteireza

[in-tei-re-za]
substantivo feminino

Estado ou qualidade daquilo que se é inteiro;
Integridade física ou/e moral;

Inteireza do Ser: "o ser humano como um ser integral, constituído de aspectos físicos, psíquicos, sociais, culturais, ambientais e espirituais, que se desenvolve de uma forma espiralística, tanto individual quanto coletivamente" (POZATTI, 2012, p. 150);

"Sou uma **inteireza** e não uma dicotomia. (...) Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também" (FREIRE, 1995, p.18);

A "Inteireza de Ser" transcende porque vê além do "ser inteiro" ou "ser integral" e considera todas as nossas dimensões e interconexões, nossas unicidades, inclusive nossa realidade material (WARKEN, 2023).

Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES
@alinediw

Dicionário EASES



Dicionário EASES

meio ambiente

[mei-o am-bi-en-te]
substantivo masculino

"(...) tudo o que tem a ver com a vida de um ser ou de um grupo de seres vivos. Tudo o que tem a ver com a vida, sua manutenção e reprodução. (...) o meio ambiente não diz respeito apenas ao meio natural, mas também às vilas, cidades, todo o ambiente construído pelo homem" (NEVES; TOSTES, 1992, p. 17).

"(...) pode parecer que, ao se tratar de meio ambiente, se está falando somente de aspectos físicos e biológicos. Ao contrário, o ser humano faz parte do meio ambiente e as relações que são estabelecidas — relações sociais, econômicas e culturais — também fazem parte desse meio e, portanto, são objetos da área ambiental" (BRASIL, 1997, p. 27).

Meio Ambiente, em viés de totalidade, é a nossa casa comum, o Planeta Terra. Compõe o Meio Ambiente não só a Natureza, mas todos os espaços modificados pelos seres humanos (WARKEN, 2023).

Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES
@alinediw



Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES
@alinediw

Dicionário EASES

pedagogia

[pe-da-go-gia]
substantivo feminino

Ciência que tem como objeto a Educação;
Teoria da prática educativa;
Modo intencional de realizar a Educação;
Conjunto de técnicas, princípios, métodos e estratégias da Educação e do ensino;
Profissão ou exercício do ensino.

Origem:

Grego *paidagōgia*, *as* = 'direção ou educação de crianças'.

20 de maio: Dia da/o Pedagogo/a

Instituído oficialmente em 8 de janeiro de 2015 pela Lei nº 13.083 como reconhecimento ao papel da/o pedagogo/a na construção de uma sociedade mais crítica, justa e igualitária por meio da Educação.

Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES
@alinediw



sexualidade

[se-xu-a-li-da-de]
substantivo feminino

Dimensão indissociável da existência humana (MELO; et al., 2011).

"A Sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento" (BRASIL, 1998, p.81).

Sexualidade é expressa na casa-corpo de cada ser humano sexuado e o Ser em sua Inteireza. Nossa Sexualidade é a nossa dimensão, é o nosso direito. Nossa Sexualidade é a nossa forma de nos expressar, de nos vestir, de falar, de amar. Nossa Sexualidade é corpo, é movimento, é história, é cultura, é ancestralidade. Nossa Sexualidade é criatividade, é prazer, é realidade material (WARKEN, 2023).

Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES
@alinediwa



sustentabilidade

[sus-ten-ta-bi-li-da-de]
substantivo feminino

"(...) sonho de bem viver. Sustentabilidade é equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente, é harmonia entre os diferentes" (GADOTTI, 2008, p.75).

A Sustentabilidade indicada por Gadotti (2008) traça dois eixos - um relativo à Natureza e outro à Sociedade - :

"1) sustentabilidade ecológica, ambiental e demográfica (recursos naturais e ecossistemas), que se refere à base física do processo de desenvolvimento e com a capacidade da natureza suportar a ação humana, com vistas à sua reprodução e aos limites das taxas de crescimento populacional;
2) sustentabilidade cultural, social e política, que se refere à manutenção da diversidade e das identidades, diretamente relacionada com a qualidade de vida das pessoas, da justiça distributiva e ao processo de construção da cidadania e da participação das pessoas no processo de desenvolvimento " (GADOTTI, 2008, p.76).

Doutoranda Aline Diniz Warken
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES
@alinediwa

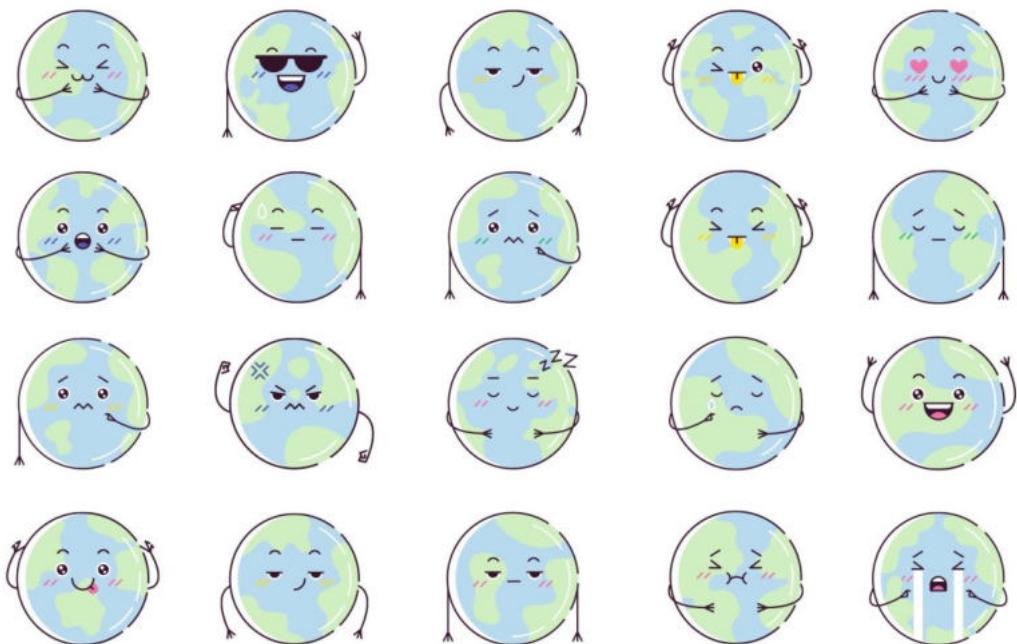





Material produzido pela Doutoranda @alinediwa ° Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade ° Criadora da EASES



AGORA CONSTRUA SUAS PRÓPRIAS CARTAS DOS SENTIMENTOS E DAS EMOÇÕES!



Material produzido pela Doutoranda @alinediwa ° Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade ° Criadora da EASES

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa
 Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
 Criadora da EASES



Atividades Sustentáveis

Ao invés de... Eu posso...

Deixar a torneira da pia aberta enquanto escovo meus dentes...

Imprimir meus trabalhos em uma face da folha de papel...

Deixar as luzes acessas em ambientes que não há ninguém...

Usar o copo plástico descartável para beber água ou café por uma única vez...

Utilizar as sacolas plásticas do supermercado...

Jogar papel plástico de bala no chão...

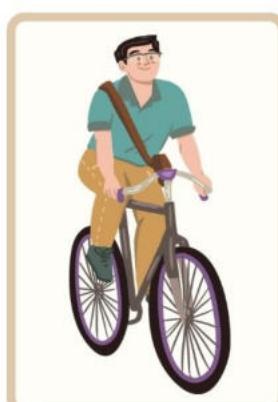
Deixar lixo na areia da praia...

Ao invés de descartar o lixo em uma única lixeira, Eu posso separar o lixo de descarte (como restos de alimentos e papéis higiênicos usados) do lixo de materiais recicláveis (como garrafas de vidro, latas de alumínio e papelão).



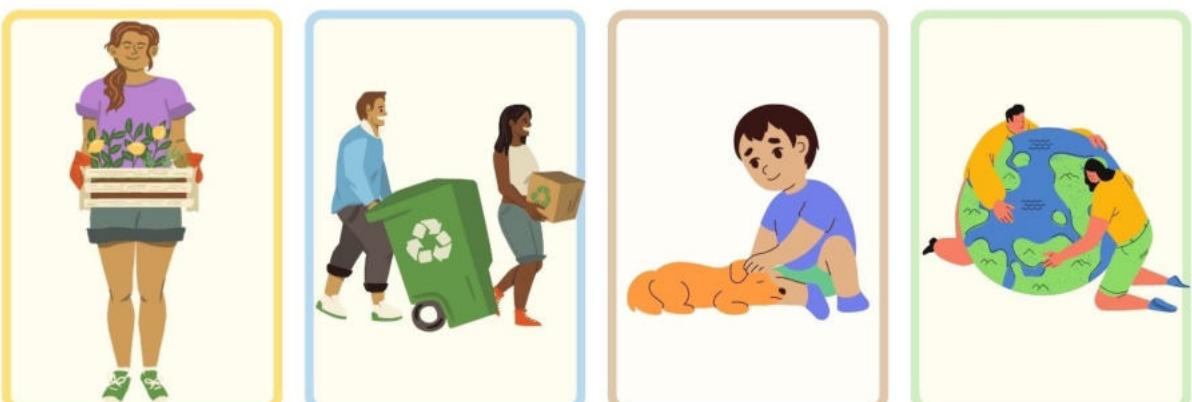
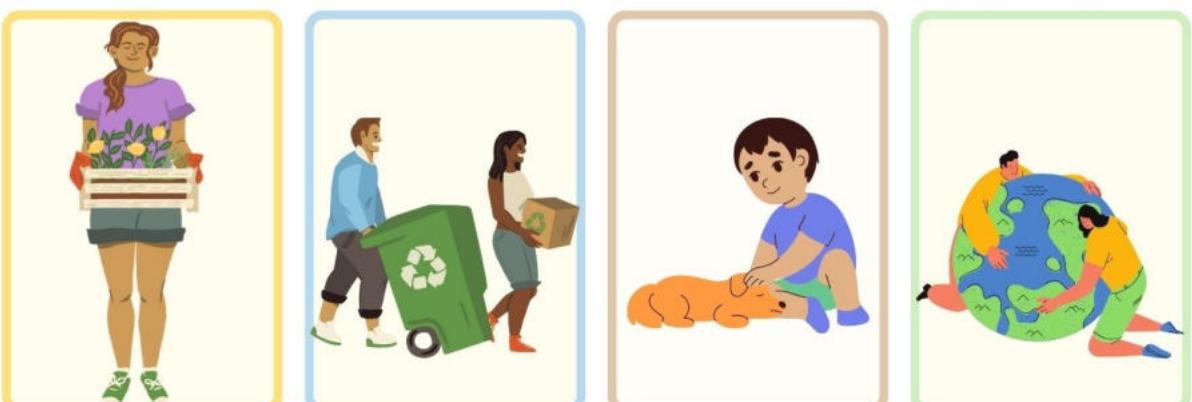


Material produzido pela Doutoranda @alinediwa ° Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade ° Criadora da EASES





Material produzido pela Doutoranda @alinediwa ° Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade ° Criadora da EASES





Material produzido pela Doutoranda @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES



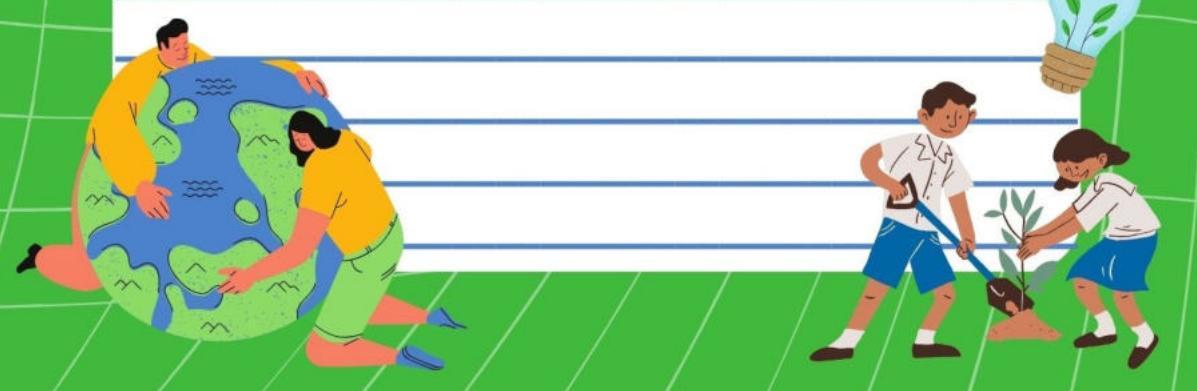
Que tal fazer um Diário da Natureza?

- Quando for na praia colete algumas conchinhas e um pouquinho de areia e faça uma arte sobre o "mundo do mar"!
- Em um parque ou em um sítio colete folhas e penas caídas na terra e grama, e faça uma colagem usando todas as elas! Que tal formar uma borboleta?
- Observe a lua todas as noites. Quais formatos você notou que ela fica? Desenhe eles!
- Observe os barulhos por alguns minutos da manhã, da tarde e da noite. Quais as diferenças que você notou? Escreva sobre isso!
- Há flores pelas ruas do bairro em que você mora? Quantas? Elas são diferentes? Desenhe as flores que você encontrou!
- Em uma praça com árvores, que tal coletar galhos e pedrinhas e formar a primeira letra do seu nome?

Material produzido pela Doutoranda @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES



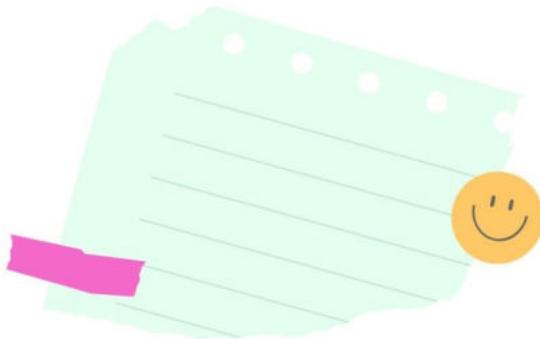
Reflita e Responda: Como estou cuidando de mim, das pessoas e do Planeta Terra?



Material produzido pela Doutoranda @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES



Eu sou Inteireza



1. Como você é? Como você se vê? Que tal fazer um autorretrato?
2. Qual seu nome? Você sabe o significado dele? Por que este nome foi escolhido?
3. Que dia você nasceu? Que tal procurar na internet o que estava acontecendo no mundo neste dia? Que música era famosa? Qual era a notícia do dia?
4. Como é a sua família?
5. Com quem você mora? Como é sua casa? Qual seu lugar preferido nela? Tem algum objeto que você adora?
6. Você tem algum animal de estimação? Qual animal você mais gosta?
7. Você gosta de plantas? Qual é a sua planta favorita?
8. Você prefere praia ou sítio? Que tal fazer um desenho da paisagem que você mais se sente bem quando está nela?
9. O que te faz sentir feliz? O que te faz sentir triste?
10. Você prefere dia ou noite? Lua ou sol? Você já viu "formas desenhadas" nas nuvens? Você já contou estrelas?
11. Você tem alguma religião? Com sua conexão com a espiritualidade?
12. Qual seu estilo de música? Tem alguma música preferida?
13. Qual seu estilo de filme? Tem algum filme favorito?
14. Você gosta de ler livros? Qual livro você indicaria para alguém?
15. Você estuda? Como é sua Escola/Universidade? Qual é sua matéria/disciplina favorita? Quem são suas amizades?



**Material produzido pela Doutoranda @alinediwa
Pesquisadora de Meio Ambiente e Sexualidade
Criadora da EASES**

Eu sou Inteireza



16.Você trabalha? Como é o seu trabalho? Como são as pessoas que você trabalha?

17.O que te faz relaxar? Como seria seu dia favorito? O que tem que ter nele?

18.Quais são suas atividades preferidas?

19.Você pratica algum exercício físico? Qual? Como você se sente quando o pratica?

20.Quais são suas qualidades?

21.Quais são suas humanidades (ou "defeitos")?

22.Como você deseja estar daqui 5 anos? E daqui a 10 anos?

23.Qual fato mais marcou a sua vida?

24.Qual seu maior medo?

25.Você voltaria no tempo para mudar algo?

26.Se você pudesse fazer um pedido qual seria? Quais são seus planos? Quais são seus sonhos?

27.Como você percebe que o Planeta Terra estará daqui 10 anos? E daqui a 20 anos?

28.O que você faz quando não se sente bem?

29.Pelo o que você sente gratidão?

30.Qual é a sua lembrança mais feliz?